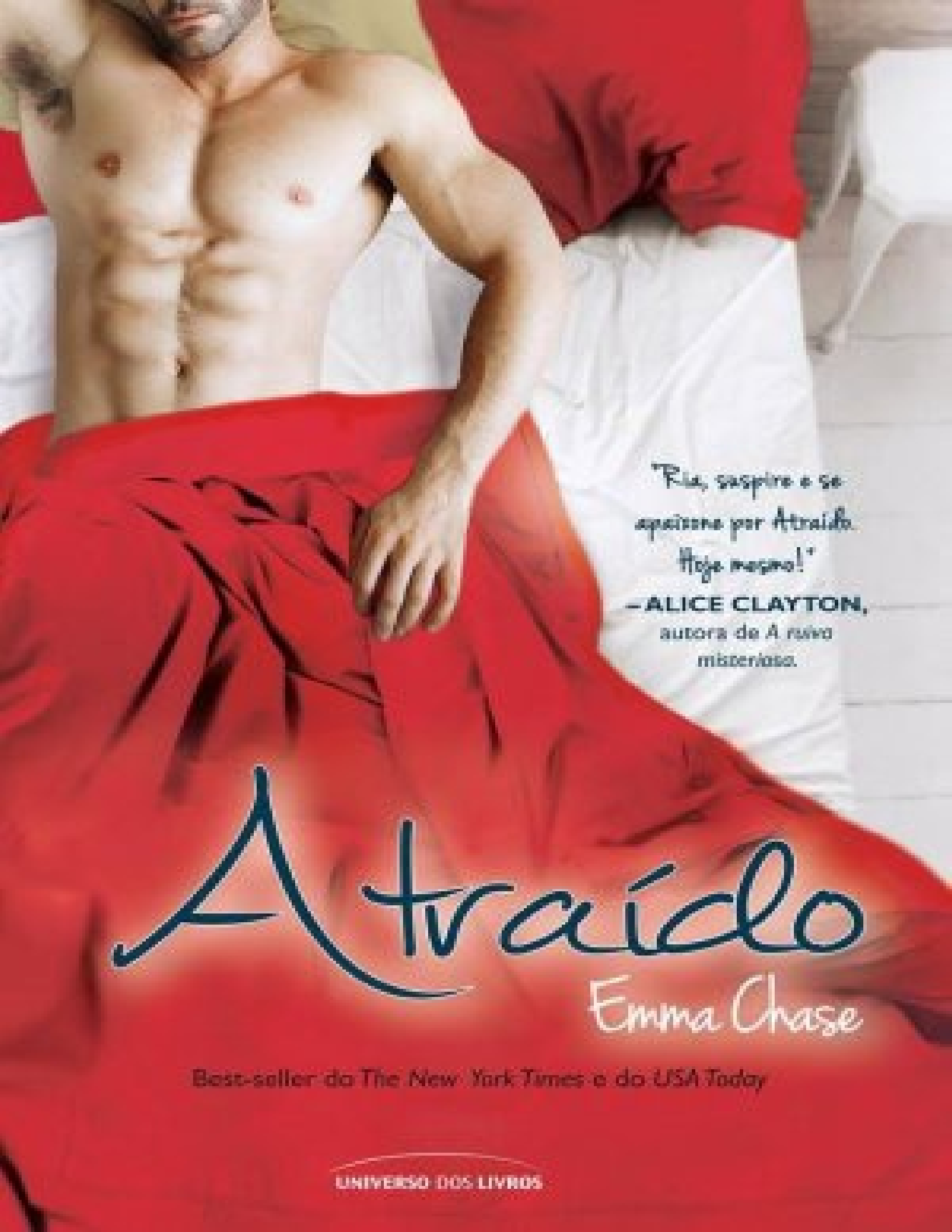

"Fia, suspire e se apaixone por Atraído. Hoje mesmo!"
– ALICE CLAYTON,
autora de A ruiva misteriosa.
Atraído
Emma Chase
Best-seller do The New York Times e do USA Today
UNIVERSO DOS LIVROS

Atraído

Universo dos Livros Editora Ltda.
Rua do Bosque, 1589 – Bloco 2 – Conj. 603/606
CEP 01136-001 – Barra Funda – São Paulo/SP
Telefone/Fax: (11) 3392-3336
www.universodoslivros.com.br
e-mail: editor@universodoslivros.com.br
Siga-nos no Twitter: @univdoslivros

Emma Chase

Atraído

Best-seller do *The New York Times* e do *USA Today*

São Paulo
2014

UNIVERSO DOS LIVROS

© 2014 by Universo dos Livros
Todos os direitos reservados e protegidos pela Lei 9.610 de 19/02/1998.
Nenhuma parte deste livro, sem autorização prévia por escrito da editora, poderá ser reproduzida ou transmitida sejam quais forem os meios empregados: eletrônicos, mecânicos, fotográficos, gravação ou quaisquer outros.

Título original: *Tangled*

Copyright © 2013 by Emma Chase

All rights reserved, including the right to reproduce this book or portions thereof in any form whatsoever. For information address Gallery Books Subsidiary Rights Department, 1230 Avenue of the Americas, New York, NY 10020.

Diretor editorial: **Luis Matos**
Editora-chefe: **Marcia Batista**
Assistentes editoriais: **Cássio Yamamura, Nathália Fernandes e Raíça Augusto**
Tradução: **Angélica Beatriz Halcsik**
Preparação: **Grazielle Veiga**
Revisão: **Ana Luiza Candido**
Arte e adaptação de capa: **Francine C. Silva e Valdinei Gomes** Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Angélica Ilacqua CRB-8/7057

C436a Chase, Emma Atraído / Emma Chase; tradução de Angélica Beatriz Halcsik. – – São Paulo : Universo dos Livros, 2014.
272 p.

ISBN: 978-85-7930-690-7

Título original: Tangled 1. Literatura americana 2. Romance Erótico I. Título II. Halcsik, Angélica Beatriz 14-0093 CDD 813.6

Para Joe,
por me mostrar o que é o verdadeiro amor e por me ajudar, todos os dias, a entender o complicado processo mental masculino.

Agradecimentos

Muito obrigada a Micki Nuding e a todos da Gallery Books por terem acreditado em mim e no meu trabalho. Um sincero agradecimento à Editora Omnific pela oportunidade de realizar meu sonho. Obrigada à minha assessora, Amy Tannenbaum, e à Agência Jane Rotrosen por seu apoio e suas orientações intermináveis. Agradeço de coração aos meus diversos amigos da internet, cujo incentivo me ajudou a concretizar isso tudo. À minha família, que me ensinou que o humor pode ser encontrado em qualquer lugar, até mesmo nas coisas mais inesperadas – especialmente nessas. Por fim, agradeço aos meus filhos – vocês sempre serão minhas melhores realizações. Obrigada por me fazerem rir e me deixarem louca, e por me inspirarem a nunca parar de tentar coisas novas.

Capítulo 1

Está vendo aquele traste fedido e barbudo jogado no sofá? O cara vestindo uma camiseta cinza imunda e uma calça de moletom rasgada?

Aquele sou eu, Drew Evans.

Não costumo ser desse jeito. Estou falando sério, aquele não sou eu de verdade.

Na vida real, sou elegante, sempre faço a barba, e penteio meu cabelo preto para trás de um jeito que dizem me deixar com um ar ameaçador, mas profissional. Meus ternos são feitos à mão. Uso sapatos que custam mais do que o seu aluguel.

Meu apartamento? Sim, o lugar em que estou agora. As cortinas estão fechadas e os móveis refletem o tom azulado da TV. As mesas e o chão estão cheios de garrafas de cerveja, caixas de pizza e potes de sorvete vazios.

Este não é o meu apartamento de verdade. O lugar onde vivo é impecável, uma moça o arruma duas vezes por semana. Tem todo tipo de conforto moderno, todo brinquedo de gente grande que você possa imaginar: som *surround*, e uma grande TV de plasma, que faria qualquer homem ficar de joelhos e implorar por mais. A decoração é moderna – com muito preto e aço inoxidável –, e qualquer pessoa que entra no apartamento sabe que um homem vive ali.

Então, como disse, o que você está vendo agora não é o meu verdadeiro eu. Estou gripado.

Influenza.

Já reparou que algumas das piores doenças da história produzem um som lírico? Palavras como *malária*, *diarreia*, *cólera*. Você acha que isso é proposital? Que é um modo bonito de dizer que você se sente como algo que saiu da bunda do seu cachorro?

Influenza. Soa interessante, depois que você se acostuma.

Pelo menos é o que acho que tenho. É por isso que estou confinado em meu apartamento nos últimos sete dias. É por isso que desliguei meu telefone, que me levantei do sofá apenas para usar o banheiro ou para receber a comida que pedi.

Por quanto tempo a gripe dura? Dez dias? Um mês? A minha começou há uma semana. Meu alarme tocou às cinco horas da manhã, como de costume. Mas, em vez de me levantar da cama para ir ao escritório, onde sou uma estrela, joguei o relógio para o outro lado do quarto, destruindo-o totalmente.

Era muito irritante mesmo. Relógio imbecil. Alarme imbecil.

Eu me virei e voltei a dormir. Quando finalmente resolvi tirar minha bunda da cama, me senti fraco e nauseado. Meu peito e minha cabeça doíam. Viu, é gripe, não é? Não conseguia mais dormir, então me instalei no meu fiel sofá. Estava tão confortável que decidi ficar aqui mesmo. Durante a semana inteira. Assistindo às melhores obras de Will Ferrell na minha TV de plasma.

O âncora: a lenda de Ron Burgundy está passando neste exato momento. Já assisti três vezes hoje, mas ainda não dei uma risada. Nenhuma mesmo. Talvez na quarta vez a graça apareça, não é?

Agora alguém está batendo na minha porta.

Maldito porteiro. O que está fazendo aqui? Ele vai se arrepender disso quando receber minha gorjeta de Natal este ano, pode apostar.

Eu ignoro as batidas, apesar de soarem de novo.

E de novo.

– Drew! Drew, eu sei que você está aí! Abra a maldita porta!

Ah não.

É a Vaca, também conhecida como minha irmã, Alexandra.

Eu uso a palavra *vaca* do jeito mais carinhoso possível, eu juro. Mas é o que ela é: chata, teimosa, insistente. Vou matar meu porteiro.

– Se você não abrir a porta, Drew, vou chamar a polícia pra arrombar, juro por Deus!

Entende o que eu quis dizer?

Então, agarro o travesseiro que está no meu colo desde o começo da gripe. Encosto meu rosto nele e respiro fundo. Tem cheiro de baunilha e lavanda. Fresco, limpo e viciante.

– Drew! Você está me ouvindo?

Coloco o travesseiro sobre minha cabeça. Não porque tem o cheiro… dela…, mas para diminuir o barulho que continua na minha porta.

– Estou pegando meu celular! Estou ligando! – a voz de Alexandra fica irritante e com um tom de advertência, eu sei que ela não está brincando.

Inspiro profundamente e sou obrigado a me levantar do sofá. A caminhada até a porta demora um pouco, cada passo que dou com minhas pernas doloridas e tensas é um esforço.

Maldita gripe.

Abro a porta e me preparo para a ira da Vaca. Ela está com o seu mais novo iPhone encostado na orelha, mostrando a mão com as unhas feitas. Seu cabelo loiro está preso para trás em um coque simples, mas elegante, e ela carrega no ombro uma bolsa verde-escura com o mesmo tom da saia – a Lex gosta de combinar tudo.

Atrás dela, parecendo devidamente arrependido em um terno azul-marinho com pregas, está meu melhor amigo e colega de trabalho, Matthew Fisher.

Eu te perdoo, porteiro. É Matthew quem deve morrer.

– Meu Desus – gritou Alexandra, com espanto. – Que merda aconteceu com você?

Eu disse que este não é o meu verdadeiro eu.

Não respondo. Não tenho energia suficiente. Só deixo a porta aberta e me jogo de cara no sofá. É macio e quente, mas firme.

Eu te amo, sofá – já te falei isso antes? Bom, estou te dizendo isso agora.

Apesar de meus olhos estarem escondidos no travesseiro, consigo perceber Alexandra e Matthew entrando devagar no apartamento. Consigo imaginar a expressão de choque em seus rostos diante do estado dele. Dou uma espiadela, sem sair do meu refúgio, e vejo que minha intuição estava certa.

– Drew? – escuto-a perguntar, mas desta vez há um tom de preocupação nessa pequena sílaba.

Depois ela fica nervosa de novo.

– Pelo amor de Deus, Matthew, por que você não me ligou antes? Como você deixou isso acontecer?

– Eu não te vejo há um tempão, Lex! – disse Matthew rapidamente. Viu? Ele também está com medo da Vaca. – Eu vim todos os dias, mas ele não queria abrir a porta pra mim.

Sinto o sofá afundar conforme ela se senta ao meu lado.

– Drew? – diz ela, suave. Sinto que esfrega sua mão com carinho na parte de trás do meu cabelo. – Querido?

Sua voz tem um tom de preocupação tão doloroso que lembra minha mãe. Quando eu era um menino e estava doente em minha casa, mamãe trazia até meu quarto chocolate quente e sopa em uma bandeja. Ela beijava minha testa para sentir se eu ainda estava ardendo de febre. Sempre me sentia melhor com ela. Essa lembrança e os gestos semelhantes de Alexandra fizeram com que meus olhos fechados ficassem umedecidos.

Estou desorientado ou o quê?

– Estou bem, Alexandra – falo para ela, apesar de achar que não está me escutando. Minha voz está abafada no travesseiro de cheiro doce. – Estou gripado.

Escuto o barulho de alguém abrindo uma caixa de pizza e um resmungo conforme o cheiro de queijo estragado com linguiça saía da embalagem.

– Essa não é a dieta de alguém que está com gripe, irmãozinho.

Também escuto garrafas de cerveja e outros lixos sendo arrastados, e sei que ela está começando a arrumar a bagunça. Não sou o único maníaco por limpeza na minha família.

– Ah, que horror! – ela respira fundo e, julgando pelo fedor que se junta ao cheiro de pizza estragada, acho que ela acabou de abrir um pote de sorvete de três dias atrás que não estava vazio como eu achava.

– Drew – ela sacode meu ombro gentilmente.

Eu desisto, me endireito e sento no sofá, esfregando meus olhos para acordar.

– Fale comigo – ela implora. – O que está acontecendo? O que aconteceu?

Enquanto observo a expressão confusa da vaca da minha irmã, volto 22 anos no tempo. Tenho seis anos e meu hamster, o Senhor Wuzzles, acabou de morrer. Como naquele dia, a dolorosa verdade é arrancada de meus pulmões.

– Finalmente aconteceu.

– O que aconteceu?

– O que você tem desejado pra mim durante todos esses anos – eu sussurro –, me apaixonei.

Levanto os olhos para observar seu sorriso se abrir. É o que ela sempre quis para mim. Ela é casada com o Steven há muito tempo, está apaixonada por ele há muito mais tempo. Por isso, nunca concordou com o jeito que levo minha vida, e não aguenta mais esperar que eu sossegue. Que eu encontre alguém que cuide de mim do jeito que ela cuida de Steven e do jeito que nossa mãe ainda cuida de nosso pai.

Mas disse para ela que isso nunca aconteceria – não era o que eu queria. Por que trazer um livro para a biblioteca? Por que trazer areia à praia? Por que comprar a vaca, se você consegue o leite de graça?

Está conseguindo entender meu raciocínio?

Quando vejo que ela está começando a sorrir, digo, em uma vozinha que nem eu reconheço:

– Ela está casando com outra pessoa. Ela não… ela não me queria, Lex.

Vejo solidariedade se espalhar pelo rosto da minha irmã e então, determinação, pois Alexandra sempre resolve tudo. Ela consegue desentupir ralos, remendar paredes e remover manchas de qualquer tapete. Já sei o que está passando pela cabeça dela neste momento: se o seu irmão mais novo está acabado, ela só tem que consertá-lo.

Gostaria que fosse tão fácil assim. Mas eu não acho que qualquer cola no mundo poderá consertar meu coração.

Eu comentei que também sou um pouco poeta?

– Tudo bem, a gente consegue arrumar isso, Drew.

Será que conheço minha irmã?

– Vá tomar um banho quente demorado. Vou arrumar esse desastre. Depois, vamos sair. Nós três.

– Eu não posso sair – *será que ela não estava me escutando?* – Estou gripado.

Ela sorri com compaixão.

– Você precisa de uma boa refeição quente. Precisa de um banho. Só assim se sentirá melhor.

Talvez ela esteja certa. Só Deus sabe o que fiz nos últimos sete dias, sem nenhum resultado. Encolho meus ombros e me levanto, fazendo tudo que ela manda. Como uma criança de quatro anos que carrega seu ursinho de pelúcia para onde vai, levo comigo meu travesseiro premiado.

Caminhando até o banheiro, não consigo parar de pensar como tudo isso aconteceu. Tinha uma boa vida. Uma vida perfeita. E então tudo se tornou uma merda.

Ah – você quer saber como? Você quer ouvir minha triste história? Então, está bem. Tudo começou há uns meses, em uma noite de sábado comum.

Bem, comum para *mim*, pelo menos.

Quatro meses antes.

– Porra. Isso é bom. Isso, continue assim.

Está vendo aquele cara, de terno preto e incrivelmente bonito? Isso, o cara recebendo sexo oral da ruiva gostosa na cabine do banheiro? Sou eu. O *verdadeiro* eu. EAG: Eu Antes da Gripe.

– Nossa, amor, vou gozar.

Vamos congelar a cena aqui por um segundo.

Para as moças que estão escutando, permitam-me lhes dar alguns conselhos de graça: se um cara que você conheceu num bar te chamar de *amor, querida, anjinha* ou qualquer outro apelido carinhoso, não ache que ele está tão a fim de você que já está pensando em nomes para seus animais de estimação.

Ele faz isso porque não consegue ou nem quer tentar lembrar seu nome.

Além disso, nenhuma mulher quer ser chamada pelo nome errado quando está de joelhos chupando um cara no banheiro masculino. Então, só por segurança, eu a chamei de *amor*.

Seu nome verdadeiro? Isso realmente importa?

– Porra, amor, estou quase lá.

Ela tira a boca com um estalo e o agarra com firmeza, enquanto eu gozo em sua mão. Em seguida vou em direção à pia para me limpar e fechar o zíper. A ruiva me olha sorridente enquanto faz bochechos com um enxaguante bucal que tirou da bolsa.

Encantadora.

– O que acha de tomarmos um drinque? – pergunta ela, com um tom de voz que acredita ser excitante.

Mas aqui vai mais uma informação para você: quando eu termino, eu realmente *termino*. Não sou aquele cara que anda numa montanha-russa duas vezes. Uma vez já basta, e depois a vibração e o interesse terminam.

No entanto, minha mãe me educou para me comportar como um cavalheiro.

– Sim, minha querida. Encontre uma mesa, vou pedir algo para nós no bar – afinal, a ruiva se esforçou bastante ao me chupar. Ela merece um drinque.

Após sairmos do banheiro, ela procura uma mesa, e eu vou em direção ao bar lotado. Comentei que era uma noite de sábado, certo? E este bar é o REM, de sono REM, "movimento rápido dos olhos". Aquele estado em que os sonhos acontecem, entende?

É o bar mais badalado da cidade de Nova York. Bem, pelo menos hoje à noite. Na semana que vem já será outro. Mas o local não importa. O roteiro é sempre o mesmo. Todo fim de semana, eu e meus amigos chegamos aos lugares juntos, e sempre vamos embora separados, mas nunca sozinhos.

Não me olhe desse jeito. Não sou um homem mau. Não minto. Eu não atraio as mulheres com palavras poéticas sobre um futuro juntos e sobre amor à primeira vista. Sou um atirador direto. Estou

procurando por diversão – apenas por uma noite –, e eu as aviso. Isso é melhor do que fazem 90% dos outros homens aqui, posso te garantir. Além disso, a maioria das mulheres está aqui querendo a mesma coisa.

Está bem, talvez isso não seja exatamente verdade. Mas não é culpa minha que elas me vejam, transem comigo e, de repente, queiram ter filhos meus. Não é problema meu. Como disse, eu aviso como funciona, proporciono a elas um bom momento e pago o táxi para que voltem às suas casas. Obrigado, boa noite. Não me ligue, pois com certeza não ligarei para você.

Após conseguir passar pela multidão e finalmente chegar até o bar, peço dois drinques. Aproveito para observar os corpos suando, mexendo-se e esfregando-se uns nos outros na pista de dança, com o barulho da música vibrando por todo o lugar.

Logo a vejo, há alguns metros de onde estou, esperando pacientemente, apesar de um pouco inquieta, entre as pessoas com braços levantados acenando dinheiro e desesperadas por álcool, que tentam chamar a atenção do barman.

Lembra que eu disse que era poético? A verdade é que nem sempre fui. Não até este momento. Ela é extravagante, angelical, linda. Escolha uma palavra, qualquer merda de palavra. O que importa é que, por um momento, me esqueci como se respira.

Seu cabelo é longo, escuro e brilha até mesmo na meia-luz do bar. Ela está usando um vestido vermelho decotado nas costas – sensual, mas clássico –, que ressalta cada uma de suas curvas tonificadas à perfeição. Sua boca é carnuda e exuberante, com lábios que imploram para serem tocados.

Seus olhos. *Pelo amor de Deus*. Seus olhos são grandes, redondos e infinitamente escuros. Imagino-os me observando no momento em que ela coloca meu pau em sua boca pequena e quente. Ele responde de imediato a meu pensamento. Preciso tê-la.

Vou até ela, decidindo que ela será a sortuda que terá o prazer de minha companhia pelo resto da noite. E pretendo lhe dar um tremendo prazer.

Chego quando ela está quase abrindo a boca para pedir um drinque, intervenho com:

– A moça quer… – olho para ela, adivinhando o que iria beber. Este é um talento meu. Algumas pessoas preferem beber cervejas; outras, uísque escocês com soda; outras, um vinho mais antigo; outras preferem conhaque ou champanhe doce. Eu sempre consigo adivinhar o que cada uma prefere. Sempre.

– … um Veramonte Merlot, de 2003.

Ela se vira para mim com uma expressão de surpresa, e seus olhos me medem da cabeça aos pés. Após decidir que não sou um perdedor, ela me diz:

– Você é bom.

Eu sorrio.

– Vejo que minha reputação me faz jus. Sim, eu sou e você é linda.

Ela fica corada. Na verdade, suas bochechas ficam todas rosas e ela olha para o outro lado. Quem ainda fica corado? É muito adorável.

– Então, o que acha de irmos para um lugar mais confortável… e íntimo, para que possamos nos conhecer melhor?

Sem perder a chance, ela acrescenta:

– Estou aqui com meus amigos. Estamos comemorando. Não costumo vir a lugares como este.

– O que estamos comemorando?

– Acabei de conseguir meu MBA e vou começar em um emprego novo na segunda-feira.

– Sério? Que coincidência. Sou um empresário. Talvez você já tenha ouvido falar da minha empresa: Evans, Reinhart e Fisher – somos o banco de investimentos mais badalado da cidade, então tenho certeza de que ela deve estar muito impressionada.

Vamos fazer uma pausa de novo, ok?

Perceberam o modo como a boca desta mulher linda se contorceu quando lhe disse onde eu trabalhava? Viram como seus olhos se arregalaram? Isso deveria ter indicado algo para mim.

Mas não percebi nada disso naquele momento – estava muito ocupado observando seus seios, que são perfeitos, a propósito. São menores do que aqueles que costumo admirar, não são maiores do que um punhado. Mas, no que me diz respeito, um punhado é tudo do que preciso.

O que quero dizer é: lembre-se daquele olhar surpreso, que fará sentido mais pra frente. Agora, de volta à conversa.

– Temos tantas coisas em comum – eu disse. – Nós dois trabalhamos com negócios, nós dois gostamos de vinho tinto… acho que devemos ver até onde isso pode dar esta noite.

Ela ri. É um som mágico.

Agora tenho que explicar uma coisa. Com qualquer outra mulher, em qualquer outra noite, eu estaria em um táxi agora, com minha mão sobre seu vestido e minha boca fazendo ela gemer. Sem perguntas. Para mim, isso *está* funcionando. De um modo estranho, isso está me excitando.

– Meu nome é Drew, a propósito – dou-lhe minha mão –, qual é o seu? Ela levanta a mão.

– Noiva.

Destemido, eu pego sua mão e beijo seus dedos, tocando-os de leve com minha língua. Noto essa beleza relutante tentando reprimir um arrepio, e sei que, apesar de suas palavras, estou conquistando-a.

Não sou o tipo de homem que escuta o que as pessoas dizem. Eu observo como elas dizem algo. Você pode aprender muito sobre alguém se parar um pouco e observar como uma pessoa se mexe, como seus olhos se movimentam, como o tom de sua voz aumenta ou abaixa.

Seus olhos inocentes podem estar me dizendo não… mas seu corpo? Seu corpo está gritando: *sim, sim, transe comigo no bar.* Em apenas três minutos, ela me disse a razão de estar aqui, qual seu trabalho e me deixou acariciar sua mão. Essas não são atitudes de uma mulher que não está interessada – são atitudes de uma mulher que não *quer* estar interessada.

Eu definitivamente consigo lidar com isso.

Quase comento sobre seu anel de noivado, já que o diamante é tão pequeno que, mesmo de

perto, é difícil de notar. Mas não quero magoá-la. Ela me disse que acabou de se formar. Tenho amigos que tiveram que pagar a faculdade de Administração, e sei que as mensalidades são muito altas.

Então tento uma tática diferente: honestidade.

– Melhor ainda. Você não frequenta lugares como este? Eu não me dou bem com relacionamentos. Somos um casal perfeito. Devíamos explorar mais essa relação, o que acha?

Ela ri de novo, e nossas bebidas chegam. Ela pega a sua taça.

– Obrigada pela bebida. Tenho que voltar aos meus amigos agora. Foi um prazer.

Dou-lhe um sorriso maldoso, sem conseguir me controlar.

– Querida, se você me deixar te levar para outro lugar, farei com que a palavra *prazer* tenha outro significado.

Ela balança a cabeça e sorri, como se estivesse agradando uma criança atrevida. Enquanto vai embora, olha para trás e diz:

– Tenha uma boa noite, senhor Evans.

Como eu disse, sou um observador. Eu e Sherlock Holmes poderíamos ser amigos. Mas estou tão encantado com a visão daquela linda bunda que não percebo nada.

Você percebeu? Você conseguiu notar o detalhezinho que acabei de deixar escapar?

Isso mesmo. Ela me chamou de "senhor Evans", mas eu nunca disse meu sobrenome. Lembre-se disso também.

No momento, deixo a misteriosa mulher de cabelos pretos se retirar. Pretendo pegar leve com ela e depois fisgá-la – jogar a vara, fisgar, puxar e pronto. Planejo segui-la pelo resto da noite se precisar.

Ela é muito gostosa.

Mas, então, a Ruiva – sim, aquela do banheiro masculino – me encontra.

– Aí está você! Pensei que tivesse te perdido.

Ela se joga para cima de mim e acaricia meu braço com intimidade.

– O que acha de irmos para a minha casa? É aqui na esquina.

Ah, muito obrigado, só que não. A ruiva logo se tornou uma memória passageira. Estou focado agora em pretendentes mais intrigantes. Estou quase dizendo isso a ela, quando outra ruiva aparece ao seu lado.

– Esta é minha irmã, Mandy. Contei pra ela tudo sobre você. Ela achou que nós três podíamos… você sabe… nos divertir.

Olho para a irmã da Ruiva, que, na verdade, é sua gêmea. Meus planos, então, mudam na hora. Eu sei, eu sei… disse que não ando na mesma montanha-russa duas vezes. Mas gêmeas?

Nenhum homem deixaria isso escapar.

Capítulo 2

Comentei que amo meu trabalho?

Se minha empresa fosse a liga mais importante de beisebol, eu seria o jogador mais valioso. Sou sócio em um dos maiores bancos de investimento da cidade de Nova York, especializado em mídia e tecnologia. Sim, sim, meu pai e seus dois amigos mais próximos começaram esta empresa. Mas isso não significa que não me esforcei para estar onde estou, pois me esforcei. Também não significa que não como, respiro, durmo ou trabalho para conseguir a reputação que tenho, pois eu faço tudo isso.

Você deve estar se perguntando o que um bancário de investimentos faz. Bom, você se lembra, em *Uma linda mulher*, quando Richard Gere fala para Julia Roberts que sua empresa compra outras para então vendê-las parte por parte? Sou o cara que o ajuda a fazer isso. Eu negocio os acordos, redijo os contratos, administro a diligência devida, esboço acordos de crédito, entre outras coisas que tenho certeza que você não tem interesse algum em saber.

Agora você deve estar se perguntando por que um cara como eu está citando um filme água com açúcar como *Uma linda mulher*.

A resposta é muito simples. Quando éramos mais novos, toda semana minha mãe fazia com que seus filhos passassem uma noite juntos assistindo alguns filmes. A Vaca conseguia escolher o filme do dia de vez em quando. Durante um tempo, ela estava viciada na Julia Roberts e fez com que eu assistisse a essa merda por quase um ano. Eu conseguia lembrar palavra por palavra daquilo. Mas tenho que admitir: Richard Gere é o cara.

Agora, voltando ao meu trabalho.

A melhor parte dele é o quanto fico empolgado quando fecho um acordo, um acordo muito bom. É como se tivesse ganhado na loteria. É como se tivesse sido escolhido por Jenna Jameson para estar com ela em seu próximo filme pornô. Não há nada – nada *mesmo* – melhor.

Faço a prospecção para os meus clientes, recomendo o que eles devem fazer. Sei quais empresas querem desesperadamente ser compradas e quais precisam passar por uma aquisição hostil. Sou eu quem tem as informações secretas sobre qual magnata da mídia está pronto para se atirar da ponte do Brooklyn, pois gastou muito do lucro de sua empresa com prostitutas de luxo.

A competição por clientes é feroz. Você tem que seduzi-los, fazer com que te queiram, com que acreditem que ninguém mais consegue fazer o que você faz. É como se estivesse conseguindo uma transa. Mas, em vez de comer uma gostosa no final do dia, eu ganho um grande e gordo cheque. Consigo dinheiro para mim e para meus clientes – muito dinheiro.

Os filhos dos sócios do meu pai também trabalham aqui, Matthew Fisher e Steven Reinhart. Sim, *aquele* Steven – o marido da Vaca. Como nossos pais, nós três crescemos juntos, estudamos juntos e agora trabalhamos na empresa juntos. Os velhos deixam o verdadeiro trabalho para nós. Eles nos visitam às vezes para parecer que ainda estão no comando, e depois vão para o clube jogar golfe à tarde.

Matthew e Steven também são bons nesse trabalho – não me entendam mal. Mas eu sou a estrela. Sou o predador. Sou quem os clientes pedem e quem as empresas temem. Eles sabem disso e eu também sei.

Toda segunda-feira estou em meu escritório às nove da manhã. Minha secretária – a loirinha fumante com peitos incríveis – já está aqui, com minha programação do dia pronta, minhas mensagens do fim de semana e a melhor xícara de café da região.

Não, eu não comi minha secretária.

Não que eu não adoraria fazer isso. Acredite, se ela não trabalhasse para mim, eu a pegaria com mais jeito que Muhammad Ali.

Mas tenho regras – princípios, pode-se dizer. Uma delas é não pegar ninguém no escritório. Eu não cago onde como, não transo onde trabalho. Sem falar no problema de assédio sexual que isso poderia causar; não é bom para os negócios de modo algum. Não é profissional.

Então, já que Erin é a única mulher, além de meus parentes, com quem tenho interações platônicas, ela também é a única pessoa do sexo oposto que já considerei como amiga. Temos uma boa relação profissional. A Erin é simplesmente… sensacional.

Essa é outra razão pela qual eu não a comeria, mesmo que ela me implorasse de joelhos para isso. Acredite ou não, uma boa secretária – uma boa de verdade – é difícil de encontrar. Já tive mulheres trabalhando para mim que eram mais burras do que um balde cheio de merda. E outras que pensaram que se dariam bem apenas abrindo as pernas, se é que me entende. Essas são as mulheres que quero conhecer em um bar numa noite de sábado, não o tipo que quero que atenda meus telefonemas numa manhã de segunda-feira.

Portanto, agora que você já me entende um pouco, vamos voltar à minha descida para o inferno.

– Mudei seu almoço de uma da tarde com Mecha de volta para a reunião às quatro – Erin me informa, entregando uma pilha de mensagens.

Merda.

A Mecha Communications é uma empresa de mídia multibilionária. Durante meses, estive trabalhando para que eles conseguissem adquirir uma rede de cabos espanhola, e o diretor-executivo, Radolpho Scucini, é sempre mais receptivo quando está de barriga cheia.

– Por quê?

Ela me entrega uma pasta.

– Hoje, almoço na sala de conferências. Seu pai apresentará o novo associado. Você sabe como ele se sente a respeito dessas coisas.

Já assistiu *Um conto de Natal*? Lógico que já deve ter visto – alguma versão dele deve estar passando em algum canal, em algum lugar, algum dia antes do Natal. Bom, lembra quando o Fantasma dos Natais Passados leva Scrooge de volta à época em que ele era jovem e feliz? E ele tinha aquele chefe, Fezziwig, o gordo que fazia grandes festas? Sim, aquele cara. Ele é o meu pai.

Meu pai ama esta empresa e vê todos os funcionários como parte de sua família. Ele sempre tem alguma desculpa para dar uma festa no escritório. Festas de aniversário, chás de bebê, almoços no

Dia de Ação de Graças, bufês para o Dia do Presidente, jantares para o Dia de Colombo… preciso continuar?

É um milagre que algum trabalho seja mesmo realizado.

Quanto ao Natal? Esqueça! As festas de Natal que meu pai organiza são sempre extraordinárias. Todo mundo vai embora muito bêbado. Algumas pessoas nem voltam para suas casas. Ano passado, pegamos dez funcionários de um banco rival tentando entrar na festa, apenas pela reputação de ser totalmente fantástica. Isso tudo é feito apenas para conseguir a atmosfera – o clima – que meu pai quer nesta empresa.

Ele ama seus funcionários, e eles o amam. Devoção, lealdade – temos tudo de sobra. Tudo isso faz parte do que nos torna os melhores, pois as pessoas que trabalham aqui com certeza venderiam seus primogênitos para o meu velho.

No entanto, têm alguns dias – como hoje, quando preciso de um tempo para conquistar um cliente – que suas celebrações são um verdadeiro pé no saco. Mas é assim e não vai mudar.

Minha manhã de segunda-feira está lotada, então vou direto para a minha mesa e começo a trabalhar. Depois, antes que consiga piscar os olhos, já é uma da tarde e estou indo em direção à sala de conferências. Vejo uma cabeça familiar, com cabelo laranja brilhante, ligada a um corpo atarracado. Este é Jack O'Shay. Jack começou na empresa há cerca de seis anos, na mesma época que eu. Ele é um bom homem e um companheiro assíduo de baladas. Perto dele está Matthew, falando animadamente enquanto passa sua mão grande nos cabelos loiros.

Pego minha comida no bufê e me sento com eles à mesa, logo quando Matthew está contando, mais uma vez, sobre sua noite de sábado.

– Então ela começa a usar algemas e chicote. A porra de um chicote! Pensei que fosse perder a cabeça naquele lugar, juro por Deus. Ela foi para um convento, na verdade estudou para ser a porra de uma freira, cara!

– Te disse, as quietinhas são as piores – acrescenta Jack, rindo.

Matthew olha para Steven, com seus olhos castanhos, e fala para ele:

– Sério, cara. Você tem que sair conosco. Apenas uma vez. Te imploro.

Dou um sorriso porque sei o que virá em seguida.

– Me desculpe, mas você já conheceu minha esposa? – pergunta Steven, franzindo a testa, confuso.

– Não seja tão medroso – Jack o provoca. – Fala pra ela que você vai jogar cartas ou algo assim. Viva um pouco.

Steven tira seus óculos e limpa as lentes com um guardanapo, considerando a ideia.

– Claaaro. Aí, quando ela descobrir, e a Alexandra com certeza irá descobrir, posso te garantir, ela vai servir minhas bolas em uma bandeja de prata, com um belo molho de alho e um bom vinho Chianti.

Ele dá uma golada à Hannibal Lecter, que me faz gargalhar.

– Além do mais – ele se vangloria, colocando seus óculos e esticando suas mãos até sua cabeça

–, tenho filé mignon em casa, garotos. Não estou interessado em hambúrguer.

– Veadinho – tosse Matthew, enquanto Jack balança sua cabeça para meu cunhado e diz:

– Mesmo um bom filé perde a graça se você comer todos os dias.

– Não se você cozinhá-lo de maneiras diferentes a cada vez – defende Steven. – Meu amor sabe como manter minhas refeições apimentadas.

Levanto minha mão e imploro:

– Por favor. Por favor, pare por aí.

Tem algumas imagens que não quero visualizar. Jamais.

– E você, Drew? Te vi saindo com aquelas gêmeas. Elas eram ruivas de verdade? – Jack me questiona.

Sinto o sorriso esticando em meus lábios.

– Ah sim, elas eram autênticas.

Depois continuo descrevendo minha selvagem noite de sábado, com detalhes vívidos e deliciosos.

Ok, vamos parar aqui um pouco, pois consigo ver aquele olhar de julgamento em seu rosto e também consigo escutar aquele tom agudo de reprovação: *Que idiota. Ele transou com uma garota* – bem, neste caso, foram duas – *e agora ele está contando para todos os amigos. Que falta de respeito.*

Em primeiro lugar, se uma garota quer que eu a respeite, ela tem que fazer por merecer. Em segundo, não estou tentando ser um babaca, só estou me comportando como um cara, e todos os caras conversam com seus amigos sobre sexo.

Deixe-me repetir isso caso você não tenha entendido:

TODOS OS CARAS CONVERSAM COM SEUS AMIGOS SOBRE SEXO.

E se um cara te diz o contrário? Dê um fora nele, pois está mentindo para você.

Além disso, já ouvi minha irmã e suas amiguinhas conversarem também. Algumas das coisas ditas por elas teriam feito com que a porra do Larry Flynt ficasse envergonhado. Então, não fique agindo como se as mulheres não falassem do mesmo jeito que os homens, porque sei que falam.

Após expor os melhores momentos do meu final de semana, a conversa na mesa mudou para futebol americano e a eficácia do ataque de Manning. Ao longe, escuto a voz do meu pai ao chegar na frente da sala, detalhando as ótimas realizações do mais novo associado, cujo arquivo nem me importei em abrir esta manhã. Faculdade de Wharton na Universidade de Pensilvânia, aluno número um, fez estágio na Credit Suisse, blá-blá-blá…

A conversa desaparece quando meus pensamentos se voltam para o momento do sábado à noite que não me preocupei em contar aos meus amigos: a interação com a deusa morena, para ser exato. Ainda consigo ver com clareza aqueles olhos redondos e escuros em minha mente. Aquela boca apetitosa, o cabelo luminoso que não podia ser mais macio do que parecia.

Não é a primeira vez que a imagem dela me veio à tona, sem querer, nesse um dia e meio. Na

verdade, parece que a cada hora alguma parte dela me vem à mente, e eu me pego pensando no que aconteceu com ela. Ou, para ser mais preciso, o que poderia ter acontecido se eu tivesse ficado por lá e ido atrás dela.

É estranho. Não sou de ficar me lembrando de pessoas que conheço em minhas aventuras nos finais de semana. Em geral, elas vão embora de meus pensamentos no momento em que escapo de suas camas. Mas havia algo nela. Deve ser porque ela me deu um fora. Deve ser porque ela não disse seu nome. Ou talvez seja aquela bunda deliciosa que me fez querer agarrá-la e nunca mais soltá-la.

Quando as imagens em minha cabeça começam a se focar nessa característica em especial, uma agitação bem familiar começa mais ao sul, se é que você me entende. Eu sacudo minha cabeça. Não tenho uma ereção espontânea desde meus doze anos. O que está acontecendo?

Acho que vou ter que ligar para aquela gostosa que me passou o telefone na cafeteria nesta manhã. Costumo deixar este tipo de atividade para os finais de semana, mas parece que meu pau gostaria que fosse feita uma exceção.

Agora, já estou na frente da sala, na fila para dar o usual aperto de mão de boas-vindas, que é dado a todos os novos funcionários. Conforme chego ao começo da fila, meu pai me vê e se aproxima para me cumprimentar com um cortês tapinha nas costas.

– Estou feliz que conseguiu vir, Drew. Esta nova garota tem futuro. Quero que você cuide dela pessoalmente, que a ajude com tudo. Faça isso, filho, e te garanto que ela vai decolar e nos deixar orgulhosos.

– Claro, pai. Sem problemas.

Ótimo. Como se eu não tivesse meu trabalho para cuidar. Agora tenho que pegar na mão de uma novata, enquanto ela adentra o mundo escuro e assustador dos negócios americanos. Que perfeito!

Obrigado, pai.

Minha vez chega, finalmente. Ela está virada de costas para mim; me aproximo. Observo seu cabelo escuro e macio preso em um coque, ela é bem pequenina. Olho para a parte de baixo de suas costas, enquanto ela conversa com alguém à sua frente. Como instinto, meus olhos vão direto para sua bunda e… *espera.*

Espera a porra de um minuto.

Já vi essa bunda antes.

Não pode ser.

Ela se vira.

Porra.

Ela abre um enorme sorriso no momento em que seus olhos encontram os meus. Olhos infinitos e brilhantes que não me lembrava de ter sonhado antes, até este exato momento. Ela me reconhece e me dá sua mão:

– Senhor Evans.

Sinto minha boca se abrir e fechar, mas nenhuma palavra sai. O choque em vê-la de novo – aqui dentre todos os lugares no mundo – deve ter congelado por um momento a parte do meu cérebro que

controla a fala. Após as sinapses voltarem a funcionar, escuto meu pai dizer:

– … Brooks. Katherine Brooks. Ela tem futuro, filho, e, com a sua ajuda, vai nos ajudar a crescer com ela.

Katherine Brooks.

A garota do bar. A garota que deixei escapar. A garota cuja boca ainda quero desesperadamente sentir no meu pênis.

E ela trabalha aqui. No meu escritório, onde prometi nunca… nunca… transar. Sua mão macia e quente toca a minha, e dois pensamentos invadem minha cabeça ao mesmo tempo.

O primeiro é: Deus me odeia. O segundo é: tenho sido um menino mau, muito mau durante toda minha vida, e esta é minha punição. Você sabe o que dizem sobre punição, certo?

Isso mesmo, é uma merda.

Capítulo 3

Meu lema é autodeterminação. Decisão. Controle. Eu determino o caminho da minha vida. Eu decido meus fracassos e sucessos. Foda-se o destino. O destino pode ir para o inferno. Se eu realmente quiser algo, posso conseguir. Se tiver foco e sacrifício, não há nada que eu não possa fazer.

Qual é a intenção da minha presunção, você quer saber? Por que pareço um palestrante de autoajuda? O que estou tentando dizer?

Em resumo, eu controlo meu pênis. Meu pênis não me controla. Pelo menos é o que tenho tentado me convencer durante a última uma hora e meia.

Está me vendo ali, em minha mesa, resmungando como um maldito esquizofrênico sem medicação?

Aquele sou eu, me lembrando dos princípios e das crenças sagradas que me trouxeram a este ponto da minha vida. Que me tornaram um sucesso indiscutível na cama e no trabalho. Que nunca falharam antes. Que estou morrendo de vontade de jogar pela porra da janela. Tudo por causa da mulher que está no escritório ao final do corredor.

Katherine Todos-me-chamam-de-Kate Brooks. Nem me fale sobre este maldito imprevisto.

Do modo como vejo isso, eu ainda poderia ir atrás do prêmio. Tecnicamente, não conheci Kate no trabalho, mas sim em um bar. Isso significa que ela poderia perder a classificação de "colega de trabalho" e ficar com o status de "encontro aleatório", para o qual foi designada a princípio.

O quê? Sou um empresário, é meu trabalho encontrar brechas.

Então, pelo menos em teoria, eu poderia comê-la e não comprometer meus princípios. O problema dessa estratégia é, lógico, o que acontece depois.

Os olhares de desejo, os olhos esperançosos, as tentativas patéticas de me deixar com ciúmes. As reuniões supostamente "acidentais", as perguntas sobre meus planos, as caminhadas "casuais" pela porta do meu escritório. Tudo o que poderia, sem dúvida, se intensificar e se tornar um perturbador comportamento obsessivo.

Algumas mulheres aguentam sair apenas por uma noite. Outras não aguentam. E, com certeza, eu já me ferrei com aquelas que não aguentam.

Não foi nada bonito.

Logo, você pode perceber que não importa o quanto eu desejo, não importa a força com que minha cabecinha está tentando me levar para o caminho errado, não é o tipo de coisa que quero trazer para meu local de trabalho. Meu santuário – meu segundo lar.

Não vai acontecer. Ponto final.

É isso. Fim de conversa.

Caso encerrado.

Kate Brooks foi excluída da minha lista de pretendentes. Ela é proibida, intocável, impossível. Junto com as ex-namoradas dos meus amigos, a filha do chefe e as melhores amigas da minha irmã.

Bem, essa última categoria ainda é uma área meio nebulosa. Quando eu tinha dezoito anos, a melhor amiga de Alexandra, Cheryl Phillips, passou o verão inteiro em nossa casa. Deus a abençoe – aquela menina tinha uma boca do tamanho de um aspirador. Para a minha sorte, a Vaca nunca ficou sabendo das visitas que a amiga fazia ao meu quarto às duas da manhã. Se ela descobrisse, seria uma enorme confusão – seria um inferno com dimensões apocalípticas.

Enfim, onde parei?

Ah, claro. Estava explicando que tomei a decisão inequívoca de que a bunda de Kate Brooks seria uma que, infelizmente, nunca iria tocar. Mas estou bem quanto a isso. De verdade.

Quase acredito no que disse.

Até que ela aparece em minha porta.

Meu Deus.

Ela está usando óculos. Aqueles com aros escuros. A versão feminina dos óculos de Clark Kent. A maioria das mulheres fica com cara de nerd e nada atraente. Mas ela não. Na parte superior daquele narizinho, enquadrando aqueles lindos cílios longos, com seu cabelo preso em um coque meio solto, os óculos ficaram com uma aparência muito sensual.

Quando ela começa a falar, minha imaginação se enche daquelas fantasias que tive com professoras. Elas estão se misturando com aquelas de uma bibliotecária que aparenta ter uma sexualidade reprimida, mas que, na realidade, é uma ninfomaníaca que usa algemas e veste roupas de couro.

Enquanto tudo isso está se passando em minha cabeça, ela ainda está falando.

Que merda ela está falando?

Fecho meus olhos para que eu possa parar de encarar seus lábios reluzentes e para que eu possa processar as palavras que saem de sua boca:

– … pai disse que você poderia me ajudar com isso – ela para e me olha com expectativa.

– Me desculpe, estava distraído. Você pode se sentar e me explicar tudo de novo? – pergunto, com um tom de voz que disfarça o tesão dentro de mim.

Mais uma vez, para as garotas aí fora, aqui vai um fato: os homens pensam em sexo umas 24 horas por dia. O número correto é a cada 5,2 segundos ou algo assim.

O que importa é que, quando você pergunta "o que você quer para o jantar?", estamos pensando em te comer no balcão da cozinha. Quando você está contando sobre o filme meloso que assistiu com as amigas na semana passada, estamos nos lembrando do filme pornô que assistimos na noite passada. Quando você nos mostra os sapatos estilosos que comprou em liquidação, estamos pensando como eles ficariam bonitos apoiados em seus ombros.

Só achei que você devia saber. Não atire no mensageiro.

É uma maldição, na verdade.

Eu culpo o Adão. Ele era um homem que tinha tudo na vida. Ele andava pelado, com uma garota gostosa para satisfazer todas as suas fantasias. Espero que aquela maçã tenha sido muito saborosa, pois ele ferrou tudo para o restante de nós. Agora temos que trabalhar para isso. Ou, no meu caso, tentar, de modo desesperado, não querer isso.

Ela senta na cadeira do outro lado da minha mesa e cruza as pernas.

Não olhe para as pernas. Não olhe para as pernas.

Tarde demais.

Elas são torneadas, bronzeadas e tão lisas como seda. Eu lambo meus lábios e me forço a olhar para seus olhos.

Ela recomeça:

– Então, estive trabalhando em um portfólio de uma empresa de programação, a Genesis. Já ouviu falar deles?

– Vagamente – respondo, olhando para os papéis na minha mesa para diminuir o fluxo de imagens indecentes que o som de sua voz traz à minha cabeça pervertida.

Sou um garoto mau, muito mau. Será que Kate irá me castigar se eu lhe contar o quanto sou mau?

Eu sei. Eu sei. Não consigo me controlar.

– Eles tiveram lucro bruto de 3 milhões no último trimestre – diz ela.

– Sério?

– Sim. Sei que não é nada de outro mundo, mas isso mostra que têm uma base sólida. Ainda são pequenos, mas é isso que os torna bons. Os programadores são jovens e ambiciosos. Dizem que eles têm ideias que farão o Wii parecer um Atari. E eles têm os cérebros pra tornar isso realidade. O que falta é capital.

Ela para e se debruça na minha mesa para me dar uma pasta. Sou inebriado por um perfume doce, mas viçoso. É delicioso, sedutor – não como o de uma avó, cujo perfume quase te mata quando ela esbarra em você no correio.

Fico com vontade de colocar meu rosto em seu pescoço e inalar profundamente.

Mas resisto e, em vez disso, abro a pasta.

– Eu mostrei o que tenho para o senhor Evans… quer dizer, seu pai, e ele me disse pra pedir sua opinião. Ele acha que um de seus clientes…

– Alphacom – eu completo.

– Isso. Ele achou que Alphacom estaria interessado.

Eu dou uma olhada no trabalho que ela fez até agora. É bom. Cheio de detalhes e informações, porém focado. Devagar, meu cérebro – aquele acima de meus ombros, de qualquer modo – começa a trocar de velocidade. Há apenas um assunto que consegue me distrair dos meus pensamentos sobre sexo: trabalho. Um bom negócio. Sem dúvida consigo encontrar algum potencial aqui.

Não parece tão bom quanto Kate Brooks, mas está chegando perto.

Eu gesticulo para ela se sentar novamente. E ela o faz.

– Isto é bom, Kate. Muito bom. Com certeza eu conseguiria vender isso para Seanson. Ele é o CEO da Alphacom.

Seus olhos se estreitam um pouco.

– Mas vou continuar no projeto, certo?

Eu sorrio.

– Claro. Tenho cara de que preciso roubar as propostas de outras pessoas?

Ela revira seus olhos e sorri. Desta vez, eu não consigo não olhar.

– Não, claro que não, senhor Evans. Não queria dizer isso, é que… você sabe… primeiro dia.

– Então, após analisar isso, diria que você está tendo um ótimo primeiro dia. E, por favor, é Drew.

Ela acena. Eu me ajeito em minha cadeira, admirando-a. Meus olhos a medem da cabeça aos pés de um modo completamente não profissional. Eu sei disso. Mas não consigo me importar.

– Você comemorava um novo emprego, é? – pergunto, referindo-me ao comentário que ela fez no REM na noite de sábado.

Ela morde o lábio, e minhas calças ficam apertadas quando fico ereto e duro – mais uma vez. Se isso continuar, terei um sério problema de dor nos ovos quando chegar em casa.

– Sim, novo emprego – ela encolhe os ombros –, descobri quem era você quando me disse seu nome e o de sua empresa.

– Você já tinha ouvido falar de mim? – pergunto, curioso.

– Claro. Duvido que haja muitas pessoas neste ramo que nunca leram sobre o menino de ouro da Evans, Reinhart e Fisher na Revista *Business Weekly*, página seis, para ser mais exata.

Suas últimas palavras se referem às colunas de fofoca, nas quais eu costumo aparecer.

– Se a única razão por você ter me dado um fora é porque trabalho aqui – eu digo –, posso colocar minha carta de demissão na mesa do meu pai em uma hora.

Ela ri e, com suas bochechas coradas, responde:

– Não, essa não foi a única razão.

Ela estica sua mão em minha direção para me lembrar do anel de noivado quase invisível.

– Mas você não está feliz que eu te rejeitei? Pois teria sido muito estranho se algo tivesse acontecido entre nós. Não acha?

Digo para ela, com ar sério:

– Teria valido a pena.

Ela fica com uma expressão de dúvida.

– Mesmo eu trabalhando como sua subordinada?

Ah, fala sério – ela provocou e sabe disso. *Sua subordinada*? Como vou ignorar isso agora?

Apesar disso, eu apenas ergo uma sobrancelha e ela balança a cabeça e dá mais uma risadinha.

Com um sorriso feroz, eu a questiono:

– Não estou te deixando desconfortável, estou?

– Não. Nadinha. Mas você trata todos os seus funcionários desse jeito? Porque, tenho que te avisar, você pode sofrer um processo judicial.

Não consigo controlar o sorriso. Ela é tão surpreendente. Astuta. Rápida. Tenho que pensar antes de falar com ela. Gosto disso.

Gosto dela.

– Não, não trato todos os meus funcionários dessa maneira. Nunca. Apenas uma pessoa, que não consigo tirar da minha cabeça desde a noite de sábado.

Ok, talvez eu não estivesse pensando nela quando as gêmeas estavam trabalhando em conjunto sobre mim. Mas ao menos é verdade, em partes.

– Você é incorrigível – diz ela, de um modo que me faz acreditar que me acha fofo.

Sou muitas coisas, querida. Fofo não é uma delas.

– Se eu vejo algo que quero, vou atrás disso. Estou acostumado a conseguir o que quero.

Você nunca vai ouvir algo tão verdadeiro quanto isso sobre mim. Mas vamos dar uma pausa, beleza? Para que eu possa te dar uma visão completa.

Sabe, minha mãe, Anne, sempre quis uma família grande – cinco, talvez seis filhos. Mas a Alexandra é cinco anos mais velha do que eu. Cinco anos pode não parecer muito para você, mas para minha mãe era uma eternidade. Conforme consta, após Alexandra, minha mãe não conseguia engravidar de novo – e não foi por não tentar. "Infertilidade secundária", eles chamaram isso. Quando minha irmã tinha cinco anos, minha mãe tinha perdido as esperanças de ter mais algum filho.

Mas adivinha o que aconteceu depois? Eu cheguei.

Surpresa.

Eu era seu bebê milagroso. Seu anjo precioso de Deus. Seu desejo concedido. Sua oração respondida. E ela não foi a única a acreditar nisso. Meu pai estava empolgado e muito agradecido por ter outro filho – e, por sinal, um menino. A Alexandra – isso foi nos anos antes de se tornar A Vaca – estava em êxtase por finalmente ter um irmãozinho.

Eu era o que minha família sempre quis e havia esperado por cinco anos. Era o pequeno príncipe. Não podia fazer nenhum mal. Não havia nada que eu quisesse que não conseguia ter. Eu era o mais bonito, o mais brilhante. Não havia ninguém mais amável ou mais doce do que eu. Era amado de modo indescritível – idolatrado e satisfeito.

Portanto, se você acha que sou arrogante, egoísta, mimado… é provável que eu seja mesmo. Mas não use isso contra mim. Não é minha culpa. Sou o produto de como fui criado.

Agora que isso está explicado, vamos voltar ao meu escritório. Esta próxima parte é importante.

– Acho que você devia saber, Kate, eu quero você.

Está vendo as bochechas coradas, a pequena surpresa em seu rosto? Viu como a expressão dela se tornou séria, e como olha em meus olhos e depois olha para o chão?

Estou provocando ela. Kate também me quer. Ela está lutando contra isso. Mas está lá. Eu poderia tê-la. Poderia levá-la para onde ela está morrendo de vontade de ir.

Essa informação me faz abafar um gemido quando o cara lá embaixo reage com ímpeto. Quero ir até ela e beijá-la até ela não aguentar mais. Quero deslizar minha língua entre aqueles lábios deliciosos até que seus joelhos cansem e se dobrem. Quero pegá-la, colocar suas pernas na minha cintura, encostá-la na parede e…

– Ei, Drew. Está um trânsito na 53. Se você quer chegar para a reunião das quatro, é melhor sair agora.

Obrigado, Erin. Ótimo jeito de estragar o momento.

Secretária muito legal – momento inadequado.

Kate se levanta da cadeira, seus ombros se enrijecem, sua coluna fica reta. Ela vai até a porta e se recusa a me olhar nos olhos.

– Então, muito obrigada pelo seu tempo, senhor Evans. Você… ah… me chama quando me quiser.

Mexo minhas sobrancelhas sugestivamente ao ouvir essas palavras. Adoro saber que ela está exaltada – e que fui eu quem fez isso com ela.

Ainda evitando contato visual, ela faz uma leve careta.

– Sobre Alphacom e Genesis. Me explique depois o que devo fazer… o que quer que eu faça… o que… ah, você entendeu.

Antes que ela saia, minha voz a interrompe:

– Kate?

Ela se vira para mim, com um olhar de questionamento.

Eu aponto para mim:

– É Drew.

Ela sorri. Voltando ao seu estado normal. Sua confiança natural está encontrando o caminho de volta a seus olhos.

Em seguida, ela se encontra com meu olhar superentusiasmado.

– Claro. Te vejo depois, Drew.

Assim que ela sai pela porta, eu digo a mim mesmo: "Ah, claro. Sim, você verá".

Arrumando minha maleta para ir à reunião, percebo que esta atração – não, isso não é uma palavra forte o bastante –, esta *necessidade* que tenho por Kate Brooks não vai sumir de repente.

Posso tentar lutar contra isso, mas sou apenas um homem, pelo amor de Deus. Se isso não se resolver, meu desejo por ela pode transformar meu escritório, o local que eu amo, em uma câmara de tortura de frustração sexual.

Não posso deixar isso acontecer.

Então, tenho três opções: posso pedir demissão; posso conseguir que a Kate se demita ou posso seduzi-la para ter uma noite prazerosa comigo. Pronto, falei tudo o que tinha para falar – as consequências serão infernais.

Adivinhe qual dessas opções vou escolher?

Capítulo 4

Apesar de tudo, não fiquei com dor nos ovos. Eu me encontrei com a garota da cafeteria naquela noite. Ela é professora de ioga.

Legal.

O quê? Fala sério, não aja desta maneira. Eu quero Kate, sem dúvida alguma. Mas não espere que eu vá agir como um monge até isso acontecer. As mulheres não entendem que um homem pode querer uma mulher, mas ainda assim transar com outra. Que inferno, um cara pode *amar* uma mulher, e ainda assim comer outras *dez*. É a vida.

O sexo é uma libertação. É só físico. É isso. Pelo menos é o que os homens acham.

Está bem, está bem – não comece a atirar os sapatos em mim ou algo assim.

Pelo menos *este* homem acha. Melhorou?

Talvez você entenda meu ponto de vista se eu explicar de outro modo. Você escova seus dentes, certo? Então, vamos supor que sua pasta de dente favorita seja Aquafresh. Mas acabou o estoque na loja. Só tem Colgate. O que você vai fazer? Vai usar Colgate, não é?

Você pode preferir Aquafresh, mas, diante disso, você usa o que está ao seu alcance para manter seus dentes limpos e perolados. Entende meu raciocínio? Bom.

Agora, vamos voltar para o meu conto de sofrimento e dor.



Nunca seduzi uma mulher antes.

É chocante, eu sei.

Deixe-me explicar. Nunca *tive* que seduzir uma mulher antes, não do modo comum. Em geral, basta um olhar, uma piscada, um sorriso. Uma introdução amigável, talvez um ou dois drinques. Após isso, a conversa só inclui frases curtas, como *forte, mais, devagar*… você entende.

Então, a ideia de convencer uma mulher a ir para a cama é totalmente nova para mim, eu admito. Mas não estou preocupado. Você quer saber por que não?

Pois eu jogo xadrez.

Xadrez é um jogo de estratégia e planejamento. De pensar dois passos à frente de seu próximo movimento. De guiar seu oponente para o local onde você precisa que ele esteja.

Nas duas semanas depois do primeiro dia de trabalho de Kate, lidar com ela se tornou exatamente igual a jogar xadrez. Algumas palavras sugestivas, algumas carícias inocentes, porém sedutoras. Não vou te entediar com detalhes de cada conversa. Só vou te informar que as coisas estão progredindo sutilmente, tudo está indo conforme o planejado.

Acho que vai demorar mais uma semana – duas, no máximo – até que eu possa reivindicar aquele presente entre suas coxas macias. Já sei como isso vai acontecer. Passei horas, na verdade, imaginando e fantasiando isso.

Quer saber?

Vai acontecer em meu escritório, numa noite em que estaremos trabalhando até mais tarde – os únicos que restaram. Ela estará cansada, tensa. Irei me oferecer para massagear seu pescoço e ela me deixará fazer isso. Em seguida, vou me abaixar e a beijarei, começando pelo ombro, indo até seu pescoço, provando sua pele com minha língua. Por fim, nossos lábios vão se encontrar. E será quente – muito quente. Ela vai se esquecer de todas as razões pelas quais não deveríamos deixar rolar, ou seja, nosso local de trabalho, seu noivo babaca. A única coisa em que ela pensará é em mim e no que minhas mãos experientes estarão provocando nela.

Tenho um sofá em meu escritório. É de camurça, não de couro. Camurça mancha? Espero que não, pois é ali que vamos terminar a noite: naquele sofá subutilizado.

Agora me deixe perguntar algo: já viu aqueles comerciais que dizem como a vida pode mudar em um minuto?

Sim, sim, isso terá algum sentido – apenas me escute.

Você sabe de quais estou falando, certo? Aqueles em que uma família feliz está dirigindo por uma avenida importante, em um dia ensolarado reluzente, e depois… PÁ! Colisão frontal com um caminhão. E o pai sai voando pela janela, pois ele não estava usando seu cinto de segurança.

Eles são feitos para nos deixar com um puta medo. E conseguem. Mas a verdade é que eles também estão repletos de verdade. Nossas metas e prioridades podem mudar instantaneamente – quando menos esperamos.

Por isso, após duas semanas fazendo estratégias e fantasiando, tenho certeza de que Kate Brooks será minha próxima trepada. Não me lembro de querer alguém como eu a quero. Eu, com certeza, nunca esperei tanto por uma mulher como eu tenho esperado por ela. Mas o que interessa é que, para mim, é um negócio fechado, um fim inevitável. Não um *se*, mas um *quando*.

Segunda-feira de manhã, meu pai me chama em sua sala.

– Sente-se, filho. Tem algo que eu gostaria de conversar contigo.

Meu pai costuma me chamar aqui para falar sobre coisas que ele ainda não está pronto para compartilhar com o restante da equipe.

– Acabei de falar com Saul Anderson no telefone. Ele está querendo diversificar. Está vindo para a cidade no próximo mês para analisar ideias.

Saul Anderson é um magnata da mídia. Muito dinheiro – é o tipo de homem que faz com que Rupert Murdoch pareça um pobre coitado. Tem um guardanapo? Acho que estou babando.

– Mês que vem? Está bem, posso resolver isso. Sem problemas.

Sinto a agitação pulsar em minhas veias. Deve ser como um tubarão se sente após alguém jogar um grande balde de isca sangrenta na água. É adrenalina.

– Drew… – interrompe meu pai, mas minha mente está cheia de ideias surgindo para escutá-lo.

– Alguma ideia do que ele procura? Porque as possibilidades são infinitas.

– Filho… – meu pai tenta, mais uma vez.

Consegue prever o que vai acontecer, não consegue?

No entanto, eu continuo falando sozinho.

– As estações de TV a cabo são minas de ouro. Mídia social está na merda agora, então poderíamos pegar algumas barganhas. Produção cinematográfica é sempre uma aposta segura, e isso cortaria as despesas gerais quando eles a reexecutarem em sua própria rede.

– Drew, eu vou passar para Kate Brooks.

Pera aí. *Pode repetir isso para mim?*

– O quê?

– Ela é boa, Drew. Estou te dizendo, ela é muito boa.

– Ela trabalha aqui só há duas semanas.

Cachorros são territoriais. Você sabe disso, certo? É por isso que, quando estão no parque, parece que têm um estoque de urina, insistindo em parar a cada quatro segundos para espalhá-la. É porque eles acreditam que o parque é deles. Eles querem que os outros cães saibam disso para saber que eles foram os primeiros a chegar. É o modo não verbal de se dizer: "Foda-se – encontre seu próprio parque".

Os homens agem do mesmo modo.

Não que eu vá mijar ao redor da minha mesa ou algo assim, mas esta empresa é *minha*. Eu cuido desses clientes desde que eles eram pequenas corporações. Eu vi, como um pai orgulhoso, eles crescerem e se tornarem empresas fortes. Eu os ganhei e os tornei famosos. Eu me dediquei hora após hora, e noites e noites sem dormir. Meu trabalho não é apenas o que faço – é o que sou. Ficarei acabado se Kate Brooks colocar sua bunda aqui e roubá-lo de mim.

Não importa quanto sua bunda seja gostosa.

– Sim – meu pai diz –, e você viu as coisas que ela já fez durante essas duas semanas? Ela é a primeira a chegar e a última a sair. Todo dia. Ela é jovem e tem novas ideias. Conseguiu alguns dos melhores investimentos inovadores que já vi. Minha intuição me diz para deixar na mão dela e ver o que ela fará com isso.

Quais são exatamente os sinais indicadores de demência?

– Ela vai errar, isso é a merda que ela fará!

Eu grito. Mas sei, por experiência própria, que drama nenhum vai me levar a algum lugar com meu pai, então tento ficar na minha para tentar me acalmar.

– Tudo bem, pai, entendo o que você está dizendo. Mas Saul Anderson não é um cliente que você pode passar apenas para ver se a pessoa aguenta. Ele é alguém que você dá para seus melhores e mais inteligentes. Alguém que você saiba que consiga levá-lo até o final. E este sou eu.

Não é? Eu penso, quando a incerteza começa a aparecer em seu rosto.

Quando meu pai fica silencioso, meu estômago começa a embrulhar. Não é que eu tenha algum problema com papai ou algo assim, mas estaria mentindo se dissesse que não curto o orgulho que meu pai tem com o meu desempenho no escritório. Sou seu braço direito. Sou o cara com quem ele pode contar. Quando estamos quase perdendo o jogo de dois a cinco no relógio, pode apostar que sou a única pessoa a quem John Evans vai passar a bola.

Ou pelo menos eu costumava ser.

Estou acostumado a não dividir sua confiança. Ver que ela parece estar oscilando… bem… dói muito.

– Tenho uma proposta – ele suspira. – Temos um mês. Crie uma apresentação. Peça para a Kate fazer o mesmo. Quem conseguir me conquistar, fica com o Anderson.

Eu devia levar isto como um insulto, viu. O que ele está me pedindo é a mesma coisa que exigir que o ganhador de um Oscar faça um teste para o papel da droga de figurante. Mas eu não discuto. Estou muito ocupado planejando meu próximo passo.

Então, você entende o que estava falando sobre a vida?

Em um piscar de olhos, Kate Brooks passou da mulher que eu não via a hora de comer para alguém que não vejo a hora de esmagar com meu sapato. Minha adversária. Minha competição. Minha inimiga.

Não é culpa dela, eu sei. Mas agora me pergunte se eu me importo.

Não – nem um pouquinho.



Em modo de combate com potência máxima, volto ao centro de operações – também conhecido como meu escritório. Dou algumas ordens a Erin e trabalho pelo restante da tarde. Por volta das seis horas, peço a Erin que chame Kate para vir ao meu escritório.

Sempre mantenha a vantagem do jogo em casa. Jogue em seu próprio gramado. Lembre-se disso.

Ela chega e se senta, com uma expressão que não identifico.

– Tudo bem, Drew?

Seu cabelo está solto, enquadrando seu rosto como uma cortina longa e brilhante. Por um segundo, imagino como seria ele fazendo cócegas em meu peito, cobrindo minhas coxas.

Eu movimento minha cabeça. *Foco, Evans, foco.*

Ela está vestindo um terno vinho escuro e saltos da mesma cor, para combinar. A Kate adora salto alto. Acho que, por ela ser pequena, o fato de eles a deixarem mais alta faz com que fique mais confiante no escritório.

Homens amam saltos. Nós os associamos a todos os tipos de posições em nossas fantasias sexuais. Se você quer que um homem olhe para você, use um par de sapatos com salto agulha de dez centímetros, eu juro.

Conforme meus olhos continuavam medindo-a da cabeça aos pés, um problema, pode-se dizer,

surgiu. Embora minha mente reconheça que Kate Brooks seja agora minha rival, meu pênis, pelo visto, ainda não entendeu isso.

Sua reação mostra que ele ainda quer fazer amizade.

No mesmo momento, imagino a senhorita Gurgle, minha professora de Ciências da quinta série. Ela era muito feia. Uma lutadora aposentada – mas não aquelas que usam biquínis. Ela tinha uma verruga tão grande em sua bochecha direita que tínhamos certeza que era a cabeça de uma irmã gêmea. Era nojenta, mas estranhamente hipnótica ao mesmo tempo – era impossível não olhar. Quando ela falava, a verruga se mexia, como uma tigela cheia de gelatina.

Eu tremo um pouco, mas logo volto ao normal. Tudo está limpo lá embaixo.

– Saul Anderson está chegando à cidade no mês que vem – eu digo algo, finalmente.

Ela ergue as sobrancelhas.

– Saul Anderson? Sério?

– Sério – digo a ela, de maneira formal. Não vou mais satisfazê-la. – Meu pai gostaria que você preparasse uma apresentação de simulação. Um ensaio, como se fosse conquistar um cliente de fato. Ele acha que é um bom modo pra você praticar.

Eu sei, eu sei… você me acha um cafajeste. Não estou dando a ela nem uma pequena chance. Bem, supere isso. São negócios. E nos negócios – como em uma guerra –, vale tudo.

Presumo que ela vá ficar empolgada. Presumo que ela vá ficar agradecida. Ela não fica de nenhum desses jeitos.

Seus lábios se apertam com força, e sua expressão se torna séria.

– Praticar, é?

– Isso. Não é nada de mais, não precisa se esforçar muito. Só monte algo pra ele. Uma especulação.

Ela cruza os braços na frente do peito, e balança a cabeça para o lado.

– Isso é interessante, Drew. Levando em conta que seu pai acabou de me contar que ainda não decidiu quem vai ficar com o Anderson. Que ficaria entre você ou eu, dependendo de quem montasse a estratégia mais fascinante. Do jeito que ele me explicou, parecia um negócio bem importante.

Oh-oh.

Quando tinha doze anos, Matthew e eu roubamos uma revista *Hustler* de uma loja de conveniências. Meu pai me pegou com ela no quarto antes que pudesse escondê-la embaixo do meu colchão. A expressão em meu rosto agora é bem parecida com a daquele dia.

Fui pego.

– Vamos jogar sujo, então? – pergunta ela, olhando suspeita.

Eu encolho meus ombros.

– Não cante vitória antes do tempo, querida. Anderson será meu. Meu pai só está te jogando um osso.

– Um osso?

– Sim. Você está puxando o saco dele desde que entrou aqui. Estou surpreso que ele ainda consiga andar reto. Ele acha que assim vai conseguir te manter um pouco longe dele.

Sempre ataque antes – lembre-se disso também. O time que pontua primeiro? Ele costuma ser sempre aquele que ganha. Pesquise sobre isso, se não acredita em mim.

Sim, estou tentando abalar a confiança dela. Sim, estou tentando colocá-la para fora do jogo.

Processe-me.

Eu te contei minha história. Como cresci. Nunca tive que dividir meus brinquedos, e não pretendo dividir meus clientes.

Pergunte para qualquer criança de quatro anos – dividir é um saco.

Seu tom de voz é letal, afiado como a porra de uma faca.

– Se vamos trabalhar juntos, Drew, acho que devemos deixar algumas coisas claras. Não sou sua querida. Meu nome é Kate. Katherine. Use-o. E eu não sou puxa-saco. Não preciso ser. Meu trabalho já me garante. Minha inteligência, minha determinação, isso tudo fez com que seu pai me notasse. Claramente ele também acha que isso falta em você, já que está me considerando para o Anderson.

Ai. Ela pegou bem no ponto fraco, certo?

– Também sei que as mulheres devem se jogar em você pra conseguir sua atenção e algum de seus sorrisos charmosos – ela continua –, mas isso não vai acontecer comigo. Não pretendo ser uma de suas fãs ou mais uma em sua lista, então pode guardar suas frases, seu sorriso, suas besteiras pra outra pessoa.

Ela se levanta e coloca as mãos na beirada da minha mesa, debruçando-se.

Ei, você sabe que, se eu me aproximar um pouco mais, consigo ver por baixo da blusa dela. Adoro essa parte em uma mulher. Aquele vale entre seus…

Pare com isso!

Mentalmente, me dou um tapa. E ela continua.

– Você está acostumado a ser o melhor aqui. Você está acostumado a ser *o homenzinho especial* do papai. Bom, agora há uma nova jogadora aqui. Lide com isso. Eu me esforcei muito pra conseguir este trabalho, e pretendo ser bem-sucedida nele. Você não gosta de dividir a atenção? Que pena. Você pode me dar um lugar na sua mesa ou eu posso pisar em você quando estiver no meu caminho. De qualquer jeito, pode apostar que vou conseguir chegar lá.

Ela vira para ir embora, mas depois me olha novamente, seus lábios curvados em um sorriso afetuoso.

– Ah, e eu desejaria boa sorte com Anderson, mas nem vou me preocupar. Toda a sorte do mundo não vai te ajudar. Saul Anderson é meu, *querido*.

Depois de tudo isso, ela se vira e sai do meu escritório, passando por Matthew e Jack, que estão parados na porta com suas bocas abertas.

– Bem… caramba – diz Matthew.

– Beleza, mais alguém está excitado neste momento? – pergunta Jack. – Sério, meu pau ficou duro com aquilo – ele aponta para a direção em que Kate foi. – Aquilo foi muito quente.

Foi quente. Kate Brooks é linda. Mas quando está irritada, ela fica espetacular.

Steven chega segurando uma xícara de café. Observando nossos rostos, ele pergunta:

– O quê? O que perdi?

Matthew, muito empolgado, diz para ele:

– Drew está perdendo o jeito. Ele acabou de ser ofendido verbalmente. Por uma mulher.

Steven acena de um jeito triste e diz:

– Bem-vindo ao meu mundo, cara.

Ignoro os Três Patetas. Minha atenção está voltada para o desafio que Kate acabou de me dar. A testosterona passando pelo meu corpo pede vitória. Não apenas uma conquista, mas um esmagamento – um pequeno nocaute completo incontestável não servirá.

Capítulo 5

Foi assim que começaram os Jogos Olímpicos do banco de investimentos. Gostaria de dizer que foi um campeonato maduro entre dois colegas profissionais e muito inteligentes. Gostaria de dizer que foi amigável.

Gostaria de… mas não farei isso. Pois estaria mentindo.

Lembra-se do comentário do meu pai? Que a Kate era a primeira a chegar e a última a sair? Ficou na minha cabeça a noite inteira.

Conseguir a conta de Anderson não significava apenas realizar a melhor apresentação ou aparecer com as melhores ideias. Isso era o que Kate achava – mas sabia que havia algo mais. Afinal, o homem é meu pai, compartilhamos o mesmo DNA. Era também sobre reconhecimento. Daquela pessoa que se dedicava mais. Daquela pessoa que merecia isso. Eu estava determinado a provar para meu pai que eu era "aquela pessoa".

Então, na manhã seguinte, cheguei uma hora mais cedo. Quando Kate chegou no escritório, não olhei por cima de minha mesa, mas percebi quando ela passou pela minha porta.

Viu a expressão no rosto dela? A pequena pausa em seus passos quando me viu? O olhar zangado que ela lançou quando percebeu que foi a segunda a chegar? Viu a raiva em seus olhos?

Com certeza, não sou o único jogador.

Então, na quarta-feira, chego no mesmo horário e encontro Kate digitando em sua mesa. Ela olha para cima quando percebe minha presença. Sorri animadamente. E acena.

Eu. Não. Acredito.

No dia seguinte, chego meia hora antes… e por aí vai. Está vendo o padrão aqui? Na sexta-feira, já estava entrando pela porta do escritório às quatro e meia.

Quatro e meia, porra!

Ainda está escuro. Quando me aproximo da porta do prédio, adivinha quem encontro, chegando ao mesmo tempo que eu?

Kate.

Consegue escutar o desdém em minha voz? Espero que consiga. Paramos e ficamos nos encarando, cada um segurando nas mãos o seu *cappuccino mocha* duplo, extragrande e com muita cafeína.

Isso lembra um pouco aqueles faroestes antigos, não é? Você sabe de quais estou falando – em que dois caras andam pela rua vazia ao meio-dia para um tiroteio. Se prestar atenção, você quase consegue escutar o grito solitário de um urubu ao longe.

Eu e Kate jogamos fora nossas bebidas e corremos para a porta ao mesmo tempo. No saguão, ela aperta furiosa o botão do elevador, enquanto eu corro para as escadas. Já que sou um gênio,

percebo que consigo pular três degraus de uma só vez. Tenho quase dois metros – pernas longas. O único problema disso, claro, é que meu escritório fica no quadragésimo andar.

Idiota.

Quando finalmente chego a nosso andar, ofegante e suado, vejo Kate se apoiando devagar na porta de seu escritório, já sem seu casaco e segurando um copo de água. Ela me oferece, junto àquele seu sorriso fascinante.

Isso me faz querer beijá-la e estrangulá-la ao mesmo tempo. Nunca fui fã de sadomasoquismo. Mas estou começando a ver suas vantagens.

– Aqui está. Parece que você precisa disso, Drew – ela me dá o copo e vai embora. – Tenha um bom dia.

Claro.

Lógico, terei.

Pois já está começando *muito* bem.



Tenho certeza de que já falei isso antes, mas vou repetir só para ficar claro. Para mim, o trabalho vem antes do sexo. Toda vez. Sempre.

Exceto nas noites de sábado. Noite de ir para o bar. Noite dos homens. Noite de comer mulheres maravilhosas. Apesar da minha nova atividade no trabalho, disputando Anderson com Kate, minha noite de sábado nunca muda. É sagrada.

O quê? Você quer que eu fique completamente louco? Muito trabalho e nenhuma diversão faz com que Drew se torne um garoto mal-humorado.

Então, naquela noite de sábado me encontro com uma morena divorciada em um bar chamado Rendez-vous. Tenho tido uma preferência por morenas durante as últimas semanas.

Mas você não precisa ser o Sigmund Freud para saber o que isso significa.

De qualquer modo, é uma ótima noite. Mulheres divorciadas têm muita raiva reprimida – muita frustração enterrada –, isso nunca falha em se traduzir em uma trepada boa, longa e intensa. É exatamente o que estou procurando e o que preciso.

Mas, por alguma razão, no dia seguinte continuo tenso. Irritado.

É como se tivesse pedido à garçonete uma cerveja e ela tivesse me trazido um refrigerante. Como se tivesse comido um sanduíche, quando o que queria era um bom bife suculento. Estou cheio. Mas longe de estar satisfeito.

Naquele momento, não sei por que me sinto assim. Mas você deve saber, certo?



Para fazer meu trabalho adequadamente, preciso de livros – muitos livros. As leis, os códigos e as legislações do que faço têm muitos detalhes e são alterados com frequência.

Para minha sorte, minha empresa tem a maior coleção da cidade de bons materiais de referência. Claro, com exceção talvez da biblioteca da cidade. Mas já viu aquele lugar? É como se fosse a porra de um castelo. Demora muito para você encontrar onde está algo e, quando encontra, já está emprestado. A biblioteca particular da minha empresa é muito mais conveniente.

Então, na tarde de terça-feira, estou trabalhando em minha mesa com as referências citadas acima, quando quem resolve dar o ar da graça?

Sim – a adorável Kate Brooks. Ela está ainda mais deliciosa hoje.

Sua voz está hesitante.

– Oi, Drew? Estou procurando pela *Análise técnica dos mercados financeiros*, mas não está na biblioteca. Está com você? – ela morde os lábios do jeito adorável que faz quando está nervosa.

O livro em questão está, na verdade, em minha mesa. Já estou quase terminando de usá-lo. Poderia ser um homem melhor – uma boa pessoa – e dá-lo a ela.

Mas você acha mesmo que vou fazer isso? Não aprendeu nada em nossas últimas conversas?

– Sim, na verdade, está comigo – digo a ela.

Ela sorri.

– Ah, ótimo. Quando você acha que vai terminar de usá-lo?

Olho para o teto, como se estivesse pensando.

– Não tenho certeza. Daqui a quatro… talvez cinco… semanas.

– Semanas? – pergunta ela, encarando-me.

Consegue perceber que ela está irritada?

Sei o que está pensando. Se um dia eu quiser – após o negócio com Anderson terminar por completo – fazer a Kate ver estrelas, por que não tento ser um pouco mais legal com ela? E você tem razão. Isso faz sentido.

Mas o esquema com o Anderson ainda não terminou. E como disse antes – isso, meus amigos, é uma guerra. Estou falando de uma guerra sem regras, mortal, mesmo que seja contra uma garota.

Você não daria uma bala para um atirador que tem uma arma apontada para sua testa, daria?

Além disso, Kate fica muito gostosa quando está nervosa, por isso eu não perderia esta chance de vê-la furiosa mais um vez, só para meu prazer. Aprecio ela de cima a baixo, enquanto falo, antes de lhe mostrar meu sorriso infantil registrado, ao qual quase todas as mulheres não conseguem resistir.

A Kate, é claro, não é uma dessas mulheres. *Vai entender*.

– Bem, caso você peça com carinho… e aperte meu ombro enquanto estiver fazendo isso… posso ser convencido a te entregar o livro agora.

A verdade é que nunca pediria algo parecido com um favor sexual em troca de algo relacionado a trabalho. Sou muitas coisas. Mas um cafajeste irresponsável não é uma delas.

No entanto, aquele último comentário com certeza poderia ser considerado um caso típico de

assédio sexual. E se Kate contar ao meu pai que eu disse isso a ela? *Puta merda*, ele me demitiria na hora, eu estaria ferrado. E depois ele seria capaz de me dar uns tapas na bunda para eu aprender.

Estou em uma situação complicada. Mas, ainda que a possibilidade exista, estou 99,9% seguro de que Kate não vai me dedurar. Ela é muito parecida comigo. Quer ganhar. Quer me derrotar. E ela quer fazer tudo isso sozinha.

Ela põe suas mãos no quadril e abre a boca para me atacar – provavelmente, vai me dizer onde eu devia enfiar meu livro. Dou um passo para trás com um sorriso divertido, esperando ansioso pela explosão… que não acontece.

Ela vira a cabeça, abre a boca e diz:

– Sabe de um coisa? Esquece.

E então sai pela porta.

Hein?

Ficou sem graça, não é? Foi o que eu achei.

Espere para ver.



Algumas horas depois, estou na biblioteca procurando por um livro enorme chamado *Rede bancária comercial e de investimentos e os mercados internacionais de capital e crédito*. Todos os livros do *Harry Potter* caberiam em um capítulo deste danado. Examino as prateleiras onde ele deveria estar – mas o livro não está lá.

Outra pessoa deve estar com ele.

Portanto, começo a procurar um volume bem menor, mas tão importante quanto, chamado *Legislação de administração de investimentos, quarta edição*. Mas também não o encontro.

Que merda está acontecendo?

Não acredito em coincidências. Pego o elevador de volta ao quadragésimo andar e vou direto até a porta de Kate, que está aberta.

A princípio não a vejo.

Isso acontece porque pilhas de livros, altas e bem organizadas, estão ao redor de sua mesa. Umas três dúzias de livros.

Por um momento eu congelo, minha boca se abre e meus olhos se arregalam de espanto. Depois, começo a imaginar, inutilmente, como cinquenta quilos. Deve ter centenas e centenas de páginas nesta sala.

Em seguida, sua cabeça com cabelos pretos brilhantes emerge sobre o horizonte. Ela sorri de novo. Como um gato com um passarinho na boca.

Odeio gatos. Eles parecem endiabrados, não acha? Como se estivessem esperando você dormir para poder sufocá-lo com seus pelos ou mijar em sua orelha.

– Oi, Drew. Você precisa de algo? – ela me olha com uma falsa boa vontade.

Ela tamborila os dedos em duas capas duras enormes.

– Você sabe… ajuda? Conselho? Instruções para a biblioteca pública?

Engulo minha resposta e lanço um olhar de reprovação para ela.

– Não, estou bem.

– Ah. Ok, ótimo. Tchau, então.

E então desaparece atrás de sua montanha literária.

Brooks: dois.

Evans: zero.



Depois disso, as coisas ficam desagradáveis.

Sinto vergonha em dizer que tanto eu quanto Kate estamos quase nos rebaixando à sabotagem profissional. Nunca fizemos nada ilegal, na verdade. Mas estamos próximos disso.

Cheguei um dia e todos os cabos do meu computador tinham sumido. Não houve nenhum dano permanente, mas tive que esperar uma hora e meia para o cara do departamento de TI vir colocar novos cabos.

No dia seguinte, Kate chegou e descobriu que "alguém" havia mudado todas as etiquetas de seus discos e arquivos. Para a sua informação, nada foi apagado. Mas ela teve que conferir quase todos para achar os documentos de que precisava.

Alguns dias depois, em uma reunião de equipe, eu "acidentalmente" derrubei um copo de água em algumas informações que Kate tinha conseguido para o meu pai. Informações que ela deve ter demorado umas cinco horas para reunir.

– Opa. Desculpe – eu digo, com um sorriso malicioso no rosto, mostrando como não estou nem um pouco arrependido.

– Sem problemas, senhor Evans – ela declara ao meu pai, limpando a sujeira. – Tenho outra cópia em meu escritório.

Que boa escoteira ela, não acha?

Mais tarde, quase na metade da mesma reunião, adivinha o que ela fez?

Ela me deu a porra de um chute! Na canela, embaixo da mesa.

– Hum – eu resmungo, e minhas mãos se fecham na mesma hora.

– Você está bem, Drew? – pergunta meu pai.

Eu apenas aceno e chio:

– Algo na minha garganta – enceno uma tosse.

Viu, não vou chorar para o papai também. Mas, *Deus do céu*, isso doeu. Já levou alguma vez um

chute na canela de um salto agulha de dez centímetros? Para um homem, há apenas outro local que dói mais quando se leva um chute.

É um lugar que não me atrevo a dizer o nome.

Após a dor na minha perna diminuir um pouco, escondo minha mão atrás de alguns papéis, enquanto meu pai fala. Então mostro meu dedo do meio para Kate. Eu sei que foi imaturo mas parece que agora ambos estamos agindo como crianças, então acho que não tem problema nenhum em fazer isso.

Kate debocha. Depois sussurra:

– *Bem que você gostaria.*

É – ela me pegou, agora, não é?



Estamos na reta final. Um mês de combate mortal se passou e amanhã é o prazo que meu pai nos deu. São onze da noite e, além do serviço de limpeza que está trabalhando no expediente noturno, Kate e eu somos os únicos no prédio.

Já fantasiei sobre isso um milhão de vezes. Apesar de que, na verdade, minha fantasia nunca imaginou nós dois separados, cada um em sua respectiva sala, um olhando para o outro pelo corredor – mostrando o dedo do meio.

Dou uma olhada e vejo-a revisando seus cartazes. O que ela está pensando? Estamos na Idade da Pedra? Quem ainda usa cartazes? O Anderson sem dúvida será meu.

Quando estava dando os toques finais na minha apresentação de slides, Matthew entrou em meu escritório. Ele está indo para os bares. Não se esqueça de que é uma noite de quarta-feira, e este é o Matthew. Há algumas semanas, eu também era assim.

Ele fica me olhando por um bom tempo sem dizer nada. Depois, senta-se na beirada da minha mesa e fala:

– Cara, faz essa porra logo.

– Sobre o que você está falando? – eu pergunto, mas meus dedos não param de digitar no teclado.

– Tem se olhado no espelho ultimamente? Você precisa ir lá e resolver isso logo.

Agora ele começou a me irritar.

– Matthew, que merda você está querendo dizer?

Mas tudo o que ele responde é:

– Já assistiu *A guerra dos Roses*? Quer ficar daquele jeito?

– Tenho trabalho pra fazer. Não tenho tempo pra isto agora.

Ele joga suas mãos para cima.

– Beleza. Eu tentei. Quando encontrarmos vocês dois no saguão, embaixo do candelabro caído,

vou dizer pra sua mãe que eu tentei.

Eu paro de digitar.

– Do que você está falando?

– Sobre você e a Kate. Tá na cara que você sente algo por ela.

Olho para o escritório dela, quando ele fala seu nome. Ela não olha.

– Sim, eu realmente *sinto algo* por ela. Uma antipatia enorme. Não nos suportamos. Ela é importuna. Eu não a comeria, nem que fosse a última mulher no mundo.

Ok, isso não é verdade. Eu, *com certeza*, a comeria. Mas não gostaria.

Está bem – você está certa. Isso também não é verdade.

Matthew senta na cadeira do outro lado da minha mesa. Ele está me encarando de novo. Depois suspira e diz, como se fosse algum tipo de revelação totalmente inspiradora:

– Sally Jansen.

Olho para ele sem entender.

Quem?

– Sally Jansen – ele repete e depois esclarece –, terceiro ano.

A imagem de uma garotinha com tranças castanhas e óculos grossos vem à minha mente.

Eu aceno.

– O que tem ela?

– Ela foi a primeira garota que amei.

Espera. O quê?

– Você não a chamava de Sally Fedida?

– Sim – ele acena, enfático. – Sim, eu chamava. Mas eu amava ela.

Continuo confuso.

– Você não fez com que todos no terceiro ano a chamassem de Sally Fedida?

Ele acena mais uma vez e, tentando se mostrar sábio, diz:

– O amor faz com que a gente faça algumas coisas idiotas.

Também acho, porque…

– Sally não tinha que sair mais cedo da escola duas vezes por semana pra ir ao psicólogo porque você amolava muito a coitada?

Ele faz uma pausa para refletir um pouco.

– Sim, é verdade. Sabe, Drew, há uma linha tênue entre o amor e o ódio.

– Sally Jansen também não mudou de escola depois daquele ano, pois…

– Olha, o que importa aqui, cara, é que eu gostava daquela menina. Amava. Achava ela demais. Mas não sabia lidar com aqueles sentimentos. Não sabia expressá-los direito.

Matthew não costuma demonstrar este sentimentalismo.

– Então, em vez disso, você resolveu zombar com a cara dela? – pergunto.

– Infelizmente, sim.

– E o que isso tem a ver comigo e com a Kate?

Ele para por um momento e depois me olha… daquele jeito. O leve movimento de sua cabeça, a careta triste de frustração. Aquele olhar é pior do que o de uma mãe se sentindo culpada, eu juro.

Ele levanta, dá um tapa em meu braço e diz:

– Você é um cara esperto, Andrew. Você vai descobrir.

Depois disso, ele sai.

Sim, sim, eu sei o que Matthew estava tentando dizer. Eu entendi, tudo bem. E te digo – de verdade –, ele é louco.

Não discuto com Kate por gostar dela. Faço isso porque sua existência está ferrando com a trajetória da minha carreira. Ela é uma chata. Uma mosca na minha sopa. Um pé no saco. Tão chata quanto aquela abelha que me mordeu na bochecha esquerda no acampamento de verão, quando tinha onze anos.

Claro, ela seria uma ótima transa. Eu daria uma volta no bonde da Kate Brooks a qualquer momento. Mas não seria nada além de uma boa transa. Isso é tudo, pessoal.

O quê? Por que você está me olhando desse jeito? Você não acredita em mim?

Então você está tão fora de si quanto Matthew.

Capítulo 6

Pressão é uma coisa engraçada. Faz algumas pessoas surtarem, como aquele aluno do MIT, que decidiu matar metade do corpo estudantil, com um rifle de longo alcance, por ter tirado B+ na prova final. Também faz com que algumas pessoas falhem. Já ouviu falar de Jorge Posada? A pressão faz com que algumas pessoas caiam. Desmoronem. Congelem.

Não sou igual a essas pessoas. Funciono sob pressão. Ela me induz, me leva ao sucesso. É meu elemento. Como um peixe na água.

No dia seguinte, vou trabalhar animado e bem cedo. Vestido para matar, com cara de confiante.

É hora do show.

Kate e eu chegamos à sala do meu pai às nove da manhã em ponto. Não consigo não dar uma olhada nela. Ela parece bem. Confiante. Empolgada. Aparentemente, ela reage ao estresse da mesma maneira que eu.

Meu pai nos explica que Saul Anderson ligou para avisar que chegaria à cidade antes do previsto. Amanhã à noite.

A maioria dos empresários faz isso. Adianta suas reuniões de última hora. É um teste. Para ver se você está preparado. Para ver se você consegue lidar com o inesperado. Sorte minha – eu estou e posso.

Então, começamos. Insisto que as damas sejam as primeiras.

Assisto à apresentação de Kate como uma criança observa um presente na árvore de Natal. Ela não sabe disso, claro. Minha cara é a indiferença em pessoa. No entanto, por dentro, mal posso esperar para ver o que ela conseguiu fazer.

Não estou frustrado. Não fale para ninguém que eu disse isso – vou negar até a morte –, mas Kate Brooks é incrível. Quase tão boa quanto eu.

Quase.

Ela é direta, clara e muito persuasiva. Os planos de investimento que apresenta são únicos e criativos. Destinados a renderem muito dinheiro. Seu único ponto fraco é que ela é nova. Ainda não tem os contatos necessários para fazer com que suas propostas aconteçam. Como já disse, uma parte deste negócio – uma grande parte – é ter os contatos certos. Ter as informações sigilosas e os segredos sujos que pessoas de fora não conseguem acessar. Portanto, embora as ideias de Kate sejam poderosas, elas não são totalmente viáveis. Não são vencedoras.

Agora é minha vez.

Por outro lado, minhas propostas são sólidas para cacete. As empresas e os investimentos que apresento são bem conhecidos e seguros. Falando em benefícios, meus lucros projetados não são tão altos quanto os de Kate, mas são verdadeiros. Fidedignos. Seguros.

Após minha conclusão, sento-me ao lado de Kate no sofá. Está nos vendo lá? As mãos de Kate estão cruzadas em seu colo, está com a postura reta, e mostra um sorriso confiante e satisfeito em seus lábios. Eu me inclino no sofá, minha postura é relaxada, com um sorriso de confiança semelhante ao dela.

Você aí fora que me acha um bosta, observe com atenção. Você vai amar esta parte.

Meu pai limpa sua garganta e posso ver um brilho de empolgação em seus olhos. Ele esfrega as mãos e sorri.

– Sabia que meus instintos estavam certos desta vez. Não consigo descrever como estou impressionado com as coisas que vocês me trouxeram. E está óbvio quem deve seguir em frente com o Anderson.

Ao mesmo tempo, Kate e eu trocamos um sorriso malicioso, com um ar triunfante em nossos rostos.

Espere só…

– Você dois.

A ironia é mesmo um pé no saco, não é?

Nossos olhos se voltam para meu pai e nossos sorrisos desaparecem mais rápido do que um cometa. Nossas vozes surpresas falam ao mesmo tempo.

– O quê?

– Como assim?

– Com seu talento artístico para investir, Kate, e seu know-how sólido, Drew, vocês dois serão perfeitos juntos. Uma equipe imbatível. Os dois podem trabalhar na conta. Quando ele fechar conosco, vocês podem compartilhá-lo, a carga de trabalho e os bônus, meio a meio.

Compartilhá-lo?

Compartilhá-lo?

Será que o velho enlouqueceu de vez? Será que eu pediria para ele compartilhar algo que ele se matou para fazer? Ele deixaria alguém dirigir seu Mustang conversível vermelho de 1965? Ele abriria a porta do quarto e deixaria outro homem transar com sua esposa?

Tudo bem, fui muito longe. Retiro o que disse – levando em conta que sua esposa é minha mãe. Esqueça que já mencionei minha mãe e a ação de transar na mesma frase. Isso está… errado. Em muitos níveis.

Mas, pelo amor de Deus, diga que você me entende.

Meu pai deve ter finalmente olhado para nossas caras, pois pergunta:

– Isso não será um problema, certo?

Abro minha boca para lhe contar o quão grande é este problema. Mas Kate passa na minha frente.

– Não, senhor Evans, claro que não. Problema algum.

– Maravilhoso – ele bate palmas e se levanta. – Tenho um jogo de golfe daqui uma hora, então vou deixar na mão de vocês. Vocês têm até amanhã à noite para coordenar suas propostas. Anderson estará no La Bernadin às sete.

Em seguida, ele me dá um olhar fatal:

– Eu sei que você não me decepcionará, Andrew.

Merda.

Não importa que você tenha sessenta anos, quando um pai fala seu nome inteiro, ferra com seus argumentos contra ele.

– Não, senhor, não irei.

E, assim, ele sai. Kate e eu ficamos sentados no sofá, nossas expressões estão atordoadas, como sobreviventes de um ataque nuclear.

– "Não, senhor Evans, claro que não" – resmungo. – Será que dá pra ser um pouco mais puxa-saco?

Ela sussurra.

– Cala a boca, *Andrew*.

Depois, suspira:

– O que vamos fazer agora?

– Bem, você podia fazer o que é certo e desaparecer – claro, como se isso fosse acontecer.

– Pode ir sonhando.

Eu sorrio maliciosamente.

– Na verdade, sonho com você se debruçando em algo… não desaparecendo.

Ela faz um som de repulsa.

– Você consegue ser mais nojento?

– Estou brincando. Por que você tem que ser tão séria o tempo todo? Você devia aprender a não ficar brava por causa de uma piada.

– Eu aguento uma piada – ela me diz, parecendo ofendida.

– Ah é? Quando?

– Quando a piada não é feita por um idiota infantil, que acredita ser um presente que Deus deu às mulheres.

– Não sou infantil.

Mas um presente de Deus? Meu histórico prova tudo.

– Ah, vá se foder!

Preferia foder outra coisa.

– Ótima resposta, Kate. *Bem* madura.

– Você é um babaca.

– Você é uma… uma Alexandra.

Ela para por um segundo e me olha sem entender nada.

– O que isso significa?

Pense sobre isso. Isso irá te atingir.

Esfrego minha mão em meu rosto.

– Beleza, olhe, isso não vai nos levar a lugar nenhum. Estamos ferrados. Nós dois ainda queremos Anderson e o único modo de consegui-lo é dar um jeito de trabalharmos juntos. Temos… trinta horas pra fazer isso. Topa ou não topa?

Seus lábios se apertam, mostrando absoluta determinação.

– Você está certo. Eu topo.

– Me encontre na minha sala daqui uns vinte minutos e aí começamos o trabalho.

Espero ela discutir comigo. Espero ela me perguntar por que temos que nos encontrar na *minha* sala – por que não podemos trabalhar na sala *dela* –, como uma dona de casa resmungona. Mas ela não faz nada disso.

Ela apenas diz: "Ok". E sai da sala para pegar o resto de suas coisas.

Estou surpreso.

Talvez isso não seja tão ruim quanto eu imaginava.



– É a ideia mais burra que já escutei!

Não, é muito pior.

– Pesquisei sobre o Anderson. Ele é antiquado. Não vai querer ficar na frente de um computador a noite inteira. Ele vai querer algo sólido, tangível. Algo que possa levar pra casa. É isso o que darei a ele!

– Esta é uma reunião de negócios multibilionária, não uma feira de ciências do quinto ano. Não vou entrar lá com a porra de um cartaz!

Já passa da meia-noite. Estamos em minha sala há pouco mais de doze horas. Com exceção destes pequenos detalhes, cada aspecto de nossa apresentação foi produzido, negociado e acordado.

Sinto-me como se tivesse acabado de negociar um acordo de paz.

Neste momento, Kate já está com seus cabelos soltos e sem sapatos. Estou sem gravata, com dois botões da camisa abertos. Nossa aparência podia fazer com que as coisas ficassem amigáveis – íntimas –, como aquelas noites de estudos na faculdade.

Se não estivéssemos tentando nos esganar, claro.

– Não estou nem aí se você concorda ou não concorda. Estou certa sobre isso. Vou trazer o

cartaz.

Eu me rendo. Estou muito cansado para brigar por causa de um papel.

– Beleza. Apenas… diminua um pouco.

Há algumas horas, pedimos comida e trabalhamos durante o jantar. Eu comi macarrão com frango, enquanto Kate preferiu um sanduíche de peru com batatas fritas. Por mais que odeie admitir isso, estou impressionado. Ficou claro que ela não é uma daquelas mulheres que fazem um juramento de que "podem comer apenas salada na frente do sexo oposto". Quem falou isto para elas? Até parece que um cara contaria a seu amigo: "Cara, ela era muito feia, mas depois que vi ela mastigando aquela alface, eu tinha que comê-la".

Nenhum homem quer transar com um esqueleto – e jantar biscoito e um copo d'água, como um prisioneiro de guerra, não é nada atraente. Isso só nos faz pensar como você ficará irritante mais tarde, pois estará morta de fome. Se um cara estiver a fim de você? Um cheeseburger delicioso não vai espantá-lo. Mas e se ele não estiver a fim? Ingerir todas as verduras de uma fazenda não o fará mudar de opinião, acredite em mim.

Agora, de volta à batalha real.

– Sou eu quem vai falar – eu a aviso com firmeza.

– Não, de jeito nenhum!

– Kate…

– Essas são minhas ideias e sou eu quem vai apresentá-las!

Ela deve estar tentando me enlouquecer de propósito. Ela está tentando fazer com que eu perca a cabeça. Deve estar torcendo para que eu me jogue da janela, só para me livrar dela. Aí terá o Anderson só para ela.

Bem, seu esqueminha maquiavélico não vai funcionar. Vou me manter calmo. Vou contar até dez. Não vou deixar Kate me abalar.

– Saul Anderson – eu digo – é um empresário antiquado. Você mesma acabou de dizer. Ele vai querer conversar com outro *empresário*, não com alguém que ele vê como uma secretária de sorte.

– Este é o comentário mais machista que já ouvi. Você é nojento!

A calmaria desaparece rapidamente.

– Não disse que *eu* penso desse modo, disse que *ele* pensa assim! Céus!

E é verdade. Não me importo o que você está levando em suas calças ou em que time você joga. Um pau, uma boceta, ou ambos – para mim é tudo igual. Contanto que você faça seu trabalho direito, é isso o que importa. No entanto, Kate parece determinada em pensar o pior de mim.

Passo minhas mãos pelos cabelos para me livrar um pouco da frustração que me faz querer sacudi-la.

– Olha, é assim que as coisas funcionam. Tentar fingir que alguns estereótipos não existem, não vai fazer com que eles sumam. Temos uma chance maior em conseguir o Anderson se você me deixar falar.

– Eu disse não! Não me importo com o que você pensa. Com certeza, não.

– Céus, você é tão teimosa. Parece uma mula irritada na menopausa!

– Eu sou teimosa! Eu sou teimosa? Bem, talvez eu não precisasse ser assim se você não fosse o maníaco-por-controle-mor!

Ela está certa sobre a coisa do controle. Mas o que posso dizer? Gosto das coisas feitas do jeito certo – do meu jeito. Não vou me desculpar por isso, ainda mais para a Senhorita Certinha.

– Pelo menos eu sei o momento certo de ceder, ao contrário de você. Você anda por aí como uma perfeccionista tensa sob efeito de anfetaminas!

Neste momento, ambos estamos em pé, a menos de um passo um do outro, nos encarando. Sem os saltos de Kate, sou muito mais alto, mas ela não parece se intimidar com isso.

Ela me cutuca no peito quando argumenta.

– Você nem me conhece. Não sou tensa.

– Ah, por favor. Nunca vi uma pessoa precisar transar tanto como você. Não sei o que seu noivo está fazendo contigo. Mas o que ele estiver fazendo, não está fazendo direito.

Sua boca se abre, formando um grande O, diante do meu insulto contra seu noivo. De canto de olho, vejo sua mão vindo em minha direção, pronta para me dar um tapa no rosto.

Não é a primeira vez que uma mulher tentou me dar um tapa. Isso não te surpreende, certo?

Agindo como um profissional, seguro seu pulso antes que ela toque minha bochecha e abaixo seu braço.

– Caramba, Kate, pra uma mulher que diz não querer trepar comigo, você está com muita vontade de ter algum contato físico.

Ela levanta a outra mão para tentar me bater pelo outro lado, mas eu a bloqueio de novo e agora estou prendendo suas duas mãos em seus quadris. Eu sorrio maliciosamente.

– Precisa melhorar, querida, se você quiser um pedaço meu.

– Eu te odeio! – ela grita para mim.

– Eu te odeio mais! – eu rebato.

Reconheço que esta não foi minha melhor resposta, mas foi o melhor que consegui fazer nas atuais circunstâncias.

– Ótimo!

É a última palavra que ela diz.

Antes da minha boca se encostar na dela.

E nossos lábios se chocarem.

Capítulo 7

Já beijei centenas de garotas. Não, na verdade, foram milhares. Só me lembro de algumas delas. Mas este beijo? Este eu não vou esquecer tão cedo.

Ela tem gosto de… *minha nossa*, nunca usei drogas, mas imagino que, quando se usa cocaína ou se injeta heroína pela primeira vez, o gosto deve ser o mesmo. Muito viciante.

Nossos lábios se chocam e se separam, cheios de raiva e molhados.

Não consigo parar de tocá-la. Minhas mãos estão em todos os lugares: em seu rosto, em seu cabelo, pelas suas costas, pegando em seus quadris. Puxando-a para mais perto, com muita vontade de sentir mais partes dela – querendo que ela sinta o que está me provocando.

Precisando de ar, arranco minha boca da dela e ataco seu pescoço. Eu me alimento dela, como um homem faminto. E é exatamente como me sinto com ela – esfomeado. Eu inalo na mesma hora em que lambo, chupo e mordo todo o trajeto do seu queixo até a orelha.

Ela está resmungando de modo incoerente, mas compreendo. O som de sua voz, selvagem e sensual, me faz gemer. E seu perfume. *Deus do céu*, ela tem cheiro de… flores e açúcar. Como uma daquelas rosas de confeito no topo de um bolo.

Muito deliciosa.

E suas mãos também não ficam à toa. Ela agarra meus bíceps, e o calor de suas mãos entra em minha camisa. Ela arranha minhas costas com as unhas, passa os dedos por baixo da minha calça, primeiro tocando levemente minha bunda e depois a apertando.

Estou morrendo. Estou queimando. Meu sangue está como a porra de uma chama e sinto como se fôssemos virar fumaça antes de irmos para o sofá. Kate ofega quando eu envolvo sua orelha em minha boca e deslizo minha língua por ela.

– Drew? Drew, o que estamos fazendo?

– Não sei – eu gemo com uma voz rude – apenas… não pare de me tocar.

Ela não para.

Estou de volta à sua boca. Mergulho minha língua na dela, deslizando-a do mesmo modo que estou morrendo de vontade de fazer com o meu pau em seu corpo úmido e receptivo. Sinto seu quadril encostar-se ao meu. E o que restou de sangue em meu corpo desce, deixando meu pau mais duro do que nunca.

Semanas de desejo e frustração estão transcorrendo por mim. Já escovei meus dentes com Colgate por muito tempo – e detestava o gosto.

– Você tem noção do quanto quero isso? Do quanto quero você? Kate… sonhei com isso… implorei por isso. Você me deixa… ah, não consigo… me cansar de você.

Suas mãos estão em meu peito agora, esfregando-o, arranhando-o e passando pelo meu abdome,

até que uma mão se esfrega na parte da frente da minha calça, e eu gemo sentindo um prazer agonizante e puro. Antes que possa respirar, ela está alisando meu pau por dentro da minha calça, e eu empurro para frente. Qualquer semelhança com controle ou sutileza não existe mais.

Minhas mãos vão até seus peitos e ela arqueia suas costas, deixando-os mais próximos. Eu os aperto, e ela geme novamente. Olho onde sei que seus bicos estão, frustrado por ter sua blusa e seu sutiã no caminho. Quero puxar e beliscar aquelas belezinha até que fiquem bem durinhos. Sua boca está no meu pescoço, beijando-o, e eu levanto meu queixo.

Isso nunca aconteceu. Nunca me senti assim. Nunca senti algo tão forte por uma mulher, mesmo sendo uma mistura de raiva e cobiça.

– Drew… Drew, não posso fazer isso. Eu amo o Billy – ofega ela.

Sua confissão não me abala tanto quanto você acha. Ainda mais que, quando ela diz isso, ainda está com uma de suas mãos em meu pau. Suas ações dizem completamente o oposto do que ela fala. Mãos e quadris que estão me apertando, afagando, pedindo por mais.

– Está bem, Kate. Tudo bem. Ame o Billy. Case com ele. Apenas, por favor… apenas transe comigo.

Nem sei o que estou dizendo. Nem sei se o que falo tem algum sentido. Um pensamento, e apenas um, martela em minha cabeça como uma melodia primitiva:

Mais.

Coloco meu queixo mais para baixo, querendo sentir o gosto de sua boca de novo. Mas, em vez de seus lábios… toco sua mão. Abro meus olhos e vejo sua mão cobrindo minha boca com o intuito de me interromper. Seu tórax se expande, aumentando e diminuindo, em uma respiração forte e rápida.

Aí vejo seus olhos. Sinto-me como se tivesse levado um soco no estômago. Porque seus olhos estão abertos, cheios de pânico… e confusão. Tento dizer seu nome, mas sou abafado por sua mão.

Escuto-a soluçar ao dizer:

– Não posso fazer isso, Drew. Desculpe-me. Billy… este emprego… esta é minha vida. Minha vida inteira. Eu… eu não posso.

Ela está trêmula. De repente, toda minha vontade, meu desejo e meu pau duro ficam em segundo plano, por trás do desejo irresistível de querer consolá-la. Para dizer que está tudo bem. Tudo ficará bem.

Qualquer coisa. Falaria o que fosse preciso para mudar aquela expressão.

Mas ela não me dá a oportunidade. No momento em que retira sua mão de minha boca, ela corre. E some antes que eu possa fazer algo. Deveria ir atrás dela. Dizer a ela que não tem problema algum ela me interromper. Que isso não mudou – e não mudará – nada. Apesar de que é uma grande mentira, e sabemos disso, certo?

Mas eu não a segui, por uma simples razão: já tentou correr com um pau duro apontando para cima?

Não?

Bem, é praticamente impossível.

Eu me jogo no sofá e reclino minha cabeça. Olhando para o teto, aperto a ponta de meu nariz com meus dedos. Como uma coisa simples como sexo se tornou tão complicada? Também não sei.

Caramba, estou tão duro. Quero chorar – admito isso. Não tenho vergonha. Quero chorar, por causa da dor latejante em minha virilha que não vai ter nenhum alívio. A hipótese de sair e procurar uma substituta para Kate nem passa pela minha cabeça. Porque meu pau sabe o que meu cérebro está começando a aceitar.

Não há como substituir Kate Brooks. Não para mim. Não neste momento.

Olho para a barraca no meu colo. Aquela que não tem nenhuma indicação de que vai abaixar logo.

Esta será uma noite longa, muito longa.

Capítulo 8

No dia seguinte, Kate chega ao escritório depois das onze horas. Nem preciso te lembrar de que isso não é comum para ela.

Está me evitando. Sei disso, pois já fiz a mesma coisa em outras situações. Fugi discretamente para o outro lado do bar, quando reconheci uma de minhas ex-ficantes. Mas ser a pessoa evitada? É uma droga.

Não tenho o privilégio de falar com ela até as duas da tarde, quando entra apressada em minha sala – muito linda, por sinal. Seu cabelo está preso com grampos, Alexandra chamaria isso de coque francês. Ela está usando um vestido preto esvoaçante na altura dos joelhos, com casaco e sapatos altos pretos combinando.

Ela coloca sobre a mesa uma pequena pilha de cartazes; seus gráficos e diagramas reduzidos ao tamanho de um caderno, como combinamos.

– Tudo bem, você está certo. Você devia lidar com o Anderson. Ficarei como sua assistente.

Ela fala como se nada tivesse acontecido. Como se não tivesse estado em meus braços me fazendo pegar fogo nesta mesma sala, há apenas algumas horas. Está toda formal. Nada abalada. Isso me deixa irritado.

Muito.

Indiferença não é a reação que estou acostumando a receber das mulheres. Na verdade, é um pouco difícil de lidar com isso.

Sinto minha mandíbula contrair quando lhe falo:

– Ótimo. É o melhor a se fazer mesmo.

Agora, se você ainda não percebeu, não sou sensível e carinhoso. Não falo sobre meus sentimentos abertamente, como um daqueles loucos por natureza que vivem meditando. Mas esperei algo dela. Alguma confirmação do que aconteceu na noite passada – da atração que ainda está rolando entre nós. Pensei que ela falaria sobre isso.

Afinal, ela é mulher.

Como tudo que consigo é silêncio, não aguento esperar e começo.

– Kate, sobre a noite passada… Ela me corta.

– A noite passada foi um erro. Não acontecerá de novo.

Você sabe algo sobre psicologia infantil? Não? Bom, então aqui vai uma lição para você. Se disser para uma criança que ela não pode fazer algo, adivinha qual será a primeira coisa que ela fará quando você não estiver olhando? Exatamente.

Os homens agem do mesmo modo. Isso vai, *com certeza,* acontecer de novo. Mas ela não

precisa saber disso agora.

– Beleza.

– Bom.

– Ótimo.

Ela sussurra:

– Tudo bem.

A expressão *tudo bem* é engraçada, não acha? Não acredito que exista outra que signifique tanto, quando na verdade não quer dizer nada. Quantas esposas já disseram para seus maridos "Está tudo bem", quando na verdade queriam dizer "Quero cortar seu saco com um facão"? Quantos homens já falaram para suas namoradas "Tudo bem com sua aparência", quando na verdade queriam dizer "Você tem que voltar para a academia e malhar – muito". É o modo universal de falar apenas que estamos ótimos – quando, na realidade, é o oposto disso.

– Tudo bem – repito, olhando para os papéis em minha mesa.

Ela sai da sala, e eu passo os próximos dez minutos a observando, relembrando a noite passada diversas vezes.

Ei, você conhece outra expressão que signifique o oposto do que deveria?

Fodido.

É como vou ficar se não me concentrar e voltar com tudo às sete da noite.



Nossa reunião no jantar está no caminho certo. Embora eu tenha falado bastante, foi Kate quem conquistou Saul Anderson por completo. Se eu não estivesse tão mal-humorado, diria que ela está agindo como uma profissional experiente. Mas estou, então vou contar isso só para você.

Ela ri de alguma história que Anderson acabou de contar, antes de ele pedir licença para ir ao toalete. Tomo um gole do meu vinho, desejando que fosse uísque.

Kate se vira para mim, com um olhar empolgado.

– Isso está indo muito bem, não está? Ele parece muito interessado, não acha?

Encolho os ombros.

– Depende do que você está tentando vender pra ele.

– Do que você está falando? Estou nos vendendo. Nossa proposta, nossa empresa de investimentos.

Estou agindo como um imbecil – eu sei.

– Sério? Porque parece que você está oferecendo outra coisa pra ele.

– O que você quer dizer?

– Fala sério, Kate. Você estudou em Wharton. Acho que é capaz de entender o que estou

dizendo.

– Estou sendo completamente profissional…

– Você seria mais sutil se arrancasse a blusa e esfregasse seus peitos na cara dele.

Sim, isso foi desnecessário e estou pensando em pedir desculpas.

Mas, antes que eu pudesse juntar as palavras certas, um líquido bem gelado invade minhas calças e minha virilha. Ele vem do copo de água que Kate acaba de derramar no meu colo.

– Você pirou? – sussurro severamente, tentando não fazer alarde enquanto me levanto e tento limpar a mancha com um guardanapo.

– Está tudo bem aqui?

É Anderson. Ele voltou e está olhando para mim e para Kate. Eu balanço os ombros constrangido enquanto Kate sorri e diz para ele:

– Está tudo bem.

A tal expressão é usada de novo. Viu o que quis dizer?

– Drew teve apenas um pequeno contratempo com seu copo de água. Garotos, sabe, não se pode levá-los a qualquer lugar.

Anderson ri e se senta, enquanto começo a avaliar minhas chances de ser absolvido depois de estrangular Kate Brooks.



Uma hora depois, estamos aguardando o café e a sobremesa. Kate não está na mesa. Acho que a bexiga dela devia estar quase estourando para ela ter me deixado sozinho na mesa com Anderson.

Ele me observa por um momento e diz:

– Gostei do que vi aqui esta noite, Drew. Bem impressionante.

– Obrigado, Saul.

No mundo dos negócios, sempre use os primeiros nomes. Não é falta de respeito. Isso mostra que todos são iguais – que estão do mesmo lado. Isso é muito importante.

– Com base no que vocês me mostraram, estou pronto para dar o meu negócio à Evans, Reinhart e Fisher.

Sim! Estoure o champanhe, querida.

– Fico feliz em ouvir isso. Acho que este acordo será muito lucrativo para ambos, quer dizer, para todos nós – não posso me esquecer de Kate, certo? Como se ela me deixasse. – Você pode confiar totalmente na Kate e em mim. Não vamos te decepcionar.

Ele mexe na taça de cristal.

– Certo. Sobre isso. Antes de assinar, só tenho uma exigência.

Esse tipo de coisa sempre acontece. Não é nada de mais.

– Pode falar, Saul. Tenho certeza de que podemos lhe fornecer qualquer coisa que precisar.

– Fico feliz em saber disso. Então, por que você não pede para aquela sua linda garota, Kate, me levar os contratos no meu apartamento, hoje, por volta da meia-noite?

Ele me entrega um cartão de visitas, e sinto um nó no estômago.

Consegue sentir isso também?

– É aí que estou hospedado. Peça pra ela levar os papéis… sozinha.

Sabe, na TV, quando acontece um daqueles momentos chocantes e estranhos e tudo o que você consegue escutar são grilos no segundo plano?

Maldito barulhinho do caralho. Este é um daqueles momentos.

– Não tenho certeza de que eu…

– Ah, claro que você tem, Drew. Você sabe como isso funciona. Quando um homem fica trabalhando até tarde e precisa de um pouquinho… de conforto. De uma distração.

O que acha de eu meter a mão na sua cara, Saul? Isso serviria como uma distração?

– Essa sua garota é uma peça essencial. Meu negócio renderá milhões à sua firma. Isso sem falar nos clientes adicionais que vai conseguir depois que todo mundo ficar sabendo que estou trabalhando com você. Portanto, um servicinho após o expediente é um pequeno preço a se pagar, não acha?

Faz sentido – se você for doente, pervertido e tarado. Mas acha que isso importa? Lógico que não. Eu me levanto. Tenho medo do que posso fazer se tiver que olhar seu sorriso convencido de merda por mais um minuto.

Jogo uma dúzia de notas na mesa e digo a ele:

– Esse não é o tipo de negócio que fazemos. Se é este o tipo de acordo que está procurando, o lugar que procura fica a dez quarteirões, naquela direção. Não sou um cafetão e Katherine Brooks definitivamente não é uma prostituta. Esta reunião está encerrada.

Você não sente orgulho de mim? Eu sinto. Apesar do que eu disse não ter sido nada satisfatório, foi profissional – digno. Eu me comportei. Nem o chamei de safado, bundão e pervertido, como deveria ter dito. Palmas para mim.

Vou para o bar, no outro salão, enfurecido. Consegue ver a fumaça saindo das minhas orelhas? Não? Bem, está claro que você não está se esforçando para ver. Aquele cara é muito cara de pau. Sugerir que a Kate… ela é muito mais do que um rosto bonito. Ela é brilhante. É engraçada. E – ok, talvez ela não seja legal, tenho certeza de que ela seria se não me odiasse. De qualquer modo, ela merece muito mais – mais respeito – do que acabou de receber. Muito mais.

É quando a vejo, passando pelo bar para voltar à mesa, após sair do toalete. Ela me vê e caminha em minha direção, com um sorriso no rosto.

– Então, como foi? Ele aceitou, certo? Sabia, Drew! Logo que mostramos nossas projeções, sabia que ele já estava dentro. Também sei que não foi nada fácil trabalharmos juntos, mas acho que seu pai estava certo. Formamos uma ótima dupla, não acha?

Eu me contenho. Olho para sua mão em meu braço e depois para aqueles olhos inocentes e

doces e… não consigo fazer isso. Não posso contar para ela.

– Eu estraguei tudo, Kate. Anderson não se interessou.

– O quê? Como assim? O que aconteceu?

Olho para os meus sapatos de novecentos dólares.

– Eu ferrei tudo. Podemos só ir embora?

Quando a olho novamente, ela tem uma expressão confusa de simpatia no rosto. Até aqui, apenas contei que perdi a conta – nossa conta –, e não há um traço de raiva em sua expressão. Céus, sou tão idiota.

– Bem, vou falar com ele. Talvez consiga arrumar isso.

Balanço minha cabeça:

– Não, você não vai conseguir.

– Me deixe pelo menos tentar.

– Kate, espera…

Mas ela já está voltando para a mesa onde Anderson continua sentado.

Já esteve em uma rodovia, parado no trânsito? E quando você finalmente chega ao começo da fila, percebe que o engarrafamento ocorreu devido a um acidente? Talvez não um acidente feio – talvez apenas uma pequena colisão, que já foi movida para o acostamento da estrada. E todo aquele trânsito – todo aquele tempo perdido – está acontecendo porque todo motorista que passa na cena precisa diminuir a velocidade e dar uma olhada.

É ridículo, não acha? E você jura que, quando passar, não vai olhar – questão de princípios. Mas quando chega ao local, e está passando pelas portas amassadas e luzes piscando e para-choques quebrados, o que você faz?

Você diminui a velocidade e olha. Você não queria, mas não consegue aguentar. É mórbido. Absurdo. Mas é a natureza humana falando mais alto. Observar Kate ir até Anderson parece o mesmo que olhar para o resultado de um acidente. Por mais que eu queira, não consigo desviar meus olhos.

Ela está parada próxima à cadeira dele, com um sorriso perfeito e profissional nos lábios. Se olhar com atenção, você verá o momento em que ela entende o que ele pede. Está vendo como seu sorriso congela? Sua sobrancelha se franze de leve, porque ela não consegue acreditar no que ele está sugerindo de fato. Ela fica tensa e insegura. Será que devia mandá-lo à merda? Será que devia apenas rir ou recusar educadamente? Enquanto isso se passa na cabeça de Kate, Anderson ergue o dedo – consegue ver o lodo pingando dele? – e o passa devagar por seu braço.

E é isso. Saio do transe. E vejo tudo vermelho. Brilhante, neon, vermelho tecnicolor Já assistiu Uma história de Natal? Lembra no final, quando Ralphie arrebenta o valentão? Espero que você tenha visto. Pois assim vai entender o que quero dizer quando digo que estou prestes a agir como o Ralphie com este filho da puta.

Eu me aproximo e entro na frente de Kate.

– Toque nela mais uma vez e vou te jogar por aquela vidraça. Seus pedaços vão ser recolhidos

na rua por vários dias.

Ele dá uma risadinha. Parecia um vilão de filme de terror.

– Acalme-se, filho.

Filho? Esse cara está mesmo falando sério?

– Sabe de uma coisa, Drew. Gosto de você.

Aí está uma ideia que muito me assusta.

– Preciso de um homem como você por perto – ele continua. – Alguém que não tenha medo de expressar sua opinião sincera. Pra me falar o que pensa de verdade. Parece que minha… exigência não será atendida. Mas vou assinar com vocês e com sua empresa, de qualquer jeito. O que acha disso?

Ele inclina sua cadeira e toma um gole de vinho. Está confiante de que eu vá esquecer tudo o que ele disse ou fez, só para eu poder colocar minhas mãos em seu dinheiro.

– Vou ter que recusar com um grande *não*, Saul. Veja bem, temos uma política na empresa: não fazemos acordos com filhos da puta prepotentes tomadores de Viagra que tentam usar seu poder para coagir mulheres, com idade para serem suas filhas, a dormir com eles. Vá espalhar sua merda em outro lugar. Não vamos cair na sua.

Estamos nos encarando como dois lobos em algum programa do Discovery Channel, quando ele diz:

– Pense com cuidado, filho. Você está cometendo um erro.

– Acho que o único erro que cometi foi perder meu tempo com você. Isso é algo que não pretendo fazer por mais nem um segundo. Fim de papo.

Em seguida, eu me viro para Kate e digo, gentilmente:

– Vamos embora.

Com minha mão em suas costas, vamos até a chapelaria. Ajudo Kate a vestir seu casaco. Apoio minhas mãos em seus ombros, pergunto:

– Você está bem?

Ela não olha para mim:

– Estou bem.

Certo. Sabemos o que isso significa, não é?



Para muitos homens, seus carros são como uma mulher perfeita. Podemos montá-los para ficar do jeito que queremos, podemos dirigi-lo bastante, sem reclamações, e também podemos trocá-lo com facilidade quando outro modelo, mais novo e jovial, aparecer. É praticamente o relacionamento perfeito.

Eu dirijo um Aston Martin V12. Não há muitas coisas neste mundo que amo, mas meu carro é

uma delas. Eu o comprei depois que fechei meu primeiro acordo. É uma beleza. Meu amorzinho. Não que você saiba disso, mas estou dirigindo-o neste momento. É o modo de dirigir típico de um homem mal-humorado. Apertando com força o volante, dando viradas fortes, paradas bruscas, buzinando por qualquer bobagem. Não paro pra pensar como minha atitude pode estar sendo interpretada por Kate, até que escuto sua voz vindo do banco do passageiro.

– Me desculpe.

Olho para ela rapidamente.

– Por que está se desculpando?

– Não foi minha intenção mandar aquele tipo de sinal, Drew. Nunca daria em cima de um cliente. Não percebi que…

Puta que o pariu.

Por que as mulheres sempre fazem isso? Por que elas logo se culpam quando alguém as trata mal? Um homem cortaria a língua antes de admitir que foi ele quem fez merda.

Quando tínhamos dezesseis anos, Matthew estava saindo com Melissa Sayber. Um dia, quando ele estava tomando banho, Melissa fuçou em sua gaveta de meias e encontrou recados de outras duas garotas com quem ele estava saindo na mesma época. Ela ficou louca. Mas sabe o que aconteceu? Quando Matthew terminou de conversar com ela – depois que ele se livrou das provas –, não só conseguiu convencê-la de que havia entendido tudo errado, como ela começou a se desculpar por ter mexido nas coisas dele. Inacreditável, não é?

Paro o carro no acostamento e olho para ela.

– Escute, Kate, você não fez nada de errado.

– Mas você disse, sobre minha blusa… e a cara dele…

Ótimo. Ela acha que estava se insinuando por causa do que eu disse. Perfeito.

– Não, eu estava agindo como um imbecil. Não quis dizer nada disso de verdade. Só queria te encher. Neste ramo, alguns homens são apenas metidos a besta. Eles estão acostumados a ter tudo o que querem, inclusive as mulheres.

Não quero ver as semelhanças entre Saul Anderson e eu. Mas é difícil não compará-las. Escutá-lo me fez sentir… um bosta… sobre o modo como tratei Kate nas últimas semanas. Meu pai queria que eu a ajudasse e a ensinasse. Em vez disso, deixei meu pau e meu ego competitivo conduzirem as coisas.

– Você é linda. Portanto, esta não será a última vez que isso vai acontecer. Você vai ter que ser durona. Não pode deixar ninguém tirar sua confiança. Você foi perfeita na reunião. Estou falando sério. Devia ter sido um golaço.

Ela me dá um sorrisinho.

– Obrigada.

Volto para a estrada e dirijo em silêncio. Até que ela diz:

– Uma bebida cairia superbem agora.

Seu comentário me surpreende. Não parece algo que Kate diria. Ela é certinha. Sem besteira. O tipo de mulher que raramente bebe, não come gordura trans e limpa atrás do sofá umas três vezes por semana. É aí que percebo que não sei muita coisa sobre a mulher ao meu lado, apesar de ela ter lugar cativo em meus pensamentos. Não sei muito mais sobre ela do que sabia quando a conheci, há algumas semanas, no REM.

Eu me surpreendo ainda mais quando admito que quero conhecê-la.

Até esse ponto em minha vida, conhecer uma mulher significa, para mim, descobrir se ela gosta de sexo devagar e doce ou intenso e safado – por cima, por baixo ou por trás. Mas as interações que tive com Kate são diferentes daquelas com quaisquer outras mulheres. *Ela é* diferente.

É como um cubo mágico. Às vezes é tão frustrante que você quer jogá-lo pela janela. Mas você não o joga. Você não consegue. Você tem que continuar jogando até conseguir desvendá-lo.

– De verdade? – pergunto.

Ela encolhe os ombros.

– Bem, sim. Foi uma noite tensa. Na verdade, foram algumas semanas tensas.

Sorrio e coloco meu bebê na quinta marcha.

– Conheço um lugar perfeito.

Não se preocupe. Não planejo enchê-la de álcool até que fique bêbada. Mas… caso ela fique bêbada e tente arrancar minhas roupas, no beco atrás do bar, não pense que vou impedi-la.

Deixando as brincadeiras de lado, este é um novo começo para Kate e para mim. Do zero. Serei um perfeito cavalheiro. Palavra de escoteiro.

Mas, já disse, nunca fui escoteiro.

Capítulo 9

– Quando foi a primeira vez que você ficou bêbado?

– Aos treze. Antes do baile da escola. Meus pais estavam viajando e minha acompanhante, Jennifer Brewster, achou que seria bem maduro tomar vodca com suco de laranja. Mas tudo que encontrei foi rum. Então tomamos rum com suco de laranja. Acabamos botando tudo para fora atrás da quadra. Até agora, quando sinto o cheiro de rum, me dá ânsia de vômito. Primeiro beijo?

– Tommy Wilkens. Sexto ano, no cinema. Ele colocou o braço ao meu redor e enfiou a língua na minha garganta. Não tinha ideia do que estava acontecendo.

Estamos jogando "Primeira e décima". Para quem não conhece este jogo com bebidas, vou explicá-lo. Uma pessoa pergunta a outra sobre a primeira vez que fez algo – sua primeira viagem à Disney, a primeira vez que transou *etc.* E a outra tem que contar sobre aquela primeira vez. Se ainda não tiver feito algo pela primeira vez – ou não responder –, têm que tomar a dose. Depois, os dois têm que te contar algo que *fizeram* pelo menos dez vezes. Quem de nós sugeriu este jogo? Já perdi as cinco primeiras rodadas. Não tenho ideia.

– Primeira vez que se apaixonou?

Aumente para seis rodadas. Pego minha vodca e viro o copo.

Estamos no canto escuro de um pequeno bar local chamado Howie's. É um lugar afastado, um pouco parecido com aquele bar do seriado *Cheers*. Os fregueses são tranquilos, ficam bem à vontade. Não é como os bares luxuosos e da moda de Manhattan, onde costumo passar minhas noites dos finais de semana. Apesar disso, gosto daqui. Com exceção do karaokê. A pessoa que inventou o karaokê é maligna. Ela devia levar um tiro no meio da testa com uma bala de ponta chata.

Kate ergue sua cabeça e me analisa.

– Você nunca se apaixonou?

Eu balanço a cabeça.

– Só os tolos amam, querida.

Ela sorri.

– Nada cínico, né? Então você não acredita que o amor exista?

– Não disse isso. Meus pais são casados há 36 anos e são muito felizes. Minha irmã ama o marido, e ele a idolatra.

– Mas você nunca?

Eu encolho os ombros.

– Só não consigo entender. É muito trabalho pra pouca recompensa. As chances de fazer dar certo por pelo menos alguns anos é de 50%, na melhor das hipóteses. Muito complicado pro meu

gosto.

Prefiro ser simples e direto. Trabalho, transo, como, durmo; aos domingos, almoço com minha mãe e jogo basquete com meus amigos. Sem esforço algum. Facilmente.

Kate se reclina na cadeira.

– Minha avó costumava dizer "se não for difícil, então não vale a pena". Além disso, você não se sente… solitário?

Naquele exato momento, uma garçonete peituda veio à nossa mesa e se inclinou, colocando a mão no meu ombro e o decote no meu rosto: – Precisa de mais alguma coisa, gatinho?

Aquilo responde à pergunta de Kate, né?

– Claro, querida. Pode nos trazer outra rodada de drinques?

Conforme a garçonete se afasta, os olhos de Kate encontram os meus antes de se desviarem para o teto.

– Enfim. Conte os seus dez.

– Já fiz sexo com mais de dez mulheres em uma semana.

Cancún. Férias escolares de 2004. O México é demais.

– Eca. Isso deveria me surpreender?

Abro um sorriso de orgulho.

– Isso surpreende a maioria das mulheres.

Chego mais perto, abaixo minha voz e esfrego o polegar vagarosamente nos dedos dela.

– Mas você não é como a maioria das mulheres, certo?

Ela umedece os lábios, seus olhos estão focados nos meus.

– Você está me paquerando?

– Com certeza.

A garota dos drinques traz nossas doses. Estalo meus dedos. Minha vez. Hora de ficar… íntimo.

– Primeira chupada?

Eu tentei. Segurei o máximo possível. Não conseguia mais resistir.

O sorriso some do rosto de Kate.

– Você tem sérios problemas. Sabia disso?

Parafraseando o filme *O clube dos cinco*, eu provoco:

– Fala sério, Claire, apenas responda a esta simples pergunta.

Kate pega seu drinque e o toma de uma vez só, surpreendentemente.

Estou chocado e assustado.

– Você nunca chupou ninguém?

Por favor, Deus, não deixe Kate ser uma daquelas mulheres. Sabe, aquelas frias, que não curtem aventuras, que não fazem *aquilo*. Aquelas que insistem em *fazer amor*, ou seja, que transam apenas na posição mamãe e papai. Por causa delas, homens como Eliot Spitzer e Bill Clinton arriscaram destruir suas carreiras políticas por estarem totalmente desesperados por sexo.

Ela recua enquanto a vodca queima em sua garganta.

– Billy não gosta de… sexo oral. Ele não gosta de fazer em mim, na verdade.

Ela deve estar bêbada. Nunca na vida Kate me diria isso se não estivesse completa e absolutamente bêbada. Ela esconde isso bem, não acha? Mas ainda não respondeu a minha pergunta.

Quanto ao noivo dela – ele é um paga pau, com o perdão do trocadilho. Minha mãe sempre me disse: "Se a pessoa vale a pena, então faça direito". Ok, ela não diz estas exatas palavras, mas você me entende. Se não estou disposto a chupar uma garota, então não estou comendo ela de verdade. Perdão se isso foi grosseiro, mas é a mais pura verdade.

Estamos falando da *Kate* aqui. Eu a comeria como café da manhã todos os dias da semana e duas vezes aos domingos. Não conheço um homem que não concordaria comigo.

Billy é um completo idiota.

– Então, já que ele nunca… você sabe. Ele não acha justo que eu faça nele. Então, não… eu nunca…

Ela nem consegue dizer isso. Tenho que ajudá-la.

– Caiu de boca? Chupou? Fez um boquete? Deu um trato nas bolas dele?

Kate cobre o rosto e dá uma risadinha. É a coisa mais adorável que já vi alguém fazer. Ela abaixa as mãos e dá um suspiro.

– Próximo. Meus dez. Estou com Billy Warren há mais de dez anos.

Engasgo a cerveja.

– Dez anos?

Ela concorda.

– Quase onze.

– Então vocês começaram a namorar quando você tinha…

– Quinze. Isso.

Corrija-me se estiver errado, ela está me contando, então, que nenhum homem a chupou? Não quero ser um chato, mas não consigo acreditar nisso. É o que ela está falando, certo?

Acho que vou chorar. Que porra de pecado. Poupe o cara do karaokê – guarde a bala para o namorado de Kate.

– Há quanto tempo vocês estão noivos?

– Há uns sete anos. Ele pediu minha mão uma semana antes de eu ir pra faculdade.

Aquelas duas frases me mostram o tipo de cara que o babaca do Billy é. Inseguro, ciumento e

pegajoso. Ele sabia que a namorada era boa demais para ele, que conheceria lugares novos e provavelmente o deixaria jogado às traças. Então, o que ele resolveu fazer? Pediu ela em casamento, deixando-a sem saída, antes de poder pensar melhor.

– É por isso que o anel é tão… você sabe… pequeno. Mas isso não importa pra mim. Billy trabalhou durante seis meses pra conseguir me dar um anel. Servindo mesas, cortando grama, se matando. Esta pequena pedra significa muito mais pra mim do que a pedra mais cara vendida na Tiffany.

Tais frases também me mostram exatamente o tipo de mulher que Kate Brooks é. Muitas das mulheres em Manhattan só pensam no glamour – a marca do carro, o nome na bolsa, o tamanho do anel. Superficiais. Vazias. Eu as conheço bem, pois já dormi com a maioria delas. No entanto, Kate é verdadeira, é autêntica. Prefere qualidade, não quantidade.

Na verdade, ela me lembra a minha irmã. Mesmo com todo o dinheiro a que sempre tivemos acesso, Alexandra não liga para marcas ou para o que os outros pensam. É assim que ela acabou ficando com um cara como Steven. Ele e Alexandra começaram a namorar no ensino médio, quando ele estava no primeiro ano e ela, no terceiro. Esse feito o tornou uma lenda no St. Mary's Prep. Até hoje, seu nome é reverenciado em seus corredores sagrados.

Como assim? Sim, estudei numa escola católica. Está surpresa? Não devia estar. Minha profanidade tem um certo sabor religioso, que só pode ser aprendido durante uma vida de educação católica. *Deus do céu… porra do inferno… Jesus, Maria e José… Nossa Senhora da porra… santa bosta* e isso foi apenas o que escutamos dos padres. Nem vou falar sobre as freiras.

Enfim – onde parei? Claro, Steven e Alexandra.

Steven não é o cara mais bonito, nem o mais amoroso. Ele não é um jogador, nunca foi. Então, como conseguiu conquistar um prêmio como a minha irmã, você quer saber?

Confiança.

Steven nunca duvidou de si mesmo. Nunca pensou por um segundo que não fosse bom o bastante para A Vaca. Ele se recusava a se sentir intimidado. Sempre mostrava aquela discreta autoconfiança pela qual as mulheres se sentem atraídas. Pois sabia que ninguém amaria a minha irmã como ele amava. Então, quando Alexandra foi para a faculdade alguns anos antes que Steven pudesse ir junto, ele ficou preocupado? Claro que não. Ele não tinha medo de perdê-la. Porque sabia, com absoluta segurança, que um dia ela voltaria. Para ele.

É claro que Billy Que-não-chupa Warren não tinha tanta certeza.



Duas horas depois, Kate e eu estávamos completamente bêbados. Consegue nos enxergar? Olhando para o palco, bebendo alguns goles de cerveja, meio fora do ar. Você pode descobrir muito sobre uma pessoa quando ela está bêbada, e eu aprendi demais sobre Kate. Quando ela bebe, se torna uma tagarela.

Acha que ela grita muito também? Deixa pra lá, esta parte vem depois.

A cidade natal de Kate é Greenville, em Ohio. Sua mãe ainda vive lá, cuida do restaurante da família. Parece ser um lugar típico do interior, onde os moradores tomam café da manhã antes de

irem para o trabalho e os adolescentes se reúnem após o jogo de futebol. Kate trabalhou como garçonete lá quando estava no ensino médio. Ela não falou de seu pai, e resolvi não perguntar. Além disso, apesar de ser a oradora de sua turma, ela costumava ser uma criança levada. Isso explica o porquê de ela aguentar álcool tão bem. Aparentemente, ela e o babaca passaram a juventude invadindo pistas de patinação após o expediente, roubando lojas e cantando em uma banda juntos.

Ah sim, isso é o que o imbecil ainda faz. Ele é músico. Você sabe o que isso significa, não é?

Isso mesmo – desempregado.

Por que Kate ainda está com aquele perdedor? Esta é uma pergunta que vale um milhão de dólares, crianças. Não sou arrogante. Não ligo se você trabalha em um posto de gasolina ou se é o gerente de uma loja. Se você é homem, você trabalha – e não se pendura em sua namorada.

– Karaokê é muito chato – resmungo, ouvindo a travesti loira terminar de cantar "I will survive".

Kate balança a cabeça.

– Ela… ele… não é tão ruim.

– Acho que minhas orelhas estão sangrando – gesticulo para os outros rostos letárgicos pelo bar. – E eles estão morrendo lentamente.

Kate dá um gole em sua cerveja.

– É a música errada para este tipo de lugar. A música certa os acordaria rapidinho.

– Você é doida.

Ela resmunga.

– Aposto que consigo.

– Até parece. A não ser que você esteja planejando fazer um striptease.

E isso, meninos e meninas, seria um show que eu não perderia por nada.

Ela pega meu celular da mesa e aponta o dedo para mim:

– Sem fotos. Não pode existir qualquer registro.

Então, ela se levanta e vai para o palco. Consegue ouvir os gemidos de dor dos meus colegas de bar quando a música começa? É uma reação antecipada para o que acreditam ser outra tortura auditiva de mais uma bêbada desafinada que não passaria da primeira fase do *Ídolos*.

Mas aí ela começa a cantar:

I don't stand a chance
When you look at me that way
I'll do anything you want me to
Anything for you
And I'll shout it for the whole world to know
Oh, honey, that's what you do to me
And I don't mind at all
Porra!

Sua voz é profunda, perfeita e excitante. Parece uma daquelas mulheres que trabalham no disque-sexo. Ela se espalha pelo ambiente e passa sobre mim como… como uma preliminar verbal. Meu corpo reage rapidamente ao seu som. Estou duro como a porra de uma pedra.

You know I'm not a girl who cares to see
Or gives a damn what anyone thinks of me
I go down hard, I stand my ground
But whenever you come around
I'm helpless
Baby, I don't stand a chance
Every time you look at me that way
It brings me to my knees

Ela começa a balançar o quadril no ritmo da música, e eu imagino como ela ficaria perfeita se estivesse de joelhos. Não consigo parar de admirá-la. Ela é fascinante… hipnotizante.

And I'm changing, never thought I'd be like this
But you showed me a better way
I'll do anything for your kiss
In all my days I've never seen
A man who means everything to me
I can leave everything else in the dust
But it's you I just can't give up

Ela conseguiu prender a atenção de todos os homens naquele lugar. Mas seus olhos… aqueles formidáveis olhos de ônix… estão olhando só para mim.

E isso faz com que eu me sinta um deus.
I've never let anyone get this close to me before
Distance keeps me safe and keeps me sane
But now you've got my heart twisted with yours
Better than it's ever been, there's a lot to lose
But even so much more to win
Oh, baby…

Kate joga os cabelos para trás, e eu imagino ela fazendo isso quando estiver em cima de mim, com movimento longos e intensos. *Céus*. As melhores strippers da cidade já dançaram em meu colo, e eu nunca gozei nas calças – nem uma vez. Mas é o que vai acontecer se esta música não acabar logo.

I feel so helpless
When you look at me that way
I'll do anything for you
Only for you

O bar se enche de gritos, assovios e aplausos quando Kate deixa o palco. Parece um maldito rodeio. Ela sorri alegremente ao caminhar em minha direção. Eu me levanto e ela para a apenas alguns centímetros de distância.

Olha para mim e diz:

– Não te disse que podia fazê-los acordar?

Eu digo suavemente:

– Aquilo foi… você… é sensacional.

Quero beijá-la. Mais do que quero respirar. Imagens da noite passada vêm à minha cabeça. De como foi bom senti-la em meus braços. Eu *preciso* beijá-la. O sorriso logo desaparece de seu rosto, e eu sei que ela também precisa disso. Eu coloco um fio de cabelo atrás de sua orelha e me aproximo…

E o som estridente de seu celular nos atrapalha.

Kate pisca como se estivesse acordando de um estado de transe e pega o telefone.

– Aa-alô?

Ela recua e tira o celular da orelha para conseguir um pouco de distância da voz que está gritando do outro lado da linha.

– Não… Billy, eu não esqueci. Só que tive uma noite difícil. Não… sim… estou em um bar chamado Howie's. É na…

Kate olha para o telefone por um tempo; acho que o imbecil acabou de desligar na cara dela. Seus olhos estão completamente sóbrios agora.

– Tenho que ir lá fora. Billy está vindo me buscar.

Não vai ser divertido? Terei o prazer de conhecer um bundão que anda e fala. Será como uma festa à fantasia.



Enquanto esperamos lá fora, na calçada, Kate me pergunta:

– O que diremos pro seu pai?

E lá vem a pergunta na qual tenho evitado pensar a noite toda. O velho é um cara correto – cortês. Tradicional. Gostaria de pensar que ele teria orgulho do que fiz para defender a honra de Kate. Mas ele também é um empresário. E a verdade é que eu poderia ter defendido a honra de Kate e ainda assim ter assinado com Anderson. É o que eu devia ter feito. É o que eu teria feito se fosse qualquer outra pessoa que estivesse na mesa de negociações.

– Deixa meu pai comigo.

– O quê? Não. Não, somos uma dupla, lembra? Nós dois perdemos este cliente.

– Fui eu quem dispensou o cara.

– E fui eu quem não te impediu. Sou muito grata pelo que fez por mim, Drew, de verdade. Você foi mesmo incrível.

Talvez seja só a vodca, mas suas palavras fazem eu me sentir quente e confuso.

– Mas eu não preciso que ninguém me salve – ela continua –, sou bem grandinha e, com certeza,

posso lidar com qualquer coisa que seu pai fizer. Vamos falar com ele juntos na segunda-feira de manhã. Fechado?

Isso faz com que eu conclua: Kate Brooks é uma mulher incrível.

– Fechado.

Logo em seguida, um Thunderbird preto chega cantando os pneus na rua e para na nossa frente. Sim – eu disse Thunderbird. Direto do túnel do tempo. Dele, sai um cara com estatura mediana e cabelo castanho-claro.

Sou só eu ou você também acha que ele parece um otário? Do tipo antiquado. Daquele jeito sem sal, nem açúcar.

Com cara de reprovação, ele olha para Kate antes de me medir. Depois disso, parece muito mais nervoso. Talvez o bobão não seja tão burro quanto eu achava, ele percebe que tem um concorrente.

Billy dá a volta e abre a porta do carro para Kate. Ela suspira e me dá um sorriso forçado. Depois, dá dois passos em direção ao carro e tropeça em um buraco na calçada. Eu me movo para segurá-la, mas o Pau Pequeno está mais próximo e me empurra para fazer isso. Ele a segura nos braços, e a raiva em seu rosto está mudando para nojo.

– Você está bêbada?

Não gosto de seu tom de voz. Alguém precisa ensiná-lo a ter modos.

– Não começa, Billy. Tive uma noite ruim – informa Kate.

– Uma noite ruim? Sério? Como se você estivesse fazendo a apresentação mais importante de sua vida e sua namorada não aparecesse? Isso foi tão ruim, Kate?

Apresentação? Ele disse mesmo apresentação? Ela dorme mesmo com este idiota? Você só *pode* estar de brincadeira comigo.

Ela sai dos braços dele.

– Sabe de uma coisa…

Kate começa a falar decididamente – e depois para.

– Vamos… pra casa.

Ela entra no carro e o imbecil bate a porta atrás dela. Ele olha para mim com raiva, e dá a volta até o banco do motorista.

Kate abre a janela.

– Boa noite, Drew. Obrigada… por tudo.

Dou-lhe um sorriso, apesar da minha enorme vontade de socar a cara do seu noivo.

– De nada.

E o Thunderbird sai voando. Deixando-me, pela segunda noite seguida, sofrendo por Kate Brooks. Esfrego minha mão em meu rosto, quando escuto uma voz atrás de mim.

– Ei, gatinho. Acabei de sair. Quer sair comigo?

É a garota dos drinques. Ela é bonitinha – nada em especial –, mas está ali. E depois de ver Kate indo embora com aquele covarde com quem vai se casar, eu me recuso a passar o resto da noite sozinho.

– Claro, querida. Vou chamar um táxi pra gente.

Venho buscar meu carro depois – quando estiver sóbrio o bastante para dirigir sem batê-lo em um poste.



É uma trepada ruim. Aí vai um conselho: ficar parada e quieta como um cadáver quando um homem está te comendo nunca será lembrado como uma experiência sexual espetacular.

A outra razão por ter sido ruim é que não consigo parar de pensar em Kate. Fico comparando a garota dos drinques com ela e, a primeira, é lógico, acaba me decepcionando.

Você me acha um cretino por fazer isso? Fala sério – vai me dizer que nunca imaginou que era o Brad Pitt te comendo em vez do seu marido barrigudo? É, foi o que pensei!

Continua me achando um cafajeste? Então você está com sorte. Terei o que você acha que eu mereço em breve.

Capítulo 10

Meu pai não gostou do modo como cuidei da situação com Anderson. Fui imprudente, não fui profissional, blá-blá-blá. E, pelo fato de eu ter mais experiência, ele me considerou mais responsável do que Kate por perder o cliente.

Mas ficar queimado no escritório durante um tempo não me deixou tão mal quanto você imagina. Principalmente porque não me arrependo da minha reação. Se passasse por isso de novo, faria tudo do mesmo jeito. Então, meu pai pode ter ficado decepcionado comigo, mas, para falar a verdade, quando ele terminou de me repreender, eu estava decepcionado para cacete com ele também.

Além disso, nas quatro semanas após aquela reunião infeliz, as coisas entre eu e Kate continuaram evoluindo. Ainda trocamos alguns golpes no trabalho, mas são mais cutucadas no peito, para atormentar, do que socos certeiros na mandíbula, calculados para acabarmos um com o outro. Compartilhamos ideias, nos ajudamos. Meu pai estava certo sobre isso, pelo menos. Eu e Kate nos complementamos, nossos pontos positivos e negativos se equilibram.

Em algum lugar no meio do caminho, ela se tornou mais do que apenas um par de pernas onde quero me enfiar. Mais do que um par de calças que desesperadamente quero tirar.

Agora é a Kate – uma amiga. Uma amiga que faz meu pau subir toda vez que entra em minha sala, mas acho que este é meu fardo. Por mais que eu ainda a queira, e tenho certeza de que ela ainda me quer, Kate não é o tipo de pessoa que trai.

Pelo menos, não o tipo de pessoa que consegue conviver com isso depois.



Mas sei o que você deve estar pensando: *O que aconteceu*? Como um homem jovem, charmoso, malicioso, bonito e autoconfiante se tornou aquele cara com gripe, piegas e enclausurado que você conheceu no início?

Estamos quase lá – acredite em mim.

Para que você possa entender tudo, ainda há mais alguns jogadores que precisa conhecer na porcaria de novela que é minha vida agora. Você já conheceu o Ignorante Warren. Infelizmente, ele vai voltar.

Você conhecerá Dee-Dee Warren. Ela é prima do imbecil. Mas você não deve ter algo contra ela por causa disso. Ela também é a melhor amiga de Kate. Vou te mostrar.



– Te vi conversando com aquela morena peituda. Vai voltar na casa dela? – Matthew pergunta para mim. Ele, Jack e eu estamos almoçando em um restaurante a dois quarteirões do escritório. Falando sobre nossa mais recente noite de sábado.

– Não aguentamos ir tão longe.

– Como assim?

Eu sorrio com malícia, lembrando o quanto a garota era exibicionista.

– Aquele táxi nunca mais será o mesmo. Acho que traumatizamos o motorista.

Jack ri.

– Você é um cachorro, cara.

– Não, eu deixei pra fazer cachorrinho quando a gente estivesse no apartamento dela.

Não me olhe daquele jeito de novo. Já conversamos sobre isso.

Caras. Sexo. Conversa.

Além disso, apesar do entusiasmo selvagem da Garota do Táxi, o sexo foi mediano. Ela não era nem mesmo uma Colgate. Era mais uma marca genérica de pasta de dente, como aquelas que oferecem em hotéis baratos, cujos nomes você não consegue nem lembrar depois de usar.

– Ei, Kate – chama Matthew, olhando atrás de mim. – Não te vi chegar.

Vamos parar aqui por um momento. Isso é importante.

Está vendo o olhar em seu rosto? Os lábios apertados? O leve franzido na sobrancelha? Ela ouviu o que eu disse. E não parece muito feliz com isso, não é? Não percebi da primeira vez, mas você devia anotar essa reação. Este momento vai me ferrar mais adiante.

Viro para olhá-la. Sua expressão agora é vaga e passiva.

– Quer se juntar a nós? – pergunto.

– Não, obrigada. Acabei de almoçar com uma amiga, na verdade.

E, assim, aparece a amiga. Ela está usando botas pretas de salto alto, uma meia-calça preta que tem rasgos em locais estratégicos de suas pernas, uma saia minúscula, um tomara que caia rosa e um casaco curto de tricô. Seu cabelo loiro-acobreado é longo e ondulado, os lábios são de um vermelho brilhante, e seus olhos ligeiros, cor de âmbar, nos observam sob cílios escuros e grossos.

Ela é… interessante. Não diria bonita, mas é sensual.

– Matthew Fisher, Jack O'Shay, Drew Evans, esta é Dee-Dee Warren.

Ao ouvir meu nome, os olhos de Dee-Dee se viram rapidamente em minha direção. Parece que ela está me analisando – como quando um homem avalia o motor de um carro antes de se divertir com ele.

– Então, você é o Drew? Já ouvi sobre você.

Kate contou para a amiga sobre mim? Interessante.

– Ah é? O que ficou sabendo?

Ela encolhe os ombros.

– Poderia te dizer, mas depois teria que te matar – ela aponta seu dedo para mim. – Continue sendo legal com a minha Katie. Sabe, se quiser continuar com suas bolas entre as duas pernas.

Apesar de seu tom ser leve, tenho a impressão de que Dee-Dee não está brincando.

Eu sorrio.

– Estou tentando mostrar para ela como sou legal. Mas ela continua me rejeitando.

Ela ri. Matthew interrompe com tranquilidade:

– Então, Dee-Dee… seu nome é abreviação do quê? Donna, Deborah?

Kate dá uma risada maldosa:

– Deloris. É o nome da avó dela. Ela odeia.

Deloris olha para Kate com raiva.

Mudando para o modo de paquera, Matthew responde:

– Deloris é um lindo nome, para uma linda garota. Além disso, rima com *clitóris*… e disso eu entendo. Grande fã.

Deloris sorri lentamente para Matthew e passa um dedo no lábio inferior. Então, ela se vira para o resto do grupo e diz:

– Bem, tenho que correr, preciso ir trabalhar. Prazer em conhecê-los, meninos.

Ela abraça Kate e dá uma piscada para Matthew quando está indo embora.

– Ela precisa ir trabalhar? – pergunto. – Pensei que os bares de striptease não abrissem antes das quatro.

Kate apenas sorri.

– Dee não é uma stripper. Ela se veste desse jeito só pra despistar as pessoas. Pra que fiquem chocadas ao descobrir com o que ela trabalha de verdade.

– O que ela faz? – questiona Matthew.

– Ela é uma cientista espacial.

– Você está de sacanagem – Jack exprime o que nós três estávamos pensando.

– Não estou. Deloris é química. Um de seus clientes é a NASA. O laboratório dela está trabalhando para aprimorar a eficácia do combustível que eles usam nos ônibus espaciais – ela estremece. – Dee-Dee Warren tem acesso a substâncias altamente explosivas… não gosto nem de pensar nisso.

Depois de um minuto, Matthew fala.

– Brooks, você tem que fazer algum esquema. Sou um bom garoto. Me ajude a sair com sua amiga. Ela não vai se arrepender.

Kate pensa por um momento.

– Ok, ajudo. Você parece ser o tipo de homem que ela gosta.

Ela lhe entrega um cartão.

– Mas tenho que te avisar. Ela é daquelas que não veem problema algum em machucar alguém.

Se você está procurando diversão por uma ou duas noites, então com certeza deve ligar para ela. Mas, se está procurando algo mais sério, aí eu ficaria longe.

Estamos sem palavras. Em seguida, Matthew se levanta da mesa, vai até Kate e a beija na bochecha. De repente, tenho vontade de enfiar minha mão em sua garganta e arrancar suas amígdalas para fora.

Isso não é permitido?

– Você… é a minha nova melhor amiga – diz.

Kate não compreende minha expressão de zangado.

– Não faça bico, Drew. Não tenho culpa que seus amigos gostam mais de mim do que de você.

Ela também está contando Steven. Alguns dias atrás, ele estava tentando loucamente encontrar o lugar perfeito para levar A Vaca para comemorar o aniversário de casamento deles. Parece que o vizinho de Kate é gerente no Chez, que é o restaurante mais exclusivo da cidade. E ela conseguiu uma mesa para eles naquela noite.

Alexandra deve ter feito algumas coisas para Steven que não quero nem imaginar. Desde então, Steven Reinhart ficaria feliz em levar um tiro no peito, se fosse preciso, por Kate Brooks.

– São os peitos – conto para ela –, se eu tivesse um par como os seus, eles gostariam mais de mim também.

Há algumas semanas, aquele comentário a teria deixado muito irritada. Agora ela apenas balança a cabeça e ri.



A noite antes do Dia de Ação de Graças é, oficialmente, a noite mais badalada do ano. Todo mundo sai. Todo mundo está querendo se divertir. Matthew, Jack e eu costumamos começar a noite em uma festa de véspera que meu pai dá no escritório, e, em seguida, vamos para os bares. É uma tradição.

Portanto, você pode imaginar como fiquei surpreso quando entrei na enorme sala de conferências e vi o braço de Matthew em volta de uma mulher, que só pode ser seu par para a noite – Deloris Warren. Desde que Matthew a conheceu, há duas semanas e meia, ele tem desaparecido aos finais de semana, e estou começando a suspeitar do motivo. Terei que conversar com ele amanhã.

Ao lado deles, estão meu pai e Kate.

Pela segunda vez em minha vida, Kate Brooks me deixa sem fôlego. Ela está usando um vestido vinho, que marca seu corpo em todos os lugares apropriados, e sandálias de salto alto, que fazem minha imaginação viajar para um território obsceno. Seu cabelo cai sobre os ombros em ondas brilhantes e macias. Minha mão se contrai para tocá-lo, conforme caminho em sua direção.

Então, alguém no meio da sala se movimenta, e vejo que ela não está sozinha.

Merda.

Todos trazem seus companheiros para este tipo de evento. Não devia ficar surpreso que o imbecil esteja aqui. Ele arruma a gravata como se tivesse dez anos de idade, claramente

desconfortável de terno. *Bunda-mole.*

Eu abotoo o casaco do meu terno Armani feito à mão e vou até eles.

– Drew! – meu pai me cumprimenta. Apesar de as coisas entre nós terem ficado um pouco tensas por alguns dias, elas logo voltaram ao normal. Ele nunca consegue ficar muito tempo bravo comigo.

Observe este rosto, você consegue?

– Estava contando para o senhor Warren – diz ele – sobre aquele contrato que a Kate conseguiu fechar na semana passada. Como somos sortudos em tê-la aqui.

Tê-la? A palavra *sortudo* não chega nem perto.

– É tudo atuação – provoca Deloris. – Por baixo daquela roupa social e daquele jeito de boa menina está o coração de uma verdadeira rebelde. Eu podia contar histórias sobre Kate que deixariam vocês de cabelos em pé.

Kate olha séria para sua amiga.

– Muito obrigada, Dee. Por favor, *não* faça isso.

O bunda-mole sorri, coloca o braço em volta da cintura de Kate e repousa seus lábios no topo da cabeça dela.

Preciso de uma bebida. Ou um saco de pancadas. Agora.

As palavras saem de minha boca como tiros bem direcionados:

– Isso mesmo. Você era uma pequena infratora antigamente, não era, Kate? Pai, sabia que ela cantava em uma banda? É como você conseguia pagar a faculdade de Administração, certo? Melhor do que fazer *pole dancing*.

Ela engasga com a bebida. Agindo como o cavalheiro que sou, lhe dou um guardanapo.

– E o Billy aqui ainda faz isso. Você é músico, certo?

Ele olha para mim como se eu fosse um monte de bosta no qual ele acabou de pisar.

– Isso mesmo.

– Então, Billy, conte, você é roqueiro como o Bret Michaels? Ou é mais como o Vanilla Ice?

Está vendo como ele contrai a mandíbula? Como seus olhos se estreitam? *Manda, seu macaquinho adestrado, por favor.*

– Nenhum dos dois.

– Por que não pega seu acordeão, ou o que quer que você toque, e sobe no palco? Tem muito dinheiro passeando por esta sala. Talvez você conseguisse agendar um casamento. Ou um bar mitzvah.

Estou quase lá.

– Não toco nesse tipo de cerimônia.

Talvez isso seja o bastante.

– Uau. Com a economia atual, não sabia que os pobres e os desempregados poderiam ser tão

seletivos.

– Escute, seu filho da…

– Billy, querido, você podia buscar outra bebida pra mim lá no bar? Já estou terminando esta aqui.

Kate puxa seu braço, interrompendo o que tenho certeza de que seria uma brilhante réplica.

Está sentindo o sarcasmo?

E depois ela se vira para mim, e não parece nada amigável.

– Drew, acabei de me lembrar que tenho que te dar alguns documentos da conta do Genesis. Eles estão na minha sala. Vamos.

Não ando. Não respondo a ela. Meus olhos ainda estão em um campeonato disputando olhares com o monte de merda.

– É uma festa, Kate – diz meu pai, ingenuamente. – Você devia deixar o trabalho pra segunda-feira.

– Vai ser rápido – diz ela, sorrindo, antes de pegar em meu braço e me arrastar para longe.

Quando estamos em sua sala, Kate bate a porta atrás de nós. Ajeito as mangas da camisa, depois sorrio amigavelmente.

– Se você queria tanto ficar sozinha comigo, só precisava pedir.

Ela não curte minha piada.

– O que está fazendo, Drew?

– Fazendo?

– Por que está insultando o Billy? Você tem ideia de como foi difícil conseguir que ele viesse aqui hoje à noite?

Coitado do Billy. Preso em uma sala com os bancários mais bem-sucedidos.

– Então por que você o trouxe?

– Ele é meu noivo.

– Ele é um idiota.

Ela olha para mim bruscamente.

– Billy e eu passamos por muita coisa juntos. Você não o conhece.

– Sei que ele não é bom o bastante pra você. Nem de longe.

– Por favor, pare de deixá-lo constrangido.

– Eu só estava apontando os fatos. Se a verdade envergonha seu namorado, então é problema dele, não meu.

– Isso é ciúmes?

Para constar, nunca tive ciúmes na minha vida. Só por que quando vejo os dois juntos não

consigo decidir se quero vomitar ou socá-lo, ela chama isso de *ciúmes*?

– Não fique se achando.

– Eu sei que você sente algo por mim, mas…

Espere a porra de um minuto. Vamos voltar um pouco, ok?

– Eu sinto algo por você? Me desculpe, foi minha mão que apalpou sua virilha no meu escritório há alguns meses? Porque eu me lembro muito bem que foi o contrário.

E agora ela está irritada.

– Você é tão idiota às vezes.

– Bem, então formamos o casal perfeito, porque você é uma vaca de primeira na maioria das vezes.

O fogo dança em seus olhos conforme ela levanta seu copo quase cheio.

– Não ouse fazer uma merda dessas. Jogue esta bebida em mim, e não serei responsável pelo que fizer depois.

Vou te dar um minuto para adivinhar o que ela fez.

Claro. Ela jogou a bebida em mim.

– Porra! – pego os lenços de sua mesa e seco meu rosto, que está pingando.

– Não sou uma de suas garotas! Nunca mais fale comigo desse jeito.

Meu rosto fica seco, mas minha camisa e meu casaco estão molhados. Atiro os lenços no chão.

– Não importa. Estou indo embora de qualquer jeito. Tenho um encontro.

Ela zomba.

– Um encontro? Um encontro não envolveria uma conversa? Você não quis dizer uma trepada rápida?

Coloco minhas mãos ao redor de sua cintura e a puxo. Com uma voz baixa, digo:

– Minhas trepadas nunca são rápidas; são longas e intensas. E você devia tomar cuidado, Kate. Agora é você quem parece estar com ciúmes.

Suas mãos calmas estão espalmadas em meu peito, e meu rosto está a apenas alguns centímetros do dela.

– Não te suporto.

– O sentimento é mútuo – respondo rapidamente.

Em seguida, lá estamos nós de novo – minha boca, seus lábios – unidos com calor e força. Minhas mãos estão escondidas em seu cabelo, segurando sua cabeça. Suas mãos agarram a minha camisa, segurando-me mais próximo.

Eu sei o que você está pensando. E, sim, pelo visto, discutir, tanto para mim como para Kate, leva às preliminares. Parece que nos deixa elétricos. Só espero que consigamos chegar ao final antes de nos matarmos.

Quando as coisas começam a ficar boas, alguém bate na porta. A Kate ou não escuta ou, como eu, não está nem aí.

– Kate? Kate, você está por aí?

A voz do paga pau interrompe o desejo que nos fez ficar grudados como cola. Kate me empurra. Ela olha para mim por um minuto, com uma expressão de culpa, seus dedos estão nos lábios que acabei de provar.

Sabe de uma coisa? *Vá para o inferno.* Tenho cara de um bumerangue para você? Não me aproveito das pessoas e não gosto de ser aproveitado. Se Kate não consegue decidir o que ela quer, eu decido por ela. Para mim chega, cansei.

Vou até a porta e a escancaro, deixando o bostinha com bastante espaço para entrar.

Então, sorrio.

– Pode ficar com ela agora. Já terminei.

Nem me dou o trabalho de olhar para trás enquanto vou embora.

Capítulo 11

A comemoração de Ação de Graças acontece todo ano na casa dos meus pais no interior. É sempre um pequeno encontro familiar. Tem meus pais, claro. Você já conheceu meu pai. Minha mãe é uma versão mais velha e menor de Alexandra. Apesar de todas as suas convicções feministas (ela era uma excelente advogada antes da maternidade), ela ama a brincadeira de ser uma dona de casa feliz. Depois que ela e meu pai tiveram sucesso financeiro, ela também se dedicou a várias organizações beneficentes. É o que ela ainda faz na maior parte do tempo, agora que Alexandra e eu já saímos do ninho.

Tem também o pai de Steven, George Reinhart. Imagine o Steven daqui a trinta anos, com pouco cabelo e um sério caso de pé de galinha. A senhora Reinhart morreu quando éramos adolescentes. Pelo que sei, George nunca saiu com outra pessoa desde então. Ele passa muito tempo no trabalho, fazendo contas em seu escritório. É um ótimo homem.

Isso também nos leva aos pais de Matthew, os Fisher. Não vejo a hora de você conhecê-los. Eles são uma puta zona. Frank e Estelle Fisher são as pessoas mais despreocupadas que já conheci.

Eles são quase catatônicos.

Imagine um típico casal dos anos 1950 depois de ter fumado uma enorme quantidade de maconha. Estes são Frank e Estelle. Você achou que os pais de Matthew seriam um pouco mais tensos, não achou? Tenho uma teoria. Eles tiveram Matthew muito tarde, e acho que ele acabou sugando toda a energia que lhes restava, como um parasita.

Para completar a galera: Matthew, Steven, Alexandra e eu.

Ah e, claro, a outra mulher da minha vida. Não acredito que não falei dela antes. É a única mulher que realmente já teve meu coração nas mãos. Sou seu escravo. Ela pede, eu faço.

Com prazer.

Seu nome é Mackenzie. Ela tem longos cabelos loiros e os maiores olhos azuis que já vi. Tem quase quatro anos de idade. Está vendo ela ali? Do outro lado da gangorra que estou balançando?

– Então, Mackenzie, já decidiu o que quer ser quando crescer?

– Sim, quero ser uma princesa. Quero me casar com um príncipe e viver em um castelo.

Preciso conversar com minha irmã. A Disney é perigosa. Um monte de merda corrosiva fazendo lavagem cerebral, na minha opinião.

– Ou você poderia trabalhar em uma imobiliária. Aí você poderia comprar um castelo e não precisaria do príncipe.

Ela me acha engraçado. Ela dá uma gargalhada.

– Tio Drew, como eu vou ter um bebê sem príncipe?

Ah.

– Você terá muito tempo para ter bebês, depois que conseguir seu mestrado em administração ou seu diploma de médica. Ah, você pode ser uma diretora-executiva e abrir uma creche no seu escritório. Aí você poderá trazer seus bebês para o serviço, todos os dias.

– A mamãe não vai para um escritório.

– A mamãe não se valoriza, docinho.

Minha irmã era uma brilhante promotora. Ela poderia ter chegado à Corte Suprema. Sério. Ela era muito boa.

Alexandra trabalhou durante toda sua gravidez e tinha contratado até uma babá. Mas, então, segurou Mackenzie em seus braços pela primeira vez. No mesmo dia, avisou para a babá que não precisava mais de seus serviços. Não que eu a culpe. Não poderia imaginar um trabalho mais importante do que fazer com que minha sobrinha perfeita cresça feliz e saudável.

– Tio Drew?

– Sim?

– Você vai morrer sozinho?

Eu sorrio afetado.

– Não tenho planos de morrer tão cedo, querida.

– Mamãe disse que você vai morrer sozinho. Ela disse pro papai que você vai morrer e vai demorar dias até que uma empregada encontre seu cadávi podre.

Adorável. Muito obrigado, Alexandra.

– O que é um cadávi, tio Drew?

Uau.

Sou salvo de responder esta pergunta quando vejo Matthew descendo as escadas para o quintal.

– Ei, queridinha, olha quem está aqui! – ela sai da gangorra e se joga nos braços de Matthew.

Antes que você me pergunte, a resposta é "não". Quando ela for mais velha, minha queridinha nunca sairá com um cara como eu. Ela será muito esperta para isso. Farei com que isso não aconteça. Acho que isso me torna um hipócrita, não é? Tudo bem. Posso viver com isso.

Matthew coloca Mackenzie no chão e chega mais perto.

– Oi, cara.

– Tudo bem?

– Você foi embora cedo ontem à noite? – pergunta ele. – Não voltou pra festa.

Eu encolho os ombros.

– Minha cabeça não estava lá. Fiz um pouco de exercícios e fui dormir.

A verdade é que passei três horas socando a merda do saco de pancadas, imaginando que aquele era o rosto de Billy Warren.

– Você saiu com aquela Deloris?

Ele assente.

– Ela, Kate e Billy.

Eu balanço a cabeça.

– Aquele lambe-saco.

Mackenzie chega perto de nós e segura uma jarra quase lotada com notas de dinheiro. Eu coloco um dólar nela.

– Ele não é tão ruim.

– Idiotas me irritam.

Mackenzie levanta a jarra mais uma vez e eu coloco outro dólar.

A jarra?

Foi inventada pela minha irmã, que aparentemente acha que minhas palavras são muito desagradáveis para sua cria. É a Jarra do Palavrão. Toda vez que alguém – na maioria das vezes, eu – fala algum Palavrão ou xingamento, tem que pagar um dólar. A essa altura, essa coisa já deve conseguir pagar a faculdade de Mackenzie.

– Então o que está rolando entre você e Deloris?

Ele sorri.

– Estamos saindo. Ela é legal.

Matthew costuma contar mais detalhes. Não é como se eu ficasse excitado com suas histórias, mas, você tem que entender, Matthew e eu somos amigos desde que nascemos. Isso significa que todo beijo, todo seio, toda punheta, todo boquete, toda gozada e toda transa foi compartilhada e discutida.

Agora, ele está escondendo de mim. O que é isso?

– Imagino que você comeu ela…

Ele se intimida.

– Não é assim, Drew.

Estou confuso.

– Então como é, Matthew? Você não sai há mais de duas semanas. Posso entender se estiver muito ocupado para sair caso esteja transando. Mas, se não estiver, então o que é?

Ele sorri de um modo nostálgico, lembrando-se de um momento feliz.

– Ela é apenas… diferente. É difícil de explicar. Nós conversamos, sabe? Sempre me sinto bem quando penso nela. Parece que, quando deixo ela em casa, não aguento até vê-la de novo. Ela apenas… me surpreende. Gostaria que você soubesse do que estou falando.

A coisa mais assustadora é… eu o entendo *completamente*.

– Você está entrando em um território perigoso, cara. Veja o Steven. Este caminho leva para o Lado Negro da Força. Nós sempre dissemos que não iríamos para lá. Tem certeza disso?

Matthew sorri e, com sua melhor voz de Darth Vader, diz: – Você não conhece o poder do Lado Negro.



É hora do jantar. Minha mãe faz uma cena para servir o peru e todo mundo exclama *"aê"* antes de meu pai cortá-lo. Isso mesmo – um seriado dos anos 1950 não chegaria aos nossos pés.

Conforme as travessas são passadas e os pratos vão ficando cheios, minha mãe diz:

– Drew, querido, vou te fazer um grande pacote com o que sobrar. Não quero nem imaginar o que está comendo naquele apartamento, sem ter ninguém pra cozinhar uma refeição decente pra você. Também vou anotar as datas nos potes pra você saber quando jogá-los fora. A última vez que olhei na sua geladeira parecia que algum tipo de experimento científico estava crescendo lá.

Sim – minha mamãe me ama. Eu te avisei.

– Obrigado, mãe.

Matthew e Steven estalam beijos bem altos para mim. Mostro o dedo do meio para eles com as duas mãos. Ao meu lado, vejo Mackenzie olhando para seus dedinhos, tentando me copiar. Eu rapidamente coloco minha mão sobre as dela e balanço minha cabeça. Em vez daquele gesto, mostro para ela a saudação típica do Spock.

Depois de agradecermos com uma oração, anuncio:

– Acho que Mackenzie deveria vir morar comigo.

Ninguém reage. Ninguém olha. Ninguém pausa. Já fiz esta sugestão diversas vezes desde que minha sobrinha nasceu.

Alexandra diz:

– O peru está delicioso, mãe. Bem suculento.

– Obrigada, querida.

– Olá? Estou falando sério. Ela precisa de um modelo feminino positivo.

Isso faz com que A Vaca me dê atenção.

– E que porra eu sou?

Mackenzie arrasta a jarra para sua mãe, e aí se vai mais um dólar. Agora sempre trazemos notas pequenas para a mesa nos feriados.

– Você é uma mãe dona de casa. O que é muito louvável, não me entenda mal. Mas ela também devia estar sendo exposta a mulheres com uma carreira. Pelo amor de Deus, não a deixe assistir *Cinderela*. Que exemplo é aquele? Uma besta descuidada que não consegue nem se lembrar onde deixou a porcaria do sapato, então ela tem que esperar por algum idiota de calças para devolvê-lo? Ah, dá um tempo!

Não sei quanto devo a ela depois daquele pequeno discurso. Dou para Mackenzie uma nota de dez. Já disse que aquela jarra vai pagar a faculdade dela? A faculdade de Direito. Terei que ir até um caixa eletrônico em breve.

Steven se mete na conversa.

– Acho que Alexandra é o modelo perfeito para nossa filha. Não há ninguém melhor que ela.

Steven é um homem derrotado. E Matthew quer se juntar ao clube.

Irreal.

Alexandra sorri para ele.

– Obrigada, amor.

– Por nada, querida.

Matthew e eu começamos a tossir:

– Capacho.

Mackenzie nos olha suspeitando de algo, sem ter certeza se precisamos pagar ou não.

Alexandra olha brava.

Eu continuo:

– Eu devia levá-la comigo ao escritório. Ela devia conhecer a Kate, não acha, pai?

Minha mãe logo pergunta:

– Quem é Kate?

Meu pai responde entre suas mordidas:

– Katherine Brooks, funcionária nova. Garota brilhante. E estourada. Deu trabalho pro Drew quando começou.

Minha mãe olha para mim com olhos esperançosos e brilhantes. Do mesmo jeito que um chef olha para um pote de toucinho, imaginando a iguaria que está esperando para ser feita.

– Bem, esta Kate parece ser uma jovem adorável, Drew. Talvez você possa trazê-la para jantar em casa.

Eu viro os olhos.

– Mãe, trabalhamos juntos. Ela está noiva. De um idiota, mas essa é outra história.

Mais um dólar se vai.

Minha irmã nos corta.

– Eu acho que mamãe está surpresa por te ouvir se referir a uma mulher pelo nome. Normalmente, você chama de "a garçonete com a bunda legal" ou "a loira com os peitões".

Apesar de essa observação ser verdadeira, eu a ignoro.

– O que importa é que ela é um ótimo exemplo para Mackenzie do quanto uma mulher pode conseguir – apesar de seu terrível gosto para homens. – Eu ficaria… acho que todos nós ficaríamos muito orgulhosos se ela crescesse sendo metade da profissional que a Kate é.

Alexandra parece surpresa com minha declaração. Depois, sorri cordialmente.

– Eu e Mackenzie podemos fazer um passeio pelo centro na semana que vem. Vamos almoçar com você e então conheceremos a ilustre Kate Brooks.

Comemos em silêncio por alguns minutos e depois Alexandra diz:

– Isso me lembra de algo. Matthew, você poderia me acompanhar em um jantar beneficente no segundo sábado de dezembro? Steven não estará na cidade – ela me olha. – Eu pediria ao meu querido irmão, mas sabemos como ele passa as noites de sábado com as va… – ela observa a filha – indesejadas.

Antes que Matthew possa responder, Mackenzie coloca dois centavos.

– Não acho que o tio Matthew possa ir, mamãe. Ele tem estado muito ocupado sendo castrado. O que é *castrado*, papai?

Logo que as palavras saem de seus pequenos lábios angelicais, uma reação em cadeia apavorante começa.

Matthew se engasga com a azeitona em sua boca, que voa e atinge Steven bem no olho.

Steven cai, cobrindo o olho e gritando: "Fui atingido! Fui atingido!", e então começa a falar como a salmoura da azeitona está destruindo sua córnea.

Meu pai começa a tossir. George se levanta e começa a bater em suas costas, enquanto pergunta para todos se ele devia realizar a manobra de Heimlich.

Estelle derruba sua taça de vinho, que rapidamente ensopa a toalha de mesa bordada de minha mãe. Ela não se movimenta para limpar a bagunça, em vez disso começa a entoar: "Ai, meu Deus, ai, meu Deus".

Minha mãe corre pela sala de jantar, como um frango com a cabeça cortada, procurando por guardanapos de papel para limpar a mancha, e assegurando à Estelle que tudo está bem.

E Frank… bem… Frank continua comendo.

Enquanto o caos continua ao nosso redor, o olhar de morte de Alexandra se alterna entre mim e Matthew. Depois de se contorcer por uns trinta segundos, Matthew cede.

– Não fui eu, Alexandra. Juro por Deus que não fui eu.

Medroso de merda.

Obrigado, Matthew. Ótimo jeito de me ferrar. Lembre-me de nunca ir para a guerra com ele como parceiro.

Mas quando o olhar furioso da Vaca vem com força total sobre mim, eu o perdoo. Sinto que, a qualquer momento, serei reduzido a cinzas. Eu me encolho e lhe dou o sorriso mais fofo que um irmãozinho poderia dar.

Dê uma olhada. Está funcionando?

Porra, estou morto.

Viu, tem uma coisa sobre a Justiça da Vaca que você deveria saber. É imediata e impiedosa. Você não sabe quando acontecerá, mas pode ter certeza que virá. Quando isso acontecer, será dolorosa. Muito, muito dolorosa.

Capítulo 12

Na segunda-feira de manhã, estou na sala de conferências esperando a reunião com a equipe. Todo mundo está aqui. Todos, com exceção de Kate. Meu pai olha seu relógio. Ele começou o dia cedo hoje, e sei que está ansioso para dar início. Fico com uma pulga atrás da orelha.

Onde ela está?

Por fim, Kate chega correndo, ainda com o casaco no corpo e uma pilha de pastas caindo de suas mãos. Ela parece… horrível. Na verdade, ela é bonita, sempre está bonita. Mas, acredite em uma pessoa que já a observou mais intimamente, Kate está tendo um péssimo dia. Viu como ela está pálida? E quando foi que aquelas olheiras apareceram debaixo de seus olhos? Seu cabelo está preso em um coque bagunçado, que seria muito sexy se ela não parecesse tão… doente.

Ela sorri nervosa para meu pai.

– Me desculpe, senhor Evans. Está sendo uma manhã difícil.

– Sem problemas, Kate. Íamos começar agora.

Enquanto meu pai relembra seus anúncios, não consigo parar de encará-la. Ela não olha para mim nem uma vez.

– Kate, você tem aquelas projeções para Pharmatab?

É o acordo do qual meu pai estava falando para o idiota na festa do escritório. O que a Kate fechou na semana passada. Ela olha para cima, com seus grandes olhos castanhos, parecendo que foi pega de surpresa.

Ela não está com eles.

– Ah… elas…

Eu me inclino e anuncio:

– Eu estou com elas. Kate me deu pra eu dar uma olhada. Mas deixei em casa. Trarei pra você o mais rápido possível, pai.

Meu pai acena e ela fecha os olhos, aliviada.

Depois que a reunião termina, todo mundo sai devagar, em fila, e eu ando ao lado de Kate.

– Oi.

Ela olha as pastas que está carregando e ajeita o casaco no braço.

– Obrigada pelo que fez lá, Drew. Foi bem legal da sua parte.

Eu sei o que disse no outro dia – que tinha me cansado dela. Mas não quis dizer isso de verdade. Estava falando sem pensar, sentindo-me frustrado sexualmente. Você sabe disso. Será que Kate sabe? Será que ela se importa?

– Preciso fazer a coisa certa de vez em quando. Pra você continuar prestando atenção em mim.

Eu lhe dou um sorrisinho, sem retorno.

E ela ainda não deu a porra de um olhar para mim. O que aconteceu com ela? Meu coração acelera quando penso em todas as possibilidades. Será que ela está doente? Será que algo aconteceu com sua mãe? Será que ela foi assaltada no metrô?

Céus.

Kate entra em sua sala e fecha a porta, e eu fico do lado de fora, em pé. É aqui que os homens se deram mal, galera. Quando Deus deu à Eva aquela costela extra? Ele devia ter nos dado algo extra também. Como a capacidade de ler mentes.

Uma vez escutei minha mãe contar ao meu pai que ela não devia ter que explicar a razão de estar irritada. Que, se ele ainda não sabia o que tinha feito de errado, então, na verdade, ele não estava realmente se desculpando. O que isso significava? Notícias de última hora, damas: não podemos ler seus pensamentos. Para falar a verdade, também não tenho certeza se gostaria de poder fazer isso. A mente feminina é um lugar assustador.

Homens? Não damos muitos motivos para dúvidas: *Você é um otário. Você comeu minha namorada. Você matou meu cachorro. Eu te odeio.* Direto. Claro. Sem ambiguidade. Vocês, garotas, deviam tentar isso às vezes. Talvez ficaríamos um pouco mais perto de conseguir a paz mundial.

Me afasto da porta de Kate. Parece que não vou descobrir o que ela tem tão cedo.



Mais tarde naquele dia, estou em uma cafeteria com Matthew, sem tocar no meu sanduíche.

– Então, a Alexandra já conseguiu te pegar?

Ele se refere ao Massacre do Dia de Ação de Graças – caso você tenha se esquecido. Eu aceno.

– Recebi a ligação ontem. Parece que me inscrevi para ser voluntário no próximo mês na Sociedade Geriátrica de Manhattan.

– Podia ter sido pior.

– Na verdade, não. Lembra da Bernadette, tia do Steven?

Mulheres mais velhas sentem algo por mim. E não é aquela coisa de apertar a bochecha, dar batidinhas na minha cabeça. Mas sim de apertar minha bunda, apalpar meu pacote, pedir para eu empurrar suas cadeiras de rodas para a lavanderia para que possamos fazer algo sujo.

É totalmente perturbador.

Matthew está gargalhando agora. Obrigado pela compaixão, cara.

A campainha na porta da cafeteria toca. Olho para cima e penso que Deus talvez não me odeie, apesar de tudo. Pois o Billy Bundão Warren acabou de entrar. Seu rosto, em qualquer outro momento, sem dúvida me deixaria irritado. Mas agora? Ele é justamente o bundão que preciso ver. Serei bonzinho.

Eu o abordo.

– E aí, cara?

Ele vira os olhos.

– O quê?

– Escute, Billy, estava pensando, está tudo bem com Kate?

Ele resmunga:

– Não se mete na porra da vida da Kate.

Só para constar, estou tentando, e ele está sendo um babaca. Por que não estou surpreso?

– Entendo o que quer dizer. Mas, nesta manhã, ela não parecia nada bem. Você sabe o motivo?

– Kate já é bem grandinha. Pode se cuidar sozinha. Ela sempre se cuida.

– Do que você está falando?

Então caio na real. Como um balde de água fria.

– Você fez algo com ela?

Ele não responde. Olha para baixo. Essa era a resposta que precisava. Eu o agarro pela camisa e o empurro com força. Um segundo depois, Matthew aparece tentando me acalmar. Assusto o idiota só um pouco.

– Te fiz uma pergunta, filho da puta. Você fez algo com Kate?

Ele me manda soltá-lo e eu o sacudo com mais força.

– Me responde!

– Nós terminamos! Porra, nós terminamos, está bem?

Isso significa que *ele* terminou com *ela*.

Billy afasta minhas mãos e me dá um empurrão. Eu o deixo. Ele arruma a camisa, me encarando. Mas eu só fico parado. Atordoado. Ele cutuca meu peito.

– Estou indo embora. Se você colocar suas mãos em mim de novo, eu te mato, idiota.

Com isso, ele sai. Matthew o observa saindo, depois pergunta:

– Drew, que merda foi essa?

Dez anos – quase onze. Ela o amava. Foi isso o que ela me disse. *Dez malditos anos*. E ele a largou.

Porra.

– Tenho que ir.

– Mas você nem terminou seu sanduíche – Matthew se importa com comida.

– Pode comer. Tenho que voltar pro escritório.

Eu corro até a porta para…

Bem, você sabe para onde estou indo.

A porta de sua sala ainda está fechada. Mas eu não bato. Entro sem fazer barulho. Ela está sentada em sua mesa.

Chorando.

Já levou um coice de cavalo no estômago?

Eu também não. Mas agora sei qual é a sensação.

Ela parece tão pequena atrás daquela mesa. Jovem, vulnerável e… perdida. Minha voz é suave e cuidadosa.

– Oi.

Kate me olha surpresa e depois limpa a garganta e esfrega o rosto, tentando se recuperar.

– Precisa de algo, Drew?

Não quero deixá-la envergonhada, então finjo não perceber que as maçãs de seu rosto ainda estão molhadas.

– Estava procurando por aquele arquivo…

Lentamente, chego mais perto.

– Você… tem algo no olho?

Ela finge que concorda e limpa seus olhos mais uma vez.

– Sim, é um cílio ou algo do gênero.

– Quer que eu dê uma olhada? Esses cílios podem ser perigosos se não forem cuidados.

Pela primeira vez hoje, seus olhos se encontram com os meus. Parecem duas piscinas escuras e brilhantes.

– Tudo bem.

Kate se levanta e eu a levo para perto da janela. Coloco minhas mãos em suas bochechas, segurando seu rosto gentilmente. Seu rosto lindo e cheio de lágrimas.

Eu nunca quis tanto machucar alguém como eu quero fazer com Billy Warren neste momento. Tenho certeza de que Matthew me ajudará a enterrar o que sobrar dele no quintal.

Seco suas lágrimas com meus polegares.

– Tirei.

Ela sorri e mais lágrimas começam a aparecer.

– Obrigada.

Cansei de fingir agora. Eu a encosto em meu peito. Ela deixa. Coloco meus braços ao seu redor e acaricio sua nuca com minha mão.

– Você quer que eu converse com ele? Isso aconteceu… aconteceu por minha causa?

Não acredito que o idiota tenha ficado muito feliz por nos encontrar na sala de Kate, na semana passada – com ela parecendo que tinha acabado de ser comida e tudo mais. E não, eu não fiquei louco. A última coisa que quero fazer é ajudá-la a voltar com o imbecil. Mas, Deus do céu, ela está me matando aqui.

Uma lágrima por vez.

Ela ri no meu peito. Parece triste.

– Fui eu.

Kate me olha e sorri, triste.

– Não sou a mesma garota pela qual ele se apaixonou.

Deve ter sido difícil para ela escutar essas palavras. É o truque mais velho de um homem. O jogo da culpa: *"Não sou eu, querida. É você"*.

Ela mexe a cabeça.

– Ele empacotou todas as coisas e se mudou no sábado. Disse que um rompimento rápido e honesto seria melhor. Ele vai ficar com Dee-Dee até encontrar um lugar para morar.

Ela olha em direção à janela por um momento, depois suspira, desanimada.

– Acho que isso tem acontecido há um tempo. Não foi realmente um choque. Por muito tempo, meu foco foi a faculdade… e depois o trabalho. Tudo mais veio em segundo lugar. Eu parei… eu não podia… dar o que ele precisava. É que… Billy segurou minha mão no dia em que enterramos meu pai. Ele me ensinou a dirigir e me convenceu que eu era boa o bastante pra cantar em público. Billy me ajudou a preencher a inscrição para a faculdade e abriu a carta de aceitação pra mim, porque eu estava nervosa demais. Quando eu estava no programa de MBA, ele trabalhou em três empregos para que eu não precisasse trabalhar. Billy estava comigo quando eu me formei, e veio comigo quando eu quis me mudar para Nova York. Ele sempre foi uma grande parte da minha vida. Não sei quem serei sem ele.

Mulheres. Sem ofensas. Mas ela nem percebeu o que acabou de dizer. Estas são realizações *dela*. Desafios que *ela* enfrentou. O idiota estava apenas a acompanhando. Em segundo plano. Como se fosse um papel de parede. Você pode mudar a cor das paredes a qualquer momento, e elas se tornarão diferentes, mas o ambiente continuará o mesmo.

– Eu sei quem você será: Kate Brooks, sensacional bancária de investimentos. Você é esperta e engraçada, você é teimosa, linda e… perfeita. E você continuará sendo perfeita sem ele.

Nossos olhos se encaram por um minuto, e depois eu a coloco em meus braços até que suas lágrimas diminuam. Sua voz está abafada ao sussurrar:

– Obrigada, Drew.

– De nada.



Apenas tarde da noite, quando entro embaixo dos meus lençóis, é que me dou conta dos desdobramentos dos eventos de hoje.

Eu durmo pelado, por sinal. Você devia tentar isso. Se nunca dormiu assim, você ainda não viveu. Mas isso não vem ao caso.

Ainda não tinha me dado conta de que Kate Brooks está solteira. Livre. Disponível. O único verdadeiro obstáculo que ficava entre eu, ela e o sofá do meu escritório acabou de desaparecer. *Deus do céu.* É assim que o Super-Homem deve ter se sentido quando voltou no tempo e tirou Lois daquele carro. É uma repetição. É uma segunda chance. É um recomeço.

Cruzo minhas mãos atrás da cabeça e me ajeito nos travesseiros com o maior, mais radiante e ansioso sorriso que você já deve ter visto.



Já faz quatro dias que descobri que o saco de merda terminou com a Kate. Depois daquele dia, ela voltou ao trabalho parecendo ela mesma de novo. Para os devidos efeitos, ela parecia ter se esquecido por completo do cafajeste. Mas Mackenzie pegou uma gripe, então Alexandra teve que remarcar nosso almoço para a próxima semana. Depois do final de semana que Kate teve, eu achei que era o melhor a ser feito também.

Ah sim. Apenas mais um detalhezinho que você deve saber: não transo com alguém há doze dias.

Doze dias.

Duzentas e oitenta e oito horas sem sexo. Não consigo calcular os minutos – é muito deprimente. Lembra que muito trabalho e nenhuma diversão deixa Drew irritado? Bem, a essa altura, Drew praticamente se tornou um psicopata, entendeu?

Doze dias podem não parecer muito tempo para vocês, amadores, mas para um homem igual a mim? É um recorde. Não estive em uma seca igual a esta desde o inverno de 2002. Naquele janeiro, uma poderosa nevasca cobriu a área entre três estados, com setenta centímetros de neve. Apenas veículos oficiais podiam circular pelas estradas, então fiquei preso na cobertura com meus pais.

Eu tinha *dezessete* anos. Na vida de um garoto, esta é a idade em que uma leve brisa é capaz de causar uma ereção. Passei tanto tempo no banheiro que minha mãe pensou que estivesse com alguma virose. Afinal, depois do sétimo dia, não aguentava mais. Enfrentei todas as adversidades e caminhei até o condomínio de Rebecca Whitehouse, no centro da cidade. Trepamos como coelhos no quartinho do porteiro do prédio de seus pais.

Ela era uma garota legal.

Enfim, mais uma vez, tive que me rebaixar e bater uma punheta no chuveiro. Isso é humilhante. Sinto-me tão sujo. Não que haja algo errado com uma boa aliviada para começar bem o dia. Ainda mais se, como no meu caso, a típica noite de sábado teve que ser cancelada no último fim de semana por causa das obrigações do feriado em família. Mas, se esta for a única opção? Bem, isso é apenas… triste.

A razão por trás do meu recém-ampliado apetite sexual? Eu culpo Kate. É tudo culpa dela.

Aparentemente, desenvolvi uma consciência. Não sei quando aconteceu, não sei como aconteceu, mas não estou feliz com isso.

Se pudesse, eu esmagaria aquele maldito Grilo Falante como uma barata.

Sabe como algumas pessoas têm um radar para gays? Bem, eu tenho um radar para chutadas. Isso significa que posso sentir de longe o cheiro de uma mulher que levou um pé na bunda. Elas são alvos fáceis. Tudo o que você tem que falar para elas é que seu ex é um idiota por deixá-las, e que ele vai implorar para voltar.

Kate está agora na categoria de foras que mencionei. Seria um tiro certeiro, certo?

Errado. Aqui é onde o Grilo mete sua horrível cabecinha de inseto.

Não consigo dar o primeiro passo. A ideia faz eu me sentir como um maldito predador. É difícil dizer se ela ainda está se sentindo mal. Ela não parece estar, mas nunca se sabe. Pode apenas estar com uma boa aparência. E se ela estiver – machucada e vulnerável –, este não é o jeito que a quero. Quando rolar algo entre eu e Kate, quero que ela arranque minhas roupas e as delas também, porque não consegue esperar nem mais um minuto para eu me enfiar dentro dela. Quero que ela fale meu nome gemendo, que arranhe minhas costas e grite por causa da grandeza disso tudo.

Caramba e lá vou eu de novo. Estou com pau duro só de pensar nisso.

Que bagunça. Não posso comer a Kate e não quero comer mais ninguém. É o desastre perfeito. Eu te disse que teria o que mereço. Está feliz agora?

Apago as luzes da minha sala e vou até a de Kate. Ela não me vê de imediato, então cruzo meus braços, me apoio no batente da porta, e fico apenas a observando. Seus cabelos estão soltos e ela está em pé, debruçada sobre a mesa, olhando para o computador. Está cantando:

No more drinks with the guys
No more hitting on girls
I'd give it all up
And it'd be worth it in the end
If you were my lady
I would comprehend
How it feels to have something real
I would want to be a good man...

Ela tem uma voz muito linda. E o jeito como ela está debruçada sobre a mesa… quero apenas ir atrás dela e… *Céus*. Esquece. Estou apenas me torturando.

– É melhor a Rihanna se cuidar – ela olha para cima, acompanhando o som de minha voz e fica completamente envergonhada. Eu peço:

– Não pare por minha causa. Estava curtindo o show.

– Muito engraçado. O show terminou.

Aponto o polegar para baixo, fazendo um gesto negativo:

– Fala sério. Estou te mandando embora. Já passa das onze de uma noite de sexta-feira e você ainda não comeu. Conheço um lugar. Eu pago. Eles fazem um ótimo sanduíche de peru.

Kate desliga o monitor e pega a bolsa.

– Ahhh, é o meu favorito.

– É, eu sei.

Conseguimos uma mesa perto do bar e fazemos nosso pedido. A garçonete traz nossas bebidas e Kate toma um gole da margarita que pedi para ela.

– Hummm. Isso era tudo que eu precisava.

Te disse que era bom em adivinhar bebidas, lembra? Conversamos confortavelmente por alguns minutos, e depois… vai vendo.

Os olhos de Kate se arregalam, com espanto, e ela se enfia debaixo da mesa. Olho ao redor. *Que merda é esta?* Abaixo minha cabeça e olho para ela:

– O que está fazendo?

Ela parece estar em pânico.

– Billy está aqui. Ali em cima, no saguão em cima da pista de dança. E ele não está sozinho.

Começo a erguer minha cabeça, quando ela grita:

– Não olhe!

Meu Deus – isto é ridículo. Isso porque ela disse que tinha superado o imbecil.

– É que… não posso deixar ele me ver assim.

Agora estou confuso.

– Do que está falando? Você está linda.

Ela sempre está linda.

– Não, não com estas roupas. Ele me disse que não era atraente eu parecer tão determinada. Foi um dos motivos que fez ele terminar. Que eu… ele me disse que eu estava muito… masculina.

Você só pode estar de brincadeira. Masculino sou eu. Kate Brooks não tem a porra de uma célula masculina em seu corpo. Ela é toda feminina, de verdade.

Mas eu sei o que o idiota estava querendo fazer. Kate é inteligente, franca, ambiciosa. Muitos homens – como o idiota bundão, por exemplo – não dão conta de uma mulher como ela. Então, começam a inventar coisas. Fazer com que aquelas qualidades pareçam desagradáveis. Algo para se ter vergonha.

Que se dane isso. Pego na mão de Kate e a tiro debaixo da mesa. Ela olha ao redor depressa, enquanto a levo para a pista de dança.

– O que está fazendo?

– Devolvendo sua dignidade.

Esbarro em várias pessoas no caminho, causando uma pequena confusão, para me certificar de que o idiota nos veja.

– Quando eu terminar meu plano, Billy Warren vai beijar seus pés, sua bunda e qualquer outra parte que você pedir a ele, para te ter de volta.

Ela tenta sair do meu alcance.

– Não, Drew, isso não é…

Eu me viro para encará-la e coloco meus braços em volta de sua cintura.

– Confie em mim, Kate.

Seu corpo está próximo do meu, seu rosto está tão perto do meu que consigo até mesmo ver as manchinhas de seus olhos. Por que estou fazendo isso mesmo?

– Sou um homem. Sei como pensamos. Nenhum homem quer ver uma garota que já foi sua com outro. Apenas me acompanhe.

Ela não responde. Apenas coloca os braços no meu pescoço, fazendo com que fiquemos juntos – peito com peito, estômago com estômago, coxa com coxa.

Sinto uma agonia. Uma agonia perfeita e deliciosa.

Com vida própria, meu polegar desenha pequenos círculos na parte inferior de suas costas. A música nos rodeia e me sinto bêbado – não de álcool, mas de senti-la. Quero ignorar como seu corpo se encaixa perfeitamente no meu. Tento me lembrar das minhas nobres intenções. Deveria dar uma olhadinha para ver se o idiota está nos observando. Eu deveria, mas não faço isso. Estou muito vidrado no modo como ela está me olhando.

Talvez eu esteja me iludindo, mas juro que enxergo desejo nadando naquelas belezas escuras. Desejo despido, desinibido. Eu me inclino e esfrego meu nariz no dela, para ver como fica.

Não estou fazendo isso para mim. Estou falando sério. Não estou fazendo isso, porque ficar assim tão próximo a ela é o mais próximo que ficarei do céu.

Isso é para ela. Faz parte do plano. Para ela conseguir o idiota de volta, mesmo que ele não a mereça.

Aperto suavemente meus lábios contra os dela. É macio no começo e depois ela se derrete em mim. É aí que perco a cabeça. Ela abre a boca e eu deslizo minha língua devagar. Depois mais forte, mais firme, mais intenso, como a descida rápida de uma montanha-russa.

Tinha me esquecido como ela é gostosa. Mais viciante do que o chocolate mais caro do mundo. Pecado. Dessa vez está sendo diferente das outras vezes que nos beijamos. Melhor. Não há raiva por trás, nenhuma frustração ou culpa ou algo a ser provado. Não há pressa, é sensual e magnífico.

Nossos lábios se separam e forço-me a olhar para cima, quando vejo o olhar desolado de Warren antes de desaparecer no meio da multidão. Eu me volto para Kate e encosto minha testa na dela. Nossas respirações se misturam – estou ofegante e ela arfa levemente.

– Funcionou – digo a ela.

– O quê?

Sinto seus dedos brincando com o cabelo em minha nuca. Quando ela fala, sua voz é ofegante. Carente.

–Drew… você poderia? Drew… você quer…?

– O que quiser, Kate. Peça o que quiser e eu farei.

Seus lábios se abrem, e ela me observa por um momento.

– Você… pode me beijar de novo?

Obrigado, Deus.

E quanto a você, Grilo? Não enche o saco.

Capítulo 13

O trajeto até meu apartamento é um exercício de direção acrobática. Estou tentando desesperadamente manter minha boca em Kate e não nos matar. Ela senta no meu colo, montando na minha cintura, beijando meu pescoço, lambendo minha orelha – me deixando louco. Estou com uma mão no volante e a outra entre nós, deslizando sobre sua barriga, seu pescoço e aqueles seios perfeitos que me excitam por baixo de sua camisa meio aberta.

Não tentem fazer isso em casa, crianças.

Sua saia sobe até as coxas conforme ela se esfrega no meu pau latejante. Ela está tão gostosa sobre mim, que tenho que usar toda minha força de vontade para não desviar meus olhos da pista. Eu a beijo com firmeza e observo a rua por cima de seu ombro. Ela se move para cima e para baixo, masturbando-me devagar com a pressão. Deus do céu, se esfregar assim nunca foi tão bom.

Controlar? Reprimir? Já me esqueci disso faz tempo.

Por fim, estaciono o carro na garagem do meu prédio. Pego a primeira vaga que encontro e saímos do carro. Minhas mãos estão em sua bunda, suas pernas estão ao redor da minha cintura, carrego Kate até o elevador, nossos lábios e línguas estão dançando com ímpeto.

Não tranquei meu carro. Acho que nem fechei a porta.

Foda-se.

Podem roubá-lo. Tenho assuntos mais importantes para resolver.

Tropeço para dentro do elevador e pressiono o botão para a cobertura, antes de empurrá-la e apertá-la na parede, como venho morrendo de vontade de fazer. Ela dá um gemido longo e profundo na minha boca. Parece aquela cena do filme *Atração fatal*, sem a parte assustadora.

Chegando à minha porta, eu procuro a fechadura com uma mão ainda segurando Kate no meu colo. Ela morde minha orelha e sussurra:

– Rápido, Drew.

Teria chutado a porra da porta neste momento, caso a chave já não a estivesse abrindo. Entramos em meu apartamento e fecho a porta com um chute. Tiro suas pernas de mim e seus pés se deslizam no chão, criando um atrito delicioso pelo caminho. Preciso das minhas mãos livres.

Com nossas bocas ainda juntas, começo a desabotoar o resto de sua blusa. Kate não é muito habilidosa – ou apenas está impaciente. Ela enfia seus dedos na frente da minha camisa e a arranca. Os botões se espalham pelo chão.

Ela acabou de rasgar minha camisa.

O quanto *isso* é excitante?

Alcanço o fecho de seu sutiã e o abro. Sou experiente nessas coisas. Quem quer que seja que inventou o sutiã de fecho frontal, Deus te abençoe.

Kate afasta seus lábios e passa as mãos pelo meu peito e meu abdome. Seus olhos estão cheios de admiração, acompanhando o caminho de suas mãos. Observo meus próprios dedos passarem pelo seu colo até o centro de seus seios perfeitos e depois por aquele vale que amo, antes de chegar à sua cintura.

– Deus, Drew. Você é tão…

– Lindo – termino para ela.

Eu a levanto contra mim, envolvendo meus braços nela e tirando seus pés do chão, carregando-a até o sofá. Pensava que dançar com ela era como estar no paraíso? Não. Seu peito nu contra o meu – isso que é se sentir no céu. Maldito paraíso.

Eu beijo por baixo de seu queixo e chupo a pele suave de seu pescoço. Amo o pescoço de Kate – e pelos sons vibrando em sua garganta, ela ama o que faço. Sento-me de novo no sofá, levando-a comigo, com seu tronco apoiado no meu, suas pernas fechadas entre meus joelhos afastados. Ela puxa meus lábios para os dela, a fim de me dar outro beijo antes de se levantar e se afastar.

Estamos sem ar e nos encarando, quase nos atacando com os olhos. Ela morde os lábios e suas mãos desaparecem atrás de suas costas. Escuto o barulho do zíper, e aí sua saia começa a cair no chão. É a coisa mais excitante que já vi.

Kate está parada na minha frente com uma calcinha de renda preta, uma camisa branca aberta e sapatos altos. Seus lábios estão inchados, suas bochechas estão coradas e seu cabelo está despenteado por causa das minhas mãos. Ela é uma deusa… encantadora pra caralho. O modo como me olha quase me faz gozar aqui e agora. Pego minha carteira e tiro a camisinha, deixando-a na almofada perto de mim.

Kate deixa a saia e vem em minha direção… com seus sapatos altos.

Deus do céu.

Ela se ajoelha entre minhas pernas e desabotoa minha calça, mantendo seus olhos excitados fixos nos meus. Eu me levanto e ela tira minha calça e minha cueca. Meu pau sobe, orgulhoso, duro e totalmente pronto. Ela olha para baixo e me examina. Deixo-a aproveitar ao máximo, não tenho vergonha.

Mas, quando um sorriso perverso aparece em seus lábios, e ela se inclina em direção a meu pau, eu a agarro e a puxo para minha boca. Não sei o que ela estava planejando – bem, tenho uma *noção* –, mas se eu não entrar logo nela, acho que vou morrer.

Levanto-a pela cintura e seus joelhos se apoiam um em cada lado de mim. Seguro-a com uma mão, enquanto a outra empurra a renda entre suas pernas para o lado. Enfio dois dedos dentro dela. *Céus*. Ela também está pronta. Eu deslizo meus dedos até o fundo, e nós dois gememos alto. Ela está molhada… e quente. Ela se molda confortavelmente nos meus dedos, e meus olhos se fecham, sabendo o quanto ela se sentirá incrível em volta do meu pau. Movo meus dedos para dentro e para fora e ela começa a montar na minha mão. Ela está suspirando… gemendo… gritando meu nome.

Música para meus ouvidos.

Não aguento mais. Pego a camisinha e rasgo o pacote. Kate se levanta, conforme a vou desenrolando. Depois ela empurra minha mão. E coloca a camisinha para mim.

Porra, Deus do céu.

Eu tiro sua calcinha de renda. Quero-a nua, sem nada para atrapalhar. Com um puxão e um estalo, eu a rasgo. Seus cachos escuros e lábios brilhantes me chamam, e juro por Deus que vou dar toda a atenção que eles merecem depois. Mas agora não rola esperar.

Meus olhos estão fixos nos dela… aqueles olhos escuros de chocolate que me conquistaram na primeira vez que os vi.

Lindos.

Devagar, ela senta em mim. Por um momento, nenhum de nós se mexe. Ou respira. Ela está apertada… Porra… até mesmo pela camisinha, sinto ela se apertando para mim.

Sussurro seu nome, como em uma oração:

– Kate.

Pego seu rosto com minhas mãos e a trago para mim. Não consigo beijá-la. Ela sobe, deixando-me quase todo para fora antes de deslizar suavemente para baixo, levando-me para dentro de novo.

Ai meu Deus.

Nada nunca foi tão bom – nada. Minhas mãos agarram seus quadris, ajudando-a a montar meu pau com arrancadas firmes. Nossas bocas estão abertas uma contra a outra, se beijando e ofegando.

Sento-me reto, pois sei que a pressão adicionada contra seu clitóris deixará mais gostoso para ela. E não estou errado. Ela vem para mim mais forte, rápido, minhas mãos apertam seus quadris. Beijo seu pescoço e inclino minha cabeça, lambendo todo o caminho até chegar a seu seio duro. Coloco-o em minha boca, chupando-o e lambendo-o, fazendo com que sua mão puxe meu cabelo quando ela geme.

Não vou aguentar. Não tem como. Esperei muito tempo por isso, queria tanto isso. Eu apoio meus pés no chão e começo a impulsionar, metendo nela, empurrando seus quadris para baixo o mais forte que consigo. Estou em êxtase. Duro, profundo, encharcado, não quero que isso termine nunca.

Ela joga sua cabeça para trás e geme mais alto:

– Sim… sim… Drew.

Estou xingando e falando seu nome, nós dois estamos quase irracionais. Fora de controle. Pois isso está bom pra caralho.

Ela grita meu nome e sei que vai gozar.

Deus, eu amo sua voz.

Aí ela começa a se contrair em volta de mim – sua boceta em volta do meu pau, suas pernas nas minhas coxas, suas mãos nos meus ombros – tudo está contraído e tenso. E estou na mesma situação que ela.

– Kate, Kate… porra… Kate.

Eu impulsiono de novo e de novo. Depois, gozo. É demorado e intenso. Um prazer quente explode em meu corpo, como nada que já senti antes. Minha cabeça tomba no encosto do sofá.

Depois que os espasmos acabam, meus braços envolvem Kate, unindo nossos peitos e fazendo sua cabeça encostar no meu pescoço. Sinto a batida de seu coração começar a voltar ao normal. Em seguida, ela dá uma risada baixa, de satisfação.

– Deus… isso foi tão… tão…

Agora também estou sorrindo.

– Eu sei.

Um abalo na Terra. Fora da Escala Richter. Foi tão poderoso que podia destruir alguma ilha.

Passo meus dedos pelo seu cabelo… é tão suave. Eu me abaixo e a beijo de novo. Perfeito demais!

Que noite ótima. Acho que esta pode ser considerada a melhor noite da minha vida. Ainda está começando.



Kate grunhe quando me levanto e a levo, em meu colo, para meu quarto.

Nunca trouxe uma mulher ao meu quarto antes. É uma regra. Não trazer nenhum encontro aleatório para o meu apartamento – nunca nem considerei isso. E se alguma daquelas garotas soubesse onde moro? Elas se tornariam psicopatas perseguidoras, não acham?

Mas não penso duas vezes em colocar a Kate no meio da minha cama. Ela me observa, de joelhos, conforme tiro minha camisa sem botões e me livro da camisinha usada. Mordendo seu lábio com um sorriso, ela tira sua blusa, que ainda estava pendurada em seus braços. Ah sim – e ainda está usando salto alto.

Legal. Muitíssimo legal.

Eu rastejo até ela e fico sobre meus joelhos no centro da cama. Encosto seu rosto em minhas mãos, dando-lhe um beijo longo e quente. Estou pronto para outra. Meu pau encosta na barriga dela, onde fica firme e pronto. Mas, nesta rodada, quero esperar até o momento certo. Tenho admirado seu corpo por meses – e agora estou planejando explorar cada pedaço dele, de modo íntimo e pessoal.

Eu me inclino e a deito de costas. O cabelo de Kate se espalha atrás dela, nos meus travesseiros. Ela parece algum tipo de diabinha mítica, alguma divindade sexual pagã de uma lenda romana.

Ou um pornô bem atuado.

Seus joelhos se abrem com naturalidade e eu me posiciono entre eles. Céus… ela já está úmida. Consigo sentir o quanto ela está molhada quando ela se mexe e se esfrega na minha barriga. Implorando silenciosamente por aquilo – mais uma vez.

Beijo todo o caminho até seu pescoço e colo, indo de encontro com seus pequenos seios. As mãos de Kate massageiam meus ombros, enquanto eu lambo um círculo em volta de um centro rosa escuro. Sua respiração está rápida e urgente. Movo minha língua rapidamente sobre seu mamilo até que ela gema meu nome.

No minuto em que a palavra sai de seus lábios, fecho minha boca e chupo com força. Por alguns minutos, alterno entre lamber, chupar e arranhar seu biquinho pontudo. A reação dela é tão primitiva

que não aguento e mudo para o outro seio e dou àquela beleza a mesma atenção.

Quando começo a descer, Kate se retorce embaixo de mim, resistindo e se esfregando em qualquer parte de meu corpo que consiga alcançar.

É espontâneo.

Bonito.

Por mais que eu a queira neste momento, por melhor que seja tê-la se apertando contra mim – tenho total controle do que estou fazendo. Estou no comando. Tem uma coisa que não vejo a hora de fazer. Algo com que sonho pra caralho desde aquela noite no Howie's. Eu lambo um caminho até o meio de sua barriga, e depois engatinho para baixo. Tiro seus sapatos e lambo outro trajeto até o interior de sua coxa, e encontro meu alvo: seus cachos escuros e bem depilados.

A Kate está com pelos aparados e curtos, e a pele em volta de sua boceta é tão suave quanto seda. Sei disso porque agora estou mordiscando ao redor daquele pequeno triângulo. Homens amam uma xoxota que esteja quase toda exposta. E não, não tem nada a ver com fantasias pervertidas pré-puberdade. Pensar em uma mulher quase careca lá embaixo é apenas… impróprio. *Tão* excitante.

Esfrego meu nariz ali e inalo. Kate ofega e geme sobre mim – com os olhos fechados e a boca aberta.

Só para sua informação, homens não esperam que uma mulher cheire como um pinheiro no inverno ou como as Cataratas do Niágara ou qualquer coisa que aqueles produtos femininos falam. É uma vagina – deve cheirar como uma. *Isso é* o que nos excita pra caralho.

O cheiro de Kate, em particular, me faz salivar como um animal faminto. Eu me esfrego de novo, beijando seus lábios carnudos. *Deus do céu*.

Suas mãos agarram o cobertor.

– Céus, você tem um cheiro muito bom, quero te comer a noite toda.

E provavelmente irei.

Lambo sua boceta molhada e ela se arqueia na cama gemendo. Eu seguro seus quadris com minhas mãos, segurando-a imóvel enquanto faço aquilo de novo e ela geme bem alto.

– Isso mesmo, Kate, deixa eu te escutar.

Tenho plena consciência de que sou o primeiro homem a fazer isso – aquilo – para ela. Claro, como um homem, tal fato faz isso se tornar ainda melhor.

Você conhece o Neil Armstrong, não é?

Agora me diz quem era o segundo homem. Caramba, me fale o nome de qualquer outro homem que conseguiu chegar à lua depois dele. Você não consegue, não é? É por essa razão que isso é tão impactante.

Ela nunca se esquecerá disso.

Ela sempre se lembrará de mim!

Talvez isso seja chauvinista e egocêntrico, mas é a realidade.

Para cima e para baixo, mais uma vez, eu a lambo de ponta a ponta. Seu gosto é doce e espesso. Delicioso. Eu separo suas coxas, deixando-a bem esticada, e empurro para dentro e para fora dela – comendo-a com minha língua. Sua cabeça gira de lá pra cá e gemidos agudos ecoam de sua garganta. Ela está incoerente, e seus dedos do pé apertam meus ombros, mas eu não paro. De maneira alguma. Em um impulso, chupo o clitóris firme de Kate e coloco dois dedos dentro dela.

Então sou eu quem começa a gemer. Seu líquido quente cobre meus dedos, quase queimando. Não consigo fazer com que meus quadris parem de rodar e se esfregar na cama. *Porra.* Ainda entrando e saindo com minha mão, eu estico minha língua e esfrego em círculos intensos e firmes no seu clitóris.

– Drew! Drew!

Escutar a Kate gritar me deixa mais elétrico. Movimento meus dedos mais depressa, acompanhando minha língua, e olho para cima… preciso observá-la perdendo o controle. Vou gozar só de vê-la assim. A expressão em seu rosto é de êxtase completo, e não sei qual de nós dois está aproveitando mais.

– Ah Deus, ah Deus, ah Deus… Deus!

Então ela se contrai – rígida como a porra de uma prancha. As mãos dela puxam meu cabelo, suas coxas se apertam em volta da minha cabeça, e sei que ela está gozando.

Muito tempo depois, ela relaxa, e dou lambidas vagarosas e suaves. Quando Kate descontrai seu corpo ainda mais, eu me sento, seco meu rosto com minha mão e pego uma camisinha nova.

Ah lógico – estou apenas começando.

Debruço-me nela e ela me puxa e me beija com força. Ela ofega contra meus lábios:

– Tão… incrível.

Uma satisfação presunçosa e convencida pulsa em minhas veias, mas não consigo nem sorrir. Preciso trepar muito com ela. Escorrego dentro dela com facilidade. Ela está escorregadia, mas apertada – como um punho molhado. Sinto-a se apertar em mim enquanto retiro devagar e meto outra vez.

Começo a impulsionar mais rápido. Com mais força. Meus braços estão retos em cada lado de sua cabeça, para que eu possa observar o prazer revelado em seu rosto. Seus peitos balançam cada vez que avanço, e eu quase me abaixo para chupar um deles.

Mas então ela abre os olhos e me observa. E eu não consigo desviar o olhar. Sinto-me como um rei – como um maldito imortal. Qualquer autocontrole que eu tinha acabou de sumir. Eu meto dentro dela, rápido e sem dó. Puro prazer quente se espalha por minha barriga e minhas coxas.

Deus do céu.

Nossos corpos se batem repetidamente, firmes e ágeis. Eu passo um braço por baixo de seu joelho e levanto sua perna sobre meu ombro. Ela fica ainda mais apertada, aí não aguento e gemo:

– Kate…

– Isso, assim. Céus, sim! Drew…

E então ela se contrai por baixo de mim mais uma vez, seus olhos se fecham e um gemido

abafado ecoa de seus lábios.

Nesse momento eu desisto. Eu a golpeio uma última vez antes de ter o orgasmo mais intenso da minha vida. Eu gemo alto, enchendo a camisinha até a borda. Meus braços perdem a força, e meu peso cai sobre ela. Ela não parece se importar. No momento em que caio, ela começa a me beijar – meus olhos, minhas bochechas, minha boca. Faço um esforço para recuperar o fôlego e então a beijo também.

Inacreditável pra caralho.

Capítulo 14

Uma vez, li um artigo que dizia que fazer sexo aumentava nossa expectativa de vida. Se for assim, Kate e eu vamos viver para sempre. Perdi a conta de quantas vezes fizemos isso. É como a mordida de um mosquito – quanto mais você coça, mais ela arde.

Estou feliz por ter comprado a caixa extragrande de camisinhas no mercado.

Caso você não tenha percebido pelas minhas reações, vou esclarecer: Kate Brooks é uma trepada incrível. Uma transa espetacular. Se antes eu não tinha certeza de que Billy Warren era um completo bundão – já que só tinha tido uma amostra do que ele jogou fora –, agora tenho total certeza disso.

Ela é aventureira, assumidamente exigente, espontânea e segura. Bem parecida comigo. Nos encaixamos, de diversas formas.

Quando enfim paramos para respirar, o céu na minha janela está começando a escurecer. Kate está deitada quieta, com a cabeça no meu peito; passando os dedos por ele e puxando alguns pelos, de vez em quando.

Espero que, após tudo o que te contei, isso não seja uma surpresa, mas eu não "durmo de conchinha". Normalmente, depois que eu e uma mulher transamos, não deitamos juntos, não nos aconchegamos, não conversamos na cama. De vez em quando, posso até tirar uma soneca antes de ir embora. Mas não suporto quando uma garota se enrosca em mim como uma cobra. É irritante e desconfortável.

No entanto, com Kate, as regras antigas parecem não valer mais. Nossas peles quentes estão grudadas, nossos corpos alinhados, seu tornozelo está sobre minha panturrilha, minha coxa está embaixo de seu joelho dobrado. Isso me deixa… calmo. Parece reconfortante, de um modo que não consigo descrever. Não tenho a mínima vontade de mudar de posição.

A não ser que seja para virá-la e comê-la mais uma vez.

Ela quebra o silêncio.

– Quando você perdeu a virgindade?

Eu rio.

– Estamos jogando "Primeira e décima" de novo? Ou você está pensando no meu histórico sexual? Porque, se for isso, acho que você tá um pouco atrasada, Kate.

Ela sorri.

– Não. Não é isso. Só quero saber um pouco mais sobre você.

Suspiro ao refletir.

– Beleza. Minha primeira vez foi com… Janice Lewis. No meu aniversário de quinze anos. Ela me convidou para ir até a casa dela, para me dar seu presente. Era ela.

Sinto Kate sorrir no meu peito.

– Ela também era virgem?

– Não. Ela tinha acabado de completar dezoito anos. Estava se formando no colégio.

– Ah. Uma mulher mais velha. Então ela te ensinou tudo o que sabe?

Eu sorrio e encolho meus ombros.

– Fui descobrindo uns truques com o passar do tempo.

Ficamos quietos de novo por alguns minutos, e depois ela pergunta: – Não quer saber sobre a minha primeira vez?

Não preciso nem pensar para responder essa.

– Não.

Não quero estragar o momento, mas vamos parar aqui um segundo.

Nenhum homem tem interesse em saber do passado de uma mulher. Não me importo se você transou com um ou com cem caras – guarde para você.

Deixe-me explicar melhor: quando você está em um restaurante e o garçom traz sua refeição, você quer que ele lhe conte sobre todo mundo que tocou naquela comida antes de você colocá-la em sua boca?

Exatamente.

Também acredito que a primeira vez dela aconteceu com o Warren – que foi o primeiro e único. E ele é a última pessoa de quem quero falar neste momento e neste lugar.

Agora, voltemos ao meu quarto.

Viro para o lado e fico de frente para Kate. Nossos rostos estão próximos, nossas cabeças dividem o mesmo travesseiro. Sua mão está sob a bochecha de um modo inocente.

– Na verdade, *tem* algo que gostaria de saber – digo.

– Manda.

– Por que você começou a trabalhar com investimentos?

Venho de uma ampla linhagem de homens de negócios. Ninguém esperava que eu e a Alexandra seguíssemos os passos de nossos pais – mas acabou acontecendo. As pessoas sempre tendem a ir pelo caminho que conhecem, que lhes é familiar.

Como atletas profissionais. Já percebeu a quantidade de Júnior que têm na liga de beisebol? É para distingui-los de seus pais na Calçada da Fama. Os zagueiros Manning – a mesma coisa. Mas fico pensando em o que fez com que Kate fosse para o ramo de investimento, levando em conta que ela passou sua adolescência cometendo pequenos delitos.

– Dinheiro. Queria uma carreira em que soubesse que conseguiria ganhar bem.

Eu ergo as sobrancelhas.

– Sério?

Ela me olha, compreensiva.

– Você estava esperando algo mais nobre?

– Sim, acho que sim.

Seu sorriso diminui.

– A verdade é que meus pais se casaram jovens, me tiveram cedo. Compraram o restaurante em Greenville. Hipotecaram tudo. Morávamos em cima dele. Era… pequeno, mas agradável.

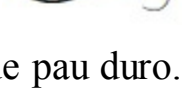
Seu sorriso murcha um pouco mais.

– Meu pai foi morto quando eu tinha treze anos. Acidente de carro, por causa de um motorista bêbado. Depois disso, minha mãe estava sempre ocupada. Tentando manter o restaurante funcionando, tentando se manter forte.

Quando ela pausa mais uma vez, coloco meus braços ao seu redor e a aproximo até que sua testa encoste no meu peito. Depois ela continua: – Ela mal conseguia nos sustentar. Nunca passei fome ou algo do gênero, mas… não era fácil. Tudo era uma luta. Então, quando me contaram que eu seria a oradora da turma e que tinha recebido uma bolsa integral para Wharton, eu pensei: "ok, investimento é o que será". Nunca quis ser fraca ou dependente. Apesar de ter Billy, era importante para mim saber que eu conseguiria me sustentar sozinha. Agora que consegui, tudo que quero é cuidar da minha mãe. Estou tentando convencê-la a se mudar pra Nova York, mas até agora ela disse "não". Ela trabalhou a vida toda… só queria que descansasse um pouco.

Não sei o que dizer. Apesar de todos os meus comentários maldosos sobre minha família, tenho certeza de que eu ficaria louco se algo acontecesse com qualquer um deles.

Levanto o queixo dela para que possa olhar em seus olhos. Depois a beijo. Após alguns minutos, Kate se vira. Coloco meus braços ao redor de sua cintura e a coloco perto de mim. Encosto meus lábios em seu ombro e coloco meu rosto entre seus cabelos. Embora tecnicamente seja de manhã, ficamos assim até pegarmos no sono.



Todo homem saudável no mundo acorda de pau duro. Uma bela ereção matinal. Acho que deve haver alguma explicação médica para este fenômeno, mas gosto de pensar nisso como um presentinho de Deus.

Uma chance de começar o dia com o pau a postos.

Não consigo me lembrar da última vez que dormi com uma mulher ao meu lado. Acordar ao lado de uma, no entanto, tem seus benefícios. E estou preparado para aproveitá-los.

Com meus olhos ainda fechados, viro e procuro por Kate. Quero provocá-la para despertá-la, antes de lhe dar um "bom-dia" por trás. A meu ver, é a única maneira aceitável de se acordar alguém. Mas, conforme minhas mãos se esfregam nos lençóis, só encontro um espaço vazio onde ela deveria estar. Abro meus olhos, sento-me, e procuro. Não há sinal dela.

Hum.

Tento escutar barulho no banheiro ou som de água correndo do chuveiro, mas só há silêncio.

Ensurdecedor, não é?

Para onde ela foi?

O batimento do meu coração acelera quando imagino se ela fugiu enquanto eu dormia. Já fiz isso antes – em diversas ocasiões –, mas nunca esperaria isso vindo da Kate.

Estou quase me levantando da cama, quando ela aparece na porta. Seu cabelo está preso com um daqueles elásticos que as mulheres parecem sempre encontrar do nada. Ela está vestindo uma camiseta cinza da Columbia – *minha* camiseta cinza da Columbia –, por um momento, fico fascinado pelo modo com que seus peitos balançam por baixo dela, quando ela caminha.

Kate coloca a bandeja que está carregando no criado-mudo.

– Bom dia.

Eu resmungo.

– Poderia ter sido. Por que se levantou?

Ela ri.

– Estava morrendo de fome. Meu estômago estava roncando alto. Ia fazer nosso café da manhã, mas a única coisa que encontrei na cozinha foram cereais.

Cereal é a comida perfeita. Eu comeria isso em todas as refeições. Não falo daquela porcaria saudável com farelos de cereais e aveia que seus pais enfiam goela abaixo. Eu como apenas coisas boas: Lucky Charms, Fruity Pebbles, Cookie Crisp. Meu armário é um verdadeiro banquete de trigo altamente açucarado.

Eu encolho os ombros.

– Peço muita comida pronta.

Ela me entrega uma tigela. Apple Jacks – ótima escolha. Entre as mordidas, Kate fala:

– Peguei uma camiseta sua emprestada. Espero que não se importe.

Mastigo meu café da manhã de campeão e balanço minha cabeça.

– Sem problema algum. Mas eu prefiro você sem ela.

Viu como ela olha para baixo? Como seus lábios se curvam em um sorriso suave? Vê a cor que aparece em suas bochechas? Meu Deus – ela está ficando corada de novo. Depois da noite passada? Depois dos xingamentos, dos gritos, dos arranhões? *Agora* que ela fica corada?

Adorável, certo? Eu também acho.

– Não acho que cozinhar pelado seja muito higiênico.

Eu coloco minha tigela, agora vazia, na bandeja.

– Você gosta de cozinhar?

Nos meses em que trabalhamos juntos, aprendi muito sobre Kate, mas ainda há muito mais que quero descobrir.

Ela acena e termina seu cereal.

– Quando você cresce em um restaurante, acaba aprendendo a cozinhar. Assados são minha especialidade. Faço ótimos biscoitos. Mais tarde, se conseguirmos os ingredientes, eu faço.

Eu sorrio maliciosamente.

– Adoraria comer seu biscoito, Kate.

Ela balança a cabeça para mim:

– Por que estou sentindo que você não está falando sobre biscoitos de chocolate?

Lembra-se daquele presente de Deus? Não posso deixá-lo de lado. Isso seria um pecado – e realmente não aguento mais. Eu a arrasto até a cama e tiro sua camiseta.

– Pois não estou. Agora, sobre aquele biscoito…



– Rainha para B-sete.

– Bispo para G-cinco.

Jogos são divertidos.

– Cavalo para C-seis.

– Certo.

Jogos sem roupas? São muito mais divertidos.

A sobrancelha de Kate franze ao olhar para o tabuleiro de xadrez. Esta é nossa terceira partida. Quem ganhou as outras duas? Por favor, como se você precisasse perguntar.

Estamos contando histórias enquanto jogamos. Contei a ela sobre quando eu quebrei meu braço andando de skate, aos doze anos. Ela me contou sobre o dia em que ela e Deloris pintaram o pelo do hamster delas de rosa. Eu contei sobre o apelido que eu e Matthew demos à Alexandra. Kate beliscou meu mamilo depois disso. Forte. Ela se lembrou do dia em que a chamei de "uma Alexandra" no meu escritório.

Está confortável, simples e agradável. Não tão agradável quanto transar – mas bem próximo. Estamos deitados na cama, de lado, nossas cabeças estão apoiadas em nossas mãos e o tabuleiro está no meio.

Ah – e caso tenha se esquecido, estamos pelados.

Eu sei que algumas mulheres têm problemas com seus corpos. Talvez você tenha um pneuzinho a mais? Supere. Não importa. Ficar pelada é sempre melhor do que ser modesta. Os homens são visuais. Não estaríamos comendo se não quiséssemos olhar.

Você pode anotar se quiser.

A Kate não tem problema algum em ficar pelada. Ela, com certeza, está bem com seu corpo. E é sensual – muito sensual.

– Você vai andar ou só vai fazer um buraco no tabuleiro de tanto olhar para ele?

– Não me apresse.

Eu suspiro.

– Beleza. Demore o quanto precisar. Você não tem para onde ir mesmo. Te cerquei.

– Acho que você está roubando.

Meus olhos se arregalam.

– Isso machuca, Kate. Estou ofendido. Eu não roubo. Eu não preciso. Ela desconfia de mim.

– Você tem que ser tão metido?

– Espero que sim. E falar besteira não vai te levar a lugar nenhum. Pare de enrolar.

Ela suspira e aceita a derrota. Eu faço meu movimento final.

– Xeque-mate. Quer jogar de novo?

Ela se curva sobre a barriga e dobra os joelhos, seus pés quase tocam a cabeça. Meu pau se contrai com a vista.

– Vamos jogar outra coisa.

Twister? Esconda o salame? Charadas do Kama Sutra?

– Você tem Guitar Hero?

Se eu tenho Guitar Hero? A competição do milênio? O video game mais legal que existe? Lógico que tenho.

– Talvez você devesse escolher outro – digo. – Se eu continuar ganhando de você assim, vai acabar arruinando seu frágil ego feminino.

Kate me encara.

– Pode preparar o video game.

Ela devia estar morrendo de vontade de jogar. Foi uma matança. Brutal. Ela acabou comigo.

Em minha defesa, Kate sabe como tocar uma guitarra de verdade. Isso e… ela nos fez vestir roupas. Quanto cruel foi isso? Eu ficava tentando dar uma olhada naquela bundinha suculenta empinada, que estava por baixo da minha camiseta. Isso me distraiu.

Na verdade, nunca tive uma chance.



Então, a esta altura você deve estar imaginando o que diabos estou fazendo, certo? Porque sou eu. Uma volta por cliente – sem reprise, sem repetições. Então por que estou passando minha tarde de sábado brincando de casinha com Kate?

Deixe-me te contar o plano: trabalhei durante meses para consegui-la do modo que está agora. Passei infinitas noites querendo, sonhando e fantasiando sobre isso.

Vamos supor que você fique preso em uma ilha deserta, sem comer por uma semana. E, então, o navio de resgate finalmente chega com um grande prato de comida. Você iria provar um pouco e jogaria o resto fora?

Claro que não. Você comeria cada parte. Devoraria cada migalha. Lamberia o prato.

É isso que estou fazendo. Estou me divertindo com Kate até que eu esteja… cheio. Não ache que é mais do que isso.



Eu já contei que Kate tem uma tatuagem? É. Uma *tramp stamp,* um cofrinho marcado. Chame do jeito que quiser. Está desenhada bem acima do cóccix. É uma pequena borboleta turquesa.

É saborosa. Estou contornando-a com minha língua agora.

– Caramba, Drew…

Após a desgraça do Guitar Hero, Kate decidiu tomar um banho. E escuta essa: ela me perguntou se eu queria ir primeiro.

Garotinha boba, bobinha. Como se tomar banho separado fosse uma opção.

Eu me levanto e a provoco pelas costas. Ela é mais quente do que a maldita água que nos acerta por todos os lados. Eu jogo seu cabelo para o lado ao me deleitar naquele pescoço delicioso. Minha voz sai rouca ao dizer para ela:

– Abra suas pernas pra mim, Kate.

Ela as abre.

– Mais.

Ela abre de novo.

Eu dobro meus joelhos e deslizo meu pau para dentro dela. *Céus.* Já faz duas horas desde que estive assim tão fundo nela. Tempo pra caralho – uma eternidade.

Gememos juntos. Seus seios estão escorregadios por causa do sabonete quando deslizo meus dedos em seus bicos e brinco com eles como sei que a faz vibrar. Ela joga a cabeça no meu ombro e arranha minhas coxas. Suspiro com a sensação e acelero um pouco o ritmo.

Em seguida, ela se inclina, flexiona a cintura e se apoia na parede com as mãos. Eu as cubro com minhas próprias mãos, cruzando nossos dedos. Entro e saio dela sem pressa alguma. Beijo suas costas, seus ombros, sua orelha.

– Você tem um gosto muito bom, Kate.

Sua cabeça vira e ela geme:

– Deus, você está tão… duro… tão grande.

Aquela frase? Escutar esta frase é o sonho de todo homem. Não importa que você seja um monge, ainda assim você quer ouvi-la.

Sim, já escutei isso antes. Mas vindo de Kate – naquela voz doce – é como se estivesse ouvindo pela primeira e única vez.

E depois ela implora:

– Mais forte, Drew… por favor.

Faço do jeito que ela pede, suspirando. Deixo uma mão na parede e coloco a outra em seu clitóris; toda vez que eu empurro mais forte, ela se encosta nos meus dedos. Kate geme com o contato.

Depois começa a exigir:

– Mais forte, Drew. Mete com força.

Quando seu comando chega aos meus ouvidos, eu explodo, como um telhado desmoronando em um intenso incêndio de uma casa. Meto nela até que fique prensada contra a parede, com sua bochecha contra o azulejo gelado. Eu me movo rápido e com força. Os gritos de satisfação de Kate ecoam nas paredes, e estamos em perfeita sintonia.

É longo, intenso e maravilhoso.

Assim que o prazer vai diminuindo, ela se vira, coloca os braços ao redor do meu pescoço e me beija devagar. Depois encosta a cabeça em meu peito e ficamos em pé, juntos, embaixo do chuveiro. Não consigo esconder o tom de admiração ao dizer:

– Nossa, fica cada vez melhor.

Ela ri.

– Você também acha? Pensei que só eu estava sentindo isso.

Ela me olha, morde os lábios e tira o cabelo molhado dos meus olhos. É um gesto simples. Mas tem tanta emoção por trás disso. O toque é gentil, o olhar é tão carinhoso, como se eu fosse a coisa mais maravilhosa que ela já viu. Como se eu fosse algum tipo de… tesouro.

Normalmente, um olhar como este me faria sumir rapidinho – procurando a saída mais próxima.

Mas, ao observar o rosto de Kate, com uma mão segurando sua cintura e a outra mexendo em seu cabelo, não quero correr. Não quero nem olhar para outra direção. Não quero deixá-la nunca.

– Não… eu também sinto isso.

Capítulo 15

Estou te entediando com estes detalhes sórdidos? Poderia resumir isso tudo apenas dizendo: Kate e eu transamos como doidos durante o final de semana inteiro.

Mas isso não seria tão legal.

Também não te apresentaria tudo. Pelo caminho mais longo, você conseguirá todos os fatos. E a visão privilegiada de todos os nossos pequenos momentos. Momentos que pareciam tolos e insignificantes naquela época. Mas, agora que estou gripado, são as únicas coisas que me vêm à cabeça.

A cada minuto, de cada dia.

Já ficou com uma música na cabeça? Lógico que já, isso já aconteceu com todo mundo. E talvez seja uma música bonita, talvez até sua favorita. Mas mesmo assim é muito irritante, não acha? Não é legal. Pois você não quer apenas escutá-la em seu cérebro – você quer escutá-la em um rádio ou em um show ao vivo. Repeti-la em sua mente é apenas uma imitação barata. Uma simulação, um maldito lembrete de que não pode ouvir a versão real.

Está entendendo aonde quero chegar?

Não se preocupe, você entenderá.

Agora, onde parei? Isso mesmo – noite de sábado.



– Este é o travesseiro perfeito.

Acabamos de pedir comida – italiana – e estamos esperando a entrega. Kate está sentada no meu sofá, no meio de um mar de almofadas e cobertores. E está segurando um travesseiro no colo.

– O travesseiro perfeito?

– Sim – diz ela. – Sou bem chata quando se trata de travesseiros. E este é perfeito. Não é muito baixo, não é muito cheio. Não é muito duro, não é muito mole.

Eu sorrio.

– Bom saber, princesa.

Decidimos assistir a um filme. Televisão a cabo com pay-per-view é a segunda melhor invenção de nossa época. A primeira, claro, é a TV de plasma. Levanto-me para pegar o controle remoto, enquanto Kate procura algo em sua bolsa, no chão.

Mencionei que ainda estamos nus? Estamos. É libertador.

Divertido.

Todas as partes boas estão fáceis de alcançar. E a vista é fantástica.

Ao me virar para voltar ao sofá, um aroma, agora familiar, atinge minhas narinas. Doce e floral. Açúcar e primavera. Olho para Kate e a vejo passando uma loção em seus braços. Agarro a embalagem, como um cachorro morde um osso.

– O que é isso?

Coloco o frasco perto do nariz e inspiro profundamente, depois caio sobre as almofadas com um gemido de satisfação.

Kate ri.

– Não inale isso. É um hidratante. Não sabia que o combate à pele seca te deixava tão excitado.

Olho para o frasco. Baunilha e lavanda. Dou outra fungada profunda.

– Isso cheira a você. Toda vez que está perto de mim, você cheira como… como um buquê de sol coberto com açúcar mascavo.

Ela ri de novo.

– Drew, que fofo, não sabia que você era um poeta. Shakespeare ficaria com inveja.

– Isso é comestível?

Ela faz uma careta.

– Não.

Que pena. Eu teria jogado na minha comida como um requintado molho holandês. Acho que vou ter que me contentar em cheirá-lo na Kate.

Agora que estou pensando sobre isso, essa é realmente a melhor opção.

– Eles fazem um para banho de espuma também. Já que você gosta tanto, vou comprar um.

É a primeira referência que ela faz sobre uma próxima vez. Um próximo encontro. Um futuro. Ao contrário das minhas outras trepadas, a possibilidade de uma segunda vez com Kate não me deixa cheio de indiferença ou irritado. Ao invés disso, estou ansioso – empolgado – com essa hipótese.

Eu a admiro por um momento, me embebedando com a estranha alegria que me envolve apenas por observá-la. Podia trabalhar o dia inteiro olhando para Kate Brooks.

– Então – pergunta ela –, decidimos qual filme?

Ela se apoia em mim e passo meu braço em volta dela com naturalidade.

– Estava pensando em *Coração valente*.

– Eca. O que acontece com esse filme? Por que todos os homens são viciados nele?

– Ah, pela mesma razão pela qual as mulheres são obcecadas com aquele maldito *Diário de uma paixão*. É o que você ia sugerir, né?

Ela sorri, dissimulada, e sei que adivinhei.

– *Diário de uma paixão* é romântico.

– É muito gay.

Ela joga o travesseiro perfeito na minha cara.

– É fofo.

– É enjoativo. Tenho amigos que são homossexuais extravagantes, e aquele filme é gay demais até pra eles.

Ela suspira sonhando.

– É uma história de amor, uma linda história de amor. O modo com que todo mundo tentou separar os dois. Mas depois, anos depois, eles se encontraram de novo. Foi o destino.

Eu viro meus olhos.

– Destino? Por favor. O destino é um maldito conto de fadas, querida. E o resto da história é um monte de besteira também. A vida real não funciona daquele jeito.

– Mas aquilo é…

– *Aquilo é* a razão das taxas de divórcio estarem tão altas. Filmes como aquele dão expectativas irreais às mulheres.

E o mesmo acontece com livros de romance. Alexandra quase cortou a cabeça do Steven uma vez porque ele tinha pegado uma de minhas revistas *Playboy* emprestada. Apesar disso, a cada verão A Vaca fica na praia lendo livros de pornô *soft*.

Sim, eu disse, "pornô". É o que é.

E nem é *bom* pornô: "Ele colocou seu tronco viril em direção às pétalas gotejantes de seu centro feminino".

Quem fala desse jeito?

– Homens reais não pensam como Nolan ou Niles ou qual seja o nome daqueles idiotas.

– Noah.

– E qualquer homem que construa um cômodo em sua casa para uma mulher que deu um fora nele, qualquer homem que espere durante anos para que essa mesma garota apareça em sua porta, sabendo que ela está com outro homem, não é um homem.

– O que ele é?

– Uma vagina grande e peluda.

Isso foi muito rude?

Acredito que sim.

Até que Kate cobre sua boca com as mãos e se joga no sofá, contorcendo-se de rir com um acesso de riso barulhento.

–Ah… meu… Deus. Você é tão… idiota. Como… como você consegue inventar essas coisas?

Eu encolho os ombros.

– Eu as chamo como as vejo. Não vou me desculpar por isso.

Sua risada diminui, mas o sorriso ainda está lá.

– Tudo bem, esquece *Diário de uma paixão*.

– Muito obrigado.

Depois seu rosto fica feliz.

– Ahhh, o que acha de *O âncora: a lenda de Ron Burgundy*?

– Você gosta do Will Ferrell?

– Está me zoando? Já assistiu *Escorregando para a glória?*

É um dos meus favoritos.

– O lótus de ferro? Clássico.

Ela arqueia assobrancelhas para mim e cita, com propriedade:

– "Você tem um pouco de creme pra aliviar aquela queimadura horrível?"

Eu rio.

– Deus, eu te am…

Depois fico quieto.

E tusso.

E limpo minha garganta.

– Eu amo… aquele filme – mexo no controle remoto e nos deitamos no sofá, quando começa a passar *O âncora*.

Ok, não se empolgue. Vamos nos acalmar um pouco, certo? Foi um simples erro. Um deslize da língua. Nada mais.

Minha língua tem trabalhado muito nos últimos tempos, então acho que está permitido.



Após comermos, continuamos assistindo *O âncora*. Deitados um sobre o outro no sofá, suas costas estão na minha frente. Meu rosto está em seus cabelos de novo, cheirando o aroma que me viciou. Dou umas cochiladas. A risada de Kate vibra em meu peito, quando ela me pergunta suavemente:

– É isso o que pensou de mim?

– Hummmm?

– Quando comecei na empresa, você me achou uma "mulher escorpião"?

Ela se refere ao que Will Ferrell acabou de dizer no filme. Eu sorrio, sonolento.

– Eu… quando te vi pela primeira vez naquela sala de conferências, levei uma sacudida. Depois daquilo, sabia que nada continuaria igual.

Ela deve ter gostado da minha resposta. Pois um minuto depois, esfregou seus quadris em mim. E meu pau meio-ereto deslizou entre suas nádegas.

Não importa o quanto exausto um homem está – ele pode ter trabalhado durante um turno de 35 horas, arrastando sacos de areia pelas rodovias estaduais –, aquele movimento sempre irá acordá-lo.

Meus lábios encontram o caminho até seu pescoço, enquanto minha mão desliza por sua barriga.

– Céus, Kate, não consigo parar de… te querer.

Está ficando um pouco ridículo, não acha?

Sinto sua respiração acelerar. Ela se vira para me olhar e nossos lábios se encontram. Mas, antes de continuarmos, minha curiosidade é maior, e eu recuo.

– O que você pensou de mim na primeira vez que nos conhecemos?

Ela olha para o teto ao contemplar sua resposta. Depois sorri.

– Bem… naquela primeira noite no REM, eu achei que você era… fatal. Você exalava sexo e charme – seus dedos contornam meus lábios e sobrancelhas. – Esse sorriso, esses olhos… deviam ser ilegais. Foi a única vez, em todo o meu relacionamento com o Billy, que desejei ser solteira.

Uau.

– Depois, no escritório, eu escutava as secretárias falando sobre você. Que você ficava com uma garota diferente a cada final de semana. Mas, depois de um tempo… eu percebi que você era muito mais do que aquilo. Você é brilhante e engraçado. É protetor e carinhoso. Você brilha tanto, Drew. Tudo o que faz, como pensa, as coisas que diz, o jeito que se movimenta, é… impressionante. Eu me sinto… sortuda só de estar por perto.

Fico mudo.

Se qualquer outra mulher dissesse isso para mim, eu concordaria com ela. Eu diria que ela *era* sortuda por estar comigo – pois sou o melhor dos melhores. Não há ninguém melhor. Mas vindo de Kate? De alguém cuja mente eu invejo, cuja opinião, na verdade, admiro? Eu apenas… não tenho palavras. Então, mais uma vez, deixo minhas ações falarem por si só.

Minha boca se pressiona contra a dela e minha língua implora por uma entrada. Mas, quando tento nos virar para ficar por cima, Kate tem outras ideias. Ela empurra meus ombros, até que eu fico de costas. Então coloca sua boca no meu queixo e no meu pescoço, fazendo um caminho ardente pelo meu peito e abdome. Eu engulo seco.

Ela pega meu pau com a mão e o pressiona devagar, e já estou duro como ferro. Fiquei duro no momento em que ela começou a falar.

– Céus, Kate…

Mantenho meus olhos abertos e observo ela molhar os lábios, abrir a boca e me fazer deslizar para dentro.

– Porra…

Ela abocanha ele inteiro e o chupa com força, enquanto o tira de sua boca devagar. Então ela repete.

Sou meio que um perito em sexo oral. Para um homem, este é o tipo de sexo mais conveniente. Sem barulho, pouca bagunça. Se alguma de vocês nunca fez, vou te contar um segredinho. Uma vez

que o pau de um homem estiver dentro de sua boca, ele ficará tão feliz que nem importa o que você fizer depois com ele. Dito isso, tem alguns movimentos que o deixam melhor.

Kate me esfrega com a mão, e suga com força na ponta com sua boquinha quente.

Desse jeito, por exemplo.

Ela move a língua em volta da cabeça como se estivesse lambendo um pirulito. Onde ela aprendeu isso? Gemo, impotente, e agarro as almofadas do sofá. Ela me leva para o fundo da garganta uma vez, depois duas vezes. Então muda para bombeadas rápidas e curtas com a boca e as mãos.

É esplêndido. Fui chupado pela melhor de todas. Juro por Deus, Kate Brooks tem a técnica de uma estrela de filme pornô.

Tento ficar quieto, pois tenho consciência de que esta é sua primeira vez, mas é difícil. E depois ela coloca suas mãos por baixo de mim – na minha bunda –, impulsionando-me para cima. Ela guia meus quadris para frente e para trás, me empurrando para dentro e fora de sua boca. *Deus do céu.* Ela tira as mãos, mas meus quadris continuam se movendo em golpes curtos e rasos.

Estou quase gozando – mas sempre aviso antes. Se um cara não te avisar? Dê um fora nele logo. Ele é a porra de um imbecil.

– Kate… amor, estou… se você não sair agora… Deus, eu vou…

Pelo visto, palavras coerentes estão fora do meu alcance agora. Ainda assim, acho que ela me entendeu.

Mas ela não se move. Ela não para. Olho para baixo no mesmo momento em que Kate abre os olhos e me observa. Isso era tudo o que precisava. É o momento que tenho fantasiado desde a primeira vez que a vi. Aqueles inocentes olhos grandes me encarando enquanto meu pau desliza entre seus lábios perfeitos. Encho sua boca com um jato pulsante. Kate geme e coloca tudo para dentro, engolindo com vontade.

Depois do que pareceu uma eternidade, começo a desmoronar. Sabe quando você sai de uma Jacuzzi pela primeira vez? Como seus membros parecem gelatina? Sim, é assim que estou agora.

Estou sem fôlego e sorrindo como um idiota, enquanto a levanto pelos ombros e a beijo com intensidade. Alguns homens acham nojento beijar uma mulher em cuja boca acabaram de gozar. Não sou um deles.

– Como você aprendeu a chupar desse jeito?

Kate ri, devido à minha voz de admiração, enquanto se esparrama em cima de mim.

– Deloris saía com um cara na faculdade. Ele adorava pornô e costumava deixar filmes no nosso quarto. E, de vez em quando, eu assistia.

Na próxima vez que eu me encontrar com Deloris Warren, lembre-me de ajoelhar e agradecê-la.



Quando o filme acaba, Kate e eu decidimos fazer uma maratona de Will Ferrell. Estamos na metade de *Escorregando para a glória*, quando meu telefone toca. Ainda estamos no sofá, deitados

confortavelmente um ao lado do outro, e não sinto vontade alguma de me levantar. Ou de falar com alguém que não esteja neste quarto, para falar a verdade.

Deixo a secretária eletrônica atender. A voz de Jack enche a sala, gritando com música alta tocando nos fundos.

– Drew! Cara, atende! Onde você está? – ele pausa por um momento e acho que percebe que não vou atender. – Você tem que sair esta noite, cara! Estou no bar Sixty-Nine e tem alguém aqui que quer te ver.

Isso não parece nada promissor. Começo a me sentar, meus instintos masculinos me dizem para desligar a secretária eletrônica. *Agora.* Mas não sou rápido o bastante. E uma voz feminina provocante começa a sair da Caixa de Pandora. "Dreeeeewwwww… é a Staaaaacey. Estou com saudades, querido. Quero outra carona de táxi. Lembra daquela noite em que eu chupei seu pau tão…"

Minhas mãos batem no botão de *desligar*.

Dou uma olhada em Kate. Seu rosto está fixo na TV, sua expressão é indecifrável. Eu provavelmente devia dizer algo. Que merda eu devia dizer? "Desculpe, uma das minhas outras vagabundas ligou?" Não, por alguma razão, acho que uma pessoa não se sairia bem dessa.

Ela senta, toda formal.

– Acho que eu devia ir embora.

Merda. Jack maldito.

Kate se levanta, segurando meu travesseiro diante dela, cobrindo-se.

Bem, este não é um bom sinal. Uma hora atrás, ela estava esfregando a xoxota no meu rosto. Agora não quer nem que eu olhe para ela.

Porra.

Ela passa por mim em direção ao quarto. Mesmo com meu estômago se revirando, não consigo parar de admirar o balanço de sua bunda firme conforme ela anda. De modo previsível, meu pau se levanta igual ao Drácula saindo do caixão.

Quando tinha dez anos, tínhamos um cachorro. Ele montava em cima de tudo e de todos – desde a perna da empregada até a cama dos meus pais. Ele era ávido. Meus pais morriam de vergonha toda vez que alguém nos visitava. Mas agora entendo que ele não era um cachorro mau. Não era sua culpa.

Sinto sua dor, Fido.

Eu suspiro. Levanto-me para acompanhar Kate. Quando chego ao quarto, ela já vestiu sua saia e sua camisa está abotoada. Ela não me olha quando entro.

– Kate…

– Você sabe onde está o outro pé do meu sapato? – seus olhos fitam o chão, a cama, qualquer coisa, menos eu.

– Kate…

– Talvez esteja embaixo da cama – ela se ajoelha.

– Você não precisa ir embora.

Ela não olha para cima.

– Não quero atrapalhar seus planos.

Quem tem planos? O único plano que tinha era me fartar no banquete suculento entre suas coxas. De novo.

– Eu não…

– Está tudo bem, Drew. Você sabe, isso foi legal…

Legal? Ela chama o que fizemos a noite passada e o dia todo – na cama, na cozinha, no chuveiro, na parede do corredor – de "legal"? Ela está brincando?

Ela deve ter visto a expressão no meu rosto, pois para no meio da frase e fica surpresa.

– Me desculpe, este foi o adjetivo errado? Eu insultei o seu frágil ego masculino?

Eu balbucio, indignado:

– Bem… sim.

– Qual palavra você prefere?

Para sua informação ainda estou pelado, e se a postura do meu pau for alguma indicação, não precisa ser um Einstein para entender o que preferiria no momento.

– Estupendo? Excelente? Incomparável? – pontuo cada palavra com um passo predatório em sua direção.

Ela se afasta, após minha investida, dando passos nervosos, até que sua bunda bate na minha cômoda. Eu dou um sorriso malicioso para ela.

– Você se formou no curso de Administração mais renomado do país, Kate. Minha honra requer que você fale algo, *qualquer coisa*, melhor do que "legal".

Ela olha para o meu peito por um minuto. Depois, nos olhos, parecendo séria:

– Tenho que ir.

Ela tenta me ultrapassar, mas agarro seu braço e a puxo.

– Não quero que você vá.

Não, não me pergunte o porquê. Não vou responder. Estou apenas focado aqui – e nela. O resto não importa. Ela olha para minha mão em seu braço e depois para mim.

– Drew…

– Não vá embora, Kate – eu a pego e a coloco sentada na cômoda e me posiciono entre suas pernas. – Fique – beijo seu pescoço e mordisco sua orelha. Ela se arrepia. Eu sussurro: – Fique comigo, Kate – olho dentro de seus olhos. – Por favor.

Ela morde o lábio. Depois sorri lentamente.

– Está bem.

Eu lhe devolvo um sorriso. Em seguida, minha boca está na dela. O beijo é longo, lento e profundo. Levanto sua saia, passando as pontas dos dedos sobre a pele de suas coxas. Ela ainda está sem calcinha.

Amo o acesso fácil.

Eu me ajoelho na frente dela.

– Drew…? – é metade pergunta, metade gemido.

– Psiu. Se tenho que superar o "legal", preciso me concentrar.

Pelo restante da noite não há uma só palavra coerente entre nós.

Capítulo 16

Todo super-herói tem um esconderijo, um santuário. Pelo menos todos os bons. Eu também tenho um. Minha própria Bat-Caverna. É onde a mágica acontece. Onde construí a minha carreira lendária.

Meu escritório pessoal.

É um refúgio masculino. Uma área sem vaginas – no bom sentido. Todo homem devia ter um. Eu o decorei sozinho – cada parte, cada detalhe. Se meu carro é meu bebê, esta sala é meu primogênito. Meu orgulho e minha alegria.

Pisos de madeira, tapetes orientais feitos à mão, poltronas de couro inglês. Uma lareira de pedra e uma estante embutida revestem uma parede. Atrás de minha mesa, tem uma janela que oferece uma inestimável vista da cidade. E no canto está uma mesa de baralho, onde eu e meus amigos bebemos uísque do bom, fumamos charutos cubanos e jogamos pôquer uma vez por mês.

É o único momento em que Steven tem permissão para sair de casa e brincar.

Estou em minha mesa, de cuecas, trabalhando no meu notebook. É o que faço toda tarde de domingo.

Kate? Não, ela ainda está aqui. Mas depois de nossa maratona de sexo na noite passada, eu achei melhor deixá-la dormir um pouco. Recarregar as baterias. Cancelei o almoço com minha mãe e faltei no jogo de basquete com os meninos. Estou analisando o esboço final de um contrato, quando uma voz sonolenta me chama no corredor.

– Oi.

Eu olho e sorrio.

– Olá.

Ela está usando outra de minhas camisetas – a preta do Metallica. Passa de seus joelhos. Isso e o cabelo desarrumado, por causa do sono, fazem com que ela aparente ser meiga, mas sensual. Atraente. Se comparar o trabalho com a Kate, o trabalho não parece mais interessante.

Ela passa uma mão pelos cabelos enquanto seus olhos analisam a sala.

– Que escritório bonito, Drew. Impressionante.

Kate é o tipo de mulher que valoriza ter um local de trabalho que inspire. Se você quer ser um vencedor, precisa de um escritório que te diga que já é um.

– Obrigado. É meu lugar favorito no apartamento.

– Posso entender o motivo.

Ela pega um porta-retratos da estante e me mostra:

– Quem é esta?

É uma foto de Mackenzie e eu na praia, no verão passado. Ela me enterrou na areia até o pescoço.

– Minha sobrinha, Mackenzie.

Ela olha para a foto e sorri.

– Ela é uma graça. Aposto que te adora.

– Sim, claro. E eu cortaria minha mão se ela me pedisse, então estamos quites. Adoraria que você a conhecesse um dia.

Kate não hesita.

– Eu adoraria isso.

Ela caminha até minha cadeira e senta nos meus joelhos. Eu me inclino até que meus lábios encontrem os dela – minha língua está se dirigindo para a boca que agora conheço tão bem.

Ela se aconchega no meu peito nu.

– Você é tão quente.

Kate repousa a cabeça em meu ombro e olha para meu computador.

– No que está trabalhando?

Eu suspiro.

– Neste acordo com Jarvis Technologies.

Jarvis é uma empresa de comunicações, que está tentando adquirir uma companhia banda larga via satélite.

Eu esfrego os olhos.

– Problemas?

Costumo ser um lobo solitário quando se trata de negócios. Não confio. Não compartilho. Minha opinião é a única que serve. Mas conversar com Kate sobre negócios é como quando converso comigo mesmo. Na realidade, tenho interesse em escutar o que ela tem para dizer.

– Sim. O diretor-executivo pensa demais, não é nada corajoso. Estou com o acordo perfeito no alvo, mas ele não puxa o gatilho. Está com medo dos riscos.

Seu dedo acaricia meu queixo.

– Toda aquisição tem riscos. Você tem que mostrar pra ele que os lucros compensam isso.

– É o que estou tentando fazer.

Ela se empolga.

– Sabe, tenho algo que pode te ajudar. Um dos meus antigos colegas da Wharton criou um programa com um novo modelo de avaliação. Se você executá-lo e os números estiverem sólidos, talvez baste para convencer Jarvis a se arriscar.

Estou começando a achar que o cérebro da Kate me deixa tão excitado quanto sua bunda.

Quase.

– Está em um pen drive na minha bolsa. Vou pegar pra você.

Ao se levantar para ir, eu seguro a parte de baixo de sua camiseta e a puxo para o meu colo – para que ela não perca a ereção ininterrupta que estou tendo. Meus braços abraçam sua cintura, prendendo-a. Minha boca está em sua orelha.

– Antes de começarmos isso, tem algo que quero fazer.

Sua voz demonstra diversão, quando pergunta:

– O que você quer, Drew?

Eu a pego, jogo longe tudo o que está na minha mesa e a deito nela.

– Você.



Passamos o resto do dia trabalhando. E conversando. E rindo. Contei para Kate sobre Mackenzie e sobre a Jarra do Palavrão que está me deixando pobre. Ela me contou sobre crescer em Greenville e sobre o restaurante de seus pais. Almoçamos no balcão. Está frio, então Kate se sentou no meu colo para ficar quente e me alimentou com os dedos.

Não consigo me lembrar da última vez que me diverti tanto. E não estamos nem transando.

Vai entender.



Já passa das dez da noite. Estamos nos preparando para dormir. Kate está no banho.

Sozinha.

Ela pegou meu aparelho de barbear e me expulsou. Ao contrário das mulheres, homens não precisam de privacidade. Não existe uma função corporal que um homem não realize na frente de uma plateia.

Não temos vergonha.

Mas tudo bem, se a Kate precisa de espaço, ela pode ter. Mantenho-me ocupado enquanto a espero. Troco os lençóis. Tiro a caixa de camisinhas da minha gaveta – para ter algumas à mão.

Então meu coração se desmorona. Meu pau choraria se pudesse.

A caixa está vazia.

– Porra.

– Foi o que pensei. Grandes mentes pensam igual.

Eu me viro ao escutar a voz de Kate. Ela está parada na porta, uma mão no quadril, a outra apoiada no batente da porta. Ela está linda, maravilhosamente nua. Sua boceta está mais depilada do que antes – só um resquício dos cachos escuros. *Deus do céu.*

Fico aguardando pelo momento que o corpo de Kate não me deixará excitado. Quando eu sentir que fiz tudo de interessante por lá. Até agora, só o contrário acontece.

É como… comer lagosta. Se você nunca comeu, você pensa: "Hum, talvez". Mas, depois que provou? A oportunidade de comer de novo te deixa com a boca molhada como a porcaria do rio Mississippi. Pois agora você sabe como é delicioso. Até mesmo o fato de pensar nela… Deus. Posso me tornar o único homem na história capaz de se masturbar sem ao menos se tocar.

Olhe, mãe: sem as mãos.

Ela caminha em minha direção, coloca os braços em volta do meu pescoço e me beija devagar, sua língua começa a contornar meu lábio inferior do jeito mais sexy possível. Faço um esforço para recuar.

– Kate, espere… não podemos.

Suas mãos deslizam dentro da minha cueca, ao redor do meu pau duro. Ela dá umas bombeadas.

– Acho que alguém não concorda com você.

Pressiono minha testa na dela. Minha voz soa abafada.

– Não… quero dizer, estamos sem. Camisinhas. Eu… hum…

Coloco minha mão na dela, parando seus movimentos para que possa falar algumas palavras que façam algum sentido.

– Tenho que ir à loja na esquina e comprar mais… e depois… céus, vou te comer a noite inteira.

Kate olha para baixo e hesita. Sua voz sai abafada.

– Ou… podíamos… não usá-las.

– O quê?

Nunca transei sem nada. Nunca. Nem durante minha adolescência. Sempre amei tanto meu pau, amei tanto que não queria arriscar danificá-lo.

– Eu tomo anticoncepcional, Drew. E você está limpo… não é?

Ela sabe que sim. Testo todo mês, desde sempre. É uma obrigação para o meu estilo de vida. Um risco ocupacional, pode-se dizer. Minha voz quase range.

– Claro. Eu… estou limpo. Mas… você tem certeza?

Já me ofereceram muitas coisas na cama. Todo tipo de aparelho não convencional e fantasia que você possa imaginar. Algumas coisas talvez você não possa. Trepar sem proteção nunca foi uma delas. Não é esperto ou seguro. Uma mulher pode falar que está tomando anticoncepcional, mas como você pode ter certeza? As pessoas podem te dizer que estão limpas, mas não acreditaria nelas. Isso exigiria confiança.

E confiança nunca foi um fator na minha vida sexual.

Não se trata de compartilhar – conhecer alguém e deixar alguém me conhecer. Trata-se de se aliviar e se livrar da garota no processo. Ponto final.

– Quero te sentir, Drew. Quero que você me sinta. Não quero… nada entre nós.

Eu fito seus olhos. O modo como ela está me olhando… é igual ontem após nosso banho. Como se estivesse me dando algo – um presente. Que é só meu. Apenas para mim. E é ela. Pois ela confia em mim, tem fé em mim, acredita em mim. Sabe de uma coisa?

Não quero que Kate me olhe de outro jeito.

– Kate, estes dois últimos dias com você têm sido incríveis. Eu nunca… eu só nunca…

Não consigo nem descrever o que estou sentindo. Não tenho ideia de como vou lhe contar. Ganho dinheiro por causa da minha habilidade de comunicação. Por conseguir verbalizar uma ideia. Descrever um plano.

Mas, neste momento, palavras não são suficientes.

Pego-a pelos seus braços e a coloco perto de mim. Ela geme de surpresa ou excitação – não tenho certeza qual dos dois. Sua língua desliza na minha e suas mãos puxam meus cabelos. De algum modo, terminamos na cama, lado a lado, bocas juntas, minha cueca no chão. Minha mão desliza sobre seus peitos, por sua barriga e entre suas pernas.

Eu grito.

– Nossa, Kate, você já está toda molhada.

E ela está. Quase nem a toquei e ela está gotejando por minha causa. *Céus*. Nunca quis tanto alguém ou algo como a quero neste momento. Ela belisca meu pescoço enquanto coloco meus dedos dentro dela. Sua boceta se fecha em volta deles como uma luva e nós dois gememos alto.

Em seguida, as mãos de Kate estão em mim, em todo o meu corpo. Segurando minhas bolas, apertando meu pau, arranhando meu peito e minhas costas.

Coloco-a em baixo de mim. Preciso dela – agora. Eu provoco sua entrada com meu pau, cobrindo a ponta dele com seu suco doce. Calor transcorre nela, dela. Ela está parecendo fogo – me chamando, me aproximando. Eu meto devagar e bem fundo, e meus olhos se fecham na porra de um êxtase perfeito.

Ela está nua, desprotegida, ao meu redor. Ela está… mais. Mais molhada, mais quente, mais apertada. Mais em todos os sentidos. É inacreditável.

Kate agarra minha bunda, apalpando e massageando e me fazendo meter mais fundo. Mas eu coloco tudo para fora, para que eu possa deslizar para dentro de novo.

Deus do céu.

Eu comando o ritmo. Não é devagar, doce ou delicado. É brutal, quente e maravilhoso.

Lamúrias escandalosas escapam de seus lábios entreabertos. Depois minha boca já está na dela outra vez, calando-os. E estamos nos apertando, desesperados e brutos.

Como se fosse a primeira vez. Como se fosse a última vez.

Ela está enrolada em mim de todas as maneiras. Sua boceta envolve meu pau, suas pernas circundam minha cintura, seus braços cercam meu pescoço – tudo bem apertado como um torniquete de luxo. Estou me escondendo nela, querendo ficar mais próximo, precisando entrar mais fundo. Deus, eu rastejaria dentro dela, se pudesse, e nunca mais iria querer sair lá de dentro.

As mãos de Kate encontram as minhas. Nossos dedos se entrelaçam e eu os levo até a cabeça dela. Nossas testas se tocam – cada palpitação, cada respiração se mistura e se combina. Seus quadris se movem com os meus, como se fossem o fluxo do oceano. Vão e voltam. Em harmonia frenética. Juntos.

Nossos olhos travam.

– Céus, Drew… não pare… por favor, não pare.

Estou me afogando nela. Não consigo nem respirar. Mas de algum modo, continuo.

– Não vou. Nunca vou parar.

Sinto quando ela goza. Cada centímetro úmido e flamejante dela se contrai feliz ao meu redor. E é tão bom… tão impetuoso e intenso que quero chorar de prazer. Escondo minha cabeça em seu pescoço, inalando-a, devorando-a. Depois começo a gozar com ela – dentro dela. Banhando seu interior com cada impulso carnal. Uma eletricidade agradável percorre em mim, quando uma palavra sai repetidamente de meus lábios:

– Kate… Kate… Kate… Kate.

É fenomenal.

Depois de algum tempo, nossos corpos param. O único som no ambiente são nossas respirações rápidas e nossos batimentos cardíacos fortes.

Kate, então, sussurra:

– Drew? Você está bem?

Levanto minha cabeça e vejo seus lindos olhos me observando, preocupados. Sua mão afaga minha bochecha gentilmente.

– Você está tremendo.

Já tentou tirar foto de algo que está muito longe? Você olha através das lentes e a cena toda é um borrão vago? Aí você bagunça o foco, mexe no zoom da lente. Aí a câmera rodopia e, alguns segundos depois, bum: há uma claridade instantânea.

Tudo volta ao lugar.

A imagem está tão clara como um cristal.

É isso o que acontece comigo, agora, ao olhar para Kate. De repente, tudo é tão óbvio. Tudo fica tão claro.

Estou apaixonado por ela. Totalmente. Perdidamente. Ridiculamente.

Apaixonado.

A Kate me tem. De corpo e alma.

Só consigo pensar nela. Ela é tudo o que pensei nunca querer. Ela não é apenas perfeita – ela é perfeita para mim.

Faria qualquer coisa por ela.

Qualquer coisa.

Quero-a perto de mim, comigo. A qualquer hora.

Sempre.

Não se trata apenas de sexo. Não se trata apenas de seu lindo corpo ou sua mente brilhante. Não se trata apenas do fato de ela me fazer pensar ou de ser tão impulsiva a ponto de me desafiar. É muito mais do que tudo isso.

É tudo isso.

É ela.

Quebrei todas as malditas regras que sempre segui para ficar com ela. E não era apenas para comê-la.

Era para tê-la. Para mantê-la.

Como não percebi isso antes? Como não vi?

– Oi? – ela beija meus lábios suavemente. – Pra onde você foi? Eu te perdi por um minuto. Você está bem?

– Eu… – engulo em seco. – Kate, eu… – respiro fundo. – Eu… estou bem – sorrio e lhe dou um beijo. – Acho que você acabou de me esgotar.

Ela ri.

– Uau. Nunca pensei que isso fosse acontecer.

É, não me diga.

Capítulo 17

Eu sei o que você está pensando: *Que porra é essa?*

Se percebi que estou apaixonado por Kate e se ela está claramente cega de amor por mim, como é que ela acabou voltando com Billy Porque-você-não-morre-logo Warren?

Ótima pergunta. Estamos quase lá. Mas antes: uma lição de Ciências. O que você sabe sobre sapos?

Sim, eu disse "sapos".

Sabia que, se colocar um sapo em água fervente, ele irá pular para fora? Mas, se colocá-lo em água fria e esquentá-la lentamente, ele ficará lá dentro. E ferverá até morrer. Ele nem tentará escapar. Nem saberá que está morrendo. Até que seja tarde demais.

Os homens são muito parecidos com sapos.

Será que surtei por causa da minha pequena epifania? Claro que sim. Era grande. Iria mudar minha vida. Não haveria outras bocetas. Nem outras histórias para os rapazes. Nem noites de sábado. Mas nada disso importava mais. Francamente.

Porque era tarde demais. Eu já tinha perdido o controle – para Kate.

Aquela noite inteira eu a observei dormindo. E fiz planos… para nós. As coisas que faríamos juntos, os lugares que visitaríamos – amanhã e no próximo final de semana e no próximo ano. Treinei o que iria falar, como lhe contaria meus sentimentos. Imaginei sua reação e como ela confessaria que se sentia do mesmo jeito. Era como um filme, daqueles para mulherzinhas, que eu nunca assistiria. O ricaço elegante conhece a garota dos seus sonhos, aquela que é implacável, e ela rouba o coração dele para sempre.

Devia ter percebido naquela época que estava tudo bom demais para ser verdade. As melhores coisas costumam ser: Papai Noel, o ponto G masculino, o paraíso – a lista é infinita.

Você verá.



Estamos caminhando pela Quinta Avenida. Em vez de gastar meu precioso tempo dirigindo até o outro lado da cidade para passar no apartamento de Kate, paramos na Saks no caminho para o trabalho, onde compro para Kate um novo terno Chanel. Ela não pode fazer a "Entrada da Vergonha" no escritório, né? Quando Kate estava provando roupas para mim, juro que me senti como o próprio Richard Gere em *Uma linda mulher*. Ela até me comprou uma gravata.

Viu?

Depois, ela insistiu em passar no departamento de lingerie para substituir a calcinha que eu tinha destruído tão sensualmente. Protestei muito quanto a isso, mas perdi. Meninas, vocês precisam saber:

andar sem calcinhas? É muito mais sexy do que couro, renda, chicotes e correntes juntos.

Paramos no Starbucks e tomamos um pouco da cafeína que tanto precisamos. Ao sairmos, puxo Kate para perto de mim. Eu a acaricio e a beijo. Ela está com gosto de café – leve e doce. Tira os cabelos de meus olhos e sorri.

Nunca me cansarei de observá-la. Ou de beijá-la. Capacho, teu nome é Drew. Sim, eu sei. Está bem. Não me importa. E se existir mesmo um Lado Negro da Força? Pode me inscrever. Sério. Não fique surpresa se eu começar a correr pela rua cantando um maldito: "lá-lá-lá-lá". Estou muito feliz.

Kate e eu viramos a esquina, de mãos dadas e sorrindo um para o outro, como dois idiotas entupidos de antidepressivos. Nauseante, não é?

Precisamos parar aqui um minuto. Você devia nos ver. Como estamos aqui e agora – de mãos dadas. Você devia se lembrar deste momento. Eu me lembro.

Nós estávamos… perfeitos.

Chegamos ao nosso prédio. Abro a porta para Kate e entro depois dela.

A primeira coisa que vejo são margaridas. Enormes margaridas brancas com o miolo amarelo e alegre. Algumas estão em vasos na mesa do segurança, outras estão em buquês, presas por uma fita. Umas estão espalhadas pelo chão, há pétalas jogadas aqui e ali. No meio do saguão há um círculo com mais margaridas. No meio daquele círculo, está Billy Warren. E ele está com um violão.

Vai se foder.

Não, isso não é o bastante.

Vai para a puta que te pariu.

Sim, acho que isso dá.

Já viu um idiota cantor? Está é sua oportunidade: *Estava tão cego que não percebi*

Como doeria te deixar partir

Quero reparar, apagar a dor

Volte, volte para mim, amor

Se eu não o odiasse tanto, teria que admitir que ele não é tão ruim. Observo Kate atentamente. Cada emoção que passa pelo seu rosto, cada sentimento que dança em seus olhos.

Sabe quando você está com uma virose estomacal? E você fica o dia inteiro deitado com um balde do lado pois sente como se fosse vomitar a qualquer momento? Mas aí tem aquele momento – quando você sabe que vai acontecer. Começa a suar frio, seu corpo inteiro fica assim. Sua cabeça lateja e você sente a garganta expandir para dar lugar ao ácido que está se agitando no estômago.

Este sou eu. Agora.

Apoio meu café e procuro pelo lixo mais próximo para ter certeza que conseguirei chegar a tempo.

Eu preciso te pedir perdão

Pela dor que está sentindo

Por favor, devolva seu coração

Vou mantê-lo seguro comigo Somos uma dupla perfeita

Sempre tivemos certeza

Nunca haverá outra eleita

Minha alma é só tristeza

Em qualquer outro momento, se fosse qualquer outra mulher, eu enterraria o Warren. Sem o menor esforço. Ele não chega nem aos meus pés. Sou um Porsche, ele é uma caminhonete que nem consegue passar na inspeção veicular.

Mas esta é Kate. Eles têm uma história, equivalente a uma década. E, isso, crianças, faz com que ele seja um concorrente de peso.

Na escuridão da noite, é o seu nome que chamo Não acredito que quase perdi quem amo

Me dê uma chance de te reconquistar

Não há mais razões para nos separar

Quero pegar Kate, como um homem da caverna, e levá-la para longe daqui. Quero trancá-la em meu apartamento, onde Billy não possa vê-la. Não possa tocá-la. Não possa nos tocar. Observo ela o tempo todo, mas ela não se vira para me olhar.

Nem a porra de uma vez.

Eu preciso te pedir perdão

Pela dor que está sentindo

Por favor, devolva seu coração

Vou mantê-lo seguro comigo

Somos uma dupla perfeita

Sempre tivemos certeza

Nunca haverá outra eleita

Minha alma é só tristeza

Por que não aprendi a tocar um instrumento? Quando eu tinha nove anos, minha mãe queria que eu tocasse trombeta. Depois de duas lições, o professor pediu demissão porque eu deixei o cachorro urinar no bocal dele.

Por que não escutei minha mãe?

Você é meu começo, você será meu fim

Mais do que amantes, mais do que parceiros Te quero, te quero

Ele não pode consegui-la. *Vá em frente e a queira o dia todo, idiota. Cante de cima do maldito telhado. Toque até seus dedos caírem.* É tarde demais. Ela já é minha. Kate não é o tipo de mulher que faz sexo com qualquer um. E ela transou comigo o final de semana inteiro, como se o mundo fosse acabar. Isso deve valer algo.

Não deve?

Eu preciso te pedir perdão

Pela dor que está sentindo

Por favor, devolva seu coração

Vou mantê-lo seguro comigo

Para sempre

Eu e você

A pequena multidão que está reunida no saguão aplaude. O idiota coloca seu violão no chão e se aproxima de Kate.

Se ele tocá-la, vou quebrar sua mão. Juro por Deus.

Ele não percebe que estou ali. Está focado apenas em Kate.

– Estou tentando falar com você desde a noite de sexta-feira… fui ao seu apartamento algumas vezes no fim de semana, mas você não estava.

Isso mesmo. Ela não estava em casa. Ela estava ocupada. Agora pergunta o que ela estava fazendo.

Com quem ela estava fazendo.

– Sei que este é seu trabalho… mas você acha que poderíamos ir a algum lugar? Pra conversar? Talvez na sua sala?

Diga não.

Diga não.

Diga não, diga não, diga não, diga não, diga não, diga não, diga não, diga não…

– Está bem.

Merda.

Quando ela começa a se afastar, agarro seu braço:

– Preciso conversar com você.

Seus olhos me questionam.

– Eu só vou…

– Tenho algo pra te contar. Agora. É importante. – Sei que pareço desesperado, mas não me importo.

Ela coloca a mão sobre a minha, que ainda segura seu braço. Está calma, condescendente, como se estivesse conversando com uma criança.

– Tudo bem, Drew. Vou conversar com o Billy antes e te encontro na sua sala, ok?

Quero bater meu pé como uma criança de dois anos. Não. *Não* está nada bem. Ela precisa saber

da minha posição. Preciso reivindicar minha vontade. Preciso lançar minha campanha. Colocar meu carro na porcaria da corrida.

Mas eu apenas solto o braço dela.

– Beleza. Espero que vocês tenham uma boa conversa.

Faço questão de sair antes deles.



Dou passos largos em direção à minha sala. Mas, quando eles passam por mim, não aguento e paro na mesa de Erin. Assim que Kate se vira para fechar a porta de sua sala, nossos olhos se encontram. E ela sorri para mim.

Pela primeira vez na minha vida, não sei o que isso significa.

Será que ela está me garantindo que nada mudou? Que nada mudará? Será que está me agradecendo por ter feito aquele louco voltar rastejando para ela? Eu simplesmente não sei.

E está me enlouquecendo.

Aperto os dentes e ando até minha sala, batendo a porta depois que entro. E então espero. Como um futuro pai fora da sala de parto, esperando para ver se aquilo que será tudo para ele está são e salvo.

Eu devia ter contado a ela. Na noite passada. Quando tive a oportunidade. Devia ter explicado o que ela significa para mim. O que eu sinto por ela. Pensei que tivesse tempo. Pensei que se eu fosse devagar, seria melhor.

Burro.

Por que não contei logo de uma vez?

Porra.

Talvez ela já saiba. Vamos combinar, eu a trouxe para o meu apartamento, dormi de *conchinha* com ela. Eu a idolatrei. Transei com ela sem camisinha – três vezes. Ela deve saber.

Erin entra quieta na minha sala. Devo estar um desastre, pois seu rosto está gentil e cheio de simpatia.

– A Kate e o Billy estão conversando, é?

Eu bufo.

– Ficou tão na cara?

Ela abre a boca, provavelmente para me falar que sim, mas fecha e começa de novo.

– Não, é que eu te conheço, Drew.

Eu aceno.

– Quer que eu dê uma volta? Pra tentar ver algo… ou escutar?

– Você acha que daria certo?

Ela sorri.

– A CIA teria sorte em me contratar.

Eu aceno outra vez.

– Tudo bem. Sim. Faça isso, Erin. Veja o que está acontecendo.

Ela sai da sala. E volto a esperar, aflito. Passo a mão no cabelo até ficar parecendo que levei um choque.

Alguns minutos depois, Erin volta.

– A porta está fechada, então não consegui ouvir nada, mas dei uma espiada pelo vidro. Eles estão sentados em frente à mesa dela, cara a cara. Ele está com as mãos na cabeça, enquanto ela escuta. A mão dela está no joelho dele.

Ok. Ele está desabafando. E ela está sendo compreensiva. Consigo aguentar isso, pois sei que depois ela vai acabar com ele, não vai? Ela vai mandar ele ir para o inferno. Que ela já superou, que encontrou alguém melhor. Certo?

Certo?

Meu Deus, apenas concorde comigo.

– Então, o que devo fazer?

Erin encolhe os ombros.

– Tudo o que pode fazer é esperar. Pra ver o que ela vai te falar quando eles terminarem.

Nunca fui bom em esperar. Não importa o quanto meus pais tenham tentado, eu nunca conseguia esperar até a manhã de Natal para descobrir o que eles tinham me comprado. Eu era um pequeno Indiana Jones: procurava e escavava até encontrar cada presente.

Paciência pode ser uma virtude, mas não é uma das minhas.

Erin para na porta.

– Espero que dê tudo certo, Drew.

– Obrigado, Erin.

Em seguida, ela sai. E eu espero. E penso. Penso na expressão facial de Kate quando ela estava chorando em sua mesa. Lembro como ela entrou em pânico quando viu Warren no bar.

Será que fui apenas aquilo para Kate? Uma distração? Um meio para atingir meu próprio fim?

Começo a surtar de novo. E a rezar. Para um Deus com quem não converso desde meus dez anos. Mas agora converso com ele. Prometo e juro. Barganho e imploro – com fervor.

Para a Kate me escolher.

Depois que os noventa minutos mais longos da minha vida passam, a voz de Erin sussurra pelo interfone na minha mesa.

– Chegando! Chegando! Kate, nove horas.

Corro até minha mesa, jogando canetas e clipes no chão. Empurro minha cadeira, abaixo meu

cabelo e arrasto alguns papéis para parecer que estava trabalhando. Depois respiro fundo. *Controle-se.*

É hora do jogo.

Kate abre a porta e entra.



Ela parece… normal. A mesma de sempre. Sem culpa. Nem ansiedade. Sem mostrar nenhuma preocupação.

Ela para em frente à minha mesa.

– Oi.

– Oi.

Tento sorrir casualmente. Apesar de meu coração estar palpitando no meu peito. Como se fosse o de um cachorro prestes a ser sacrificado.

Devia falar alguma amenidade para não parecer tão ansioso – tão interessado. Mas não consigo.

– Então, como foram as coisas com o Billy?

Ela sorri suavemente.

– Conversamos. Dissemos algumas coisas que eu acho que nós dois precisávamos ouvir. E agora estamos bem. Muito bem, na verdade.

Céus. Consegue ver a faca enfiada no meu peito? Sim – aquela que ela acabou de virar. Eles conversaram – eles estão bem – *muito* bem. Ela o aceitou de volta.

Porra.

– Que ótimo, Kate. Missão cumprida, então?

Devia ter me tornado um ator. Eu mereço a porra de um Oscar depois disso.

Ela olha desconfiada.

– Missão?

Meu celular toca, salvando-me do pesadelo desta conversa.

– Alô?

É o Steven. Mas Kate não sabe disso. Forço minha voz para parecer forte. Enérgica.

– Oi, Stacey. Sim, querida, fico feliz que tenha ligado.

Sempre marque o ponto antes. Lembra?

– Desculpe não ter te visto no sábado. O que eu estava fazendo? Nada importante, um pequeno projeto meu. Algo que tenho tentado fazer durante um bom tempo. Sim, já terminei. Acabou que nem era tão bom como tinha pensado.

Sim, minhas palavras foram premeditadas. Sim, espero que elas machuquem Kate. O que

esperava que eu dissesse? É *comigo* que você está lidando. Você achou mesmo que eu fosse ficar sentado como um estúpido enquanto Kate me dá o fora?

De jeito nenhum.

Ignoro o Steven confuso do outro lado da linha e forço meus pulmões para rir.

– Hoje à noite? Claro, adoraria te ver. Certo, irei com o táxi.

Por que você está me encarando como se *eu* fosse o idiota? Eu dei a Kate tudo que tenho, tudo que sou capaz. E ela me deu um baita de um fora. Abri minha alma para ela – e sei o quão mulherzinha isso soa. Mas é verdade. Então não me olhe como se eu fosse um homem mau, pois – pela primeira vez – não sou.

Eu a amei. Deus, eu *amei* transar com ela. Agora, isso está me matando. Eu me sinto como um daqueles pacientes na emergência que têm o peito arreganhado com um maldito retrator.

Com o telefone ainda em minha orelha, finalmente olho para Kate. Por um segundo, não consigo respirar. Pensei que ela fosse ficar brava, talvez decepcionada por eu não ter ligado para ela. Mas não é assim que ela aparenta.

Já viu alguém apanhar?

Eu já. Matthew, na adolescência. E Jack, algumas vezes em que não conseguiu se mover rápido o bastante depois de dar em cima da mulher errada. Quando eles apanharam, ficaram com esta expressão. Ela durou apenas alguns segundos. Os rostos deles só ficaram brancos… e vagos. Acho que deve ser um choque, como se não conseguissem acreditar no que tinha acabado de acontecer.

É assim que Kate está.

Como se eu tivesse dado um tapa na cara dela.

Você acha que eu devia me sentir culpado por isso? Quer que eu me sinta arrependido? Bem, que pena. Não consigo. Não irei. Ela tomou uma decisão. Ela fez sua escolha.

Agora aguente as consequências.

Eu cubro o bocal do telefone.

– Desculpe, Kate, tenho que atender isso. Te vejo no almoço, ok?

Ela pisca duas vezes. Depois se vira e sai da minha sala, sem falar uma palavra.

Capítulo 18

Depois que Kate sai, as coisas ficam… nebulosas. Não é assim que descrevem? Vítimas de algum acidente de trem catastrófico? Nos momentos após o desastre, nada está claro. Surreal.

Falo para Erin que estou doente. Seu sorriso é triste e compassivo. Antes de entrar no elevador, olho para a sala de Kate, esperando vê-la de novo. Apenas para me torturar.

Mas a porta está fechada.



Chove lá fora. Chuva de inverno. Daquele tipo que te encharca e te deixa tremendo de dentro para fora. Mas não me incomoda.

Volto caminhando para meu apartamento, dormente e atordoado. Como um zumbi de algum filme de terror de baixo orçamento, que não reage, mesmo quando corta o próprio pé com uma motosserra.

Mas quando chego à porta – é aí que meus sentidos voltam ao normal. Quando volto a sentir algo. E eu sinto Kate.

Por todo canto.

Ainda consigo ver seus olhos, cheios de calor. Escuto seu sussurro em meu ouvido ao cair na cama. Seu cheiro cobre meu travesseiro. E não consigo superar o fato de que ela estava aqui há algumas horas. E eu podia tocá-la, admirá-la e beijá-la.

E agora eu… não posso.

É como quando alguém morre. Você não consegue acreditar que esta pessoa se foi, pois encontrou com ela ontem. Estava lá com você, viva e real. E é nesta memória que você se prende – o momento que você mais lamenta.

Pois foi o último.



Quando foi que isso aconteceu?

É isso que não consigo me recordar. Quando foi que Kate se tornou tão importante para mim que não consigo funcionar sem ela? Será que foi quando eu a vi chorando em sua sala? Ou na primeira vez em que a beijei no meu escritório? Talvez tenha acontecido quando Anderson a insultou e eu quis socá-lo. Será que foi na primeira noite no bar? A primeira vez que olhei naqueles olhos castanhos infinitos e soube que precisava tê-la?

Ou foi aqui? No meu apartamento? Em alguma das cem vezes que a toquei… Deus, por que não previ isso antes?

Todas aquelas semanas – todos aqueles meses – foram desperdiçados. Todas aquelas mulheres

que comi, de quem nem me lembro do rosto. Todas as vezes que a importunei, quando poderia tê-la feito sorrir. Todos aqueles dias que poderia ter lhe amado. E feito com que ela me amasse também.

Acabou.

As mulheres se apaixonam mais rápido do que os homens. Com mais facilidade e mais frequência. Mas, quando os homens se apaixonam? Nós chegamos ao fundo do poço. E quando as coisas vão mal? Quando não somos nós que terminamos? Não conseguimos nos afastar.

Nós rastejamos.



Eu não devia ter dito aquelas coisas. Na minha sala. A Kate não merecia aquilo. Ela não tem culpa de não querer o mesmo que eu. De não sentir como me sinto.

Nossa, isso é horrível. Me mata logo, porra.

Onde estão as balas perdidas de tiroteio quando você precisa?

Já se sentiu assim? Alguma vez já segurou algo que significava… tudo para você? Talvez tenha pegado a bola de um gol de placa quando ela estava voando pela barreira? Ou tenha olhado uma foto sua de algum tempo agradável e inesquecível? Talvez sua mãe tenha te dado um anel que pertencia à avó de sua avó? Qualquer coisa que seja – você a observa e jura que vai guardá-la para sempre. Pois é muito especial. Preciosa.

Insubstituível.

Mas aí chega um dia – você não sabe como ou quando isso aconteceu – no qual percebe que a coisa sumiu.

Perdeu.

E você sofre por isso. Você daria tudo para encontrá-la outra vez. Para tê-la de novo com você, no mesmo lugar do qual não deveria ter saído nunca.



Abraço meu travesseiro. Não sei por quanto tempo fico parado nesta posição, mas, na próxima vez que abro meus olhos e olho pela janela, já está escuro. O que acha que eles estão fazendo agora? Provavelmente, comemorando. Saindo. Ou estejam estão em casa.

Olho para o teto. Sim, essas são lágrimas. Arrependimento em estado líquido.

Vá em frente: pode me chamar de mulherzinha. Chame-me de marica. Eu mereço. E eu não me importo.

Não mais.

Você acha que ele sabe como é sortudo? Como é abençoado?

Claro que não sabe. Ele era o idiota que a deixou escapar. E eu fui o idiota que não consegui segurá-la.

Talvez eles não durem muito tempo. Talvez terminem de novo. No momento em que Kate

perceber que merece algo melhor. Mas acho que isso não fará diferença, certo? Não depois do que eu disse. Não depois que eu a deixei com aquela expressão no rosto.

Céus.

Eu rolo para fora da cama, direto para a lixeira. Quase não consigo chegar lá antes de vomitar. Logo, tudo que estava em meu estômago não está mais.

E esse é o momento – ajoelhado. Aí é que concluo que estou gripado. Porque isso… essa desgraça não pode ser eu.

Não para sempre.

Se só estou doente, posso tomar uma aspirina, dormir um pouco e me sentirei melhor. Serei eu outra vez. Mais dia menos dia. Mas se admitir que estou acabado, se reconhecer que meu coração foi quebrado em mil pedaços… então não sei quando voltarei a ficar bem. Talvez nunca.

Portanto, volto para a cama. Para esperar.

Até eu me recuperar da gripe.

Capítulo 19

Então é isso. Esta é a minha história. A ascensão. A queda. O final. Agora, cá estou eu, neste restaurante barulhento, para onde Alexandra e Matthew me arrastaram, e acabei de contar para eles quase a mesma história que te contei.

Quando tinha seis anos, aprendi a andar de bicicleta. Como todas as crianças, na primeira vez em que tiram as rodinhas, eu caí. Bastante. Toda vez que isso acontecia, Alexandra era quem estava lá para me ajudar. Ela me limpava, beijava os machucados para sarar e me convencia a tentar outra vez. Então, é natural eu esperar que minha irmã tenha compaixão pela minha dor de cotovelo. Gentil. Simpática.

Mas o que escuto é:

– Você é um puta de um idiota, sabia disso, Drew?

Aposto que você estava se perguntando por que a chamamos de A Vaca. Bem, aí está.

– Como é?

– Pare de sentir pena de si mesmo. Tem ideia da bagunça que fez? Eu sempre soube que você era mimado e egoísta. Caramba, sou uma das pessoas que te ajudou a ficar deste jeito. Mas nunca pensei que você fosse burro.

O quê?

– Podia jurar que você tinha nascido com colhões.

Eu engasgo com a minha bebida. Matthew ri.

– Estou falando sério. Eu me lembro bem de quando trocava sua fralda e via aquelas bolinhas fofas penduradas lá. O que aconteceu com eles? Eles encolheram? Desapareceram? Porque são os únicos motivos que consigo imaginar pra você se comportar como um covarde patético e sem bolas.

– Deus do céu, Alexandra!

– Não, eu acho que nem Ele consegue arrumar isso.

Meu peito começa a transbordar de raiva.

– Eu realmente não preciso disso agora. Não vindo de você. Já estou mal. Por que você está pisando em mim, porra?

Ela ridiculariza.

– Porque é de um belo chute no traseiro que você precisa pra se recompor. Alguma vez passou pela sua cabeça que quando Kate disse que eles estavam "superbem", talvez quisesse dizer que eles estavam tendo um rompimento civilizado? Que decidiram se tornar amigos? Se separar amigavelmente? Se você soubesse metade do que acha que entende sobre mulheres, saberia que nenhuma mulher quer terminar seu relacionamento de dez anos de um jeito ruim.

Isso não tem sentido algum. Por que alguém gostaria de continuar sendo amigo de uma pessoa com quem costumava transar e agora não pode mais? Qual seria o maldito propósito?

– Não. Você tá viajando.

Ela balança a cabeça em negação.

– Seja como for, se você tivesse agido como um homem, e não como um moleque, teria conseguido contar pra ela como se sente.

Agora ela está me irritando.

– Eu pareço a porra de um idiota para você? Porque eu não sou. De jeito nenhum vou correr atrás de alguém que quer ficar com outra pessoa.

Alexandra fica com uma expressão que nunca vi antes. Pelo menos, não para mim.

Está decepcionada.

– Claro que não, Drew. Por que você correria atrás de alguém se está tão satisfeito com todo mundo correndo atrás de você?

– Que merda você quis dizer com isso?

– Que tudo sempre foi muito fácil pra você. Você é bonito, inteligente, tem uma família que te ama e mulheres que dormem com você como cordeirinhos prontos pra serem sacrificados. E a única vez que você tem que lutar por algo que quer, a única vez que tem que arriscar seu coração por alguém que finalmente vale a pena, o que você faz? Você desiste. Atira primeiro e depois faz as perguntas. Você se fecha e mergulha em autopiedade.

Ela balança de leve a cabeça e sua voz sai mais suave.

– Você nem tentou, Drew. Depois de tudo aquilo. Você só…. jogou ela fora.

Eu olho para minha bebida. Minha voz se aquieta. Com remorso.

– Eu sei.

Não pense que ainda não tinha pensado nisso. Não ache que não me arrependi pelo que falei ou pelo o que não disse. Porque eu me arrependi. Amargamente.

– Eu queria… mas agora é tarde demais.

Matthew enfim diz alguma coisa.

– Nunca é tarde demais, cara. O jogo ainda não acabou, só está interrompido.

Eu olho para ele.

– A Deloris te disse alguma coisa? Sobre Kate e Billy?

Ele nega com a cabeça.

– Não sobre eles, mas ela tinha muita coisa pra falar sobre você.

– Como assim?

– A Dee te odeia pra caralho. Ela acha que você é um safado. Sério, cara, se você estivesse pegando fogo na rua? Eu duvido que ela jogaria água em você.

Eu processo aquela informação por um minuto.

– Talvez ela me odeie porque eu transei com a noiva do primo dela?

– Talvez ela te odeie porque você partiu o coração da melhor amiga dela?

É, as chances estão divididas. Não me ajudou em nada.

– Você está apaixonado pela Kate, Drew?

Meus olhos encontram os de Alexandra.

– Sim.

– Tem alguma possibilidade de ela sentir o mesmo?

– Acho que sim.

Quanto mais eu pensava sobre as palavras e ações de Kate naquele final de semana, mais tinha certeza de que ela sentia algo por mim. Algo verdadeiro e profundo.

Isso antes de eu mandar tudo para o inferno.

– Você quer ficar com ela?

– Lógico.

– Então, ela ter voltado ou não com o ex é irrelevante. Você tem que se perguntar o que está disposto a fazer… a arriscar… pra fazer dar certo. Pra consegui-la de volta.

Minha resposta é simples: qualquer coisa. Tudo. Minha garganta se aperta ao confessar:

– Eu daria tudo pra ter a Kate de volta.

– Então, pelo amor de Deus, lute por isso! Conte pra ela.

Quando estou começando a acreditar em suas palavras, Matthew agarra meu ombro.

– Em situações assim, sempre me pergunto "O que William Wallace faria?".

Seus olhos estão sérios. Inspiradores. Depois, sua voz adquire um sotaque escocês, que ele não tem.

– Sim… fuja e não será rejeitado… mas daqui uns anos, você estaria disposto a trocar todos os dias daqui até lá por uma oportunidade, apenas uma chance, de voltar e dizer a Kate que ela pode tirar suas bolas e pendurá-las no espelho retrovisor do carro, mas que ela nunca poderá tirar… sua liberdade!

Alexandra revira os olhos diante do discurso de *Coração valente*, e eu rio. A nuvem negra que estava por cima de mim, durante a semana inteira, finalmente começa a ir embora. Em seu lugar fica… esperança. Confiança. Determinação. Todas as coisas que fazem eu… eu. Tudo de que sinto falta desde a manhã em que vi Billy Warren cantando.

Matthew me dá um tapinha nas costas.

– Vá atrás dela, cara. Fala sério, olhe para você – o que tem a perder?

Ele está certo. Quem precisa de dignidade? Orgulho? Isso é superestimado. Quando você não

tem nada, não tem nada a perder.

– Preciso encontrar Kate. Agora.

E se eu levar um não? Pelo menos terei tentado. E se eu cair e ela pisar em mim com seu salto? Que seja. Mas tenho que tentar. Porque…

Bem, porque ela vale a pena.



Quando Alexandra fez dezesseis anos, meus pais alugaram, por um dia, um parque de diversões. Exagerado? Sim. Mas essa é uma das vantagens de se ter uma criação privilegiada. Foi demais. Sem filas, sem multidões. Apenas nossa família, alguns parceiros de negócios e 150 de nossos amigos mais próximos. De qualquer forma, tinha uma montanha-russa: a Máquina do Grito, era muito louca.

Lembra quando eu disse que nunca ando duas vezes na mesma montanha-russa? Esta foi a exceção.

Matthew, Steven e eu andamos nela até vomitarmos. Depois entramos e fomos de novo. A primeira subida foi horrível. Uma ladeira longa e atormentadora, que terminou em uma queda retorcida, de arrancar as tripas, com 48 metros de altura. Não importa quantas vezes fôssemos naquela desgraça, toda vez que subíamos aquela ladeira, sentíamos a mesma coisa. Minhas mãos suavam, meu estômago se revirava. Era a combinação perfeita de agitação e terror.

É assim que me sinto agora.

Está me vendo ali? Sou o cara correndo pela Times Square.

Só de pensar em ver Kate de novo… estou muito empolgado, não vou mentir. Mas estou nervoso também. Porque não tenho ideia do que me espera no outro lado da montanha, não sei o quão alta poderá ser a queda.

Sem compaixão, certo? Plateia difícil. Você acha que estou recebendo o que mereço? Talvez eu ainda mereça pior?

É um bom argumento. Eu ferrei tudo. Sem dúvida alguma. Foi uma queda brusca – os bons também caem. Mas isso passou. Estou fora do banco e de volta ao jogo.

Espero que Kate me dê outra chance.

Ofegando devido à corrida por sete quarteirões, aceno para cumprimentar o segurança e vou até o saguão. No elevador, recupero meu fôlego e treino o que vou falar. Depois, desço no quadragésimo andar.

Só há um lugar onde Kate Brooks estaria às dez e meia, em uma noite de segunda-feira. E é aqui, onde tudo começou. As salas estão escuras. Está tudo quieto, com exceção da música que vem de seu escritório. Ando pelo corredor e paro diante de sua porta, que está fechada.

Depois a vejo. Pelo vidro.

Meu Deus do céu.

Ela está sentada à mesa, olhando para a tela do computador. Está mordendo o lábio daquele

jeito que me deixa louco. Seus cabelos estão jogados para trás, expondo todas as feições perfeitas de seu rosto. Senti saudade de observá-la. Você não imagina o quanto. Parece que… que eu estava debaixo d'água, segurando minha respiração. E agora consigo respirar outra vez.

Ela olha para cima e seus olhos encontram os meus.

Viu como ela me encara alguns segundos a mais do que o necessário? Como sua cabeça se inclina para o lado, e seus olhos piscam? Como se não acreditasse no que está vendo.

Ela está surpresa. A surpresa logo se transforma em repugnância. Como se tivesse acabado de comer algo estragado. E é quando noto. Quando tenho certeza do que você já devia imaginar. Que eu sou um completo idiota.

Ela não aceitou Warren de volta. De jeito nenhum.

Se ela tivesse aceitado? Se nosso final de semana não tivesse significado nada para ela? Se *eu* não significasse nada? Ela não estaria olhando para mim como se eu fosse o maldito diabo. Ela se sentiria indiferente. É a lógica simples de um homem: se uma mulher está brava? Significa que ela se importa. Se você estiver em um relacionamento e a garota nem se importar em gritar com você? Você está ferrado. Indiferença é como o beijo da morte para uma mulher. É o equivalente a homem desinteressado em sexo. Em qualquer um dos casos – terminou. Você está acabado.

Então, se Kate está chateada, é porque eu a machuquei. E a única razão por eu ter conseguido fazer isso é porque ela queria ficar comigo.

Isso pode parecer um jeito distorcido de se pensar, mas é o que é. Confie em mim, eu sei. Passei minha vida transando com mulheres pelas quais não sentia nada. Se elas transaram com outro cara depois de mim? Bom para elas. Se elas me dissessem que nunca mais queriam me ver de novo? Melhor ainda. Você não consegue tirar sangue de uma pedra. Você não consegue uma reação de alguém que não se importa.

Por outro lado, Kate transborda emoção. Raiva, desconfiança, traição – está fervendo em seus olhos e brilhando em seu rosto. O fato de ela ainda sentir algo por mim – mesmo que seja ódio – me dá esperança. Porque já é um começo.

Eu abro a porta de sua sala e entro. Kate olha de novo para seu notebook e digita algo.

– O que você quer, Drew?

– Preciso conversar com você.

Ela não olha para cima.

– Estou trabalhando. Não tenho tempo pra você.

Eu dou um passo à frente e fecho seu notebook.

– Arranje um tempo.

Ela vira os olhos para mim. Eles estão duros. Frios, como gelo negro. – Vá pro inferno.

Eu sorrio maliciosamente, apesar de isso não ter graça.

– Já estive lá. A semana inteira.

Ela se inclina em sua cadeira, analisando-me.

– É verdade. Erin nos contou sobre sua doença misteriosa.

– Eu fiquei em casa porque…

– O passeio de táxi te cansou muito? Precisava de alguns dias pra se recuperar?

Eu nego, balançando a cabeça.

– O que eu disse naquele dia foi um erro.

Ela se levanta.

– Não. O único erro aqui foi o meu. De pensar que pudesse haver algo a mais com você. De me deixar acreditar que havia algo… bonito por baixo de todo aquele seu charme arrogante e sua atitude idiota. Eu estava errada. Você não tem nada por dentro. É vazio.

Lembra quando eu disse que Kate e eu somos muito parecidos? Nós somos. E não apenas na cama ou no escritório. Ambos temos uma habilidade esquisita de dizer as palavras certas – para magoar. Encontrar aquele ponto fraco dentro de cada um de nós e detoná-lo, como uma maldita granada verbal.

– Kate, eu…

Ela me corta, com uma voz apertada. Obstruída.

– Sabe, Drew, eu não sou burra. Não estava esperando um pedido de casamento. Sabia como você era. Mas, você parecia tão… e aquela noite no bar? O jeito que você me olhou. Eu pensei…

Sua voz se irrompe e eu quero me matar.

– … pensei que eu significasse algo pra você.

Chego mais perto, querendo tocá-la. Para consolá-la. Para voltar atrás.

Para fazer tudo ficar bem.

– Você significava. Você significa.

Ela permanece inflexível.

– Certo. É por isso que você…

– Eu não fiz nada! Não tinha encontro nenhum. Nenhuma saidinha de táxi. Kate, foi tudo invenção. Era o Steven no telefone naquele dia, não Stacey. Eu só disse aquelas coisas pra fazer você pensar que era ela.

Ela fica pálida e sei que acredita em mim.

– Por que… por que você faria isso?

Eu suspiro. Minha voz está fraca e tensa. Implorando para ela me compreender.

– Porque… estou apaixonado por você. Estou apaixonado por você há um bom tempo. Não sabia disso até a noite de domingo. E, depois, quando o Billy apareceu aqui… pensei que tivesse voltado com ele. E isso acabou comigo. Me machucou tanto que eu queria que você se… sentisse tão mal quanto eu me senti.

Não foi o meu melhor momento, né? Sim, eu sei: sou um idiota. Acredite em mim, eu sei.

– Aí eu disse aquelas coisas de propósito, pra você pensar que não significava nada pra mim. Que era só outra trepada. Mas você não é, Kate. Você é diferente de qualquer pessoa que já conheci. Quero ficar com você… quero muito ficar com você. Só com você. Nunca senti isso por outra pessoa. Sei que estou parecendo um clichê, mas é a verdade. Quando estou com você, quero conquistar coisas que nunca quis antes.

Ela não diz nada. Apenas me encara. Não aguento mais. Coloco minhas mãos em seus ombros, em seus braços. Somente para senti-la.

Ela se contrai, mas não se afasta. Coloco minhas mãos em seu rosto. Meu polegar passa por suas bochechas e por seus lábios.

Céus.

Seus olhos se fecham com o toque e sinto um nó na minha garganta, como se estivesse sendo estrangulado.

– Por favor, Kate, podemos apenas… voltar? Tudo estava tão bem antes. Era perfeito. Quero que a gente fique daquele jeito de novo. Quero tanto isso.

Nunca acreditei em arrependimento. Em culpa. Achava que essas coisas existiam apenas na cabeça das pessoas. Como medo de altura. Nada que você não possa superar se tiver determinação. Força. Mas nunca tive alguém – machuquei alguém – que significasse mais para mim do que… eu mesmo. E saber que estraguei isso por causa do meu medo, a porra da minha estupidez, é apenas… insuportável.

Ela tira minhas mãos. E sai de perto.

– Não.

Kate pega sua bolsa do chão.

– Por quê? – limpo minha garganta. – Por que não?

– Você se lembra de quando comecei a trabalhar aqui? E você me disse que seu pai queria que eu montasse uma apresentação de "simulação"?

Eu aceno.

– Você disse aquilo porque não queria que eu conseguisse o cliente. Certo?

– Isso mesmo.

– Depois, na noite em que encontramos com Anderson, você me disse que eu estava esfregando meus peitos na cara dele porque… Como foi que você disse? Você só queria "me encher". Sim ou não?

Aonde ela pretende chegar com isso?

– Sim.

– Aí na semana passada, depois de tudo, você me fez acreditar que estava conversando com aquela mulher porque queria me machucar?

– Eu fiz isso, mas…

– E agora, agora, você está me falando que está apaixonado por mim?

– Estou.

Ela balança suavemente a cabeça.

– E por que raios eu deveria acreditar em você, Drew?

Fico parado. Em silêncio. Pois não tenho nada. Não tenho como me defender. Não tenho algum motivo que possa fazer alguma diferença. Não para ela.

Ela se vira para sair e entro em pânico.

– Kate, por favor, espere…

Eu entro na sua frente. Ela para, mas olha por mim – através de mim. Como se eu nem estivesse mais ali.

– Eu sei que estraguei tudo. Por completo. A coisa da garota do táxi foi uma burrice e uma maldade. Estou arrependido. Mais arrependido do que você possa imaginar. Mas… você não pode deixar aquilo arruinar tudo o que poderíamos ter.

Ela ri para mim.

– O que poderíamos ter? O que temos, Drew? Tudo o que tivemos foram discussões, competição e desejo…

– Não. É mais do que isso. Senti algo naquele final de semana, e sei que você também sentiu. O que nós temos poderia ser… espetacular. Se você der apenas uma oportunidade. Nos dê, ou melhor, me dê mais uma chance. Por favor.

Sabe aquela música "Ain't too proud to beg", dos Rolling Stones? É o novo tema da minha vida.

Seus lábios se juntam. Depois ela anda ao meu redor.

Mas eu agarro seu braço.

– Me deixa, Drew.

– Não posso. – E não estou falando só do braço dela.

Ela se retira depressa.

– Se esforce mais. Você já fez isso uma vez. Tenho certeza que vai consegui fazer de novo.

Depois ela vai embora.

E eu não a sigo.

Capítulo 20

Ok. Então, aquilo não deu certo.

Você tem razão: foi um completo desastre. Acha que eu devia ter ido atrás dela? Bem, você se engana. Já leu *A arte da guerra*, de Sun Tzu? Eu já. É um livro sobre estratégia militar. Um bom general sabe quando atacar. Um ótimo general sabe quando recuar. Para reagrupar.

Contei para a Kate o que precisava. Agora tenho que mostrar para ela.

Ações ganham guerras. Ações curam feridas. Não as palavras. As palavras não valem nada. As minhas, em particular, valem menos que fiapos no momento.

Então… tenho um plano. Fracassar não é uma opção. Pois não diz respeito só a mim e ao que eu quero. Não mais. Isso diz respeito ao que a Kate quer também. E ela me quer. Claro, ela está lutando contra isso, mas o sentimento está lá. Como sempre esteve.

Ninguém nunca será para Kate o que posso ser. E – antes que você corte minha cabeça – não estou falando isso por causa do meu excesso de confiança. Estou falando isso porque, por trás da raiva, do sofrimento… Kate está tão apaixonada por mim quanto eu estou por ela.

Olhar para ela foi como olhar para um maldito espelho.

Então não vou desistir. Não vou jogar tudo para o alto. Não até que ambos tenhamos o que queremos.

Um ao outro.

Ei, sabe também o que um ótimo general sabe fazer?

Chamar reforços.



Aqui vai um fato para você: a maioria dos homens não consegue fazer várias coisas ao mesmo tempo.

É verdade.

É por isso que você não vê muitos homens tentando preparar todos os pratos em uma ceia de Natal. É por isso que mães do mundo inteiro encontram a casa destruída depois de deixarem suas crianças com o maridão por algumas horas. A maioria de nós consegue se focar em apenas uma coisa de cada vez.

A maioria de nós – mas não eu.

Antes de ir embora do escritório, ligo para Erin. Não, eu não maltrato meus empregados. Se você é a assistente de um dos mais bem-sucedidos bancários de investimento em Nova York, ligações noturnas fazem parte de suas atribuições. Agora que minha cabeça já voltou da longa semana de férias, preciso descobrir se sobraram alguns clientes com quem trabalhar.

Para minha sorte, eu tenho.

– Espero que você tenha desenvolvido um terceiro rim, Drew – diz Erin. – Porque se Matthew, Jack e Steven precisarem de um, você vai ter que doar pra eles.

Pelo visto, foram eles que me cobriram enquanto eu gastava meu sofá.

– Reserve uma mesa para o Jack no Scores neste final de semana. Por minha conta.

Não existe melhor agradecimento do que uma stripper pré-paga.

Quanto ao Matthew e ao Steven, vou ter que pensar em algo para eles. Acredito que seios nus não são permitidos no Lado Escuro da Força.

Depois que Erin me atualizou sobre os clientes, peço a ela que libere minha agenda e lhe dou uma lista de coisas que vou precisar para amanhã. Planejei um dia corrido, mas não tem nada a ver com o banco de investimentos.

No momento em que desligávamos o telefone, entrava em meu apartamento. *Meu Deus*. Cubro meu nariz com a mão. Como consegui viver com a porra daquele cheiro por sete dias?

Ah, é claro: eu era um vegetal.

Dou uma boa olhada em tudo. Sacos de lixo estão empilhados em um canto. Garrafas vazias estão amontoadas na mesa. Pratos sujos enchem a pia, e o ar cheira igual àquele fedor que entra no seu carro quando está preso no trânsito atrás de um caminhão de lixo. Alexandra tentou limpar tudo da melhor forma, mas ainda está um desastre.

Um pouco parecido com a minha vida neste momento, não acha? Que simbólico.

Eu ando até o quarto, onde consigo respirar pelo nariz. Sento na borda da cama e olho para o telefone. Lembra daqueles reforços que mencionei? Hora de ligar para eles.

Pego o telefone e ligo. Uma voz calma me cumprimenta após o segundo toque. A combinação perfeita de força e conforto, e respondo:

– Oi, mãe.

Você pensou que estava ligando para outra pessoa, não pensou?

Bem lá no fundo, sou um filhinho de mamãe. Mas sou homem o bastante para confessar isso. Mas eu não sou o único. Isso explica muita coisa, sabia? Essa é a razão pela qual seu namorado não consegue colocar suas meias ou cuecas no cesto de roupa suja: pois ele cresceu com a mamãe fazendo isso para ele. É por isso que seu molho de macarrão é bom, mas não é ótimo: porque as papilas gustativas dos homens foram finamente ajustadas para o molho de domingo feito pela mamãe.

Além disso, você conhece aquele ditado: "A mãe sempre tem razão"? Sim, é irritante. Mas ele é correto? Com toda certeza. Nunca vi minha mãe estar errada. Sobre qualquer coisa. Então, neste momento, sua opinião é o recurso mais valioso. *Eu* sei o que eu *acho* que devia fazer para consertar as coisas com a Kate, mas quero uma confirmação de que é, na verdade, a coisa *certa* a se fazer. Esse é um novo território para mim. E eu não posso estragá-lo.

De novo.

Minha mãe começa a falar sobre canja de galinha e compressas frias. Mas eu a interrompo.

– Mãe, eu não estive doente. Não como você acha, pelo menos.

Com um suspiro, começo a contar toda a história sórdida. A versão resumida e para qualquer idade.

Parece uma confissão.

Depois de descrever a manhã na minha sala onde estraguei as coisas com a Kate – tudo bem, você tem razão, onde estraguei absolutamente tudo –, minha mãe deixa escapar um pesaroso:

– Ah, Drew.

Meu estômago se contorce de arrependimento e decepção. Eu daria tudo para conseguir uma máquina do tempo.

Termino a história da minha queda e continuo explicando meus planos para me tirar da merda amanhã. Depois que acabo, ela fica quieta por alguns segundos. Aí faz a última coisa que eu esperaria que minha mãe educada e reservada pudesse fazer.

Ela ri.

– Você parece tanto com o seu pai. Algumas vezes me pergunto se você tem alguma parte do meu DNA.

Na verdade, nunca notei alguma semelhança entre meu pai e eu. Com exceção do nosso amor por negócios – nosso caminho para o sucesso. Nós sempre pensamos do mesmo modo quanto a isso. Por outro lado, meu pai é muito certinho. Um homem dedicado, que é leal à família até o fim. Praticamente o oposto de mim em todos os sentidos.

– Eu sou?

Ela ainda está rindo.

– Um dia vou te contar a verdade sobre como seu pai e eu acabamos juntos em Columbia. E vou incluir todos os pequenos detalhes sujos que ele nunca quis que você soubesse.

Se a tal história envolver sexo em qualquer momento, não quero escutá-la.

Nunca.

No que me diz respeito, meus pais transaram apenas duas vezes em suas vidas. Uma vez para a Alexandra e uma para mim. Só isso. Em algum momento, percebo que estou me iludindo, mas este é um assunto sobre o qual prefiro viver sem saber de nada.

– Quanto a você e à Kate, imagino que ela ficará um pouco… impressionada com o que planejou. Em algum momento. De cara, acho que ela vai ficar furiosa. Você devia se preparar pra isso, Drew.

Estou esperando por isso. Lembra daquela linha tênue que Matthew mencionou?

– Mas tenho que te perguntar, querido: você tem certeza? Você está 100% seguro de que Kate Brooks é a garota pra você? Não apenas como amante, mas como amiga, uma companhia, uma parceira? Você precisa ter certeza, Drew. É errado brincar com os sentimentos de uma pessoa, você não precisa que eu te diga isso.

Ela soa repreensiva agora – usa o mesmo tom de quando eu tinha oito anos e fui pego lendo o

diário da Alexandra.

– Estou 100% seguro. É a Kate ou… nada.

Ainda estou em choque em ver o quanto verdadeiro isso é. E, francamente, é muito assustador.

Sabe, mesmo antes de transar com Kate, meu interesse em transar com qualquer outra mulher tinha começado a diminuir. De maneira drástica. E não era apenas por que elas eram ruins de cama. É por que elas não eram a Kate. Se, por alguma catástrofe, Kate não me aceitar de volta, talvez eu possa raspar minha cabeça e me mudar para a porcaria do Tibet.

Fiquei sabendo que os monges estão contratando.

– Bem, então, aqui vai um conselho: seja implacável. Obstinado. Totalmente persistente na sua busca. Se sua confiança diminuir um pouco, Kate levará isso como um sinal de que seu afeto também poderá vacilar. Você já deu muitas razões pra ela não acreditar em você, não deixe suas inseguranças dar mais razões a ela. Seja gentil, Drew. Seja honesto. Comporte-se como eu te eduquei. O homem que eu sei que você é.

Eu sorrio. Depois disso, sei – sem dúvida alguma – que, de alguma maneira, de algum modo, vou fazer isso direito.

– Obrigado, mãe.

Quando vou lhe dizer tchau, ela acrescenta:

– Pelo amor de Deus, assim que resolver esta situação, quero que os dois venham aqui em casa jantar. Quero conhecer a mulher que amarrou meu filho. Ela deve ser extraordinária.

Cem imagens de Kate disparam em minha cabeça de uma só vez…

Kate na sua mesa, de óculos. Toda sua excelência e determinação. Toda força a ser enfrentada.

Kate rindo de um dos meus comentários inapropriados. Apresentando Matthew para Dee-Dee. Ajudando Steven a sair de uma situação difícil.

Kate em meus braços – tão apaixonante e dedicada. Confiante e aberta. Ela por baixo de mim, por cima de mim, ao meu redor, igualando-se a mim em cada movimento, a cada gemido.

Eu abro um largo sorriso.

– Ela é, mãe. Ela é.



Hora de uma lição de história, crianças.

De volta ao passado: quando dois clãs estavam em guerra, eles mandavam seus homens nobres para o campo antes de uma batalha a fim de tentar negociar uma resolução sem violência. Se os lordes conseguissem fechar um compromisso, aí não haveria uma disputa. Mas se eles não conseguissem chegar a um acordo, começava-se, então, uma.

Estou citando batalhas antiquadas, com machados de guerra, arqueiros flamejantes, balas de canhão quebrando pernas *etc*.

Sim, esta é uma cena de *Coração valente*. Mas, ainda assim, é historicamente condizente.

O que estou tentando dizer é que, para cada meta, há dois modos de consegui-la: do jeito difícil ou fácil. Os homens daquela época entendiam isso. E eu também entendo. É por isso que estou parado fora do prédio do meu escritório, esperando Kate chegar para falar com ela antes que entre. Para continuar tentando um acordo de paz. Para encontrar uma solução pacífica.

Vamos chamar isso de meu "jeito fácil".

E aí ela chega. Está vendo ela virar o quarteirão? Parece que não fui o único que veio ao trabalho hoje preparado para uma guerra. Kate sem dúvida está com sua armadura.

Ela está usando um terninho preto e com um salto tão alto que fica do meu tamanho. Seu cabelo está preso em um coque apertado, com apenas alguns fios caindo no rosto. Ela está de queixo levantado e olhos firmes, dando passos ameaçadores e determinados.

Totalmente esplêndida.

A batida do meu coração acelera e meu pau fica meio duro, mas ignoro isso. É verdade, faz um milênio desde a última vez que fiz sexo, mas entro em detalhes depois. Agora, estou focado por completo na Kate e no meu próximo passo.

Saio da frente do prédio e a encontro no meio do caminho.

– Oi, Kate. Você está parecendo muito apetitosa esta manhã.

Sorrio e lhe ofereço uma flor de lavanda roxa. Ela não aceita. Em vez disso, passa correndo por mim, sem falar uma única palavra.

Eu recuo para continuar na sua frente.

– Bom dia, Kate.

Ela tenta me ultrapassar, mas eu a bloqueio e sorrio com malícia.

Não consigo me controlar.

– O quê? Você não vai falar comigo? Você acha mesmo que isso vai dar certo, levando em conta que trabalhamos juntos?

Sua voz está clara e ensaiada, como a de um robô.

– Claro que não, senhor Evans. Se precisar discutir sobre trabalho, ficaria muito feliz em conversar. Mas, se não for sobre isso, então eu prefiro que…

– Senhor Evans? – *Não vai rolar.* – Isso é um joguinho sujo? Como se eu fosse um chefe ruim e você a secretária sexy?

Ela fica tensa e sua mão aperta a pasta.

– Ou você pode ser a chefe, se você quiser. E eu posso ser o assistente submisso que precisa de um castigo. Eu, com certeza, adoraria participar desta coisa de dominação.

Ela faz um som de repulsa.

E vai embora.

Eu a alcanço com facilidade.

– Não, espere, Kate. Estou brincando. Foi apenas uma piada. Por favor, espere. Preciso mesmo conversar com você.

Sua voz se torna aguda. Irritada.

– O que você quer?

Eu sorrio e lhe ofereço a flor de novo.

– Jante comigo no sábado.

Sua sobrancelha se franze.

– Você está tomando algum tipo de medicamento e eu não estou sabendo?

– Por que acha isso?

– Será que não fui clara na noite passada? Por que acha que eu pensaria em sair com você de novo?

Eu encolho os ombros.

– Esperava que você estivesse mais bem-humorada nesta manhã. Que, talvez, depois de uma boa noite de sono, perceberia que ainda… gosta de mim.

Kate bufa.

– Não espere em pé.

Ela dá um passo. Depois para e se vira para mim.

– Não, repensando: espere sim.

Eu acompanho seus passos ao seu lado, conforme ela continua andando em direção ao prédio. Tenho dois minutos, talvez menos. Falo, apressado:

– Sério, Kate. Estive pensando…

– Nossa, um milagre.

Ela sempre foi tão esperta?

– Quero recomeçar. Fazer as coisas do jeito certo. Te levar a um encontro. Contar todas as coisas que devia ter te falado antes. Sobre como te acho maravilhosa. Como você é importante pra mim. Ah, e nunca vou mentir pra você de novo.

Nunca.

Estou falando a verdade.

Daqui a dez anos, caso a Kate me pergunte se alguma calça jeans faz sua bunda parecer grande demais, e ela fizer? Vou torcer pela minha vida e dizer que sim.

Eu juro.

Ela olha para frente ao responder:

– Obrigada pela oferta, mas não, obrigada. Ser feita de besta e usada não está na minha lista de

compromissos desta semana. Já fiz isso. Não quero repetir.

Seguro gentilmente seu cotovelo e a viro para mim. Tento olhar em seus olhos, mas ela se recusa a olhar nos meus. Minha voz está baixa e sincera.

– Kate… eu entrei em pânico. Fiquei assustado e estraguei tudo. Isso nunca mais vai acontecer. Aprendi com meus erros.

– Que coincidência – ela olha para mim da cabeça aos pés, significativa. – Eu também.

Depois ela vai embora. E eu dou um grande suspiro.

Tudo bem.

Vai ter que ser do jeito difícil.

Por que não estou surpreso?

Capítulo 21

Quando Kate se aproxima da porta do prédio, estou logo atrás dela. Assim que ela atravessa a entrada, a música começa.

Ela para, assustada.

Eles se chamam Three Man Band. São músicos itinerantes. Literalmente. O vocalista tem um violão pendurado por uma faixa nos ombros e um microfone preso no peito. O baterista tem um conjunto de seis peças que carrega na frente do corpo – como uma criança marchando em uma banda, só que muito mais legal. O último cara tem uma combinação de guitarra e teclado, em uma plataforma presa à cintura.

Não é tão cafona quanto parece. Eles são bons. Parecem uma daquelas bandas *covers* que tocam na praia de Jersey no verão. Estão tocando "Caught up in you", do .38 Special.

Kate resmunga para mim por entre os dentes:

– Que merda é essa?

Eu encolho os ombros.

– Bem, não sei tocar violão. E não sei cantar. Então…

Sei o que você deve estar pensando. *Música, Drew? Este é o grande plano? Billy já não tentou isso?* Sim, Warren tentou esta estratégia e fracassou. Mas desta vez será diferente.

Melhor.

Maior.

A Three Man Band é móvel. Portanto, eles podem – e irão – seguir a Kate o dia todo. Vão fazer uma serenata para ela não apenas com uma, mas com dúzias de músicas cuidadosamente escolhidas. E não, este não é o plano completo. Este é apenas o primeiro passo. Ainda tem mais.

– Eu te odeio.

Não, ela não me odeia.

Coloco minha flor rejeitada atrás da orelha dela.

– Escute a letra, Kate.

O vocalista canta sobre um homem, de joelhos, que está tão apaixonado que quer mudar, quer ser melhor. Para ela.

Kate arranca a flor da orelha e a joga no chão. Depois, me empurra, vai em direção ao elevador e entra nele.

A Three Man Band se infiltra ao seu redor. Continuam tocando.

Ela parece horrorizada, não? Quando as portas se fecham, quase me sinto mal.

Quase.

Pego o próximo elevador até o quadragésimo andar. Lá, os sons de "Angel", do Aerosmith, enchem o ambiente. Pelo visto, Kate impediu a banda de entrar em sua sala. Então, eles estão parados do lado de fora.

Eu paro na mesa de Erin. Ela me entrega meu café.

– Boa música.

– Obrigado. Está tudo preparado?

– Tudo no jeito, chefe – então, estala os dedos. – Ah, e trouxe isso pra você – ela me entrega uma caixa cheia de DVDs. Por cima estão… *E o vento levou, Digam o que quiserem, A Bela e a Fera, Casablanca, Titanic* e… *Diário de uma paixão.*

– O que é isso?

– Pesquisa. Pra você. Achei que fosse precisar.

Eu sorrio.

– O que eu faria sem você, Erin?

– Passaria o resto da sua vida infeliz e sozinho?

Ela não está muito errada.

– Tire outra semana de férias, ok?

Levo a caixa de mimos para minha sala e me preparo para a segunda fase.



Flores. Muitas mulheres falam que não gostam de ganhá-las. Mas todas ficam felizes quando ganham uma.

É por isso que fiz com que fossem entregues na sala de Kate, de hora em hora. Sete dúzias de uma vez. Isso vale uma dúzia por cada dia que ficamos separados.

Não é romântico? Também achei.

Apesar de saber que a flor favorita de Kate é a margarida branca, pedi para o florista evitá-las. Em vez disso, escolhi as exóticas – buquês com pétalas coloridas brilhantes e com formas estranhas. Flores que Kate provavelmente nunca viu na vida, de lugares que ela nunca visitou.

Lugares para os quais quero levá-la.

No começo, deixei recados simples e genéricos. Dê uma olhada:

Kate,
me desculpe.
Drew

Kate,
me deixe reparar o que fiz.
Drew

Kate,
estou com saudades. Por favor, me perdoe.
Drew.

Mas depois de algumas horas, percebi que precisava me esforçar mais. Ficar mais criativo. O que acha?

Kate,
você está me tornando obsessivo.
Drew

Kate,
Saia comigo no sábado e te darei
todos os meus clientes.
Cada. Um. Deles.
Drew

Kate,
se eu me jogar na frente de um ônibus, você
vai me visitar no hospital?
Drew
P.S. – Tente não se culpar muito se eu não
sobreviver. De verdade.

Esse último lote foi entregue há 45 minutos. Agora estou sentado em minha mesa, esperando. Esperando pelo quê, você quer saber? Você verá. Kate pode ser teimosa, mas não é feita de pedra.

A porta da minha sala é aberta com força, deixando uma marca na parede.

Lá vamos nós.

– *Você* está me deixando louca.

Suas bochechas estão coradas, sua respiração rápida e ela está com um olhar de homicida.

Linda.

Franzo minha sobrancelha, esperançoso:

– Louca? Como se quisesse rasgar minha camisa de novo?

– Não. Louca por causa de uma urticária que não quer me deixar em paz.

Eu hesito. Não consigo me controlar.

Penso: *Caramba.*

Kate dá um passo em direção à minha mesa.

– Estou tentando trabalhar. Preciso me focar. E aí você coloca Huguinho, Zezinho e Luisinho do lado de fora da minha sala, tocando todas as músicas mais cafonas dos anos 1980 que já foram escritas!

– Cafonas? Sério? Nossa. Achava que você era uma daquelas garotas que adoram os anos 1980.

Bem, vivendo e aprendendo.

– Estou falando sério, Drew. Este é um local de trabalho, não é possível que eu seja a única pessoa se sentindo incomodada por este barulho.

Bom. Voltou a me chamar de "Drew". Progresso.

Com relação a incomodar o restante da equipe? Pensei nisso. Falei com a maioria das pessoas neste andar e lhes avisei sobre o entretenimento do dia. Eles não pareceram se importar.

– Estou falando sério também, Kate. Você não devia estar trabalhando. Devia estar escutando. Eu mesmo escolhi estas músicas. É meu gesto supremo. Pra te mostrar como me sinto.

– Não ligo pra como você se sente!

– Nossa, isso foi cruel.

Ela cruza os braços e começa a bater o pé no chão.

– Sabe, não queria fazer isso, mas você me deixou sem outra opção. Claro que você é muito imaturo para lidar com isso como um adulto. Então, vou contar pro seu pai.

Certo.

Ela é quem vai contar para o papai sobre mim, mas *eu* que estou sendo imaturo.

Claro.

E eu já tinha pensado nisso também.

– Meu pai ficará na Califórnia durante as próximas duas semanas. Não estou muito preocupado com o que ele fará pelo telefone.

Ela abre a boca para recomeçar, mas continuo:

– Você podia tentar falar com o Frank. Mas ele está nos Hamptons, naquele campo de golfe que o Trump acabou de abrir. George está na sala dele.

Ela se vira, mas minhas próximas palavras a fazem parar.

– Mas eu devia te avisar… ele tem uma queda por romance. Não ficaria esperançosa se fosse você. E ele é meu padrinho.

Ela me encara por um minuto. Está tentando pensar em uma réplica. Ainda bem que já tirei todos os objetos pesados da minha mesa.

Aqueles que ela deve querer jogar na minha cabeça neste exato momento.

– Você não pode fazer isso. Isso é assédio sexual.

Eu me levanto e me debruço na mesa.

– Então me processe.

Sua boca se abre para cuspir o que tenho certeza que seria um discurso inflamado. Mas eu a interrompo. E minha voz fica calma. Racional.

– Ou você pode não se dar ao trabalho e apenas sair comigo no sábado. Um encontro. Uma noite e tudo isso some do mapa. Depois, se você ainda não quiser ter algo comigo, te deixo em paz. Pela minha honra de escoteiro.

Tecnicamente, isso não é uma mentira. Já vimos que ser escoteiro não é meu estilo. Encontrar brechas, lembra?

Seu rosto se contorce em desgosto.

– Claro que não. Não serei chantageada pra sair com você.

Eu me sento de novo.

– Essa é a decisão difícil. A decisão feminista, de uma mulher de peito. Tenho orgulho de você, Kate.

Seus olhos se estreitam, suspeitos.

Garota esperta.

– Além disso, não vejo a hora de você ver o que planejei pra amanhã. Eu não agendaria reuniões, se fosse você. Acho que haverá muito barulho.

Sua voz fica mais alta após cada palavra. Como o trovão de uma tempestade que está cada vez mais perto de acontecer.

– Você é um desgraçado manipulador, infantil, vingativo!

– Não estou tentando ser.

Ela dá a volta por minha mesa e me levanto para encontrá-la.

– Um filho da puta egoísta, egocêntrico, individualista!

– Eu sei.

Ela me acerta no peito com os punhos.

Plaft.

– Queria nunca ter te visto naquele bar idiota!

Plaft.

– Queria nunca ter conseguido este emprego!

Plaft.

– Queria nunca ter te conhecido.

Agarro seus pulsos e a puxo para perto.

Aqui é quando a gente costuma se beijar.

Você estava esperando por essa parte? Meus pêsames. Não vai rolar. Pois isso não se trata mais só de mim e de meu tesão enorme. Não mais. E tenho que provar isso para Kate.

Então, me controlo. Mas não ache que é fácil, pois não é. Não há nada que eu queira fazer mais do que enfiar minha boca na dela e lembrá-la de como era bom o que tínhamos. Como ainda pode ser bom.

Eu me inclino e coloco minha testa na dela. Ela fecha os olhos. Eu passo meu nariz no dela e respiro, tentando me concentrar. Ela cheira ainda melhor do que me lembro, como biscoitos quentes na porra do jardim do Éden.

Então sussurro:

– Me desculpe por ter te machucado. Não era verdade. Nem uma palavrinha. Por favor, acredite nisso.

Kate abre os olhos. Seus lindos olhos castanhos demonstram surpresa. E medo, igual ao momento em que um bicho percebe o vestígio de um caçador. Porque ela *quer* acreditar em mim. E ela sabe que sei disso.

Depois ela pisca. E seus olhos se tornam firmes. Está difícil saber se ela está mais brava comigo ou com ela mesma.

Provavelmente comigo.

Ela empurra meu peito e eu caio na cadeira.

– Vá se fuder!

Ela dá a volta em minha mesa, em direção à porta.

– Aqui? Agora? – olho para o teto, como se estivesse analisando a hipótese. – Bem… tudo bem. Mas seja gentil. Meu sofá é virgem.

Solto minha gravata e começo a desabotoar minha camisa.

Ela gagueja. Depois aponta o dedo para mim e praticamente rosna.

Sim, é muito sensual.

– Credo!

Aí ela sai da minha sala. Para na frente da banda, que estava esperando lá fora, e diz:

– Não me sigam!

Enquanto ela desaparece pelo corredor, o vocalista olha para mim.

Eu aceno.

Eles seguem os passos de Kate, cantando alto “Heat of the Moment”, do Asia.

Ei, qual é o problema? Você parece preocupada. Não fique. Sei o que estou fazendo. Faz tudo parte do plano.

Capítulo 22

Acho que você não sabia disso, mas muitos homens têm uma queda pela Ariel. *A pequena sereia*, lembra? Eu nunca tive uma queda por ela, mas consigo entender a atração: ela preenche bem aquele par de conchas, é ruiva e passa a maior parte do filme sem falar nada.

Considerando isso, não estou muito perturbado com a ereção que estou ostentando enquanto assisto *A Bela e a Fera,* como parte da lição de casa que Erin me passou. Gosto da Bela. Ela é sensual. Bem, tratando-se de um desenho, claro. Ela me lembra Kate. É talentosa. Esperta. Não atura qualquer merda da Fera ou daquele idiota com os braços absurdamente grandes.

Encaro a TV quando Bela se inclina para alimentar o passarinho. Então, me inclino para frente, tentando ver uma boa parte de seu seio…

Será que vou para o inferno?

Não consigo me controlar. Estou desesperado. Frustrado.

Com tesão.

Disse que ia falar sobre isso depois, lembra? Bom, agora é o depois. Sinto-me como uma lata de refrigerante que foi sacudida e está quase explodindo. Sei que meu maior recorde é de doze dias, mas isso é diferente.

Pior.

Já virei um peru congelado. Por completo. Não consegui nem me masturbar. Nem uma vez. Em *nove malditos dias*. Acho que o acúmulo de sêmen está começando a me fazer mal. Como açúcar para diabéticos.

Por que não usei a mão que Deus me deu, você está se perguntando?

É uma regra nova. A punição que eu mesmo me impus por causa da minha estupidez. Recuso-me a gozar até que Kate goze comigo. Ontem parecia uma boa ideia. Mas depois de vê-la hoje, estou quase certo de que a espera vai me matar.

Não revire os olhos.

Você não entende. A não ser que seja um cara, não pode entender. Você não tem ideia de como é importante uma gratificação sexual regular para nós. É crucial. Vital.

Vou explicar.

Em 2004, a Universidade da Califórnia fez um levantamento para determinar o quanto as mulheres valorizam o ato sexual com relação a outras atividades. Sabe o que encontraram? Oito entre dez delas – ou seja, oitenta por cento – disseram que se tivessem que escolher entre sexo ou dormir, elas escolheriam dormir.

Naquele mesmo ano, a Universidade de Nova York realizou seu próprio estudo. Com ratos. Eles implantaram eletrodos nos cérebros de ratos machos e colocaram dois botões em suas gaiolas.

Quando os pequenos desgraçados pressionavam o botão azul, os eletrodos acionavam um orgasmo. Quando apertavam o vermelho, recebiam comida.

Quer adivinhar o que aconteceu com todos os ratos?

Eles morreram.

Morreram de fome.

Eles *nunca* apertaram o botão vermelho.

Preciso dizer mais alguma coisa?

Enfim, aqui estou eu. Preso na minha própria gaiolinha sem a porra de um botão azul. Mas…

Talvez possa ter a segunda melhor coisa que existe. Eu pauso o filme. Depois pego o telefone e ligo.

– Alô? – ela atende, com voz de sono. Rouca.

– Oi, Kate.

– Drew? Como… como você conseguiu meu telefone de casa?

– Eu olhei no seu arquivo pessoal.

Sim, essas coisas deveriam ser confidenciais, mas pedi um favor. Eu jogo para ganhar. Nunca disse que jogo limpo.

Eu me deito no sofá, enquanto imagens de Kate na cama começam a dançar em minha cabeça.

– Então, o que está vestindo?

Clique.

Funcionou que é uma beleza.

Eu ligo outra vez.

– Alô.

– Você estava pensando em mim antes de eu te ligar, não estava?

Clique.

Eu sorrio. E ligo de novo.

– *O quê?*

– Caso você esteja se perguntando, eu ainda tenho.

– Você ainda tem o quê?

– Sua calcinha. Aquela de renda preta. Está em minha gaveta. Às vezes durmo com ela embaixo do meu travesseiro.

Doentio? Talvez.

– Você guarda troféus de todas suas vítimas? Está parecendo um *serial killer*.

– Não, não de todas elas. Apenas o seu.

– Isso devia fazer eu me sentir lisonjeada? Acho que estou com náuseas, na verdade.

– Esperava que pudéssemos acrescentar outra na coleção.

Clique.

Agora isso está ficando ridículo.

Eu ligo outra vez.

– O. Que. Você. Quer?

Você.

E eu.

Presos em uma ilha deserta exuberante por uma semana.

– Não desligue. Vou continuar te ligando.

– Se fizer isso, eu tiro meu telefone do gancho.

O desafio em sua voz faz com que minha ereção venha com força total. Eu disse uma semana? Na verdade, é um mês.

No mínimo.

– Terei que ir aí então. Vou ficar plantado na sua porta falando. Isso não vai deixar seus vizinhos muito felizes com você.

Por alguns segundos, ela não fala. Já passa da meia-noite. Provavelmente, ela está pensando se estou falando sério.

Eu estou.

Em seguida, bufa:

– Tudo bem, vou ficar no telefone. Você tem alguma razão pra me ligar ou só quer me encher o saco ainda mais?

Conto para ela a mera e honesta verdade.

– Só queria ouvir sua voz.

Há pouco tempo, entrava na sala de Kate quando queria. Podia falar com ela. Olhar para ela. Escutá-la.

Sinto falta disso. Muita falta.

– O que você está fazendo? – pergunto.

– Trabalhando.

– Eu também. Mais ou menos. No que está trabalhando?

– Em uma proposta para um cliente novo. Jeffrey Davies.

– O milionário? Ele não é… maluco?

– Ele é bem excêntrico, sim.

Ouvi dizer que ele é um pirado. Como um daqueles fanáticos por Jornada nas Estrelas, que sabem a língua Klingon de cor ou que operam as orelhas para ficarem parecidos com o Spock.

– No que ele está interessado?

– Tecnologia. Pesquisa científica para prolongar a vida, pra ser mais exata.

Sua voz soa confortável agora. Normal. Quase amigável.

– Conheço algumas pessoas que entendem de criogenia. Podia te apresentar. Devíamos conversar sobre isso no jantar de sábado.

– Está tentando me chantagear?

– Você prefere no café da manhã? Por mim pode ser no almoço também.

A essa altura, eu ficaria feliz até mesmo com um pequeno lanche da tarde.

Ela engasga. Não é uma risada, mas é quase isso.

– Esquece isso, Drew.

Sorrio, apesar de ela não conseguir me ver.

– Não vai rolar. Posso continuar com isso pra sempre. Tenho uma resistência extraordinária, mas você já sabe disso.

– Vou ter que desligar de novo?

Eu lamento.

– Não. Vou ser bonzinho.

Troco de lado. Meu apartamento está escuro e quieto. Está… íntimo. Como uma daquelas conversas noturnas que você tinha quando estava no colegial e ficava por baixo do lençol, porque não devia estar no telefone ainda.

– Então, o que vai fazer no Natal?

Quando ela responde, consigo sentir um sorriso em sua voz.

– Minha mãe vai vir me visitar. A Dee-Dee também, então vamos sair juntas para ceiar no Natal. E depois, como meu contrato de aluguel acaba no mês que vem, estou planejando procurar alguns apartamentos, enquanto minha mãe ainda estiver aqui. Espero que Nova York a impressione. Talvez eu encontre algum lugar que a seduza e a faça ficar por aqui.

– E Warren? Ele ainda está morando com Deloris?

Não queremos nenhum golpe surpresa, certo?

Sua voz volta a ser ríspida ao me dizer:

– Não que seja da sua conta, mas Billy se mudou para Los Angeles há três dias.

Bem, isso não me faz querer levantar e fazer a dança da vitória em cima da minha mesa de jantar?

– Vocês ainda… conversam?

– Ele vai me mandar um e-mail assim que acabar de organizar tudo. Pra me contar como estão as coisas.

– Kate… o que aconteceu entre vocês dois, naquele dia, na sua sala? Devia ter tido coragem de escutá-la aquele dia. E ter feito esta pergunta. Naquele momento, achei que seria mais fácil fingir que não me importava do que escutar *ela* dizer isso.

Eu estava errado.

Ela soa triste ao responder. E cansada.

– Nós conversamos, Drew. Eu disse que o amava, que parte de mim sempre o amaria. Falei que sabia que ele me amava também. Mas que nós não estávamos mais… *apaixonados*. Não do modo que devíamos estar… há um bom tempo. Demorou um pouco, mas depois Billy acabou concordando comigo. E – ela solta um suspiro irritado – eu nem sei por que estou te contando isso.

Ficamos quietos por um momento. Acabo não conseguindo me controlar.

– Estou *apaixonado* por você, Kate.

Ela fica em silêncio. Não responde nada.

Meu peito se aperta porque sei a razão.

– Você não acredita em mim?

– Acho que você consegue ser um excelente mentiroso quando quer, Drew.

Ai. Então é assim que se colhe o que foi plantado? É uma merda.

Mas minha voz continua firme. Determinada e nada oscilante.

– Não estou mentindo pra você agora, Kate. Mas tudo bem. Faça o que precisa fazer. Me xingue, bata em mim, coloque tudo pra fora. Eu aguento. Porque, quanto mais você me afasta, mais eu vou lutar para te provar que é verdade. Que não vou pra lugar algum e que o que sinto por você não vai mudar. E então, algum dia, vou dizer que você, Kate Brooks, é o amor da minha vida, e aí não vai haver dúvida disso.

Após um minuto, Kate limpa a garganta.

– Tenho que desligar. Já é tarde. E ainda tenho muita coisa pra terminar.

– Sim. Está bem. Eu também.

– Boa noite, Drew.

Dou uma risada forçada.

– Poderia ser. Mas você está do outro lado da cidade.

Ela, por fim, dá risada. É rápida e abafada, mas é verdadeira. Tenho certeza de que é o melhor som que já ouvi.

– Bons sonhos, Kate. Sabe, aqueles em que estamos neles. Pelados.

Clique.

Capítulo 23

O jogo mais importante na carreira de um novo jogador não é sua estreia. Mas sim o que vem em seguida. A segunda apresentação. Ele tem que provar que é consistente. Confiável.

Hoje é meu segundo jogo. O dia em que vou mostrar para Kate que ela não vai se livrar de mim e que sou um baita artilheiro. Comecei com algo simples. Elegante. Algo menos chocante que a Three Man Band. Afinal, você nem sempre precisa atacar com armas nucleares para ganhar uma guerra.

A sala de Kate está cheia de balões.

Milhares deles.

Cada um impresso com ME DESCULPE.

Exagerado? Também não acho.

Então pedi que entregassem uma coisinha em sua sala. Da Tiffany. Uma caixinha azul com um recado:



Dentro da caixa, em uma corrente de platina, está um perfeito coração de diamante de dois quilates.

Meloso? Claro que sim. Mas as mulheres amam essas coisas melosas. Pelo menos é o que os filmes, que fiquei assistindo até as três horas da manhã, mostram.

Espero que isso faça as pernas de Kate ficarem bambas. E então caia de quatro, e estou certo de que não preciso te dizer o quanto gosto dela nessa posição.

Estou apenas brincando.

Um pouco.

Além do mais, acho que Kate não está acostumada a ganhar presentes, pelo menos não daquele valor. E devia estar. Ela merece ser mimada. Ter coisas boas. Coisas lindas. Coisas que seu ex-namorado de merda não podia pagar e provavelmente nunca nem pensou em lhe dar.

Coisas que posso – e irei – lhe dar.

Queria estar ao seu lado quando ela abrisse. Para ver a expressão em seu rosto. Mas tenho uma reunião.

– Andrew Evans. Continua tão bonito quanto o diabo. Como está, meu garoto?

Está vendo aquela mulher me abraçando na minha sala? Sim, a dama de olhos azuis e de cabelos ruivos que ainda é sensacional, apesar de já estar na casa dos cinquenta? Ela foi minha professora do sexto ano. Naquela época, sua pele era tão suave e macia quanto seu sotaque irlandês. E tinha um

corpo que implorava por pecado. Muitos e muitos pecados.

Ela foi minha primeira paixão. A primeira mulher para a qual me masturbei. Minha primeira fantasia com uma mulher mais velha.

Irmã Mary Beatrice Dugan.

Sim, você entendeu direito: ela é uma freira. Mas não qualquer freira, crianças. A Irmã Beatrice era uma freira muito gostosa.

Naquela época, ela era a freira mais jovem que todos nós já tínhamos visto – diferente das mulheres feias, vestidas de preto e severas, que pareciam velhas o bastante para terem vivido na época de Jesus. O fato de ela ser uma mulher do clero – proibida – e de estar em uma posição acima de nós, meninos católicos perversos, só fazia aquilo tudo ser ainda mais erótico.

Ela podia ter me espancado com uma régua a qualquer momento.

Eu não era o único a pensar assim. Basta perguntar para o Matthew.

Quando tínhamos treze anos, Estelle percebeu que Matthew tremia ao andar. Ela o arrastou se lamentando para o médico, onde logo foi diagnosticado com SPF.

Síndrome do Pênis Friccionado.

O médico disse à Estelle que tal condição foi causada por ele usar shorts de banho molhado por muito tempo. E ela acreditou. Mesmo sendo novembro. O pau de Matthew estava mesmo úmido, mas não era por causa de uma maldita roupa de banho.

E sim por causa da Irmã Beatrice.

– Você está mais linda do que nunca, Irmã B. Já decidiu deixar a Igreja?

Não frequento uma igreja. Não mais. Sou muitas coisas, mas hipócrita não é uma delas. Se você não vai seguir as regras, não deve aparecer para as reuniões em grupo. No entanto, mantive contato com a Irmã Beatrice. Ela é a diretora do St. Mary agora e minha família sempre fez generosas doações.

Ela dá uma batidinha em meu rosto.

– Menino descarado.

Eu pisco.

– Fala sério, Irmã, seja justa. Deus te tem há quanto tempo? Trinta anos? Não acha que está na hora de você nos dar uma chance?

Ela balança a cabeça e dá um sorriso forçado.

– Ah, Andrew, seus charmes tentariam a pureza de um santo.

Eu lhe dou uma xícara de chá e sentamos em meu sofá imaculado.

– Fiquei surpresa com sua ligação. E um pouco curiosa. Em que confusão se meteu, meu garoto?

Liguei para ela ontem e disse que precisava de ajuda.

– Tenho uma amiga e gostaria que você conversasse com ela.

Seus olhos pestanejam.

– Quem seria essa amiga?

Eu sorrio.

– Katherine Brooks.

– Você sempre foi o menino que beijava as mocinhas e as fazia chorar. E sobre o que você quer que eu converse com a senhorita Katherine? Você a engravidou?

– Não, Deus.

Ela ergue a sobrancelha, severa.

– Perdão.

Ela acena e continuo.

– Queria que você falasse com ela sobre… perdão. Segundas chances. Redenção.

Ela toma um gole de chá e olha, pensativa.

– Errar é humano; perdoar é divino.

Isso mesmo. Pensei em mandar Matthew ou Steven para defender meu caso. Mas não são neutros. Kate nunca acreditaria neles. E, antes que você me pergunte, não, eu nunca mandaria A Vaca. Muito arriscado. Quando se trata de persuasão, minha irmã é como um leão de estimação. Doce e divertida em um minuto, mas se você der o passo errado? Ela te come vivo.

A Irmã Beatrice é uma mulher religiosa. Gentil. Honesta. Se alguém pode convencer Kate de que um homem – eu – seja capaz de mudar, essa pessoa é ela. O fato de ela me adorar quase tanto quanto minha mãe também não faz mal algum.

– E quem a jovem moça está precisando perdoar?

Eu levanto minha mão.

– Esta pessoa seria eu.

– Deu uma de cafajeste, não é?

Confirmo.

– Tenho tentado de tudo pra reparar o que fiz. Menos tatuar o nome dela na minha bunda e correr pelado pelo estádio dos Yankees.

Estava deixando isso para a semana que vem.

– Os homens costumam querer o que não podem mais ter, Andrew. Gosto de pensar que você não é este tipo de homem. Então, se eu conversar com a jovem moça e convencê-la a confiar em você de novo, o que pretende fazer depois?

Olho dentro de seus olhos da cor do céu. E falo, sem sombra de dúvidas:

– Vou apreciar isso. Farei tudo o que for preciso pra fazê-la feliz. Por quanto tempo ela permitir.

Um pequeno sorriso se abre no rosto da Irmã Beatrice.

– E dizem que milagres não acontecem mais.

Ela coloca a xícara de lado e se levanta.

– Parece que tenho um trabalho abençoado pra fazer. Onde você está escondendo esta moça querida? Ela está me esperando?

– Tomei a liberdade de conversar com a secretária de Kate. Ela está esperando por alguém. Só não sabe que é você.

Ela dá um sorriso discreto.

– Não acha que isso vai irritá-la um pouco?

– É provável. Mas ela não vai descontar em você. Ela vai guardar toda a raiva pra mim.

Vamos até a porta.

– Já tentou rezar, Andrew? Orar é um ato poderoso.

– Acho que suas orações são um pouco mais poderosas do que as minhas hoje em dia.

Ela sorri e aperta minha bochecha, do mesmo modo que uma mãe faria.

– Todos somos pecadores, garotinho. Alguns apenas curtem isso mais do que outros.

Eu rio, abrindo a porta.

Depois, o sorriso some de meu rosto quando olho para as costas de Erin. Ela está parada na frente do meu escritório com os braços abertos. Bloqueando a mulher que está à sua frente.

Que, por acaso, é Deloris Warren.



Depois de Erin acompanhar a Irmã B. até a sala de Kate, eu me viro para Deloris. Ela está usando um tomara que caia preto, calça de couro apertada e saltos finos vermelhos. Se é isso que ela veste no trabalho, não consigo nem imaginar o que ela usa no quarto. Deve ser interessante.

Steven chega até nós, seus olhos estão focados nas pessoas que se retiraram pelo corredor.

– Aquela era a Irmã Beatrice?

– Sim.

Ele assente com gosto.

– Legal.

Viu? Freira muito gostosa. Te disse.

Ele sorri de maneira maliciosa para Deloris.

– Oi, Dee, o Matthew já te contou sobre a Irmã B.?

– Mais ou menos. Ele nos apresentou na igreja na semana passada.

Ao contrário de mim, Matthew ainda frequenta a igreja regularmente. Ele gosta de manter todas

as cartas na mão, caso precise.

Steven dá um sorriso largo, como uma criança que está quase dedurando o irmão.

– Ele te contou sobre a SPF?

Ela desconfia.

– O que é SPF?

– Pergunte ao Matthew. Ele vai te contar. É um perito nisso – ele me cutuca com o cotovelo. – Alexandra e Mackenzie virão mais tarde. Quer almoçar conosco?

Coço atrás da orelha.

– Não posso. Tenho uma reunião… com um cara… sobre um negócio.

Ele é um daqueles caras que escrevem no céu. Ele deve voar sobre o prédio às quatro da tarde. Só preciso decidir o que ele irá escrever. Mas não quero que Deloris saiba. Não posso deixá-la avisar à Kate antes da hora.

Steven acena.

– Tudo bem. Até mais tarde.

Olho nos olhos de Deloris. Lanço para ela um dos meus sorrisos clássicos.

Ela apenas me olha de volta.

Devo estar perdendo a prática.

– Precisamos conversar.

Há apenas alguns motivos pelos quais Deloris Warren gostaria de conversar comigo neste momento da minha vida. Nenhum deles é agradável.

Gesticulo para ela entrar no meu escritório.

– Entre.

Esse deve ser o mesmo sentimento de quando você convida um vampiro para dentro da sua casa.

Sento-me atrás da mesa. Ela fica em pé.

Já assistiu o canal Animal Planet? As mulheres são como uma manada de elefantes. Elas se unem para se protegerem. E se uma delas sentir perigo? Todas elas estouram.

Preciso fazer isso direitinho.

– No que posso te ajudar, Deloris?

– Se castrar seria ótimo. Mas topo um salto ornamental de uma ponte. Ouvi falar que a ponte do Brooklyn é ótima nesta época do ano.

Ah, sim. Isso vai ser muito divertido.

– Além disso.

Ela coloca as mãos em cima da minha mesa e se debruça, como uma cobra pronta para atacar.

– Você pode parar de foder com a cabeça da minha melhor amiga.

Sem problemas. A cabeça de Kate não é a parte do corpo que estou querendo foder no momento. Será que eu devia contar para ela? É melhor não.

– Não sei do que você está falando.

– Estou falando sobre a semana passada, quando você a tratou como uma camisinha usada. E agora, de repente, fica oferecendo flores, músicas e recados amorosos.

Ela já ficou sabendo de tudo? Isso é um bom sinal.

– Acho que você ou tem dupla personalidade, causada pela intensa sífilis na sua corrente sanguínea, ou você tem tara por um bom desafio. Em qualquer um dos casos, parta para a próxima, idiota. Kate não está interessada.

Não curto desafios. Quando Kate me deu um fora naquela primeira noite no REM, eu corri atrás dela? Não, fui embora com o que estava garantido. O mais fácil.

Ou, naquela noite em especial, com as gêmeas.

– Não vamos nos enganar. Nós dois sabemos que Kate está superinteressada. Você não estaria querendo tanto me atacar se ela não estivesse. Quanto às suas outras preocupações, não faço joguinhos. E tem uma fila de mulheres ao redor do quarteirão morrendo de vontade de me desafiar. Isso não se trata de conseguir uma transa.

Eu me apoio na mesa. Meu tom é direto e persuasivo, como se ela fosse uma cliente indecisa. Uma que preciso convencer a ficar ao meu lado.

– Admito que o que sinto por Kate me pegou desprevenido e, no começo, lidei mal com as coisas. É por isso que estou fazendo tudo isso: pra mostrar pra Kate que me importo com ela.

– Você se importa com o seu pau.

Não posso negar isso.

Ela se senta na minha frente.

– Kate e eu somos como irmãs. Mais próximas do que isso. Ela não é uma daquelas garotas que transam com qualquer um, ela nunca foi. Ela busca um relacionamento. É muito importante pra mim que ela fique com alguém que cuide dela direito. Um homem.

Concordo plenamente. A maioria dos homens sacrificaria um membro para ver uma relação mulher com mulher. É um tesão. Mas quando se trata de Kate? Não planejo dividir com ninguém. Não importa o sexo.

– Na última vez que chequei, é isso o que sou.

– Não. Você é um cachorro. Ela precisa de um bom homem. Um homem decente.

Bons meninos são entediantes. Você precisa de um pouco de maldade para manter as coisas divertidas. E meninos decentes? Meninos decentes sempre escondem algo.

Os vizinhos de Jeffrey Dahmer achavam-no decente. Até que encontraram aquelas cabeças em seu congelador.

Ela cruza os braços e sua voz se torna triunfante. Com uma satisfação maligna.

– E eu conheço alguém que é perfeito para ela. Ele trabalha no meu laboratório. É esperto. É engraçado. Se chama Bert.

Bert?

Ela está zoando com a minha cara? Qual tipo de sádico coloca o nome de seu filho de Bert hoje em dia? Isso é muito cruel.

– Ele vai garantir que Kate tenha bons momentos. Estou planejando juntá-los neste final de semana.

Estou planejando me algemar no tornozelo de Kate e engolir a chave. Vamos ver como Bert vai diverti-la, quando ela estiver me puxando como uma gêmea siamesa.

– Tenho uma ideia melhor. O que acha de sairmos em casais. Você e o Matthew, eu e Kate. Vamos passear. Você terá a oportunidade de ver como eu e Kate fomos feitos um para o outro.

– Ok, agora você está parecendo obsessivo. Você teve sua chance, você ferrou tudo, supere. Escolha outra da sua lista e deixe Kate em paz.

Eu me levanto.

– Ao contrário do que pensa, não sou um conquistador em série. Não seduzo mulheres, porque não preciso. Você quer que eu me desculpe com a Kate? Eu já fiz isso. Você quer uma garantia de que nunca mais vou machucá-la? Eu posso assinar uma, e assinarei com meu sangue se te fizer feliz. Mas não me peça para deixá-la em paz, porque não vou. Não posso.

Ela não se move. Seu rosto está parado e inflexível como uma estátua nervosa. E meu argumento não está convencendo.

– Matthew te contou como eu era? Eu pareço um homem que fica catatônico por uma mulher qualquer? Céus, Deloris, eu respeito Kate pra caramba.

Ela bufa.

– Hoje. Hoje você a respeita. Mas o que pode acontecer se ela ceder? Quando a novidade acabar e o sexo ficar sem graça? E uma nova cadela no cio cruzar seu caminho e querer que você cheire a bunda dela?

O sexo nunca fica sem graça. Não se você estiver fazendo do jeito correto.

– Não quero outra pessoa. E acredito que isso não vá mudar a qualquer momento… nunca.

– Acho que você está cheio de merda na cabeça.

– Lógico que você acha. Se você transasse com Matthew e agisse como eu fiz com Kate, também te rebaixaria. Mas o que você acha não muda o que Kate quer. Lá no fundo, mesmo que ela ainda não assuma, o que ela quer sou eu, querida.

– Você consegue ser mais convencido? Você pode ser rico, mas não pode comprar classe. Ou integridade. Você não está nem perto de ser bom o bastante pra Kate.

– Mas você acha que seu primo está?

– Não, não acho. Billy é um bundão imaturo e aquele relacionamento não estava indo pra lugar algum há um bom tempo. Com os anos, tentei alertá-la. Para que ela visse que o relacionamento deles tinha se tornado mais uma amizade do que um amor verdadeiro. Mas, naquela época, nossas vidas, nossas famílias, estavam tão ligadas que acho que eles estavam com medo de mudar a situação e machucar mais gente. Mas ele a amou – *ama*. Tenho certeza disso. Só que ele sempre amou mais o violão.

Ela começa a andar em frente à minha mesa. Como um professor em palestra.

– Veja, Drew, há três tipos de homens neste mundo: meninos, caras e homens. Meninos, como o Billy, nunca crescem, nunca se tornam sérios. Eles apenas se importam com si mesmos, com suas músicas, seus carros. Caras, como você, só pensam em quantidade e variedade. Como uma linha de montagem, é apenas uma noite após a outra. Também têm os homens, como Matthew. Eles não são perfeitos, mas valorizam as mulheres não apenas por sua flexibilidade e por sua sucção bucal.

Ela não está errada. Você devia escutá-la.

A única parte que ela não entende é que às vezes um cara pode se tornar um homem, ao encontrar a mulher certa.

– Você não pode decidir isso. Você quase nem me conhece.

– Ah, eu te conheço. Pode acreditar. Fui concebida por um cara, igualzinho a você.

Merda. Problemas com o pai. Essas são as piores.

– Kate e eu cuidamos uma da outra – continua –, sempre fizemos isso. E não vou deixá-la ser mais uma na sua lista de conquistas sexuais cheia de DSTs.

Você alguma vez já bateu sua cabeça na parede?

Não?

Observe atentamente. A sensação é parecida com essa.

– Ela não é. É isso que testou tentando dizer! Em que porra de idioma você gostaria de ouvir isso?

– Sei lá. Você fala algum outro além de idiotês?

Aperto meu nariz. Sinto um aneurisma chegando.

– Beleza, olha, você não acredita em mim? Tudo bem. Converse com o Matthew. Você confia nele, certo? Ele não gostaria que eu ficasse pegando a melhor amiga da namorada se não estivesse querendo algo sério.

Ela balança a mão.

– Isso não prova nada. Vocês sempre se acobertam.

Jesus, Maria, José.

Eu esfrego minha mão no rosto. Depois respiro fundo para me acalmar. Hora de dizer a verdade. Jogar minhas cartas na mesa. Fazer o gol.

Vou até a janela, reunindo meus pensamentos ao mesmo tempo em que observo o trânsito lá

embaixo. Ainda estou olhando para lá, quando digo para ela:

– Sabe o que vi ontem quando vinha para o escritório? Eu vi uma grávida, pegando um táxi.

Eu achava que uma mulher grávida era algum tipo de coisa bizarra. Deformada. Você tinha que ver a Alexandra. Quando ela ficou grávida da Mackenzie, parecia que tinha engolido uma melancia no café da manhã. E do jeito como ela comia naquela época, com certeza ela seria capaz.

– Tudo o que consegui pensar foi como Kate ficaria linda grávida. E como eu queria poder fazer coisas pra ela. Como… se ela ficar doente, quero ser o cara que fará seu chá e lhe trará lenços. Quero saber como ela conseguiu aquela cicatriz no queixo e se ela tem medo de aranhas… e o que ela sonha à noite. Tudo. É insano, não pense que não sei disso. Isso nunca aconteceu comigo antes. E não quero que aconteça outra vez, com outra pessoa. Apenas com Kate.

Eu me viro e a observo diretamente nos olhos.

Se um dia você estiver numa floresta e ficar cara a cara com uma mamãe ursa raivosa, é melhor sempre olhar nos olhos. Fugir? Ela vai te comer. Um braço de cada vez. Mas, caso você resista ao ataque, tem boas chances de sobreviver.

– Você quer ouvir que a Kate me dominou? Pois ela me dominou. Estou de joelhos e a seus pés, e não quero nunca mais sair.

Ficamos quietos depois disso. Deloris apenas me encara. Por um momento. Procurando no meu rosto por… algo. Não sei bem o que é, mas sei o momento em que ela encontra. Porque algo muda em seus olhos. Eles se tornam mais suaves. Só um pouco. E seus ombros relaxam. E então ela acena.

– Tudo bem.

Algumas batalhas não têm um vencedor. Às vezes, a melhor coisa que um general pode fazer é o cessar-fogo.

– Kate faz suas próprias escolhas – ela diz. – E se tais escolhas se tornarem ruins, aí eu ajudo a limpar a bagunça. É pra isso que servem as amigas, pra ajudar a enterrar o corpo.

Ela se levanta. Anda alguns passos até a porta. Depois para e se vira, apontando o dedo em minha direção.

– Lembre-se apenas de uma coisa, amiguinho. Não me importa se forem apenas dez dias ou se forem dez anos, estou de olho em você. Se eu descobrir que você a traiu? Vou fazer você se arrepender disso. Eu trabalho em um laboratório, Drew. Com substâncias químicas. Substâncias químicas que não têm cheiro e não têm gosto, e que podem encolher permanentemente suas bolas, e aí você terá que ser chamado de Andreia. Entendeu?

Matthew só pode estar louco. Deloris Warren é assustadora. Ela, com certeza, tem potencial para ser uma vaca psicopata. Ela e Alexandra poderiam se tornar amigas.

Acho que ela passou tempo demais planejando como me torturar.

Eu engulo seco.

– Com certeza.

Ela acena de novo.

– Legal que conseguimos nos entender.

Com isso, ela sai voando da minha sala. Eu me jogo na cadeira e fico olhando para o teto.

Céus.

Esse lance de relacionamento é exaustivo. Parece que acabei de correr uma maratona. Com obstáculos.

Mas sabe de uma coisa? Tenho quase certeza de que estou próximo da linha de chegada.

Capítulo 24

Após Deloris ir embora, pego minha pasta e saio da sala para ir à minha reunião com o cara que escreve no céu. Ainda tenho que bolar algo para levar Kate até o telhado. Falando em Kate… Quer dar uma volta pela sala dela antes de sair? Para ver como ela e a boa irmã estão se saindo?

A porta da sala dela está aberta. Eu encosto minhas mãos no batente e me inclino para dentro. Você consegue vê-la atrás dos balões? Sentada em sua mesa, com as mãos entrelaçadas – um sorriso congelado no rosto, enquanto ela concorda com tudo que a Irmã Beatrice diz.

– Moças, como estamos indo nesta tarde?

Kate se vira para mim. E sua voz é hostil.

– Drew. Aí está você. Estava pensando em você agora.

Do jeito que ela está apertando as mãos, parece que estava pensando em como me estrangular.

– Enquanto a Irmã Beatrice me contava a fascinante história das casas de vidro. E sobre como nós não deveríamos jogar pedras, pois vivemos nelas.

Ela continua sorrindo. Mas seus olhos dizem algo totalmente diferente.

É um pouco assustador.

Sabe no filme *O massacre da serra elétrica,* quando o velho sorri um pouco antes de cortar a garganta da menina? Sim, seu olhar se parece com o dele.

A Irmã Beatrice olha para o teto.

– Somos todos imperfeitos aos olhos de Deus. Katherine, posso usar seu banheiro, querida? A natureza me chama.

– Claro, Irmã.

Elas se levantam e Kate abre a porta de seu lavatório.

Assim que a porta se fecha, Kate risonha dá tchau. Kate raivosa entra em cena. Ela marcha até mim.

E os balões tentam se salvar.

– Vou te perguntar só uma vez e, se você mentir pra mim, juro que deixo a Deloris te envenenar.

– Certo.

– Ela é mesmo uma freira? Ou alguma atriz que você contratou?

Eu rio. Nunca nem pensei nisso.

– Não, ela é de verdade.

Kate não está satisfeita.

– Pelo amor de Deus, Drew! Uma freira? A porra de uma freira? Isso é golpe baixo. Até mesmo pra você.

– Acho que agora ela é, na verdade, uma madre superiora.

Eu me inclino próximo à Kate porque… bem, apenas porque posso… e o cheiro de seu hidratante me atinge. Muito. Eu resisto à vontade de colocar meu nariz em sua pele e aspirar como um viciado em cocaína.

– Há algo a que você não se rebaixe pra conseguir o que quer?

Não. Perdão. Não há. Não me importo em dar golpes baixos e sujos.

Na verdade, prefiro desse modo.

– Medidas desesperadas… tive que pegar pesado.

– Você quer ver o que é pegar pesado? Assim que a noviça voadora sair do meu escritório, vou te mostrar o que é pegar pesado! Não acredito…

Deus do céu, ela é linda. Fala sério, olhe para ela. Ela é como um vulcão em erupção: feroz, flamejante e excitante. Se ela não encontrar um modo de ficar feia quando estiver brava, vou ter que passar tempo pra caralho fazendo coisas que a irritem.

Isso talvez não será ruim no final. Sexo com raiva é demais.

Eu interrompo o discurso violento de Kate.

– Por mais excitante que esta conversa tenha sido e, acredite, foi muito, tenho que ir a uma reunião.

Antes de ir, chego perto de seu pescoço.

– Ei, por que não está usando seu colar?

Ela cruza os braços e sorri, orgulhosa.

– Doei para a Irmã Beatrice. Para quem realmente precisa.

Ela mandou bem, não acha?

Eu também posso jogar.

– Isso foi bem generoso da sua parte. Claro que terei que substituí-lo pra você por algo… maior. Pode esperar outra entrega amanhã.

Seu sorriso se desmancha. E ela estoura um balão no caminho.

Depois bate a porta na minha cara.

Espero dois segundos antes de encerrar isso:

– Beleza. Te vejo mais tarde, Kate. Foi bom conversar com você.

De dentro, ouço a voz da Irmã Beatrice:

– Andrew já foi? Ele é um menino tão gentil. E dedicado também, quando ele coloca seu coração em uma tarefa. Deixa eu te contar sobre a vez que ele podou o jardim do convento. É uma longa história, mas temos toda a tarde. Houve uma briga no refeitório, sabe…

O trânsito estava um inferno. Em ambos os sentidos. Acertei os detalhes com o tal profissional. Ele estava arrumando tudo quando saí. Agora só tenho tempo para chegar à sala de Kate e levá-la para o telhado. Se ela não for de boa vontade, vou pegá-la no colo e carregá-la. Apesar de que eu me sentiria muito melhor se tivesse com proteção lá embaixo.

Kate com certeza é do tipo que chuta.

Corro pelo saguão e aperto o botão do elevador. Mas o que vejo quando a porta se abre me faz travar.

É A Vaca, com Mackenzie ao seu lado. E nas mãos da minha perfeita sobrinha estão fitas. Uma dúzia delas. Fitas que estão amarradas aos balões. Aos balões de Kate.

– Porra.

– Bem, este é um modo bem legal de cumprimentar sua irmã querida e a filha dela.

Eu disse isso em voz alta? Não importa.

Porra porra porra porra.

Isso é ruim – muito ruim. Como um horrível tornado de velocidade cinco, só que, neste caso, minha irmã é capaz de causar mais estragos.

– Oi, tio Drew!

Eu sorrio.

– Oi, querida – depois fico zangado. – Que merda você fez, Alexandra?

Seus olhos se abrem inocentemente. Como se estivesse surpresa.

– Eu? Vim me encontrar com meu marido para o almoço. Isso é um crime?

Quando estava no ensino fundamental, um moleque idiota chamado Chris Whittle me deu um soco ao sair da aula de trigonometria. Eu tinha ficado com sua namorada. Ela tinha mãos talentosas.

Enfim, no dia seguinte, Alexandra fez uma visitinha para Chris e fez com que ele mijasse nas calças.

Literalmente.

Viu, de acordo com O Código da Vaca, ela pode me ferrar quando quiser, mas ninguém mais pode fazer isso. Agora entende por que estou preocupado?

– Você foi encontrar a Kate, não foi?

Mackenzie responde por ela.

– Sim, tio Drew! Ela é ótima. Kate me deu esses *balão* e uma calculadora! Quer ver?

Ela segura as coisas sobre a cabeça como se fosse um troféu e eu acabo sorrindo.

– Que demais, Mackenzie.

Depois olho para Alexandra de novo.

Ela não está preocupada.

– Você disse que queria que Mackenzie conhecesse Kate.

Se você colocar duas ratas prenhas na mesma gaiola, sabe o que elas vão fazer? Vão se comer. Os hormônios femininos são como ogivas que ainda não foram detonadas. Não dá para saber quando elas vão estragar tudo.

– Sim, queria que *Mackenzie* conhecesse Kate. Não queria que *você* encontrasse Kate até que eu tivesse acabado de consertar toda a merda.

Mackenzie tira minha amiga, a Jarra do Palavrão, da mochila e a levanta. Eu coloco dois dólares nela.

Ela fica parada com a cabeça na abertura da jarra e me olha desconfiada.

– Hum… tio Drew? Os palavrões não custam mais só um dólar. Eles custam dez dólares.

– Dez? Desde quando?

Ela está empolgada.

– Foi ideia da Kate. Ela disse que a *conomia* está ruim.

Que merda é *conomia*?

– Ela chama isso de *in*... *in*...

– Inflação – termina Alexandra, sorrindo.

– É, isso.

Inflação.

Ótimo.

Obrigado, Kate.

Questiono Mackenzie:

– Você aceita American Express?

Ela dá uma risadinha. Pago minha multa em dinheiro.

– O que acha de somar tudo na sua calculadora, querida?

Ela vai precisar disso. Estou sentindo que essa conversinha vai fazer com que eu fique devendo um valor de três dígitos.

– O que você disse pra Kate? – pergunto a Alexandra.

Ela encolhe os ombros.

– Conversamos de mulher pra mulher. Eu apelei para o tino administrativo dela. Foi tudo bem. Você não precisa saber de todos os detalhes.

– Posso decidir o que preciso saber. Levando-se em conta que você não devia ter conversado porra nenhuma com ela.

A calculadora começa a fazer barulho.

– Precisa ser tão mal-agradecido? Eu só estava tentando ajudar.

O Doutor Morte estava apenas tentando ajudar seus pacientes também. E sabemos como tudo terminou.

– Não preciso de sua ajuda. Eu tenho um plano.

Alexandra coloca as mãos nos quadris.

– Certo. Seu plano perfeito que inclui exatamente o quê? Irritar a Kate até que ela concorde em sair com você? Vai xingá-la no parquinho também? Vai fazer nós no cabelo dela? Tenho que admitir que trazer a Irmã Beatrice foi uma jogada interessante. Não acredito que Kate ainda não esteja aos seus pés, implorando pra que você a aceite de novo. Bem romântico, Drew.

Aperto os dentes.

– Está. Funcionando.

Ela desconfia.

– Não foi isso que Kate me disse.

E lá vai ela. Preste atenção.

A Vaca se vangloriando.

E você pensou que eu estivesse exagerando.

– Ela disse algo pra você? Sobre mim? O que ela te contou?

Ela agita a mão no ar.

– Ah, isso e aquilo.

Sabe como algumas crianças gostam de provocar seus cachorros mostrando a eles um osso e depois o escondendo antes que o cão possa comê-lo? Minha irmã é uma dessas crianças.

– Caralho, Lex.

Tic-tic-tic.

– Aliás, eu gosto dela – diz. – Ela não tolera qualquer merda, não é? *Tic-tic-tic.*

– Como você sabe que ela não tolera qualquer merda?

Tic-tic-tic.

– Você falou alguma merda pra ela, Lex?

Tic-tic-tic.

– Que tipo de merda você disse pra ela, Alexandra?

Tic-tic-tic.

Ela ri.

– Meu Deus, relaxa. Não te vejo tão envolvido desse jeito desde… bem, nunca. Agora que não

está mais patético e triste, até que é um pouco divertido.

Minha situação com Kate neste momento é como um castelo de cartas. Eu consegui subir alguns degraus, porém basta um pequeno tremor, e a coisa toda vai para o chão.

– Se você ferrou isso pra mim, eu vou…

Tic-tic-tic.

– Estresse faz crescer cabelo branco. Se você continuar assim, vai ficar igual ao papai antes de ter trinta anos.

– Fico feliz que você esteja achando isso tão divertido. Eu não acho. Estamos falando sobre a minha vida.

Isso a traz de volta à realidade. Sua cabeça se inclina para o lado. Avaliando-me. Em seguida, ela para de me provocar.

Sua voz se torna sincera e delicada.

– Sabe que tenho orgulho de você. Você está sendo forte. Tentando de tudo. Você… cresceu – ela sorri suavemente. – Nunca pensei que fosse ver este dia – e, então, me abraça. – Vai ficar tudo bem, Drew. Eu prometo.

Quando tinha oito anos, meu avô teve um ataque do coração. Depois que meus pais foram para o hospital, Alexandra me prometeu que tudo ficaria bem.

Não ficou.

– Kate te disse isso?

Ela balança a cabeça.

– Não em tantas palavras.

– Então como você sabe?

Ela encolhe os ombros outra vez.

– É o estrogênio. Ele nos dá uma percepção extra. Se você tivesse uma vagina, saberia também.

Mackenzie levanta a mão com orgulho.

– Eu tenho uma *bagina*.

Eu sorrio, afetado.

– Sim, você tem, querida. E algum dia, ela vai te ajudar a conquistar o mundo.

– Johnny Fitzgerald tem um pênis. Ele diz que seu pênis é melhor do que minha *bagina*.

– Johnny Fitzgerald é um idiota. Uma vagina sempre ganha de um pênis. Ela é igual à kryptonita. O pênis fica indefeso na presença delas.

Minha irmã termina nossa conversa.

– Está certo. Chega dessa linda conversa. Embora eu ache que a professora da Mackenzie vai amar escutar tudo isso. Logo antes de me denunciar para o juizado de menores.

Levanto minhas mãos.

– Estou apenas tentando contar pra ela como funciona. Quanto mais cedo descobrir o poder que tem, mais cedo vai se dar bem.

Checo meu relógio, preciso subir. Olho para Mackenzie.

– Quanto lhe devo, fofinha?

– Oitenta dólares.

Ai.

Preciso cobrar mais dos meus clientes. Ou criar algum tipo de plano de pagamento.

Alexandra pega em sua mão, conforme as notas vão descendo em sua jarra.

– Venha, Mackenzie, vamos até o shopping gastar um pouco do dinheiro do tio Drew.

– Claro!

Elas atravessam o saguão, mas param nas portas duplas. Mackenzie sussurra algo para Alexandra e lhe dá seus balões.

Depois vem correndo até mim.

Eu a pego no colo e a aperto bem forte, seus bracinhos me espremendo ao redor dos meus ombros.

– Eu te amo, tio Drew.

Já bebeu conhaque? Eu costumo preferir uísque. Mas uma boa taça de conhaque esquenta tudo, desde dentro. E esse sou eu – agora.

– Eu também te amo, Mackenzie.

Ela pula do meu colo.

– Adivinha?

– O quê?

– Kate me perguntou o que eu queria ser quando crescesse.

– E você disse pra ela que quer ser uma princesa?

Sua testa se franze, adoravelmente, e ela balança a cabeça.

– Não quero mais ser uma princesa.

– Bem, isso é um alívio. O que você quer ser?

Ela dá um largo sorriso.

– Uma bancária.

– Ótima escolha. O que te fez mudar de ideia?

Seus dedos brincam com o colarinho da minha camisa ao me contar:

– Bem, Kate é uma bancária genial e você diz que vai se orgulhar de mim se eu for igualzinha a

ela. Então é isso que quero ser.

Depois que ela acaba de falar, eu pergunto sério para ela:

– Mackenzie, você contou para Kate que eu quero que você cresça e se torne igualzinha a ela?

Viu aquele sorriso? Não é o sorriso de uma criança de quatro anos. Aquele, senhoras e senhores, é o sorriso de uma gênia.

– Lógico.

Fecho meus olhos e gargalho. Não acredito que não pensei nisso antes. Mackenzie é a arma perfeita. Meu próprio Borg. *Resistir é inútil*.

– Querida – digo –, você fez um grande favor pro tio Drew. Me peça o que quiser de Natal e eu te darei. Pode ser qualquer coisa.

Seus olhos ficam bem abertos ao pensar nas possibilidades. Ela olha para minha irmã e depois sussurra, conspirando:

– Posso ter um pônei?

Ah, garoto.

Penso nisso por exatamente um segundo.

– Com certeza.

Ela me aperta mais forte e dá um gritinho.

– Mas não conte pra mamãe até eu te presentear, ok?

Talvez eu tenha que entrar para o programa de proteção à testemunha depois disso.

Mackenzie me dá um beijo na bochecha e boto seus pés no chão. Ela sai correndo em direção a Alexandra, e eu aceno enquanto elas vão embora.

Capítulo 25

Entro na sala de Kate como um soldado invadindo a praia na Normandia. Ela está em sua mesa escrevendo apressada no seu bloco de notas.

– Voltei. Sentiu saudades?

Ela não olha para cima.

– Desesperadamente.

Sarcasmo é o mecanismo de defesa mais antigo que existe. Eu continuo.

– Sabia que estava te ganhando. O que me fez levar vantagem? Irmã B.?

Kate se afasta da mesa e cruza as pernas. Ela está usando sapatos novos. Não tinha reparado antes. Sapato boneca preto com salto alto e uma tira no tornozelo. *Bom. Deus*. Eles são a combinação perfeita de sensual e meigo. Doçura e sexo. E meu pobre e omisso pau se convulsiona quando imagino todas as coisas fantásticas – e semi-ilegais – que eu poderia fazer com ela naqueles sapatos.

Nunca tive um fetiche, mas estou pensando em começar a ter um.

A voz de Kate me afasta de meus pensamentos impuros.

– Não. Foi a visita da sua irmã, na verdade. Sutileza não existe na sua família, não é?

Oh-oh. Estava com medo disso.

– Alexandra tem problemas psicológicos profundos. Ela é instável. Você não devia se importar com o que ela diz. Ninguém na minha família se importa.

– Ela parecia completamente lúcida quando esteve aqui.

Eu encolho os ombros.

– Doença mental é uma coisa complicada.

Seus olhos piscam, cheios de dúvida.

– Você não está falando sério, está?

Merda. Sem mentiras.

– Na verdade, ela nunca foi diagnosticada. Mas suas ideias sobre justiça e vingança são loucas. Imagine a Deloris… com uma década a mais de experiência para aperfeiçoar suas técnicas.

O rosto de Kate relaxa, compreensivo.

– Ah.

Sim. Seja bem-vinda ao meu mundo, queridinha.

– Ela me trouxe café – diz Kate. – Posso bebê-lo?

Nós dois olhamos para o copo do Starbucks, desconfiados.

Quando tinha treze anos, leiloei um par de lingerie da Alexandra no vestuário masculino. Usados. Quando ela escutou alguns boatos, levou numa boa. Nunca deixou que os outros soubessem que ela sabia. Depois ela batizou meu cereal com laxantes que tinham sabor de chocolate. Eu não saí do banheiro por uns três dias.

Sei que ela não está planejando algo assim contra Kate, mas mesmo assim…

– Eu não beberia.

Ela acena e afasta o copo.

– O que achou da Mackenzie? Queria muito estar aqui quando você a conheceu.

Seu sorriso é afetuoso e verdadeiro.

– Achei ela maravilhosa.

– Você vai gostar de saber que ela usou sua calculadora comigo, quando a encontrei lá embaixo.

Ela abre um largo sorriso.

– Que bom.

Eu balanço a cabeça e Kate diz:

– Entendo por que Alexandra criou a Jarra do Palavrão, parece que você passa muito tempo com Mackenzie.

– O que quer dizer?

Ela encolhe os ombros.

– Ela fala como você. Não é todo dia que você escuta uma menina de quatro anos falar que o Príncipe Encantado é um idiota, que está apenas atrapalhando a Cinderela.

Essa é minha menina.

– Xingar faz bem pra alma.

Kate abafa uma risada. E ela está tão atraente que não me controlo e me abaixo sobre a cadeira, prendendo-a entre meus braços. Acabou a conversinha. Vamos voltar aos negócios.

– Venha dar uma volta comigo.

Minha voz está baixa. Persuasiva.

– De jeito nenhum.

E completamente ineficaz.

– Vamos lá, Kate, só por um minuto. Quero te mostrar algo.

Ela bufa.

– O que você fez? Contratou os Ringling Brothers pra fazer um show no saguão? Organizou uma passeata em minha homenagem?

Eu rio.

– Não seja ridícula. Eu não faria isso.

Kate se mostra um pouco duvidosa.

– Ok, você tem razão – eu, *com certeza*, faria isso. Mas não hoje.

Ela me afasta e se levanta. Eu a deixo.

– Você está assustada? – pergunto. – Está com medo de não conseguir se controlar quando estiver sozinha comigo?

Para pessoas como eu e Kate, um desafio é como uma prostituta em uma convenção de viciados em sexo. Não há quase nenhuma chance de recusar algo.

– Se você quis dizer que temo acabar te matando caso não haja nenhuma testemunha pra depor contra mim, então a resposta é "sim". Embora, tenho que admitir, vinte anos de pena parece um pequeno preço a se pagar no momento.

Você acha que ela curte a preliminar verbal tanto quanto eu? Ela deve gostar, porque é muito boa nisso.

Ela me rodeia, deixando a mesa entre nós.

– Olha, Drew, eu tenho um cliente novo. Já te falei isso. Você sabe como é. Não posso permitir essas… distrações agora.

Eu levo isso como um elogio.

– Eu te distraio?

Ela bufa.

– Não foi isso que quis dizer.

Depois seu rosto muda de expressão. Ela começa a implorar.

– Você tem que parar com isso – suas mãos acenam no ar. – Com essa missão que está planejando. Esquece isso. Por favor.

Quando Steven tinha onze anos, ele bateu em uma árvore durante uma brincadeira no quintal e abriu a testa. Enquanto estiver vivo, nunca me esquecerei do som dele implorando, suplicando para sua mãe não levá-lo ao hospital. Porque ele sabia que precisava de pontos. Pontos são uma bosta. Em qualquer idade.

Mas Janey Reinhart não cedeu. Ela o levou de qualquer jeito. Pois, apesar de Steven estar muito assustado – apesar de não ser o que ele queria –, ela sabia que era o que ele precisava.

Está entendendo aonde quero chegar com isso?

– A bola está no seu campo, Kate. Te disse isso desde o começo. Você quer que eu desapareça, então tudo o que tem a fazer é aceitar sair comigo no sábado.

Ela morde o lábio. E olha para a mesa.

– Tudo bem.

Como assim?

Claro, eu adoraria. Comê-la assim.

Beleza – não é hora para brincadeiras.

– Perdão? Você pode repetir, por favor?

Seus olhos encontram os meus. Eles parecem hesitantes, mas conformados. Como alguém esperando na fila para uma montanha-russa. Determinada a ir, mas sem saber direito em que merda se meteu.

– Eu disse que sim. Vou jantar com você no sábado.

É oficial. Preparem-se. O inferno congelou.

– Depois de conversar com sua irmã, percebi algumas coisas…

Que você me ama? Que precisa de mim? Que não consegue viver sem mim?

– Acho que você precisa de um término, Drew.

Ah não. Não quero término. Tudo menos a porra do término.

Término é uma palavra pronta que as mulheres inventaram para que possam repensar algo e conversar sobre isso – até a morte. E depois de ter sido abençoado e enterrado, o término lhes dá uma desculpa para que possam cavar a porra da pessoa e conversar sobre isso – um pouco mais.

Homens não fazem isso. Nunca.

Está acabado. Cortinas fechando. Fim.

Esse é a porcaria do término que precisamos.

– Término?

Ela anda até mim.

– Acho que as coisas entre nós começaram e acabaram muito rápido, e aí você não teve tempo de entender. Talvez, se passássemos um tempo… se conversássemos longe do escritório… você entenderá que, depois de tudo que aconteceu, o melhor que podemos fazer é sermos amigos.

Tenho certeza de que ela quer dizer que não teremos uma amizade colorida. E isso não vai funcionar para mim.

Um homem não pode ser amigo de uma mulher pela qual ele está interessado. Não mesmo. Porque, em algum momento, seu pau irá dominar. Vai andar e conversar como o homem de sempre, mas – como um daqueles pobres coitados infectados por aquelas criaturas sugadoras em *Alien* – não será ele. A partir disso, cada movimento, cada gesto, será realizado a fim de se conseguir o objetivo do pau. Que, com certeza, não terá porra nenhuma a ver com amizade.

Além disso, já tenho amigos: Matthew, Steven e Jack. Não quero comer nenhum deles.

– Amigos?

Ela não nota minha aversão à ideia ou não está nem aí.

– Sim. Deveríamos sair como colegas de trabalho. Semelhantes. Não em um encontro. Mais como se fosse uma reunião de negócios entre colegas.

Negar é um ato poderoso. Mas, a essa altura, aceito qualquer coisa.

– Então, você está me dizendo que vai sair comigo no sábado?É isso?

Ela hesita e depois acena.

– Sim.

– Perfeito. Não precisa falar mais nada. Te busco às sete.

– Não.

– Não?

– Não. Eu te encontro.

Interessante.

Eu falo devagar.

– Kate, sei que você não saiu com muita gente, levando em conta que o idiota que você chamava de namorado te pediu em casamento antes de você começar a usar sutiã, mas em casos como este, o cara, no caso, eu, deve te pegar em casa. É uma tradição.

Viu como seus lábios se apertam? Como seus ombros ficam em posição de defesa? Ah claro, ela está pronta para brigar.

– Eu acabei de te falar que isso não será um encontro.

Eu encolho meus ombros.

– Palavras.

– Vamos dizer, hipoteticamente, que seja um encontro. Seria um *primeiro* encontro. E eu nunca deixaria um homem que não conheço vir até meu apartamento me buscar para um primeiro encontro.

Passo minha mão pelos cabelos.

– Isso não faz nenhum sentido. Você me conhece. Fizemos 69. Tenho certeza que você me conhece pra caralho.

– Bom, essas são minhas condições. Se você não consegue cumprir, podemos esquecer tudo…

– Espera, espera. Não precisamos nos precipitar. Eu desisto. Você pode me encontrar no meu apartamento. Às sete. Em ponto.

– Beleza.

– Mas também tenho algumas condições.

Ela fica indignada.

– Não vou transar com você!

Tento fingir que estou surpreso.

– Estou ofendido. Sério. Quem disse algo sobre sexo? Eu nunca colocaria sexo como parte de nosso acordo.

Depois sorrio.

– É opcional. As roupas também.

Ela revira os olhos.

– Só isso?

– Não.

– O que mais você quer?

Ah, amorzinho. Se ela soubesse. Apesar de que, provavelmente, é melhor que ela não saiba. Não quero que ela fuja.

– Quero quatro horas. Pelo menos. Sem interrupções. Quero conversa, um jantar com aperitivos entrada e sobremesa. Quero vinho, dança…

Ela levanta a mão.

– Sem dança.

– Uma dança. Isso não é negociável.

Ela olha para o teto, ponderando suas opções.

– Tudo bem. Uma dança – ela aponta os dedos para mim. – Mas se suas mãos chegarem perto da minha bunda, eu te largo lá.

Agora é minha vez de analisar.

– Bem, tudo bem. Mas caso você se recuse a cumprir qualquer uma das minhas condições, tenho o direito a uma repetição.

Ela espera um momento. Seus olhos se retraem com desconfiança.

– Você vai me deixar em paz, por completo, até o sábado? Sem padres chegando pra dar um oi? Sem esculturas de gelo derretendo na porta da minha sala?

Eu sorrio, com malícia.

– Será como se não nos conhecêssemos. Como se eu nem trabalhasse aqui.

Tem uma grande chance de eu não *estar* por aqui. Estarei muito ocupado.

Kate assente.

– Ok.

Eu lhe estico minha mão. Ela a aperta e diz:

– Combinado.

Eu viro sua mão gentilmente e a beijo – como fiz na noite em que nos conhecemos.

– É um encontro.

Já entrou em uma sala para conseguir algo, mas quando você estava lá, acabou esquecendo o que queria? Bom. Então você vai entender porque eu me viro e começo a sair da sala.

Até que a voz de Kate me para.

– Drew?

Eu olho para ela.

– Sim?

Seu rosto está abatido.

– Eu não… eu não curto machucar as pessoas. Então, não fique esperançoso por algo no sábado.

Antes que consiga abrir minha boca, um vulto pela janela chama minha atenção. E eu não consigo acreditar que quase me esqueci. Sem palavras, ando até Kate e seguro sua mão. Levo-a até a janela e fico atrás dela, com minhas mãos em seus ombros.

Encosto minha boca em sua orelha. Minha respiração lhe deixa arrepiada. Em um bom sentido.

– Muito tarde.

Queria que fosse simples. Algo que teria escrito numa árvore ou pichado em uma parede, se fôssemos crianças. Mas eu precisava ser claro. Um manifesto. Precisava contar para Kate e para todas as mulheres do mundo que eu, Drew Evans, não estou mais disponível.

Kate suspira quando vê.

Lá no céu, em grandes letras brancas, para toda a cidade ver:

Drew Evans
+
Kate Brooks
PARA SEMPRE

Sempre fique por cima. Já te disse isso?
Não? Bem, estou contando agora.

Não me importa se você é um empresário, um cantor ou um programa de televisão popular – deixe-os querendo mais. Nunca perca a oportunidade. Você pode sempre voltar mais tarde para dar bis, mas uma vez que eles tiverem enjoado de você, não há volta.

Eu beijo o topo de sua cabeça.

– Te vejo no sábado, Kate.

Quando saí de sua sala, ela ainda continuava olhando pela janela.



Não se preocupe: o show ainda não acabou. Ainda tenho alguns truques na manga, e sempre guardo o melhor por último. Você não vai querer perder isso por nada.

Vou direto para a mesa de Erin.

– Preciso que ligue para a florista. E para o fornecedor de comes e bebes. E marque uma reunião pra mim, hoje à noite, com aquela designer de interiores de quem falamos ontem.

Ela pega o telefone e liga.

– É pra já.

Sim, eu disse designer de interiores. Você não sabe para quê, não é?

É o grande final. Meu lance de vitória.

Você verá.

Na noite de sábado.

Capítulo 26

Está vendo aquele cara irresistível, usando calça e camisa pretas, com as mangas dobradas? Aquele que está arrumando a louça de porcelana na mesa?

Aquele sou eu, Drew Evans.

Bem, não realmente. Não o velho eu. Este é o novo e aprimorado. Versão 2.0. Sabe o que isso significa? Metade das mulheres nesta cidade daria tudo para me ter deste jeito. Caidinho. Obcecado.

Apaixonado.

Mas apenas uma mulher conseguiu me deixar assim. Agora só preciso mostrar a ela que estou aqui para ficar. Faz dois dias que não a vejo. Dois longos e dolorosos dias. Não foi tão ruim quanto os sete anteriores, mas chegou perto.

Enfim, dê uma olhada. O que acha? Estou me esquecendo de algo?

Flores frescas cobrem cada superfície disponível. Margaridas brancas. Antes, pensava que elas fariam Kate se lembrar de Warren, mas não estou preocupado com isso agora. São suas favoritas, então serão as únicas aqui. No rádio está tocando uma música calma de Bocelli. O ambiente está iluminado por velas. Centenas – em potes de vidro.

Não tem como dar errado com velas. Elas fazem com que o mundo todo fique melhor. Elas fazem com que tudo cheire melhor.

Toc-toc.

Deve ser Kate. Bem na hora. Dou mais uma olhada no ambiente. É isso. Campeonato mundial. Final do torneio. Tudo está pronto. Eu estou pronto. Como nunca. Dou um suspiro. E abro a porta.

Não consigo me mexer. Não consigo pensar. Respirar? Também não é a porra de uma opção.

O cabelo preto de Kate está preso bem alto em sua cabeça. Cachos elegantes tocam de leve seu pescoço, acariciando bem o lugar que passei horas mordendo, há um tempo não muito distante. Ela usa um vestido vermelho-escuro – brilhante –, talvez de cetim, que está preso por tiras delicadas que atravessam seus ombros e caem em suas costas. O vestido vai até os joelhos, deixando suas pernas macias expostas.

E seus sapatos… *Deus do céu*… seus sapatos são puro salto, amarrados por um laço na parte de trás do tornozelo.

Quando consigo falar alguma coisa, minha voz sai rouca.

– Será que tem como renegociarmos a cláusula sobre não poder apertar seu bumbum? Porque, com este vestido? Vai ser muito difícil.

Se você me entende, não é apenas por essa razão.

Ela sorri e nega com a cabeça.

– Todas as condições combinadas vão continuar.

Eu a acompanho ao entrar, ficando atrás dela, ela me olha pelo canto do olho. Observe seu rosto com atenção. Está vendo como seus olhos ficam mais escuros? Como ela lambe os lábios sem perceber? Parece uma leoa que acabou de jogar uma gazela no chão.

Ela gosta do que vê. Quer me elogiar. Ela quer, mas não irá. Estamos falando de Kate aqui. Kate que fica calada até a morte. Apesar do meu mais novo progresso, ela ainda continua na defensiva. Sem confiança. Receosa.

Está tudo bem. Não me sinto ofendido. Seus olhos dizem tudo o que ela não quer me dizer.

Eu a levo para a sala de estar e ela morde os lábios ao perguntar:

– Então, para onde vamos?

Ela para de repente ao ver as velas. E as flores. E a perfeita mesa arrumada para duas pessoas.

Digo a ela delicadamente:

– Já chegamos.

Ela olha ao redor da sala:

– Uau. Está… está lindo, Drew.

Eu encolho os ombros.

– A sala está legal. *Você* está linda.

Ela fica corada. E é extraordinário.

Quero beijá-la. Muito.

Já ficou com sede? Com muita sede? Como em um dia de verão de quarenta graus, quando você não tem nem mesmo saliva o suficiente na sua boca para engolir? Agora imagine que alguém coloque um copo de água bem gelado na sua frente. Você pode olhá-lo e pode imaginar como deve estar bom, mas não pode tocá-lo. Além disso, com certeza, não pode bebê-lo.

Isso é quase o inferno em que estou agora.

Tiro meus olhos do rosto de Kate e lhe dou uma taça de vinho tinto. Em seguida, bebo um longo gole da minha.

– O que aconteceu com seus dedos? – ela se refere aos esparadrapos que cobrem quatro dos meus dez dedos.

– Cogumelos. Os danados não gostam de ser cortados.

Ela parece surpresa.

– Você cozinhou?

Ia levá-la a um restaurante. O melhor da cidade. Mas ela gosta de qualidade, lembra? Achei que ela valorizaria muito mais meu esforço do que o de qualquer chef gourmet que eu conseguisse arranjar.

Eu sorrio.

– Tenho muitos talentos. Você conhece só alguns.

Isso não deixa de ser verdade. Nunca cozinhei antes.

A propósito: Martha Stewart? Ela é meu novo ídolo. Estou falando sério. Costumava achar que o esquema dela era uma piada. Quem se torna bilionária apenas por mostrar às pessoas como dobrar as porcarias dos guardanapos na mesa de jantar? Mas isso foi antes. Antes de eu tentar usar meu forno ou arrumar uma mesa.

Agora a Martha se tornou uma deusa. Como Buda. E se a receita dela me ajudar a fazer isso dar certo? Vou me ajoelhar para ela todos os dias pelo resto da minha vida.

Kate e eu nos sentamos no sofá.

– Então, como estão as coisas no escritório? – pergunto.

Ela dá um gole no vinho e tira sujeiras imaginárias do vestido.

– Boas. As coisas estão bem. Você sabe… calmas.

– Em outras palavras, você está morrendo de tédio.

– Não, está sendo… produtivo. Fiz bastante coisa.

Sorrio.

– Você sentiu saudades de mim.

Ela bufa.

– Não disse isso.

Nem precisou dizer isso.

– Fala sério, Kate, jurei honestidade aqui. É justo que você faça o mesmo – eu me inclino. – Olhe nos meus olhos e me diga que não pensou em mim, nem um pouquinho, nos últimos dias.

– Eu…

Bip… bip… bip.

O jantar ficou pronto. Kate toma outro gole de vinho.

– Você devia ver isso, Drew. Acho que não quer deixar queimar.

Ela foi salva pelo gongo.

Por enquanto.



O frango ao Marsala que fiz parece… único, agora que está fora do forno e em nossos pratos.

Tudo bem, está assustador pra caralho. Admito isso.

Kate fica com a sobrancelha enrugada ao tirar as gorduras marrons como se estivesse dissecando um sapo numa aula de biologia.

– Você misturou a farinha com a água antes de colocar nisso?

Água? Martha não mencionou nada sobre água. *Aquela puta.*

– Sabe, Drew, alguns dos melhores pratos de culinária da história pareciam nojentos. A apresentação não vale muito. O que vale é o gosto.

– Sério?

Ela levanta o garfo e dá um suspiro.

– Não, só estava tentando fazer você se sentir melhor.

Olho para o meu prato.

– Obrigado por tentar.

Antes de ela dar uma mordida, alcanço o outro lado da mesa e coloco minha mão sobre a dela.

– Espera. Vou provar antes.

Desse modo, se a comida me fizer desmaiar, pelo menos um de nós estará consciente para ligar para a emergência. Além disso, se eu fosse internado, acho que haveria uma grande chance de Kate ficar com pena de mim e vir me visitar.

Não pense por um minuto que eu não aceitaria isso. Num piscar de olhos.

Tento não respirar pelo nariz enquanto dou uma mordida. Kate me observa. Eu mastigo.

Então sorrio devagar:

– Não está ruim.

Ela parece aliviada. Talvez até um pouco orgulhosa. Ela desliza o garfo por seus lábios. Em seguida, acena:

– Está muito bom. Estou impressionada.

– Sim, todo mundo me diz isso.

Durante toda a refeição, nossa conversa fluiu com facilidade. Confortavelmente. Falei apenas sobre assuntos seguros. Conversamos sobre seu novo cliente, sobre o relacionamento em desenvolvimento de Matthew com Deloris, e os intermináveis acontecimentos políticos grotescos que estão acontecendo em Washington.

Para a sobremesa, servi morangos com chantilly. Kate adora morangos. Sei disso por causa do nosso Final de Semana Perdido. No começo, ia preparar uma torta de morango. Mas é melhor você nem saber como ficou a massa. Acho que nem Matthew conseguiria comer aquilo. Quando Martha mandou mexer sem parar, não estava de brincadeira.

Enquanto saboreamos nosso último prato, falo sobre o iminente presente de Natal que Mackenzie pediu.

Kate ri. Sem acreditar.

– Você não vai mesmo comprar um pônei pra ela, vai?

– Claro que vou. Ela é uma menininha. Toda menina deveria ter um pônei.

Ela bebe um pouco de seu vinho. Estamos quase acabando nossa segunda garrafa.

– Também vou comprar uma daquelas carroças, como aquelas dos cavalos do Central Park. Assim, poderão treiná-lo para levá-la à escola.

– Drew, estamos na cidade de Nova York. Onde eles vão guardar isso?

– Eles têm um apartamento com cinco quartos. Dois deles estão cheios de coisas inúteis da Alexandra. Acho que podem liberar um e fazer com que seja o quarto do pônei.

Ela me olha séria.

– O quarto do pônei?

– Sim, por que não?

– Como eles vão levá-lo até o andar deles?

– Elevador de carga. Todos os prédios mais antigos têm um.

Ela se encosta na cadeira.

– Bem, você pensou em tudo, certo?

Bebo um pouco.

– Sempre penso.

– Já pensou em qual método sua irmã irá usar pra te matar?

– Tenho certeza de que ela me surpreenderá. Você vai me defender quando ela tentar?

Ela toca sua taça de vinho e me dá uma olhada rápida, através daqueles enormes cílios.

– De jeito nenhum, garoto do pônei. Ela é maior do que eu. Você está sozinho nessa.

Coloco minha mão sobre meu coração.

– Estou arrasado.

Ela não está caindo nisso.

– Você vai superar.

Nossa risada desaparece e se torna um sorriso calmo. Fico feliz em poder apenas olhar para ela por um momento. Ela também está me observando.

Logo, limpa a garganta e desvia o olhar.

– Esta é uma boa playlist.

Ela está falando das músicas que estão tocando durante as últimas horas.

– Não posso levar todo o crédito por isso. Os meninos me ajudaram a gravar.

Na sequência, “I touch myself”, do Divinyls, começa a sair pelas caixas de som.

– Jack escolheu esta.

Kate ri, eu me levanto e aperto o botão do aparelho para mudar de música.

– Aproveitando que tenho poucas semanas de vida – ofereço minha mão à Kate –, pode me conceder esta dança?

Uma nova música ocupa a sala. “Then”, do Brad Paisley. Não curto muito música country, mas as do Brad são muito boas. Ele fala de homem para homem, mesmo sendo um cantor.

Ela pega minha mão e se levanta. Seus braços ficam em volta do meu pescoço. E minhas mãos se apoiam em sua cintura – tentando não apertá-la. Gentilmente, nós começamos.

Eu dou uma engolida seca, quando seus olhos redondos e escuros me olham sem frustração, raiva ou sofrimento. Eles estão mornos como chocolate líquido. Meus malditos joelhos se enfraquecem. Arrasto minha mão desde sua coluna até sua nuca. Ela vira o rosto e encosta a cabeça em meu peito. Eu a puxo para perto de mim – apertando-a mais.

Gostaria de poder lhes dizer como me sinto. Como é poder abraçá-la de novo. Como é ter meus braços ao seu redor, finalmente, e seu corpo junto ao meu.

Gostaria, mas não posso.

Pois não há palavras – em nenhum idioma – que poderiam chegar próximas de descrever isso.

Inalo o doce aroma de flores de seu cabelo. Se o veneno em uma câmara de gás tivesse o mesmo cheiro de Kate? Todo condenado no corredor da morte morreria com um sorriso no rosto.

Ela não levanta a cabeça ao sussurrar:

– Drew?

– Sim?

– Quero que saiba que… eu te perdoo… pelo que disse naquele dia no seu escritório. Eu acredito em você, sei que não quis dizer aquilo.

– Obrigado.

– Quando pensei melhor, percebi também que não ajudei muito. Eu podia ter dito algo, ter te dado… te tranquilizado sobre como me sentia… antes de ir falar com Billy. Me desculpe por não ter feito isso.

– Agradeço isso.

Sua voz muda – começa a ficar mais baixa.

Pesarosa.

– Mas isso não muda nada.

Passo meu polegar por todos os cantos da pele macia de seu pescoço.

– Claro que muda. Isso muda tudo.

Ela levanta a cabeça.

– Não posso fazer isso com você, Drew.

– Sim, você pode.

Ela olha para o meu peito, tentando se explicar.

– Tenho objetivos. Aspirações. Que trabalhei muito pra conseguir, me sacrifiquei.

– Quero ver você alcançar essas metas, Kate. Quero te ajudar a realizar seus sonhos. Cada um

deles.

Ela olha para cima e seus olhos estão implorando agora, por compreensão. Por compaixão.

– Quando Billy terminou comigo, eu estava triste. Doeu. Mas consegui seguir em frente. Não perdi nada. Esta coisa com você… é diferente. É… mais. E não estou muito orgulhosa em admitir que, se não der certo, não vou conseguir me reerguer e seguir em frente. Você pode… você poderia acabar comigo, Drew.

– Mas não vou.

Levo minha mão até sua bochecha e ela se encosta nela.

– Sei bem como é o sentimento de pensar que te perdi, Kate. Nunca mais quero me sentir daquele jeito. Sou um homem que sabe o que quer, lembra? E eu quero você.

Ela balança a cabeça devagar.

– Você me quer hoje à noite. Mas e…

– Te quero esta noite e vou te querer amanhã e no dia seguinte. Depois de dez mil dias vou continuar te querendo. Você não entendeu a mensagem no céu?

– Você pode mudar de ideia.

– Posso ser atingido por um raio ou posso ser mordido por um tubarão. A probabilidade de essas coisas acontecerem é muito maior do que a de algum dia não te querer mais. Confie em mim.

Será que é este o problema?

Ela me olha por alguns momentos, depois fita o chão. A música termina. Ela começa a desencostar de mim.

– Sinto muito, Drew. Eu apenas… não posso.

Tento insistir. Como um homem se afogando, agarrando-se em algo para se salvar.

– Kate…

– Tenho que ir.

Nãonãonãonãonão. Estou perdendo.

– Não faça isso.

Seus olhos endurecem como lava derretida quando esfria e se torna uma pedra escura.

– Seu tempo está acabando. Isso foi adorável. Mas…

Essa porra não pode estar acontecendo. É como assistir o atacante deixar a bola escapar de sua mão, quando está perdendo de três, com vinte segundos restando no relógio. Ela se vira para a porta. Mas eu agarro seu braço e a faço olhar para mim. Minha voz soa desesperada. Pois estou.

– Espera um pouco. Você ainda não pode ir embora. Tem mais uma coisa que preciso te mostrar. Só mais dez minutos. Por favor, Kate.

Olhe para seu rosto. Neste momento.

Ela quer ficar. Correção: ela quer que eu a *convença* a ficar. Quer que eu lhe dê uma razão para acreditar em mim outra vez. E se isso não bastar, nada no mundo irá.

– Ok, Drew. Mais dez minutos.

Minha respiração fica acelerada.

– Muito obrigado.

Solto seu braço, pego um lenço preto da cadeira e o ergo:

– Você não pode tirá-lo até que eu te diga, ok?

Ela expressa desconfiança em seu rosto.

– Isso é algum tipo de coisa relacionada a sexo?

Eu rio.

– Não. Mas gosto do jeito que você pensa.

Ela vira os olhos para o teto antes de cobri-los com o lenço, e o mundo como ela conhece se torna preto.

Capítulo 27

Cada novo associado da Evans, Reinhart e Fisher tem o direito de redecorar sua sala. Não somos a única empresa com este tipo de política. É um bom negócio. Faz com que os funcionários se sintam confortáveis, como se uma parte da empresa fosse deles. As escolhas de cores para pintura e padrões de mobília não são ilimitadas – mas em uma empresa como a nossa, a quantidade é bem vasta. Foi assim que consegui minha inspiração. Foi como consegui descobrir as preferências de Kate.

Ela não curte florido, e eu agradeço a Deus por isso. Ela gosta de listras, estampas e tons terrosos. Por que estou te contando isso? O que isso tem a ver com tudo?

Você se lembra da Bat-Caverna? Meu escritório. Meu primogênito. Meu local em que não é permitida a entrada de mulheres? Bem, ele teve uma mudança de sexo. Não, isso não é totalmente verdade. Está um pouco hermafrodita agora.

Observe.

Acendo a luz e levo Kate para o meio do quarto. Em seguido, tiro o lenço dela.

Seus olhos se arregalam.

– Ai, meu…

As paredes, que eram de cor vinho, agora estão com um azul majestoso. As poltronas de couro inglês viraram história. Foram substituídas por dois sofás, listrados em bronze e com o mesmo azul profundo das paredes. Minha mesa ficou mais encostada para a esquerda – para dar espaço a uma outra, vermelha, posicionada ao seu lado, como uma noiva e um noivo no dia do casamento. A janela panorâmica atrás delas está emoldurada com cortinas do mesmo material dos sofás. A mesa de pôquer ainda está no canto. Mas agora tem uma cobertura marrom espessa sobre ela – para aguentar a planta grande e folhosa que está em cima dela. Não costumo morar com plantas. Sou tão ligado em verde como a Mortícia Addams. Mas a designer de interiores disse que as mulheres adoram. Alguma bobagem sobre instinto materno.

É impressionante o quanto você pode conseguir em tão pouco tempo, quando você tem uma designer de interiores com um time de funcionários à disposição e quando dinheiro não é um problema, certo? Mas as cortinas são uma merda para pendurar. Fiz isso sozinho – queria acrescentar uns toques pessoais. Quase coloquei a barra para fora da porcaria da janela umas mil vezes, antes de conseguir arrumar tudo certinho.

Quero ver a expressão de Kate de perto. Mas consigo saber o que ela está pensando. Ela está pasma. Chocada. Como a testemunha de um duplo homicídio.

Eu tento acreditar no que vejo e começo a jogada mais importante de minha vida:

– Assisti *Diário de uma paixão* de novo.

Continua sendo *totalmente* gay.

No entanto…

– Entendo agora a razão de Noah ter feito aquele ateliê para Allie. Não foi porque era um gay, mas porque ele não tinha outra escolha. Ela era a mulher da vida dele. Não importa o que ele fizesse, não haveria outra pessoa pra ele, só ela. Então, tudo o que ele podia fazer era arrumar o quarto e rezar para que um dia ela aparecesse pra usar. E isso resume praticamente tudo o que sinto por você. Então fiz isso – gesticulo mostrando o lugar –, pois te quero na minha vida, Kate. Pra sempre.

Seus olhos se fixam em mim e brilham com lágrimas.

– Quero que venha morar comigo. Quero pegar no sono com seus cabelos no meu rosto toda noite. E quero acordar abraçado em você toda manhã. Quero que a gente passe todos os finais de semana sem quaisquer roupas. Quero ter brigas limpas e sexo de reconciliação sujo.

Ela ri com esta última observação. Uma única lágrima silenciosa desce por sua bochecha.

– Quero conversar com você até o sol aparecer e quero te trazer cereais na cama todos os domingos. Quero trabalhar horas intermináveis e longas neste escritório, mas só se você estiver aqui comigo.

Sua voz soa quase como um sussurro.

– Como em uma parceria? Dividimos meio a meio?

Eu balanço a cabeça.

– Não, não meio a meio. Você não vai ter só metade de mim. Você vai ter tudo de mim. Cem por cento.

Ela respira fundo e morde o lábio. E olha para a mesa. Depois sua expressão se afrouxa.

– Onde conseguiu isso?

Ela está falando sobre a foto do casamento de seus pais.

– Roubei da sua sala e tirei uma cópia quando você estava almoçando.

Ela balança a cabeça devagar e olha de novo para mim. Mostrando respeito.

– Não acredito que fez tudo isso.

Dou um passo à frente.

– Sei que você acabou de sair de um relacionamento e eu nunca estive em um. Sei também que devia te falar que, se não estiver preparada, não tem problema algum. Que serei paciente e esperarei. Mas, se eu te falar essas coisas… estarei mentindo. Porque… não sou o tipo de cara que fica esperando. Sou mais o tipo de cara que pega os touros pelos chifres, que mete os pés pelas mãos.

Ela dá outra risadinha.

– Então, caso isso não baste, se você precisar de algo a mais, fale pra mim. Não importa o que seja, conseguirei. Pra você.

Quando termino, ela apenas fica parada ali, olhando para mim.

Ela lambe os lábios e seca os olhos.

– Tenho algumas condições.

Aceno, cauteloso.

– Sem mentiras. Drew, falo sério. Quando você me contar algo, tenho que saber que é a verdade. Que você não está escondendo algo.

– Tudo bem.

– Não pode haver outras mulheres. Acho que sou bem ousada com você na cama, mas sou monógama. Não faço swing. E nem ménage à trois.

Sem problemas. Meu pau só tem olhos para Kate.

– Eu também não. Bem, você sabe, não mais. Quero dizer… combinado.

Em seguida, ela sorri. E é ofuscante e luminoso.

Incandescente pra caralho.

Ela dá um passo em minha direção.

– Bem, senhor Evans… parece que conseguiu uma fusão.

Isso é tudo o que preciso escutar.

Eu me lanço tão rápido como uma catapulta armada. E antes que Kate consiga respirar, aperto-a bem forte – segurando-a, levantando-a.

Nossas bocas se chocam como dois ímãs. Ela agarra minha camisa. E minha língua desliza para dentro de sua boca acolhedora.

Céus. O gosto dela – minha memória não fazia jus. Sinto-me como um viciado em crack em recuperação, que acabou de se drogar e que nunca mais quer parar com isso.

Nossas mãos se tocam. É explosivo. Fogoso.

Queime, querida, queime.

Arrasto meus lábios por seu queixo. Ela inclina a cabeça para me dar mais espaço e ataco seu pescoço. Ela está ofegante. Nós estamos. Minhas mãos estão em seus cabelos, soltando todos os grampos que o mantinham elegante, fazendo com que ela seja minha refém. E suas mãos estão em meu peito, deslizando sobre minhas costelas e cintura. Não tenho ideia de como ela abriu a porra da minha camisa. Apenas estou contente por isso. Meus dedos tocam de leve suas costas até a barra de seu vestido. Depois, deslizo-os para dentro, apertando sua bunda firme e macia.

Ela deve estar usando uma calcinha fio dental.

Eu massageio e aperto, fazendo com que nossos quadris fiquem encostados firmemente. A boca de Kate substitui suas mãos, movendo-se pelo meu peito e para baixo. Começo a ficar louco de verdade. Pego a parte de trás de seu vestido, com minhas duas mãos, e a puxo – praticamente rasgando-o em dois. Como o Incrível Hulk.

– Juro que vou te comprar um novo.

Ele cai sobre sua cintura. E nossos peitos nus se encontram.

Porra. Estava com saudades disso. Como consegui aguentar uma hora – sem contar os dias solitários –, sem senti-la em mim desse jeito? Tempo pra caralho.

– Nossa, Drew.

Suas mãos estão pelas minhas costas agora. Arranhando-a e massageando-a. Minha boca está em seu ouvido, declarando:

– Seja lá o que estiver vestindo por baixo, vou pegar para mim.

Fico de joelhos, fazendo um caminho de seus seios até seu estômago.

Kate ofega.

– Isso será um problema.

– Por quê?

Jogo seu vestido no chão. Depois fico olhando – hipnotizado – para a boceta nua de Kate.

– Porque não estou usando nada.

Meu pau se assola em agonia. E depois olho para ela.

– Você sempre vai sem calcinha para reuniões de negócios com colegas?

Ela sorri, tímida.

– Acho que esperava que você fosse mudar minha opinião sobre isso.

Por um segundo, estou impressionado. Ela queria isso. Tanto quanto eu. E eu perdi todo aquele tempo comendo frango ao Marsala, quando poderia estar comendo Kate.

Minha.

Nossa.

Sem qualquer outra palavra, mergulho de cabeça. Como uma criança provando pela primeira vez seu delicioso bolo de aniversário. Eu afundo meu rosto – minha língua – em sua xoxota. Ela está quente e vistosa como o açúcar líquido sobre um pão de canela, porém mais doce.

Os joelhos de Kate se dobram, mas apoio minhas mãos nos seus quadris e deslizo suas pernas sobre meus ombros. Depois, eu me deito no chão para que ela fique montada sobre meu rosto.

Do jeito que sonhei cada porra de noite.

Ela se contorce e ofega sobre mim. Descaradamente. E eu a devoro naquele frenesi faminto. Seus gemidos ficam altos. E mais altos. Sua mão se estende e aperta meu pau por baixo da minha calça.

Já ouviu falar sobre ejaculação precoce? Bem, se ela não parar de me tocar logo, você poderá ver em tempo real como é ter uma.

Agarro sua mão e entrelaço nossos dedos. Kate os usa para dar impulso ao rodar seu quadril, esfregando sua maravilhosa boceta na minha boca. Ela se mexe uma vez, duas vezes… e começa a gozar. Gritando meu nome sem parar.

Ela respira fundo ao descer de novo. Aí desliza sinuosamente pelo meu corpo, até que nossas

bocas ficam alinhadas. E nos beijamos. É selvagem e bruto – cheio de língua e dentes. Minhas mãos empurram seu cabelo, soltando-o. Seus quadris tocam no meu pau e sua umidade penetra na minha calça.

– Porra, Kate. Vou gozar tão forte.

Só espero que esteja dentro dela quando isso acontecer.

Ela envolve a língua no meu mamilo, antes de dizer:

– Drew, tire as calças.

Meus quadris se afastam do chão ao desabotoar minha calça. Consigo tirá-la com a cueca até os joelhos, mas estou muito atordoado para conseguir tirar tudo.

Agarro seus quadris e os trago mais para baixo. E meu pau desliza, sem esforço algum, dentro dela.

Deus do céu.

Nós congelamos – nossos rostos estão apenas há alguns milímetros de distância –, nossas respirações estão ríspidas e sincronizadas. Meus olhos estão fixados nos dela. E então ela se mexe. Devagar. Tirando quase todo meu pau – antes de enfiar de novo. Minha cabeça cai para trás e minhas pálpebras se fecham.

É perfeito. Divino.

Minhas mãos estão em seus quadris. Ajudando-a. Agarrando-a tanto que consegue machucar. Depois ela se senta, arqueando as costas até que seu cabelo se esfregue nos meus joelhos. Faço força para abrir meus olhos, preciso observá-la. Sua cabeça está para trás, seus peitos estão altos, e seus lábios estão abertos falando palavras sem sentido, e gemidos eufóricos escapam deles.

Sabe quando, às vezes, lemos sobre fotos nuas da esposa de algum babaca que vazam na internet? Nunca entendi isso.

Mas agora entendo. Porque, se eu tivesse uma câmera… Estaria usando-a como um maldito paparazzi. Para capturar este momento. Para me lembrar de como Kate está agora. Pois ela parece muito magnífica. Mais bonita do que qualquer obra de arte no Louvre – mais espetacular do que as Sete Maravilhas juntas.

Ela se movimenta mais rápido e forte. Sinto a pressão se acumulando lá dentro de mim.

– Vai, Kate. Monte em mim… isso, desse jeito.

Seus peitos pulam a cada impulso. É hipnotizante. Não consigo não provar. Eu me sento e cubro um bico com minha boca, chupando e sacudindo-o com minha língua. Ela grita assim que suas pernas se envolvem em minhas costas – empurrando-me com força –, esfregando seu clitóris pelo meu caminho da felicidade.

Ela está quase. *Estamos* quase lá. Mas não quero que isso termine. Ainda não.

Então, viro-a para baixo de mim, segurando sua nuca em minhas mãos, protegendo-a do chão de madeira, ao deitar por cima dela. As coxas hospitaleiras de Kate se abrem amplamente e eu meto mais fundo nela.

– Ai, meu Deus… ai, meu Deus…

O som de nossos corpos se batendo e sua voz ofegando ocupam o ambiente, como em uma sinfonia erótica. A Orquestra Filarmônica de Nova York não está com nada perto de nós.

– Meu Deus do céu!

Sorrio, me mexendo mais rápido:

– Não é Deus quem está te comendo, amor.

Claro, estou apaixonado, mas ainda sou *eu* aqui.

– Drew… Drew… sim… Drew!

Muito melhor.

Não achou que eu ia começar a cuspir frases meladas agora, pensou? Desculpe-me por te decepcionar.

Além disso, gosto da palavra *comer*. Ela implica um certo nível de calor. Paixão. E é específica. Se o Congresso tivesse perguntado ao Bill Clinton se ele comeu Monica Lewinski, ninguém teria dúvidas sobre o que eles estavam conversando, não acha?

Na verdade, nada que se diz quando se está transando realmente importa. Ou como você faz isso. Devagar e gentil ou rápido e violento – são os sentimentos por trás disso que significam algo. Que fazem isso significar tudo.

Céus, estou iluminado ou o quê? Você não tem orgulho de mim? Mas devia ter.

Cruzo meus braços e cubro sua boca com um beijo firme e voraz. Depois lambo o caminho até seu ombro e, levado pelo momento, mordo até embaixo. Não forte o bastante para machucar sua pele, mas com pressão suficiente para fazer com que Kate perca a cabeça de novo.

Estico meus braços para poder observá-la. Ela se anima mais uma vez antes de ficar contraída e apertada sob mim. Seus dedos perfeitamente desenhados se torcem pelo ar enquanto ela goza. Seus músculos me apertam forte do começo ao fim, como mãos desesperadas pressionando um tubo de pasta de dente do fundo até a parte de cima, espremendo até a última gota.

Minha cabeça cai para trás e meus olhos se fecham, quando dou um grunhido e xingo. E estou indefeso – como um grão de areia no meio de um tsunami. Prazer esparrama de cada poro de meu corpo ao gozar com a mesma força de um maldito gêiser.

Incrível.

Nos recuperamos da onda de êxtase juntos, procurando por ar. Depois caio em cima dela. Minha bochecha fica encostada no vale entre seus seios, meu estômago entre suas coxas. Alguns segundos depois, as mãos de Kate se apoiam nas minhas costas, antes de deslizar pela minha coluna do modo mais suave possível.

Seguro seu rosto com minhas mãos e a beijo. Desta vez, bem devagar. Lentamente. Seus olhos inocentes encaram os meus. Mas nenhum de nós fala algo. Não precisamos.

Logo depois, sinto algo.

Já viu um cavalo de corrida após ter ficado afastado por um tempo? Eu já. Quando eles voltam

para a pista, é como se tivessem jogado fogo em suas veias. Eles conseguem correr e correr – inúmeras corridas –, quilômetros de uma vez.

Está conseguindo entender aonde quero chegar com isso?

Eu nos movo para que Kate fique por cima outra vez, seus joelhos ficam abertos em meus quadris, sua cabeça fica contra meu peito. Devíamos ir para a cama – o chão está muito duro. Mas, até aí, eu também estou. E isso é prioridade.

Kate levanta a cabeça e seus olhos se arregalam.

– Já?

Levanto minhas sobrancelhas.

– Perdemos muito tempo de qualidade. Pelo visto, meu pau quer recuperar cada segundo perdido. Topa?

Rodo meus quadris e ela geme um pouquinho.

Vou considerar isso um "sim".

Capítulo 28

Conseguimos chegar até a cama. Até que enfim.

Depois de algumas horas e três orgasmos, estamos deitados um ao lado do outro, nos olhando. Dividindo um travesseiro. *O* travesseiro.

– Diga de novo.

É a décima vez que ela me pede isso. Mas não ligo. Vou dizer isso até morrer se ela quiser.

– Eu te amo, Kate.

Ela suspira. Parece contente.

– Vou ficar bem pegajosa e carente nas próximas semanas. Você devia se preparar.

– Ficarei inseguro e ciumento. Vai dar tudo certo.

Sinto um sorriso em sua voz.

– Você me disse que não tinha ciúmes.

Eu encolho os ombros.

– Também te disse que nunca mais mentiria.

Suas mãos penteiam gentilmente a parte de trás do meu cabelo.

– Quando você soube?

Eu sorrio.

– A primeira vez que me deixou meter em você sem camisinha.

Ela puxa meu cabelo. Com força.

– Ai! Céus!

Sua voz soa irritada, como a de uma mãe que acabou de pegar o filho roubando um biscoito proibido pela décima vez.

– Drew. Isso não soou nada romântico.

– Você não acha?

Encontro forças para levantar minha cabeça e depois a afundo em seu mamilo duro de novo. Eu o chupo, provoco-o com meus dentes, antes de soltá-lo devagar com um estalo.

– Porque eu acho que gozar em você é muito, muito romântico.

Quando começo a dar o mesmo tratamento para a outra beleza, ela ofega:

– Este é um bom argumento.

Eu sorrio.

– Todos são, querida.

Ao deitar minha cabeça outra vez, arrasto a ponta do meu dedo por seu braço, fascinado pelos arrepios que surgem ao fazer isso.

– Não vai me perguntar quando eu soube? – questiona.

– Quando você soube o quê?

Kate se vira para ficar de bruços. Seu cabelo balança nos ombros, alcançando minhas costelas. Roçando-as como uma pena. É excitante. Sensual. E do nada, estou pronto mais uma vez.

Edward Cullen que pegue sua marca de heroína e tenha uma overdose com ela. Kate é minha marca particular de Viagra.

– Quando soube que estava apaixonada por você.

Já percebeu que Kate não disse nenhum "eu te amo" para mim? Eu, com certeza, reparei. Mas, como disse, tento não colocar muita fé em palavras. Ações dizem muito mais. E cada movimento que Kate faz me diz que sentimos o mesmo.

Ainda assim, estou um pouco curioso.

– Quando?

Ela se inclina para frente e beija meus olhos… minhas bochechas… e depois a ponta do meu nariz, antes de dar um beijo doce em meus lábios. Depois recua.

– Você se lembra daquele dia em meu escritório? Depois que Billy e eu terminamos, e eu estava chorando?

Eu aceno.

– Eu deveria ter ficado muito mal, fiquei, por um tempo. Mas depois você apareceu e me abraçou. E eu não queria te largar nunca mais. Parecia que tudo que sempre precisei, tudo o que sempre quis, estava parado na minha frente. E foi quando soube que, de algum modo, você tinha me dominado, e estava completamente apaixonada por você – ela ri. – Eu estava tão assustada…

Acredito nisso.

– … porque nunca, em um milhão de anos, pensei que você pudesse sentir o mesmo.

Passo meu polegar em seu lindo lábio inferior.

– Eu já sentia, Kate. Apenas não sabia ainda.

Ela sorri e encosta a cabeça no travesseiro. Sua voz é suave e sincera.

– Sim. Você é um idiota às vezes.

Foi isso que pensou que ela fosse dizer? Eu também não.

– Como assim?

Ela ergue uma sobrancelha, sentindo-se convencida.

– Só estou falando que, se você olhar nosso histórico…

Antes de ela conseguir terminar, prendo-a embaixo de mim, de costas para o meu peito.

– Que jeito agressivo de falar, Kate.

Meus dedos viajam por suas costelas devagar. De maneira atormentadora. Ela começa a se contorcer e sua bunda se esfrega em meu pau.

Está gostoso.

– Retire o que disse.

– Não.

Meus dedos se movimentam suaves e rápidos sobre ela. Fazendo cócegas nela sem compaixão.

– Diga: "Drew Evans é um deus. Um deus brilhante e genial".

Ela tenta resistir e ri alto:

– Drew! Pare! Pare!

Eu não paro.

– Me peça gentilmente e talvez eu pare. Me implore por isso.

Ela ri, ao gritar:

– Nunca!

Você sabe o que dizem sobre o *nunca*, não é?

Ah sim. Isso será divertido.



Ela implorou.

Você duvidou disso? Depois, ela ficou por cima de mim e era eu quem estava implorando.

Agora estou deitado com minha cabeça nos pés de Kate, massageando-os. Sua cabeça está em minha coxa. Quer saber como terminamos nesta posição? Não, vou deixar você imaginar.

– Então, o que a Alexandra te disse? – pergunto.

– Quê?

Dobro meu cotovelo e apoio a cabeça em minha mão para que possa ver o rosto de Kate. Ela parece exausta. Acabada. Usada sem dó. Ela fica muito bem com esta aparência.

– Naquele dia, no seu escritório, antes de você aceitar sair comigo. Você parecia diferente. Mais… receptiva. Ela te ameaçou?

Ela sorri sonolenta e abre os olhos de repente.

– Não, sem ameaças. Ela me disse para pensar como a profissional que sou. Para te analisar como um empreendimento arriscado. Que todo investimento tem seus riscos, mas tenho que ponderá-los contra o lucro. Ela disse que, com base na sua mais recente performance, você é um risco que vale a pena ser tomado.

Boa estratégia. Devia ter pensado nisso.

– Devia lhe mandar flores.

Suas mãos esfregam minha coxa.

– Mas não foi isso que me convenceu a te dar outra chance.

Fico em dúvida.

– Não?

– Claro que não.

– Então o que foi?

Ela se vira até ficar com a cabeça em meu peito, sem um espaço para respirar entre nós.

– Mackenzie.

– Como ela conseguiu isso?

– Ela me contou uma história sobre o dia que você a levou ao Central Park, no verão passado. E um menino jogou areia nela.

Lembro-me daquele dia. Quase ofereci cinquenta dólares para um menino de seis anos dar um chute naquele pequeno canalha.

– Então ele chegou perto dela e pediu desculpas. Mas não tinha certeza se ainda queria brincar com ele de novo. Aí ela disse que você falou que às vezes os meninos são uns bobos. E, muitas vezes, fazem besteira. Então, de vez em quando, ela deveria ter dó deles. E, caso eles pedissem desculpas, ela deveria lhes dar uma segunda chance. Não uma terceira ou uma quarta… mas que todo mundo merece uma segunda chance – ela pausa e ri. – Também disse que se ele fizesse isso outra vez, ela devia dar um chute no saco dele.

Todas as meninas deviam saber se defender. Um chute bem direcionado sempre dá certo.

É um pouco impressionante, não acha? Se não fosse pela minha sobrinha perfeita, talvez não estivéssemos aqui agora.

– Acho que eu devia comprar dois pôneis para ela.

Kate sorri. Seus olhos me encaram daquele jeito que agora não vivo sem. Como se eu fosse tudo para ela.

– Você não tem senso de autopreservação, não é?

Balanço a cabeça.

– Não, não neste momento. Estou muito focado em… fornicação.

Ela coloca os joelhos ao redor do meu quadril.

– Vou te fazer muito feliz, Drew Evans.

Meus braços a apertam.

– Você já me faz. Depois disso? O paraíso será uma grande decepção.

Abaixo minha cabeça e a beijo. Está molhado, devagar e maravilhoso. E ela está me beijando também. Como se não quisesse nunca mais parar. E quer saber de uma coisa?

Isso funciona muito bem para mim.



Então aí está. Obrigado por ter participado da minha jornada. Mas agora você deveria ir embora. Pare de viver imitando a minha vida sexual. Pois, lembra quando eu disse que todos os caras conversam com seus amigos sobre sexo?

Bem, nós conversamos.

Mas nenhum cara conversa com os amigos sobre o sexo com a namorada. Nunca.

Você acha mesmo que quero alguém se masturbando pensando no que Kate me deixa fazer nela? Ou com o que ela faz para mim? De maneira alguma.

Então, é aqui que você parte. Não da maneira fantástica como irei, claro, sinto muito.

Ainda assim… depois de todos os indicadores que te dei, acho que lhe devo algumas palavras finais de sabedoria. Uma lição. Algo significativo. Então, vamos lá:

Nunca suponha nada. Mesmo que ache que sabe tudo. Mesmo que tenha certeza de que está com a razão. Confirme antes. Aquele clichê ridículo sobre supor? Está corretíssimo. E se você não tomar cuidado, pode terminar lhe custando a melhor coisa que pode acontecer.

E também não fique muito confortável. Arrisque-se. Não fique com medo de cair. Mesmo que esteja feliz. Mesmo que ache que a vida está perfeita pra caralho.

Porque eu tinha uma vida antes. Uma vida que eu amava. Era consistente. Divertida.

Era confiável. Segura.

E aí, em uma noite, uma linda garota morena apareceu e estragou tudo. Agora minha vida está uma bagunça. De um jeito bom. Uma enorme e imprevisível rede de confusões e reconciliações. Frustração e ternura. Aborrecimento e afeto. Desejo e amor.

Mas está tudo bem. Desde que Kate Brooks esteja nessa rede comigo.

Afinal, não consigo imaginar porra nenhuma que seja melhor do que isso.